FACULDADE
PIO DÉCIMO

CARLOS HÉRIC SILVA OLIVEIRA
LUCIANA NOVAIS MACIEL
Organização

Linguagens, Tecnologias e Interfaces Culturais

ANAIS ELETRÔNICOS

IV SEMANA DE LETRAS DA FACULDADE PIO DÉCIMO

REALIZAÇÃO:

NELL

GELCH

CARLOS HÉRIC SILVA OLIVEIRA
LUCIANA NOVAIS MACIEL
Organização

Linguagens, Tecnologias e Interfaces Culturais

ANAIS ELETRÔNICOS

IV SEMANA DE LETRAS DA FACULDADE PIO DÉCIMO

Pio Décimo
Aracaju, 2015

COPYRIGHT 2015© CARLOS HÉRIC SILVA OLIVEIRA E LUCIANA NOVAIS MACIEL (ORGS). É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa dos autores e organizadores. Por se tratar de uma publicação do tipo ANAIS, a comissão organizadora da IV SLFPD, isenta-se de qualquer responsabilidade autoral e gramatical de conteúdo, ficando a carga do autor de cada artigo/resumo tal responsabilidade.

Organização Editorial
CARLOS HÉRIC SILVA OLIVEIRA
LUCIANA NOVAIS MACIEL

Marca e Identidade Visual do Evento
ANTÔNIO CARLOS SILVA JÚNIOR

Catalogação na publicação (CIP) Ficha catalográfica produzida pelo editor executivo
OLIVEIRA, C.H.S. et al. Linguagens, Tecnologias e Interfaces Culturais. Anais eletrônicos da iv semana de letras da faculdade pio décimo / Carlos Héric Silva Oliveira; Luciana Novais Maciel. [orgs.]. – Faculdade Pio Décimo, 2015. Xxxp. : 1ª ed. ISSN 2359-1250
1. Ensino. 2. Língua. 3. Espanhol. 4. Literatura. 5. Anais.
2.

FACULDADE
PIO DÉCIMO

PROF. JOSÉ SEBASTIÃO DOS SANTOS

DIRETOR GERAL

PROFª EMIRALVA DA CRUZ SANTOS

VICE-DIRETORA E SECRETÁRIA GERAL

PROF. JOSÉ JÚLIO SEABRA SANTOS

VICE-DIRETOR

PROFª Me. LENALDA DIAS SANTOS

DIRETORA ACADÊMICA

PROFª Me. LUCIANA NOVAIS MACIEL

COORDENADORA DO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS/ESPANHOL

Pio Décimo

ARACAJU, 2015

Realização:

Faculdade Pio Décimo

www.piodecimo.edu.br/faculdade

Grupos de Pesquisa:

Núcleo de Estudos Literários do Curso de Letras

Grupo de Estudos em Língua e Cultura Hispânica

Organização Editorial

Carlos Héric Oliveira

Luciana Novais Maciel

COMISSÃO ORGANIZADORA E CIENTÍFICA

Profª. Me. Lenalda Dias dos Santos

Profª. Me. Luciana Novais Maciel

Prof. Me. Fabian Jorge Piñeyro

Prof. Me. Carlos Héric Oliveira

Prof. Me. Luiz Eduardo Andrade

Profª. Esp. Josevanda Franco

Prof. Me. Francisco Diemerson

Profª. Esp. Maria da Conceição Matos Cavalcante

Prof. Me. Franklin Lima Santos

Prof. Me. Jackson Francisco

Prof. Esp. Aurora Vilalba

Prof. Me. Josevânia Teixeira Guedes

Prof. Me. Antônio Carlos Silva Júnior

Prof. Me.Paulo Sérgio Santos

APRESENTAÇÃO GERAL

A IV Semana de Letras da Faculdade Pio Décimo foi pensada pelo colegiado do curso de Letras Português/ Espanhol a fim de fomentar a discussão entre docentes e discentes desta instituição, bem como a comunidade acadêmica e científica de Sergipe, acerca do diálogo entre Linguagens, Tecnologias e as interfaces culturais, visto que, na atualidade, é pertinente aprofundar estudos sobre as relações e influências de tais aspectos em todos os campos da sociedade, principalmente nos ambientes educacionais e na formação de professores. Torna-se essencial compreender a aplicabilidade desses elementos no processo de ensino e aprendizagem, na tentativa de entender os espaços de interação e de relação dos sujeitos mediados pelas mídias.

A Comissão Organizadora da IV Semana de Letras da Faculdade Pio Décimo

ÍNDICE GERAL

CONFERÊNCIA DE ABERTURA 10

LINGUAGENS MÚLTIPLAS: o digital e o global no ensino de línguas 10

MINICURSOS 10

FUNDAMENTOS PARA O ENSINO A PARTIR DA LEITURA E DA ESCRITA: 10

DOS DOCUMENTOS OFICIAIS AO TRABALHO COM GÊNEROS DISCURSIVOS 10

A FICÇÃO CIENTÍFICA EM HISPANO-AMÉRICA 11

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS 11

A PESQUISA ACADÊMICA EM ESTUDOS LITERÁRIOS 12

A ERA DOS DIREITOS LINGUÍSTICOS NO BRASIL: NOVAS FRONTEIRAS EM POLÍTICAS LINGUÍSTICAS 12

EL ELEMENTO LÚDICO EN LAS CLASES DE E/LE – ACTIVIDADES PARA EL DESARROLLO DE LAS HABILIDADES COMUNICATIVAS 13

COMPRENSÍÓN LITERAL E INFERENCIAL EN CLASES DE ESPAÑOL COMO LENGUA EXTRANJERA. (E/LE): SABERES Y PRÁCTICAS 14

APRESENTAÇÃO DE PÔSTERS 15

MEDIAÇÃO DE LEITURA A PARTIR DA FÁBULA, UM ESTUDO REALIZADO NO COLÉGIO MICHELANGELO 15

A MEDIAÇÃO DE LEITURA A PARTIR DA LITERATURA DO CORDEL 16

O GÊNERO DISCURSIVO CRÔNICA: MEDIAÇÃO DE LEITURA NO ENSINO MÉDIO 17

MINEIRINHO EM CLARICE LISPECTOR 18

MOTIVANDO A LEITURA ATRAVÉS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHO 19

APRESENTAÇÃO DE COMUNICAÇÃO ORAL 20

MERGULHANDO NA LEITURA DE ALINA PAIM E GIZELDA MORAIS 20

PERSONALIDADE E COMPORTAMENTO, UMA ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DO MEIO SOCIAL EM *CAPITÃES DA AREIA* 30

RELAÇÕES IDENTITÁTRIAS: O VÍNCULO AVÓ-NETA NA LITERATURA LUFTIANA 44

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS: análise das influências que interferiram no comportamento da personagem Leonardo 53

A NARRATIVA LITERÁRIA DE JOAQUIM MANUEL DE MACEDO, *A MORENINHA* 59

A POÉTICA CONTEMPORÂNEA DE MÁRIO JORGE: O REI DA REVOLIÇÃO 68

O PROJETO DE LEI Nº 1676/99 DO DEPUTADO ALDO REBELO 69

Ensino-Aprendizagem de Espanhol como língua estrangeira: uma experiência PIBID 84

HISTÓRIA EM QUADRINHOS: 91

GÊNERO NARRATIVO DE MÚLTIPLAS LINGUAGENS 91

LEITURA DINÂMICA: UMA PRÁTICA NECESSÁRIA NA FORMAÇÃO DO LEITOR 99

ANÁLISE METAFUNCIONAL, "TEMA E REMA", EM TIRINHAS DE LIVROS DIDÁTICOS 108

SONS E GESTOS QUE ALFABETIZAM: UMA ESTRATÉGIA PARA O DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN E AUTISMO EM ARACAJU 118

O ESTAGIÁRIO E O ENSINO FRENTE AO LIVRO DIDÁTICO: OPA! MUITA CALMA NESSA HORA. 126

Carlos Héric Silva Oliveira (FPD/UFS) 126

TRABALHANDO A CONSTRUÇÃO DO TEXTO EM SALA DE AULA.....127

LINGUAGEM: PENSAMENTO E LÍNGUA 128

A IMPORTÂNCIA, HABILIDADES E COMPETÊNCIA DO ESTUDO DA LÍNGUA ESTRANGEIRA.....135

ESTRATÉGIAS DE ENSINO DE SEGUNDA LÍNGUA: graus de proximidade com a aquisição natural da fala.....144

FILOLOGIA: A CIÊNCIA DOS TEXTOS ESCRITOS 152

A FILOLOGIA E A IMPORTÂNCIA DE SUAS CIÊNCIAS AUXILIARES.....162

OS ESTUDOS FILOLÓGICOS NO BRASIL 169

ASPECTOS TEÓRICOS DA EDÓTICA.....177

A IMPORTÂNCIA DE EDITAR MANUSCRITOS 184

GRAMATIZAÇÃO DO PORTUGUÊS DO BRASIL: ESTUDO HISTÓRICO-DISCURSIVO, RECORTE-2001, MODERNA GRAMÁTICA PORTUGUESA DE EVANILDO BECHARA 190

A EDUCAÇÃO INCLUSIVA E O BILINGUISMO COMO PROPOSTA EDUCACIONAL CONTEMPORÂNEA 200

LINGUAGENS E PARADIGMAS: DESAFIOS DOCENTES ANTE AS TECNOLOGIAS USADAS PELOS ALUNOS EM SALA DE AULA 205

MESAS REDONDAS.....213

MESA REDONDA (I): 213

Hipertextos, e-books e afins: ferramentas de leitura para o ensino de Línguas 213

MESA REDONDA (II): 214

Literatura: a escrita de nós, do outro...do mundo 214

CONFERÊNCIA DE ABERTURA

LINGUAGENS MÚLTIPLAS: o digital e o global no ensino de línguas

Profª. Me. Jorgelina Ivana Tallei (UNILA/UFMG)

RESUMO
Vivemos conectados. As tecnologias estão presentes em nossa vida, mas ainda temos muitas perguntas e muitas certezas. Nesta conferência pretendo abordar o uso da tecnologia nas aulas de línguas adicionales/estrangeiras desde uma perspectiva comparativa. O que mudou? O que queremos das tecnologias? As tecnologias também criam linguagens múltiplas que nos aproximam e que nos afastam, mas será que estamos preparados para lidar com elas nas aulas. Quais são os fatores que nos levam a usá-las ou a silenciar as mesmas? São algumas das propostas que pretendemos abordar nesta conferência.

Palavras-chave: Ensino de línguas, Linguagem Global, Tecnologias.

MINICURSOS

FUNDAMENTOS PARA O ENSINO A PARTIR DA LEITURA E DA ESCRITA: DOS DOCUMENTOS OFICIAIS AO TRABALHO COM GÊNEROS DISCURSIVOS

Prof. Paulo Sérgio da Silva Santos (PIO DÉCIMO/UFS)
Maiane Vasconcelos de Brito (PIO DÉCIMO)
Grace Cristina Milet da Paixão (PIO DÉCIMO)

RESUMO
O presente minicurso tem como objetivo discutir e trabalhar de forma prática as concepções de ensino de leitura e escrita e de formação de leitores vigentes no país, fazendo a distinção entre os caminhos tradicionalmente cristalizados e as recomendações mais atuais no campo do ensino de Língua Materna. Discutiremos, então, o ensino de Língua Materna no Ensino Básico e a Formação do docente para o século XXI à luz dessas novas abordagens. Além disso, apresentaremos os novos enfoques e métodos de ensino e o cuidado com as crenças e os

mitos no que tange ao ensino de Língua Materna. Para isso, demonstraremos, através de exemplos, formas de trabalho, levando em conta as possibilidades para um ensino de Língua Materna eficaz. Discutiremos os reais objetivos do ensino de Língua Materna, quais sejam, o de buscar desenvolver a competência comunicativa através do desenvolvimento da competência linguística; trabalhar a competência textual de produzir, compreender, transformar, avaliar e classificar texto; compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade; analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção, e por fim, utilizar-se da linguagem oral com expressão, entonação, clareza e senso crítico. Para atingir os objetivos do minicurso lançaremos mão de um enfoque interdisciplinar que articulará as teorias discursivas com as recomendações dos documentos oficiais, a exemplo dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Palavras-chave: Ensino, Língua Materna, Leitura e Escrita.

A FICÇÃO CIENTÍFICA EM HISPANO-AMÉRICA

Prof. Me. Fabian Piñeyro (Pio Décimo)

RESUMO

A ficção científica nesta região está enevoada pelas brilhantes presenças do realismo mágico e da literatura fantástica. A crítica, ainda, reconhece a dificuldade de encontrar um único ponto de vista e, consequentemente, definições ‘definitivas’ para a ficção científica. Este curso se propõe expor os lineamentos gerais da discussão em torno do gênero, na atualidade, e abordar algumas obras características para familiarizar-nos com a matéria.

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Profª. Esp. Aurora Ferreira Vilalba (Pio Décimo)

RESUMO

A língua de sinais é a língua natural da comunidade surda e pode ser adquirida pela comunidade ouvinte. As línguas são consideradas naturais quando são próprias das comunidades usuárias que as têm e usam como meio espontâneo de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. A Lei N.º 10.436 de 24 de abril de 2002 reconhece a Libras como meio legal de comunicação.

A PESQUISA ACADÊMICA EM ESTUDOS LITERÁRIOS

Prof. Me. Luiz Eduardo da Silva Andrade (Pio Décimo)

RESUMO
O minicurso tem o objetivo de discutir algumas questões formais, metodológicas e teóricas sobre as possibilidades de pesquisa sobre textos literários. O foco é a pesquisa desenvolvida para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), assim como para a confecção de artigos acadêmicos. Inicialmente trataremos de alguns aspectos formais do TCC e depois discutiremos métodos para abordar o estudo da literatura, sem, contudo, deixar de lado algumas questões teóricas que permeiam as diversas áreas do conhecimento, das quais os estudos de literatura comparada se utilizam para formular suas análises. Por fim, analisaremos um conto para debater as possibilidades de leitura. Este minicurso é direcionado aos alunos de graduação que tenham interesse pelos estudos literários e queiram ampliar o horizonte de expectativas sobre a pesquisa relacionada ao tema.

A ERA DOS DIREITOS LINGUÍSTICOS NO BRASIL: NOVAS FRONTEIRAS EM POLÍTICAS LINGUÍSTICAS

Prof. Dr. Ricardo Nascimento Abreu (UFS)

RESUMO
A noção moderna de direito linguístico com a qual opera o campo das Políticas linguísticas nos conduz ao menos à confluência de três marcos que passaram a balizar o relacionamento dos Estados nacionais e suas línguas: **um marco histórico**, que remete à elaboração da Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1948, que elevou os direitos linguísticos à categoria de direito humano e fomentou a positivação de um conjunto significativo desses direitos nas constituições de diversos países; **um marco jurídico-filosófico**, que, no Direito, se traduziu na passagem de um paradigma positivista para o que tem se convencionado chamar de pós-positivismo jurídico e que possibilitou uma reaproximação entre o direito, a moral e a ética, permitindo que o enunciado das normas jurídicas principiológicas pudessem ter uma interpretação adaptável à noção de moralidade que esteja sendo vivenciada por um grupo social num determinado momento histórico e, por fim, **um marco teórico,** que apesar de fortemente interdisciplinar, é majoritariamente preenchido pelo desenvolvimento das pesquisas em Sociolinguística, as quais têm instrumentalizado as ações em políticas linguísticas com dados significativos acerca da diversidade linguística dos Estados nacionais, definido critérios metodológicos seguros, além apresentar categorias de línguas a partir das quais os países podem balizar a elaboração de suas legislações (Ex.: línguas de imigração; línguas indígenas; línguas afro-brasileiras; línguas de sinais; línguas crioulas e as variedades internas das línguas

oficiais e das línguas nacionais). Outro ponto de relevo neste cenário é o fato de que os Estados legislam acerca dos direitos linguísticos partindo de dois vieses normativos complementares, porém distintos: em um primeiro viés, **o direito das línguas**, tomam **as próprias línguas como objetos jurídicos a serem tutelados pelos Estados** (Ex.: No Brasil, o Decreto presidencial n° 7.387/2010, que o institui Inventário Nacional da Diversidade Linguística) e, em um segundo viés, **o direito dos grupos linguísticos**, que entende como sendo o objeto da tutela estatal **o direito fundamental dos indivíduos e dos grupos de utilizarem as suas próprias línguas e/ou a língua oficial do Estado em situações sociais formais ou informais** (Ex.: §2° do Art. 210 da Constituição brasileira que assegura aos índios utilização de suas línguas maternas no ensino fundamental regular). Diante desses pressupostos, este Grupo de Trabalho intenta discutir aspectos atinentes às legislações oriundas do Direito Internacional dos Direitos Humanos, dos ordenamentos jurídicos dos países da região da América Latina e do ordenamento jurídico constitucional e infraconstitucional brasileiro, visando verticalizar os debates em torno da produção e aplicação das normas jurídicas de direitos linguísticos em vigor.

Palavras-chave: Políticas linguísticas, Direitos linguísticos; Legislação

EL ELEMENTO LÚDICO EN LAS CLASES DE E/LE – ACTIVIDADES PARA EL DESARROLLO DE LAS HABILIDADES COMUNICATIVAS

Prof. Me. Franklin Lima (Pio Décimo)

RESUMEN

Uno de los objetivos a quien ingresa en el universo de los estudios de una lengua extranjera es aprender y desarrollar, o, por lo menos, hacer buen uso, de las macro-habilidades comunicativas fundamentales, cuales sean, las encodificadoras - hablar y escribir; y las decodificadoras - escuchar y leer. Esos elementos garantizan declarar ideas en harmonía con el quinto elemento presente en el campo comunicativo: la reflexión o el pensamiento. En ese proceso, las actividades lúdicas surgen como alternativas facilitadoras para la adquisición de esas habilidades y, por eso, con el objetivo de llamar la atención a un aprendizaje comunicativo más fácil y dinámico, proponemos abordar conceptos lingüísticos y sugerencias de actividades lúdicas que tratan del desarrollo de las habilidades y las competencias comunicativas, herramientas importantísimas en el proceso de enseño y aprendizaje de lenguas.

COMPRENSÍÓN LITERAL E INFERENCIAL EN CLASES DE ESPAÑOL COMO LENGUA EXTRANJERA. (E/LE): SABERES Y PRÁCTICAS

Prof. Me. Antônio Carlos Silva Júnior (Faculdade Pio Décimo)

El presente mini curso objetiva reflejar sobre el trabajo con la comprensión literal e inferencial en clases de español como lengua extranjera (E/LE) discutiendo cuestiones teóricas y prácticas acerca de esos distintos niveles de comprensión. Leer literalmente exige del lector solo el reconocimiento de informaciones explícitamente expresas en el texto, ya hacer inferencias demanda una comprensión que va allá de lo dicho en el texto. En ese sentido, el desarrollo de la habilidad lectora de textos escritos en español no puede ser reducido a la práctica de la traducción literal, sino pasar por diferentes niveles de comprensión. Para tanto, se propone debatir aspectos teóricos sobre la concepción literal e inferencial de la comprensión de textos y realizar prácticas de lectura que ilustren los dos niveles de comprensión delimitados. El mini curso aquí propuesto está dirigido para alumnos y profesionales del área de español que desean ampliar las posibilidades de prácticas con lectura de textos en ese idioma.

Palabras clave: Comprensión literal. Comprensión Inferencial. Español como Lengua Extranjera.

APRESENTAÇÃO DE PÔSTERS

POSTER 1

MEDIAÇÃO DE LEITURA A PARTIR DA FÁBULA, UM ESTUDO REALIZADO NO COLÉGIO MICHELANGELO

Andréa da Silva Fontes Moura[1]
Lucivânia dos Santos[2]
Viviane de Oliveira Ramos[3]
Profª. Josevânia Teixeira Guedes[4]

RESUMO

Este estudo surgiu da necessidade de oferecer aos estudantes do ensino médio noções básicas do gênero literário, "fábula", conhecido há mais de 2500 anos, o verbete vem da palavra (história, conto, narrativa) e caracteriza-se atualmente como um típico modo de poetizar sobre animais em verso ou em prosa. Os personagens são geralmente animais, forças da natureza ou objetos que apresentam características humanas, tais como a fala, os costumes, etc. O objetivo dessa pesquisa é contribuir para a compreensão do gênero textual fábula através do incentivo ao ato de ler, como também a produção escrita e a reescrita de textos que tenham como personagens principais animais, cuja narrativa culmine com uma moral. A justificativa da escolha dessa temática se deu a partir de ação da disciplina Práticas Pedagógicas V – Formador de Mediador de Leitura do Curso de Licenciatura em Letras Portuguê/Espanhol, sobe a orientação da Prof. Msc. Josevânia Teixeira Guedes. O referencial teórico pautou-se a partir das leituras Freire (2002). A partir desse gênero textual observou-se a importância de contar histórias através da fala, trabalhando através destas com atividades lúdicas sempre que possível, ampliando assim, a oralidade, aguçando a percepção, estimulação da imaginação e os valores sociais que elas nos propiciam.

Palavras- chave: Fábula. Gênero Literário. Leitura. Lúdico. Produção Escrita.

[1] Aluna do 5º período de Letras da Faculdade Pio Décimo.
[2] Aluna do 5º período de Letras da Faculdade Pio Décimo.
[3] Aluna do 5º período de Letras da Faculdade Pio Décimo.
[4] Professora do curso de Licenciatura de Letras Português/Espanhol da Faculdade Pio Décimo.

POSTER 2

A MEDIAÇÃO DE LEITURA A PARTIR DA LITERATURA DO CORDEL

Jacilene Vieira Braga[5]
José Jandson Silva[6]
Julianne Santos de Assis[7]
Profª. Josevânia Teixeira Guedes[8]

RESUMO

Este estudo aborda o cordel como processo auxiliar na mediação da leitura e escrita realizado a partir de uma oficina na Escola Estadual Professor Nilson Socorro. A pesquisa buscou sensibilizar os participantes para manter viva a cultura popular do cordel em sala de aula, interligando a realidade dos educandos à prática de criação – construção e reprodução do seu próprio cordel. O cordel apesar de ser uma expressão popular conhecida, percebe-se que é pouco discutido nas escolas – não sendo levado em conta sua importância histórica, principalmente no espaço nordestino. A justificativa desse estudo partiu por desenvolver estratégias de leitura, como fio condutor na disciplina de Práticas Pedagógicas V, sob a orientação da Prof.Msc. Josevânia Teixeira Guedes. Para a realização da pesquisa foi organizada uma oficina com estudantes do 1º ano do Ensino Médio, seguindo as seguintes etapas: inicialmente, foi apresentada a literatura de cordel que seria trabalhada, em seguida, formou-se uma roda de leitura na qual foi possível praticar a leitura individual e coletiva; e, por fim, o momento de discussão e interpretação sobre o cordel lido. Foi observado, durante a execução da oficina, que houve boa aceitação dos estudantes frente à literatura de cordel, como também o desempenho e interação dos mesmos, no momento de discussão e interpretação sobre o cordel apresentado. Para isso, o aporte teórico pautou-se em Araújo (2007); Bakhtin (1992), Cascudo (1974) e Freire (2002).

Palavras chave: Literatura de Cordel. Mediação da leitura e escrita. Aprendizagem.

[5] Aluna do 5º período de Letras da Faculdade Pio Décimo.
[6] Aluno do 5º período de Letras da Faculdade Pio Décimo.
[7] Aluna do 5º período de Letras da Faculdade Pio Décimo.
[8] Professora do curso de Licenciatura de Letras Português/Espanhol da Faculdade Pio Décimo.

POSTER 3

O GÊNERO DISCURSIVO CRÔNICA: MEDIAÇÃO DE LEITURA NO ENSINO MÉDIO

Luany Scarlath de Souza Guimarães[9]
Naciene Paixão[10]
Profª. Josevânia Teixeira Guedes[11]

RESUMO

Este estudo tem o fulcro de sensibilizar os estudantes do 2º ano do Ensino Médio, do Colégio Estadual Presidente Costa e Silva, a partir da utilização da metodologia do *fanzine* sobre a importância da crônica como relato de um ou mais acontecimentos em determinado tempo e espaço, tomando por base um fato cotidiano, algo que naturalmente acontece com muitas pessoas e, é incrementado com um tom de ironia e bom humor, fazendo com que as pessoas vejam determinadas situações sob a ótica daquilo que parece óbvio demais para ser observado. O objetivo da oficina pautou-se na produção de um *fanzine* - a partir da crônica de Luis Fernando Veríssimo, intitulada 'O flagelo no vestibular'-, como uma ferramenta para a produção de textos e incentivo à livre expressão e o despertar dos alunos para o ato de ler. Esta pesquisa justifica-se a partir das discussões da disciplina de Práticas Pedagógicas V – Formador de Mediador de Leitura do Curso de Letras português/espanhol, orientada pela Profª. MSc. Josevânia Teixeira Guedes. O referencial teórico pautou-se a partir das leituras Freire (2002); Bakhtin (1992) e Magalhães (1993), que objetivou mostrar a importância de se estudar o gênero literário crônica, fazendo com que o leitor faça uso da sua imaginação e criatividade para produzir um *Fanzine*.

[9] Aluna do 5º período de Letras da Faculdade Pio Décimo.
[10] Aluna do 5º período de Letras da Faculdade Pio Décimo.
[11] Professora do curso de Licenciatura de Letras Português/Espanhol da Faculdade Pio Décimo.

POSTER 4

MINEIRINHO EM CLARICE LISPECTOR

Maria Ronalda da Cruz de Oliveira[12]

Sueline Mendes dos Santos[13]

RESUMO

O presente trabalho tem a intenção apresentar a obra de Clarice Lispector através do conto, Mineirinho, como uma contribuição que motiva fazer uma leitura diante da indiferença criminal na sociedade brasileira. Mineirinho, é um evento literário, que está representado e marcado pela natureza da década de sessenta, relacionado ao fuzilamento de um famoso bandido, no Rio de Janeiro, conforme noticia o Jornal da época, segundo (WEGULIN, 1962), "Treze tiros de metralhadora encerraram a existência do mais atrevido e perigoso bandido que marcou a época...". O referido fato pode ser levado a observar alguns aspectos analíticos, relacionando a literatura na questão social, política, filosófico, psicanalista e o poder de liberdade e justiça, referente à conduta humana. Justifica-se a importância de se estudar o tema proposto, para que possa analisar o comportamento humano, e procurar descobrir as razões que levam o indivíduo a desenvolver esse tipo de transtorno mental, conforme o pensamento no âmbito da psicanálise de (JORGE, 2002). Em fim, é importante perceber que a literatura é também fazer uma leitura dos fatos acontecidos, como também dos que continuam ao redor de cada indivíduo, e que perdura no futuro da humanidade.

Palavras- chave: Mineirinho, Literatura, Indivíduo, Sociedade.

[12] Aluna do 6º período de Letras da Faculdade Pio Décimo.

[13] Aluna do 6º período de Letras da Faculdade Pio Décimo.

POSTER 5

MOTIVANDO A LEITURA ATRAVÉS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHO

Priscila Stéfane Martins da Silva[14]
Profª. Josevânia Teixeira Guedes[15]

RESUMO
As práticas docentes realizadas na sala de aula devem contemplar as realidades dos jovens, que, constantemente, estão imersos em ambientes interativos do mundo cibernético. Ou seja, eles estão expostos a novas linguagens que circulam socialmente através das tecnologias de informação e comunicação (TICs), em um conjunto de textos híbridos de diferentes letramentos, conforme ressalta Canclini (2008). Nesse contexto altamente tecnológico, onde as transformações sociais são bastante dinâmicas e rápidas, a escola necessita acompanhar as novas realidades que representam diferentes formas de pensar e agir no mundo. Assim, as atividades docentes nas aulas de português devem ultrapassar as fronteiras de práticas tradicionais de ensino, nas quais os alunos apenas memorizam regras gramaticais de forma descontextualizadas, distantes do seu universo linguístico e social. Nessa perspectiva, esse trabalho tem por objetivo apresentar o planejamento de uma sequência didática, utilizando o gênero textual história em quadrinhos digital, que tem como meta levar, alunos de uma turma do ensino fundamental de uma escola pública de Aracaju, a desenvolver o gosto pela leitura, através de textos lúdicos e significativos. A escolha dessa temática se deu a partir de uma ação da disciplina Práticas Pedagógicas V – Formador de Mediador de Leitura do Curso de Licenciatura em Letras Português/Espanhol, sob a orientação da Prof. Msc. Josevânia Teixeira Guedes. O referencial teórico pautou-se em Bakhtin (1992), Bittencourt (2005), Freire (2002) e Moya (1996). Nossa expectativa é que nosso trabalho possa contribuir para fomentar a discussão sobre esse objeto de estudo.

Palavras-chave: História em quadrinho; Letramento; Ludicidade.

[14] Aluna do 5º período de Letras da Faculdade Pio Décimo.
[15] Professora do curso de Licenciatura de Letras Português/Espanhol da Faculdade Pio Décimo.

APRESENTAÇÃO DE COMUNICAÇÃO ORAL

EIXO 1: Literatura, Cultura e Sociedade

MERGULHANDO NA LEITURA DE ALINA PAIM E GIZELDA MORAIS

Josefa Felix do Nascimento[16]
Rosa Gabriely Monteiro Fontes[17]
Luciana Novais Maciel[18]

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo abordar questões do romance *absolvo e condeno* (2000) e *Simão Dias* (2015), de *Gizelda Morais* e *Alina Paim*, respectivamente tendo em vista conceitos das relações entre literatura e sociedade tratadas pelo teórico e crítico Antônio Cândido (2000/2010), a fim de observar uma possível relação do texto de Moraes e Paim com as possibilidades de leitura entre elementos internos e externos, forma e conteúdo discutidos por Cândido. Assim, descrevendo a condição das relações sociais as quais envolvem também questões da crítica feminista. Pode-se observar a ousadia da escritora sergipana Moraes dando espaço à questionamentos sucintos acerca da sociedade em que a mesma se destaca numa perspectiva feminista; contribuindo com o porquê e o para quê do estudo da literatura de escritores sergipanos se caracterizando por uma narrativa que compreende uma universalidade a partir dos personagens e dos espaços variados, da linguagem de índice elevado de formalidades, mesclando o papel da escritora com um personagem também escritor, implicando o envolvimento dos aspectos da teoria literária e leitura de narrativas. Destaca-se também a contribuição de Paim para um mergulho na história e na cultura da sociedade sergipana, abrindo os horizontes para um novo olhar a respeito das relações sociais, econômicas, culturais e políticas que envolve uma população ora esquecida pelos seus.Com isso compreende-se a importância de se resgatar a vasta criação literária se escritoras que não podem cair no esquecimento dos leitores. Apresentar-se-á uma biografia sobre as escritoras sergipanas, focando na importância da literatura de autores sergipanos após abordar a condição do texto escrito por mulheres.

Palavras-chaves: Análise literária; Autores sergipanos; Feminismo; Literatura.

RESUMEN

Este trabajo tiene por objetivo enfocar las cuestiones del romance *"absolvo e condeno" (2000) y "Simão Dias" (2015) de Gizelda Morais y Alina Paim*, respectivamente, llevando en cuenta conceptos de las relaciones entre literatura y sociedad tratados por el teorico y crítico António Candido (1965/2000) a fin

---

[16] Graduanda do curso de Letras Português/Espanhol da Faculdade Pio Décimo, aluna pesquisadora do NELL (Núcleo de Estudos em Literatura do curso de Letras), Linha de Pesquisa: Literatura de Escritores sergipanos e metodologia do ensino de Literatura.

[17] Graduanda do curso de Letras Português/Espanhol da Faculdade Pio Décimo, aluna pesquisadora do NELL (Núcleo de Estudos em Literatura do curso de Letras), Linha de Pesquisa: Literatura de Escritores sergipanos e metodologia do ensino de Literatura.

[18] Professora e Coordenadora do Curso de Letras Português/Espanhol da Faculdade Pio Décimo, Mestre em Literatura Brasileira (UFAL), Orientadora da linha de pesquisa: Literatura de escritores sergipanos e metodologias do ensino de Literatura que compõe o NELL.

de observar una posible relación del texto de Moraes y Paim con las posibilidades de lectura entre los elementos internos y externos, modo y contenido discutidos por Candido. Así, describiendo la condición de las relaciones sociales las cuales involucran también cuestiones de la crítica feminista. Se puede observar la ousadia de la escritora sergipana Moraes dando espacio cuestionamientos sucintos acerca de la sociedad en que la misma se destaca en una perspectiva feminista; contribuyendo con lo por qué y lo para qué de los estudios de la literatura de escritores sergipanos caracterizándose por una narrativa que comprende una universalidad de los personajes y espacios variados, del linguaje de índice elevado de formalidades mesclando el papel de la escritora con un personaje también escritor, implicando en la participación de los aspectos de la teoría literária y lecturas de narrativas. Se destaca también la contribución de Paim para bucear en la historia y em la cultura de la sociedad sergipana, abriendo los horizontes para um nuevo mirar a respecto de las relacionesna sociales, económicas, culturales y política que involucra a una población ora olvidada por los suyos. Con eso, comprende la importancia de rescatar la vasta creación literaria de las escritoras que no pueden caer em el olvido de los lectores. Se presentará una biografía de las escritoras sergipanas, centrándose en la importancia de la literatura de escritores sergipanos tras enfocar la condición del texto escrito por mujeres.

Palabras-clave: análisis literario; Autores Sergipe; El feminismo; Bibliografía

O presente texto é um embrião da pesquisa que se inicia no Núcleo de Estudos Literários do curso de Letras (NELL) da Faculdade Pio Décimo, no qual pretende-se realizar um estudo sobre diversos autores sergipanos, busca-se no entanto uma visão panorâmica da biografia da autora, uma breve apresentação das principais obras e uma discussão sobre a importância de se conhecer os escritores da terra, aqueles que marcam a história não só por vive-la intensamente, mas por questionar a realidade, por refletir a condição do homem sergipano dentro e fora do Estado. Para tanto, dentre tantos artistas Alina Paim e Gizelda Morais foram as escolhidas para este primeiro momento.

ALINA PAIM E GIZELDA MORAIS: uma marcante escritora na história sergipana

Do mundo Romancista, da Literatura infantil e juvenil, criou-se uma grande e inesquecível escritora, Alina Leite Paim. Nascida em Estância em 10 de Outubro de 1919, filha de Manuel Vieira Leite e de Maria Portela de Andrade Leite, ambos sergipanos. Com três meses de idade mudou-se com os pais para Salvador. Ao perder a mãe, foi para Simão Dias (SE), morar na casa dos avós paternos, onde sofreu muito com a rigorosa educação dos parentes, principalmente pelas constantes repreensões das três tias solteiras.

A severa educação que recebera nesses primeiros anos, de certa forma contribuiria para sua aprovação em 1932, no primeiro ano do curso fundamental com distinção nos exames de suficiência do Colégio Nossa Senhora da Soledade, em Salvador, onde deu seus primeiros passos como escritora, pois começou a escrever seus primeiros textos no jornal do colégio, que serviu de grande incentivo para forma-se como professora. Leciona em Salvador, até 1943,

após casar com o médico Isaías Paim, e muda-se para o Rio de Janeiro. Um ano depois, publica o seu primeiro livro “A Estrada da Liberdade”, mas no ano seguinte percebe o seu interesse pela literatura infantil e resolve escrever o programa infantil *Reino da Alegria,* passaram-se, aproximadamente 7 anos, e Alina Paim finalmente deu início a publicação das obras para o universo infantil com *O Lenço Encantado*, produz também *A Casa da Coruja Verde, Luz bela Vestida de Cigana, Flocos de Algodão, O chapéu do Professor,* entre outros.

As obras literárias se destacam com a temática feminista, em que defende o papel da mulher na sociedade, tanto política, quanto moralmente. Nota-se a presença desse tema, através das personagens, que são sonhadoras, não aceitam viver de ordens, daquilo que a sociedade ou até mesmo a família impõe que ela viva.

Em “A sombra da patriarca”, Raquel, não aceita levar a mesma vida que sua mãe e suas tias levaram: Casando-se contra sua vontade. Outra personagem, ainda da mesma obra, com essa mesma marca de sonhadora, é a prima de Raquel, Leonor, que sonha em ser advogada, porém o seu tio tem a ideia formalizada de que advocacia não é coisa para mulheres, e ai surge o desafio: “Tio Ramiro, não pense assim. A mulher pode competir com o homem e vencer em qualquer coisa e até Engenharia, apesar das dúvidas de muitos homens sobre aptidões para a matemática” (ASP, p.47), fica claro que as duas, sonham com a liberdade e usa a atitude para a realização dos seus desejos, fazendo valer a sua própria voz.

Já em “Estrada da liberdade”, a personagem Marina luta por uma sociedade mais democrática e inclusiva, trazendo como característica da expressão literária, o desejo de mudança, assim como, no romance “Sol do meio-dia”, que a personagem Ester foge do padrão que têm as mulheres da sua cidade e resolve não trilhar os mesmos passos, tornando assim um perfil diferencial das demais. Diante dos relatos sobre as personagens criadas por Alina Paim, percebe-se traços de uma mulher com desejo de transgressão, que não aceita a velha ideia que a sociedade tem de que a mulher foi feita para cuidar da casa, dos filhos e nada mais, nas obras de Paim há um clamor pelo tratamento igual entre os gêneros, e que traz como principal abordagem a luta do feminino para realizar aquilo que almeja, e que a voz da mulher também é válida para uma sociedade, que ela pode fazer muito mais do que todos “pensam”.

Focando na obra “Simão Dias”, Alina Paim já traz traços do tipo de gente que habita aquela cidade, por ter vivido parte da sua infância e adolescência lá, tinha conhecimento de como era, também compartilha com o leitor suas memórias sobre o cotidiano desta cidade do estado de Sergipe. Orientada pelo amigo Graciliano Ramos, Alina mantém o teor autobiográfico do romance, não substituindo os verdadeiros nomes dos personagens, no intuito de aproximar o leitor do cotidiano da cidade e de seus habitantes nomeados no relato. Paim traz a personagem Maria do Carmo como uma vivificação da sua própria história, ou seja, ela retrata

o seu trajeto enquanto viveu na cidade de Simão Dias, que além de mostrar a biografia do local, também relata a sua vida e a condição política do Brasil da época.

Gizelda Morais nasceu em Campo do Brito - Sergipe no ano de 1939, filha de Antônio Dórea Morais e Maria Pureza Morais. Aprendeu a ler na cidade de Tobias Barreto através de literatura de cordel. Seu encanto pela leitura literária a fez tornar habito ler Romances e poesias, mesmo na infância, entre 8 e 9 anos.

Os primeiros poemas foram escritos quando Gizelda Morais estava com 12 anos. Estudou o Ensino Fundamental e Médio no Estado em que nasceu, cursou o ginásio no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, onde já era chamada para fazer poesias. Ao estudar no Colégio Estadual Tobias Barreto, ela mantinha algumas colunas em jornais como *A Gazeta de Sergipe*, *Correio*. Ainda, nessa época, já estudando o secundário no Colégio Estadual Atheneu Sergipense, em Aracaju, o Movimento Cultural de Sergipe (fundado pelo escritor José Augusto Garcez), publica o seu primeiro livro de poesias (*Rosa do Tempo,1958*). Depois cursou Filosofia em Belo Horizonte, mudou-se para Salvador, onde concluiu o Curso de Filosofia e também de Psicologia. Fez Mestrado em Psicologia na USP, cursou o Doutorado e Pós-Doutorado na França. Foi membro da Academia Sergipana de Letras.

Em 1959, ganha o 1° prêmio no Concurso Universitário de Poesia em Belo Horizonte. Trabalhou como professora na Universidade Federal de Sergipe, Bahia, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, foi participante de movimentos culturais, sendo secretária regional e conselheira em órgãos nacionais como CFE, CNPq, CAPES, INEP e SBPC, além de ter lecionado como convidada na Universidade de Nice, na França.

Gizelda coordenava, desde 2011, a roda de leitura “Literatura em Sergipe”, idealizada por ela própria e realizada na Biblioteca Pública Epifânio Dória (BPED). A renomada escritora MORAES, foi considerada a primeira sergipana a obter título de doutorado (Lyon, França, em 1969). Gizelda faleceu este ano, no dia 15 de agosto de 2015 aos 76 anos de idade.

Em *Absolvo e* condeno, a escritora sergipana remete ao leitor a possibilidade de viajar por entre os dedos dessa magnifica leitura, onde relata a história de um Juiz, que até seus 65 anos, tem uma vida totalmente voltada para questões jurídicas, mergulhado em um abismo de papel impresso materializado em pilhas de processos, mas que não consegue escrever nem mesmo sua história, aquela que denote um ser humano que não seja o da vara de juiz. Longe de seu gabinete de trabalho, de seu espaço repleto de processos e fora de seus trajes ele se vê perdido entre a sua própria identidade, se desconhece. Ao buscarmos indagar algo sobre tal leitura, logo, nos questionamos sobre a vida do protagonista, alguém que se prende a um determinado ofício, deixando, às vezes, de lado, sua própria família, pode ser de fato um homem comum? Ou será ele, uma múmia?

Mas ao destinar-se a um congresso em Lima, capital do Peru, conhece uma menina de 19 anos a qual se encontra ali estudando espanhol, e, é por ela, por quem o juiz se apaixona e vive os melhores dias de sua vida, que embora poucos, foram o suficiente para tornar-se inesquecíveis. É chegado o dia de retornarem para suas respectivos destinos: Brasil e Japão, e assim, estabelece o magistrado uma intensa correspondência com sua Paixão, daí em diante, as mensagens eletrônicas, antes vistas como algo não muito importante, talvez, coisas de quem não tem o que fazer, passam agora, a ser priori no plano das atividades do juiz. Essa troca de correios eletrônicos é algo que a escritora sergipana usa em sua obra, provavelmente, para intermediar, provocar ficções em sua obra romancista. Mas, o protagonista, antes, centrado em suas atividades, começa a sentir-se mais vivo, bonito, feliz, e, capaz.

Capacidade e coragem foi o que não lhe faltou para voar até Tóquio, a fim de passar a entrada do novo ano e o mês de janeiro com ela, a garotinha de 19 anos. Mas, algo inesperado aconteceu antes mesmo que olhasse o lindo rosto de sua pequena menina, o Próprio foi preso ao ser confundido com um homônimo (traficante de drogas) procurado pela polícia, sendo preso em seu lugar, o que agora, faz progressão ao romance que fica num clima de angústia e drama, o leitor, talvez, sinta desespero e dor ao se imaginar ali no lugar daquele pobre senhor juiz. Isso, nada mais é, do que uma forma de enfatizar o título da obra, pois, o protagonista, finalmente desperta para o sentido da existência, que está em Tóquio, mas isso, não foi o suficiente, pois acaba preso em um labirinto sem ter como refugiar-se, o que denota que a obra esteja intercalada por um revestimento envelhecido, o qual declara a ilusão da absolvição e o peso inevitável da condenação.

Percebemos, na primeira parte do livro (*Entre as próprias paredes*), uma literatura densa, porque a cada página lida é como se estivéssemos lidando com a vivacidade que envolve o leitor, mas depois, percebemos que, na verdade, o que há, é uma ousadia por parte da escritora, que invade o inconsciente, o interior da vida do juiz. É como se a observação do mundo atormentasse-a, e a tenha levado a questionamentos sobre as coisas do mundo que afetam os humanos e buscou então divulgar essas questões através da abra, e, de fato, se o seu intuito era nos fazer refletir sobre a existência humana, acredito que sua intenção obteve significado.

Sem dúvida, aquele que se depara sobre "*Absolvo e Condeno*", se questiona por particularidades do tipo: De onde viemos? Para onde vamos? Qual a finalidade da vida? Por que não mudar? Será que me considero uma pessoa capaz? Etc.

A obra de Gizelda está vinculada a questão social tratada pelo crítico Antônio Cândido em sua ilustre obra: Literatura e Sociedade, onde se trata das possíveis contribuições das ciências sociais e, sob o estudo literário, onde o mesmo, caracteriza o externo como elemento

que desempenha um papel importantíssimo na constituição estrutural da obra literária, o que vem a torná-lo externo-interno. Nesse caso, referimo-nos ao valor social representado do juiz para com a sociedade que é uma espécie de instrumento interno e, ao mesmo tempo, externo da obra literária.

Ao analisarmos *"Absolvo e Condeno"* partimos do pressuposto de que os fatores que constituem uma sociedade interferem, com certeza, nas características que compõem uma obra, podendo encaminhar muitos dos estudiosos literários a uma espécie de precipício difícil de ultrapassar e/ou seguir adiante. Por isso, "o primeiro passo (que apesar de óbvio deve ser assinalado) é ter consciência da relação arbitrária e deformante que o trabalho artístico estabelece com a realidade, mesmo quando pretende observá-la e transpô-la rigorosamente" (CANDIDO, página 13). Segunda tal afirmação, á associamos ao romance, já que nas entrelinhas do próprio, há uma relação quanto a realidade de muitos, embora, seja um romance que, horas se sobressai como algo surreal, por consequência da invasão da escritora, ao ousar-se mergulhar no mais íntimo dos sentimentos do protagonista.

Ao pensarmos em literatura como arte que expressa uma imagem da realidade (atitudes do juiz) é que, se passa a olhá-la como um produto da sociedade, ou seja, social, isso claro, a partir do século XVIII, onde a mesma expressa condições de cada cultura na qual se forma. Assim, a arte é membro social no sentido receptiva (reagir quando estimulado) e expressiva (gesto expressivo de sentimento e pensamento), que segundo o próprio Cândido: "*depende da ação de fatores do meio e reforça no indivíduo o sentimento dos valores sociais*" (CANDIDO, página 19). Como, no caso de Dr° João (juiz), que depois de conhecer sua Paixão passa a comportar-se de maneira distinta à anterior, tão como, a ver a vida, as pessoas, as situações com outros olhos.

É notório na obra, uma identidade de processualidade histórica, ou seja, vinculada ao conjunto das relações que permeiam a vida cotidiana (sentimental) do juiz, engajando-o o romance a um tempo geográfico e ao mesmo tempo psicológico, de cunho ambiente-social, denominando-a uma literatura social por consequência dos fatos indagados na obra por pressuposto de Dr. Joao quanto as questões jurídicas, maneiras de agir, costumes, etc., que propiciam condicionamentos e determinações nas ações do protagonista.

A Condição do texto Escrito por mulher

A literatura (texto) feminista tal como qualquer outro busca expor seu pensamentos, suas angústias e questionamentos sufocadas com grande frequência em séculos anteriores. Embora a mulher escreva com esmero, percebemos o quão é difícil construir uma sociedade

flexível que aceite sem menosprezo a influência feminina ativa no processo de participação nas atitudes sociais.

Em meados do século vinte a escrita feminista começa a abranger, mesmo sendo, ainda muito pouco explorada em relação a obra masculina e, para comprovar, fizemos um levantamento de dados através de questionários aplicado à graduandos de licenciatura em Letras e, observamos que, as escritoras sergipanas não está de fato reconhecida em nossa região. Ainda se nota uma deficiência no ato de ler obras feministas, tão como, na questão de valorização da Literatura Sergipana.

Os entrevistados denotaram falta de interesse por LS (Literatura de Sergipe), disseram não conhecer nenhuma autora que corresponda a tal espécie literária, e, o mais, instigante e decepcionante, não tiveram em sua escolarização nenhum incentivo que os remetesse a cultura e/ou a literatura de sua região. Entre os 50 entrevistados, apenas 10, conhecem entre uma a duas escritoras e, descrevem que a própria como importante, embora não a tenham tido a oportunidade e interesse de conhecê-la.

Pesquisa desenvolvida em uma determinada Instituição de ensino superior, aponta que no próprio curso de Letras há uma deficiência quanto a igualdade de gênero (masculino/feminino), pois, segundo resultado de pesquisa, os acadêmicos mostraram que não possuem conhecimento sobre a história da literatura e/ou da literatura de Sergipe, principalmente, quando referirmo-nos à autores de gênero feminino. As obras escritas por homens são mais conhecidas, isso talvez, por que muitos ainda acreditam que lugar de mulher seja em casa, na cozinha, mas, o sexo de uma pessoa não deveria remeter a total significância quando o assunto é literatura, porque ele é apenas um adjetivo para referir-se ao gênero autoral.

Assim, deve-se discutir o espaço da mulher sergipana em meio ao universo literário, e, levá-la-á para salas de aula, para o mundo, quebrando, digamos assim, com o preconceito, porque, de fato o que há, é a existência de um machismo que insiste em enraizar-se na sociedade. Quando se visualiza o nome de uma mulher na capa de um livro, seja ele, romance, prosa ou, qualquer outro gênero, aos olhos do leitor, ainda é visto como uma coisa menor, sem muita influência e/ou vantagem para a literatura.

A importância da Literatura de autores Sergipanos

Quando se trata da literatura sergipana, é importante citar a obra “História da Literatura Sergipana”, de Jackson da Silva Lima, pois foi um dos estudos mais precisos sobre essa literatura. Nessa obra, o autor tem como definição de Literatura Sergipana uma arte pouco

explorada, o que gerou desqualificação das obras dos escritores de Sergipe, pois o valor estava somente nas obras estrangeiras, esquecendo as nacionais. Por esse motivo Sergipe acabou perdendo muitos escritores, pois no estado não havia nenhuma valorização, fazendo assim com que os poetas fossem buscar o seu reconhecimento em outro lugar. A Literatura sergipana possui suas particularidades com relação à literatura de outros estados, isto porque ela tem suas próprias tradições. Entretanto, não é preciso que o escritor tenha nascido em uma determinada região, para poder escrever com as suas particularidades. Lima diz que:

> O que de fato soma e pesa é a vivência, o contexto familiar, a essência da obra, a militância do escritor em nossas letras, razão porque ele pode nascer em nossa terra e não pertencer à nossa literatura, se desvinculando do meio e da cultura sergipana. Para que a obra do autor seja incorporada ao nosso patrimônio literário, é preciso, antes de tudo, a integração desse escritor à nossa realidade histórico cultural. Onde haja nascido em Paris, Estância ou Recife, pouco importa; o que realmente importa é a sua presença atuante, ou a sua vinculação direta nos movimentos e manifestações literárias aqui germinados. (LIMA, 1986, p. 34)

Antônio Candido, em Literatura e Sociedade, destaca o papel social do escritor, e que o material da obra dependerá da tensão entre a sua subjetividade e a resposta do meio, ou seja, a ação do meio sobre o artista.

> Quando estamos no território da crítica literária somos levados a analisar a intimidade das obras, e o que interessa é averiguar que fatores atuam na organização interna, de maneira a constituir uma estrutura peculiar. Tomando o fator social, procuraríamos determinar se ele fornece apenas matéria (ambiente, costumes, traços grupais, ideias) (...) ou se, além disso, é elemento que atua na constituição do que há de essencial na obra enquanto arte. (CANDIDO, 2010, p.14)

Antes de qualquer crítica, deve-se analisar a intimidade daquela obra, sendo o fator social, ou seja, o ambiente, ideias, e a arte apresentada nela, é ir mais fundo, em busca desses elementos que são os aspectos responsáveis para chegar a uma conclusão de significado da obra tanto nos aspectos sociológicos quanto nos literários.

Retomando a obra “Simão Dias”, de Alina Paim, é justamente isso que acontece, para entender o contexto da obra, é importante saber a biografia de Paim, pois a mesma usa aspectos apontados por Candido em “literatura e sociedade”, ou seja, o fator social, trazendo os traços da cidade sergipana, os costumes, o ambiente, a população, as ideias, e até mesmo a sua própria biografia.

Candido cita que:

> O artista quer atingir determinado aspecto da realidade. Todo este lado voluntário da criação e da recepção da obra concorre para uma função especifica, menos importante que as outras duas e frequentemente englobada nelas, e que poderia chamar de função

> ideológica, - tomado o tempo no sentido amplo de um desígnio consciente, que pode ser formulado como ideia, mas que muitas vezes é uma ilusão do autor, desmentida pela estrutura objetiva do que escreveu. Ela se refere em geral a um sistema de ideias. (CANDIDO, 2010, p.56)
>
> Portanto, a criação literária corresponde a certas necessidades de representação de mundo, ás vezes como preâmbulo a uma práxis socialmente condicionada. Mas isto só se torna possível graças a uma redução ao gratuito, ao teoricamente incondicionado, que dá ingresso ao mundo da ilusão e se transforma dialeticamente em algo empenhado, na medida em que suscita uma visão do mundo. (CANDIDO, 2010, p.65)

Ainda relacionando a obra de "Simão Dias", Antônio Candido explica que é preciso entender três funções que estão dentro da literatura oral quanto da escrita, a função social, que distingue a mudança de uma certa sociedade; a função total que vai distinguir uma visão de mundo, seja ela individual ou em grupo; e, a função ideológica que vai ser um conjunto de ideias. A criação literária, por fim, vai ser justamente essa junção das funções, um aspecto social dentro de um conjunto de ideias que vai abordar uma visão do mundo de "alguém" (autor) sobre determinada sociedade, envolvendo seus aspectos sociais. E Paim, deixa claro na sua obra essa ideologia e visão de mundo sobre a população simãodiense.

Para uma análise sucinta do romance de Gizelda, é preciso conhecer os fatores sociais que entrelaçam-se na obra, como: Qual o papel do juiz na sociedade? Quais as influência de suas atitudes para com o meio social? Para em seguida, mergulharmos em seus pensamentos (sentimentos) discorridos na obra, onde, notamos a existência de um ser condena pelos seus próprios sentimentos, os quais tem que manter em segredo por conta do seu ofício.

Um ser que não encontra em sua memória, os vestígios de sua história, com biografia vazia, representante da vara da infância e da juventude, mas que nunca dedicou-se a família, nem mesma a sua filha. Alguém desordenado, que embora buscasse organizar processos, não sabia organizar sua própria vida. Dentre, um todo, percebe-se a relação do romance com a sociedade através de recursos expressivos de comunicação que se mostra como ato de aparência, esperança e ponto de vista do juiz em referência a sua situação amorosa, que o faz modificar a sua conduta.

> [...] as tendências tiveram a virtude de mostrar que a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra e independe do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores de arte. (CANDIDO, 2000, p.19)

Partindo do contexto da importância sobre a literatura sergipana, é viável que ainda está em "extinção" o conhecimento sobre essa literatura, mas que tem fundamental importância

para uma construção da luta de direito à educação e a inclusão social. Grandes escritores de Sergipe como: Alina Paim, Gizelda Morais, Núbia Marques, Carmelita Pinto Fontes, Tobias Barreto, Silvio Romero, que talvez não sejam tão conhecidos para a sociedade sergipana, mas que fazem um papel fundamental para o crescimento literário do estado e consequentemente do país.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. Rio de Janeiro: outro sobre azul, 11 edição, 2010.

LIMA, Jackson da Silva: "**Gênese da literatura sergipana".** In História da literatura sergipana. Aracaju. Fundesc, vol. 1, 1986.

MELLO e SOUZA, Antônio Candido, 1918 – **Literatura e Sociedade** / Antônio Candido Mello e Souza – 8. ed. – São Paulo: T. A. Queiroz, 2000; Publifolha, 2000. – (Grandes nomes do pensamento brasileiro).

MORAIS, Gizelda. **Absolvo e Condeno** / Gizelda Morais – São Paulo, SP, 2000.

PAIM, Alina, 1919-2011 **Simão Dias** / Alina Paim. – 3. Ed. – Aracaju, SE: Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe – EDISE, 2015.

PAIM, Alina Leite. **Estrada da Liberdade**. Rio de Janeiro: leitura, 1944.

PAIM, Alina. **A sombra do Patriarca**. Rio de Janeiro: Globo, 1950.

PERSONALIDADE E COMPORTAMENTO, UMA ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DO MEIO SOCIAL EM *CAPITÃES DA AREIA*

Janice de Andrade Oliveira (Pio Décimo)[19]

RESUMO
A literatura brasileira da década de 30 é marcada pela denúncia social caracterizada a partir dos conflitos do momento histórico vivido. São as relações homem/sociedade e homem/meio que vamos analisar em Capitães da Areia para entendermos como estas relações influenciam na formação da personalidade de alguns personagens e de que maneira elas se refletem no comportamento deles. Sabemos que o determinante da personalidade de um indivíduo são os somatórios genéticos dos cromossomos transmitidos pelo genótipo e pelos fatores do meio ambiente no qual a pessoa está inserida. Assim a formação da personalidade de cada indivíduo engloba desde os primeiros momentos da concepção e a evolução das fases em que o ser humano passa. Além disso, o meio é forte contribuinte para o desenvolvimento de uma personalidade, a pessoa que vive em determinado ambiente tem grande propensão a seguir comportamentos referidos ao lugar que está inserida. O presente trabalho tem como objetivo geral analisar o comportamento dos personagens Pedro Bala, Dora e Pirulito da obra Capitães da Areia de Jorge Amado a fim de traçar um perfil dos mesmos através da formação de suas personalidades a partir do abandono e do meio social em que estão inseridos, no caso, as ruas.

Palavras-chave: Comportamento. Literatura. Meio social. Personagem. Personalidade.

INTRODUÇÃO

A literatura brasileira da década de 30 é marcada pela denúncia social caracterizada a partir dos conflitos do momento histórico da época, que exigia uma literatura mais voltada para a realidade brasileira, e o que ocorreu foi uma retomada parcial dos pressupostos realista/naturalista (século XIX) sendo que os romancistas modernistas optaram por um estudo mais aprofundado das relações homem/sociedade e homem/meio, numa visão mais crítica dessas relações, relações estas, que vamos analisar em Capitães da Areia para entendermos como elas influenciam na formação da personalidade de alguns personagens e de que maneira elas se refletem no comportamento deles. Neste sentido, “Jorge Amado dramatiza a realidade brasileira numa ficção que deixa muito claro o real” (ATAÍDE, 1999, p. 103).

Outro elemento importante que passa a integrar a ficção desse período é o fator emocional dos personagens, antes suprimido por rígido determinismo pela produção literária do fim do século XIX. Além desses aspectos, há também outro muito importante, que é o trabalho com a linguagem realizado pelos autores dessa geração que buscam trazer para as narrativas a “cor local”, ou seja, as informações sobre espaços, comportamentos e costumes, que permitem aos leitores reconhecer os aspectos típicos, característicos de uma região específica,

[19] Licenciada em Letras Português/Espanhol, desde 2014.

no caso, o nordeste, já que o eixo da ficção brasileira da década de 30 se desloca do Rio de Janeiro e São Paulo para os estados que não eram centros político, econômico e cultural, por isso o romance dessa época ser conhecido também como prosa regionalista.

Jorge Amado, um dos escritores brasileiros mais conhecidos, lidos e traduzidos de todos os tempos, aos 19 anos publicou seu primeiro romance "O país do carnaval" (1930). Em seguida publicou Cacau (1933), Jubiabá (1935), Mar morto (1936), Capitães da areia (1937), e Terras do sem fim (1944), que constituem francas denúncias sociais e correspondem ao período de intensa participação política do autor, tendo se filiado ao Partido Comunista em 1945.A partir de 1958, com o romance "Gabriela, cravo e canela", Jorge Amado inicia uma nova fase, em que predominam a crítica de costumes e a sátira, características presentes nos romances que se seguiram, de grande aceitação popular, tais como "Os pastores da noite" (1964), "Dona flor e seus dois maridos" (1967), "Tenda dos milagres" (1970), "Teresa Batista cansada de guerra" (1972) e "Tieta do agreste" (1976).

Os números referentes à vasta obra de Jorge Amado, 32 títulos entre romances, biografias e livros infantis são reveladores do sucesso dele no Brasil e no mundo. Algumas obras ganharam adaptações na televisão, no cinema e no teatro como é o caso de Capitães da Areia, uma obra-prima da literatura brasileira na qual Jorge Amado retrata a vida de um grupo de meninos abandonados nas ruas de Salvador descrita em páginas de pura beleza, dramaticidade e lirismo poucas vezes vistas na literatura universal, por isso a escolha do tema delimitado a ela.

Este trabalho tem como objetivo geral analisar o comportamento dos personagens Pedro Bala, Dora e Pirulito da obra Capitães da Areia de Jorge Amado a fim de traçar um perfil dos mesmos através da formação de suas personalidades a partir do abandono e do meio social em que estão inseridos, no caso, as ruas.

A psicologia e o estudo da personalidade

Ao investigar sobre as condições de existência essencial da personagem como um tipo de ser, mesmo que fictício, Candido (2002), afirma que não somos capazes de abranger a personalidade do outro com a mesma unidade com que somos capazes de abranger a sua configuração externa e que, portanto, o nosso conhecimento dos seres é fragmentário, pois estes são por natureza misteriosos, inesperados e surpreendentes. Candido, também, ao fazer menção ao mistério psicológico dos seres, afirma que a partir de investigações metódicas em psicologia, como, por exemplo, as da psicanálise, essa investigação ganhou um aspecto mais

sistemático e voluntário, sem com isso ultrapassar as grandes intuições dos escritores que iniciaram e desenvolveram a visão de literatura que busca descobrir a coerência e a unidade dos seres, e conclui:

> Concorrem para isso, de modo direto ou indireto, certas concepções filosóficas e psicológicas voltadas para o desenvolvimento das aparências no homem e na sociedade, revolucionando o conceito de personalidade, tomada em si e com relação ao meio. É o caso, entre outros, do marxismo e da psicanálise, que [...] atuam na concepção de homem, e, portanto, de personagem, influindo na própria atividade criadora do romance, da poesia, do teatro. (CANDIDO, 2002, p. 57-58).

Etimologicamente a palavra “personalidade” vem do grego e significa “persona”, que era a máscara utilizada nas peças teatrais gregas. Ampliando-se o conceito, “persona” veio a significar a aparência externa (não o verdadeiro eu). Porém, segundo Lundin o enfoque de personalidade adotado pela **teoria da aprendizagem** define personalidade da seguinte forma: ”Personalidade é a organização do equipamento singular de comportamento que um indivíduo adquiriu através de condições especiais de seu desenvolvimento.” (LUNDIN, 1977, p. 8).

Segundo Lundin (1977), o estudo da personalidade desenvolveu-se como parte da tradição clínica de observação, iniciada com médicos franceses no século XIX que estavam particularmente interessados no estudo e tratamento de personalidades anormais e, em especial, no distúrbio mais frequente da época, a histeria. Um pouco mais tarde, o médico austríaco, Sigmund Freud, neurologista e psiquiatra, retomou o estudo da personalidade humana, novamente com o intuito de compreender as suas deficiências e tratá-las. Freud desenvolveu a associação livre na qual seus pacientes simplesmente diziam o que lhes vinha à mente. Utilizou essa técnica, juntamente com análise de sonhos, para ajudar os pacientes a expressar seus desejos e experiências reprimidas.

A ênfase de Freud no poder do inconsciente ampliou nossa visão da natureza e da sexualidade humanas e abriu a era da psicoterapia. Freud atraiu muitos adeptos, alguns dos quais concordaram com suas ideias, enquanto outros como discordaram e desenvolveram suas próprias teorias e métodos como Carl Jung, psicólogo suíço, que segundo Lundin (1977) se afastou da teoria freudiana em 1912. A diferença básica entre Jung e Freud refere-se à natureza da teoria da libido. Para Freud os fenômenos inconscientes eram determinados por influências e experiências infantis do instinto sexual. Para Jung, no entanto, além do inconsciente individual, o ser humano é dotado de inconsciente coletivo, que se forma a partir dos impulsos e vivências colecionadas por nós através dos séculos e por nossos antepassados.Outro a discordar de acordo com Lundin foi Alfred Adler, ele salientou a importância da agressão ou poder, como força motivadora fundamental nos seres humanos. Pouco depois ele ampliou a sua teoria de luta pela superioridade para incluir o conceito de

interesse social altruísta. Segundo Adler, o interesse social seria uma tendência latente inata, mas que tinha que ser cultivada.

Podemos observar que, os primeiros teóricos da personalidade eram formados por médicos que combinavam suas teorias com a prática psicoterápica como meio de tratamento das doenças mentais. Porém, suas observações eram destituídas do controle do laboratório experimental moderno. Infelizmente, a psicanálise sofreu demasiada teorização, baseada em conjecturas e observações insuficientes. Assim, o estudo inicial da personalidade distinguiu-se dos outros ramos da psicologia, por ser mais especulativo e menos sujeito a controle cuidadoso. Em consonância com isso, Stuart Hall escreveu:

> De novo, o trabalho de Freud e o de pensadores psicanalíticos [...] têm sido bastante questionados. Por definição, os processos inconscientes não podem ser facilmente vistos ou examinados. Eles têm que ser inferidos pelas elaboradas técnicas psicanalísticas da reconstrução e da interpretação e não são facilmente suscetíveis à "prova". Não obstante, seu impacto geral sobre as formas modernas de pensamento tem sido muito considerável. (HALL, 2006, p. 39).

De acordo com Lundin (1977) o desenvolvimento, nas últimas décadas, da **teoria comportamental** em todos os seus aspectos, lidando com problemas clínicos de uma maneira experimental, acrescentou muito ao enfoque experimental do estudo da personalidade. Por isso ela servirá de base para nossa análise.

A teoria do comportamento, um caminho para compreender os personagens amadianos em *Capitães da Areia*

Segundo Bock, Furtado e Teixeira (2002), a teoria comportamental é uma tendência mais conhecida como Behaviorismo, termo que deriva do termo inglês *behavior* que significa comportamento. Entende-se hoje por comportamento uma interação entre o que o sujeito faz e o ambiente onde o seu fazer acontece.

O mais importante behaviorista depois de Watson, criador dessa teoria em 1913, é B. F. Skinner o qual tem uma linha de estudo que ficou conhecida por Behaviorismo radical, estudo este que designa uma filosofia da Ciência do Comportamento por meio da análise experimental do comportamento. Essa corrente tem como base a formulação do comportamento operante, assim chamado porque são movimentos de um organismo que têm efeitos de forma direta ou

indiretamente sobre o mundo ao redor, ou seja, opera sobre o mesmo como por exemplo, tocar um instrumento musical ou fazer a leitura de um livro.

No comportamento operante o que propicia a aprendizagem dos comportamentos é a ação do organismo sobre o meio e o efeito dela resultante, a satisfação de alguma necessidade, sendo assim, esse comportamento pode ser representado pela seguinte formulação: **R → S**, Em que **R** é a resposta, e **S** (do inglês *stimuli*), o estímulo reforçador, que tanto interessa ao organismo. A seta significa "levar a". A esse estímulo reforçador dá-se o nome de reforço, que pode ser positivo ou negativo. Sobre esses comportamentos, Skinner resume de forma bem simples que:

> [...] o comportamento operante sob reforço positivo se distingue pela ausência de qualquer acontecimento imediatamente antecedente que pudesse servir como causa plausível, e, conseqüência, tem-se afirmado que ele mostra a causação interior chamada livre arbítrio.[...] e comportamento negativamente reforçado é emitido em presença da condição adversativa de que o comportamento proporcione escape. (SKINNER, 2006, p. 169)

As experiências feitas em laboratório com ratos permitiram aos teóricos behavioristas concluírem que o comportamento pode ser controlado por meio de estímulos reforçadores. Segundo Lundin (1977), há uma série de técnicas de controle prático do comportamento do homem na sociedade impostas pelos governos ou instituições sociais tais como o controle aversivo, fuga, esquiva, punição, condicionamento emocional, drogas, extinção e reforço positivo. Dentre estas, a punição tem sido certamente uma das formas mais populares de controle porque se ver de imediato o efeito de supressão do comportamento porém, na maioria dos casos seu efeito é geralmente temporário. E isto pode trazer consequências desastrosas que envolvem reações emocionais colaterais na forma de ansiedade e agressão. Trazendo isso para os personagens de Capitães da Areia, podemos perceber isso, pois ao serem presos e espancados os meninos, quando fugiam, voltavam mais revoltados e com mais ódio de tudo e de todos, além disso, continuavam a praticar os roubos. O fragmento abaixo revela justamente essa situação:

> Agora davam-lhe de todos os lados. Chicotadas, socos e pontapés. O diretor do reformatório levantou-se, sentou-lhe o pé, Pedro Bala caiu do outro lado da sala. Nem se levantou. Os soldados vibraram os chicotes. [...] Lembrou-se da cena da tarde. Conseguira dar fuga aos outros, apesar de estar preso também. O orgulho encheu seu peito. Não falaria, fugiria do reformatório, libertaria Dora. E se vingaria... Se vingaria... (AMADO, 2008, p. 201)

As diversas concepções de personagem

Quando lemos um romance como Capitães da Areia e entramos em contato com personagens tão fortes e complexos, como o são os meninos de rua abandonados, os quais são retratados nessa obra, temos a impressão de que eles tenham existido em uma dimensão que os tornam imortais, capazes de falar das inúmeras possibilidades de vida do homem no mundo. Ao nos depararmos com a coragem e o poder de liderança de Pedro Bala, o temor a Deus de Pirulito, o amor e a solidariedade de Dora, ficamos tão envolvidos com a trama que chegamos a pensar que eles são seres reais e esquecemos que são seres fictícios. Esta confusão existente entre a relação pessoa/ser vivo e personagem/ser ficcional é frequente.

Beth Brait (2002), crítica literária, traça um panorama histórico das várias perspectivas teóricas no que tange a relação do personagem com o ser vivo e suas diversas concepções. Segundo ela, o primeiro teórico a discutir o problema no que diz respeito à semelhança existente entre personagem e pessoa foi o filósofo grego Aristóteles. Ele levantou alguns aspectos importantes que até hoje marcam o conceito de personagem e sua função na literatura. Os conceitos de *mimesis* (imitação do real) e de *verossimilhança interna de uma obra* (ilusão do real) contidos na Poética. Nesta obra ele aponta dois aspectos essenciais: a personagem como reflexo da pessoa humana e a personagem como construção, cuja existência obedece às leis particulares que regem o texto.

Horácio, pensador latino, em sua *Ars poética* divulga as ideias aristotélicas mas, associa o aspecto de entretenimento contido pela literatura e concebe a personagem não apenas como reprodução dos seres vivos mas, como modelos a serem imitados e defende para esses seres (personagem-homem) o estatuto de moralidade humana.A concepção de personagem herdada por esses dois pensadores perduraram até meados do século XVIII sendo substituída por uma visão psicologizante que entende personagem como a representação do universo psicológico de seu criador. Nesse sentido Brait (2002) conclui:

> [...] os seres fictícios não são mais vistos como imitação do mundo exterior, mas como projeção da maneira de ser do escritor. E é por meio do estudo dessas criaturas produzidas por seres privilegiados que é possível detectar e estudar algumas particularidades do ser humano ainda não sistematizadas pela Psicologia e pela Sociologia nascentes. (BRAIT, 2002, p. 57).

Como vimos, a personagem continua tendo uma visão antropomórfica. Mas, em 1927 o romancista e crítico inglês E. M. Forster, em seu livro Aspectos do romance (*Aspects of the nove)l,* encara a personagem como um ser de linguagem, outorgando a ela um estatuto específico ainda que não desvinculado totalmente da relação ser/fictício-pessoa, isto só vai acontecer com os formalistas russos, mais precisamente com a publicação da obra Morfologia

do conto (*Morfologia Skazki*) em 1928, onde Wladimir Y. Propp explicita a dimensão da personagem sob o ângulo de sua funcionalidade no sistema verbal compreendido pela narrativa. Sobre este assunto, Brait conclui:

> Os estudos desenvolvidos pelos formalistas, os quais só serão conhecidos no Ocidente por volta de 1955 com a publicação do livro *Formalismo russo,* de Victor Erlich, constituem, num certo sentido uma verdadeira ciência da literatura, contribuindo decisivamente para que a obra seja encarada como a soma de todos os recursos nela empregados, como um sistema de signos organizados de modo a imprimir a conformação e o significado dessa obra. (BRAIT, 2002, p. 43).

De acordo com Brait, essa ruptura com a visão tradicional da obra literária, autores como Roman Jakobson, Lévi-Strauss, Tzvetan Todorov e outros encaminham os estudos da narrativa na direção exploratória de suas possibilidades estruturais

A construção da narrativa

Uma narrativa nunca é construída no vácuo, do nada, ela é sempre construída levando-se em conta os fatores internos, ou seja, a estrutura, e os fatores externos, no caso, o social. Sabemos que forças sociais condicionantes guiam o artista em grau maior ou menor em seu processo criativo. É muito provável que Jorge Amado ao construir a narrativa de Capitães da Areia tenha colocado muito de si próprio na obra, seja no seu gosto pela liberdade expressa nas aventuras de Pedro Bala e companhia pelas ruas da cidade, seja o seu amor pela cidade de Salvador demonstrado na descrição poética que ele faz, ou mesmo na sua preocupação com o social ao retratar a vida das crianças abandonadas nas ruas da cidade, seja ainda, nas suas ideologias políticas, representadas no romance, pela luta de classes. Prova disso é que a primeira edição do livro, publicada em 1937, foi apreendida e exemplares queimados em praça pública em Salvador por autoridades da ditadura. Só em 1944 uma nova edição foi publicada para marcar época na vida literária brasileira.

O estudo da relação entre a obra e o seu condicionamento social, ou seja, o vínculo entre a obra e o ambiente Candido (1980) afirma que só podemos entender uma obra fundindo texto e contexto numa interpretação íntegra, na qual tanto o velho ponto de vista que explicava a obra pelos fatores externos, quanto o outro, que é norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. O autor afirma ainda que, o externo importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha certo papel na construção da estrutura, tornando-se, portanto interno. Vários estudiosos contemporâneos da crítica literária ao analisar a intimidade das obras, tomando o fator social, procuram determinar se ela fornece matéria, ou

seja, ambiente, costumes, traços grupais, ideias, ou se, além disso, é elemento que atua na constituição do que é essencial na obra enquanto obra de arte, o seu valor estético. Assim, Candido chama atenção para o fato de que:

> Uma crítica que se queira integral deixará de ser unilateralmente sociológica, psicológica ou lingüística, para utilizar livremente os elementos capazes de conduzirem a uma interpretação coerente. Mas nada impede que cada crítico ressalte o elemento de sua preferência, desde que o utilize como componente da estrutura da obra. (CANDIDO, 1980, p. 7)

Quanto aos aspectos sociais que envolvem a vida artística e literária, Candido (1980) afirma que há tendências da estética moderna empenhadas em estudar como a obra plasma o meio, cria o seu público e as suas vias de penetração, agindo em sentido inverso ao das influências externas. Neste sentido, o autor aponta dois tipos de estudos. O primeiro consiste em estudar em que medida a arte é expressão da sociedade já que a literatura é viata como um produto social. O segundo tipo estuda em que medida a arte é *social*, isto é, em que medida a arte está interessada nos problemas sociais. Esta tendência procura analisar o conteúdo social das obras, geralmente com base em motivos de ordem moral ou político.

Condição do comportamento: uma leitura das personagens

Sabemos que o determinante da personalidade de um indivíduo são os somatórios genéticos dos cromossomos transmitidos pelo genótipo e pelos fatores do meio ambiente no qual a pessoa está inserida e que, todo tipo de cultura proporciona um conjunto de modelos aplicáveis a todas as pessoas da sociedade por meio das regras, ou seja, o controle social, mas admitimos também o sexo, a família, a idade e o status. Nesse sentido, Skinner afirma:

> Uma análise científica do comportamento deve, creio eu, supor que o comportamento de uma pessoa é controlado mais por sua história genética e ambiental do que pela própria pessoa enquanto agente criador, iniciador [...]. Não podemos evidentemente provar que o comportamento humano como um todo seja inteiramente determinado, mas a proposição torna-se mais plausível à medida que os fatos se acumulam e creio que chegamos a um ponto em que suas implicações devem ser consideradas a sério. (SKINNER, 2006, p. 163)

Assim, a formação da personalidade de cada indivíduo engloba desde os primeiros momentos da concepção e a evolução das fases em que o ser humano passa. Além disso, o meio é forte contribuinte, para o desenvolvimento de uma personalidade, a pessoa que vive em determinado ambiente tem grande propensão a seguir comportamentos referidos ao lugar que está inserido.

No decorrer dos estudos em psicologia pudemos perceber existência de leis e regras impostas pela sociedade para controlar o nosso comportamento. Segundo Skinner: “Órgãos ou instituições organizadas, tais como governos, religiões e sistemas econômicos e, em grau menor, educadores e psicoterapeutas exercem um controle poderoso e muitas vezes molesto.” (SKINNER, 2006, p. 164). Assim, podemos afirmar que a nossa disposição de obedecer às regras é determinante para que tenhamos um comportamento moral, bem como desenvolvermos nosso caráter. Segundo Lundin (1977) as regras são obedecidas para esquivar punições e que por isso, não somos homens autônomos com livre arbítrio e força de vontade, já que o nosso comportamento é controlado. Nesse sentido, Skinner afirma que:

> Os que são assim controlados passam a agir. Escapam ao controlador – pondo-se fora do seu alcance, se for uma pessoa; desertando de um governo; apostasiando de uma religião; demitindo-se ou mandriando – ou então atacam a fim de enfraquecer o poder controlador, como numa revolução.[...] Em outras palavras, eles se opõem ao controle com o contracontrole. (SKINNER, 2006, p. 164)

Skinner afirma ainda que, a fuga e a esquiva passam a exercer um papel importante na luta pela liberdade. Apesar de não gostarmos muito de pensar que temos o nosso comportamento controlado, podemos observar que esse controle é necessário, pois o que seria da sociedade se todos fizessem o que bem entendesse, com certeza, seria um caos. No próprio grupo dos meninos de rua em Capitães da Areia havia regras e leis. Pedro Bala, como chefe, sentia a necessidade de impor regras ao grupo as quais todos deveriam cumpri-las sob pena de serem expulsos a fim de que no grupo houvesse uma certa ordem como mostra o fragmento abaixo:

> [...] O Sem-Pernas reconheceu o negrinho Barandão, que se dirigia de manso para o areal de fora do trapiche. O Sem-Pernas pensou que ele ia esconder qualquer coisa que furtara e não queria mostrar aos companheiros. E aquilo era um crime contra as leis do bando. (AMADO, 2008, p. 46).

Sabemos que as personagens escolhidas para esta análise possuem condições inferiores dentro da sociedade em que vivem, fato este que determina, em certa medida, seus comportamentos. De acordo Lundin (1977)

> Adolescentes frustrados por seu ambiente imediato, pelos pais, ou por condições de pobreza, generalizam sua hostilidade para a sociedade em geral, na forma de comportamento delinqüente. Muitos dos delinqüentes que transitam pelas ruas da cidade e atacam pessoas inocentes exibem translocação da agressão produzidos por abandono, vida pobre e outras desvantagens culturais e sociais. (LUNDIN, 1977, p.389)

Como vimos anteriormente, Skinner afirma que uma das formas de escapar ao controle é mandriando, isto é, levando uma vida de malandro, vadiando. De acordo com o fragmento

apresentado, podemos concluir que foi essa a forma que nossas personagens encontraram não só para fugir ao controle, mas também para sobreviverem à agressividade das ruas da cidade. É com base nas reflexões feitas até aqui que iniciaremos nossa análise.

A luta pela liberdade e o amor como formas de mudança de vida

Pedro Bala, por exemplo, chefe do grupo, é um jovem de quinze anos dos quais dez vive nas ruas. Desde seus cinco anos vive vagabundeando nas ruas da cidade, nunca soube de sua mãe, seu pai foi morto pela polícia durante uma greve. Ele ficou sozinho e empregou anos da sua vida em conhecer a cidade, por isso sabe de todas as suas ruas e de todos os seus becos. Pedro Bala apresenta qualidades naturais como força, esperteza, inteligência, sensibilidade, liderança e chefia, e o mais importante, a fidelidade à palavra e à amizade. Porém, a opressão em que viviam não dava espaço para o entendimento da liberdade, mas as histórias que Pedro ouve sobre a grande greve vão entrando em sua consciência inteligente e aos poucos, por meio das conversas que tem com João de Adão, um doqueiro que participou da greve junto com o pai de Pedro, ele vai entendendo a realidade social e econômica e o gosto pela luta por um mundo melhor brota em seu coração. No entanto, muitas perguntas ainda surgem em sua mente, mas as respostas só são obtidas aos poucos, à medida que ele tem consciência da herança deixada por seu pai que tanto lutou por dias melhores.

> Liberdade. João de Adão, que estava nas ruas, sob o sol, falava nela também. Dizia que não era só por salários que fizera aquelas greves nas docas e faria outras. Era pela liberdade que os doqueiros tinham pouca. Pela liberdade o pai de Pedro Bala morrera. (AMADO, 2008, p. 202).

A partir daí, Pedro começa a reconhecer o seu ideal de vida e o seu lugar na sociedade, descobrindo assim, que o aprendizado vem no embate com a vida e que “O ser revolucionário não se deixa coisificar, pois ele tem consciência das contradições do real, dos privilégios e da exploração. Tem consciência de um outro mundo que é preciso atingir pela luta.” (ATAÍDE, 1999, p. 111). Assim, Pedro Bala deixa a chefia do grupo para Brandão, pois ele foi aceito em uma organização a qual lhe dá como missão, organizar os Índios Maloqueiros em Aracaju, porque “A revolução chama Pedro Bala como Deus chamava Pirulito nas noites do trapiche. É uma voz poderosa dentro dele [...]” (AMADO, 2008, p. 266). Porém, há um aspecto na vida de Pedro que é tão importante quanto o outro, que contribuiu bastante para a mudança em seu comportamento, o qual não podemos deixar de lado, trata-se da chegada do amor ao seu jovem coração, uma descoberta feita aos poucos em uma construção permanente.

Brincadeiras, olhares, desejo, reconhecimento de identificação, e por fim a grande descoberta de um amor delicado, sublime, que transcende até a morte.

> Com Dora foi diferente. [...] Fora também uma companheira de brinquedos como para os demais, irmã querida. Mas fora também uma alegria diversa da que dá uma irmã. Noiva. Gostaria, sim. Mesmo quando quer negar a si próprio não pode. É verdade que nada faz para isso, que se contenta de conversar com ela, de ouvir a sua voz, pegar timidamente na sua mão. Mas gostaria de possuí-la também, de vê-la gemer de amor. Não, porém, por uma noite. Por todas as noites de uma vida. (AMADO, 2008, p. 204).

A fé como força transformadora na vida de Pirulito

Um que consegue mudar seu comportamento por meio de um reforço positivo é Antônio, apelidado de Pirulito. Era um menino alto e magro, uma cara meio amarelada, olhos encovados e fundos, a boca rasgada e pouco risonha, todo o seu aspecto mostra a tristeza da vida que esses meninos levavam. Este reforço positivo veio por meio do padre José Pedro que buscava ajudar a todos e que por vezes conseguia evitar atos de malvadeza das crianças e por assim dizer, foi o responsável por Pedro Bala arrancar a pederastia de entre os Capitães da Areia, pois explicou-lhes que aquele ato era uma coisa indigna num homem, porque fazia um homem igual a uma mulher. No entanto, foi no coração de Pirulito que seus ensinamentos encontraram guarida. Este “tinha fama de ser um dos mais malvados do grupo” (AMADO, 2008, P. 113).

Muitas eram as histórias de violência que se contavam dele, porém, quando o padre José Pedro começou a falar de Deus, de Jesus, da bondade, do céu e do inferno, Pirulito começou a desenvolver um temor tão grande que desencadeou uma verdadeira vocação religiosa, cheia de fervor e desejo de ajudar ao próximo. Daí em diante começou a mudar suas práticas: passou a evitar os roubos e para sobreviver vendia jornais, passou em suas rezas, pedir a Deus que o ajudasse a ser aceito em um colégio que ficava no Sodré o qual os homens saiam transformados em sacerdotes. Pirulito sentia o chamado de Deus de forma intensa, queria sofrer por Deus e por isso, ajoelhava-se para rezar por várias horas no trapiche, jejuava dias inteiros, e sua esperança era um dia ser sacerdote do seu Deus. Porém, ao ouvir que Deus além de ser suprema bondade também é suprema justiça seu temor cresce ainda mais, e daí passa a viver entre esses dois sentimentos, o que o leva a refletir sobre a sua vida, como mostra o fragmento abaixo

> Sua vida era uma vida desgraçada de menino abandonado e por isso tinha que ser uma vida de pecados, de furtos quase diários, de mentiras nas portas das casas ricas. Por isso na beleza do dia Pirulito mira o céu com os olhos crescidos de medo e pede perdão a Deus tão bom (mas não tão justo também...) pelos seus pecados e os dos

> Capitães da Areia. Mesmo porque eles não tinham culpa. A culpa era da vida... [...] Porém uma tarde em que estava o João de Adão, o doqueiro disse que a culpa era da sociedade mal organizada, era dos ricos... Que enquanto tudo não mudasse, os meninos não poderiam ser homens de bem. (AMADO, 2008, p. 111-112).

Nesse fragmento podemos perceber toda a angústia do menino e o real motivo deles serem como são. Uma sociedade mal organizada, com renda mal distribuída realmente promove as injustiças sociais. Porém, os meninos de rua em Capitães da Areia não esperaram que a sociedade mudasse, eles foram aos poucos, descobrindo que poderiam mudar seus destinos, só precisavam de um estímulo, de uma oportunidade, e quanto esta surgiu, eles não perderam tempo, foram conquistar seus sonhos.

Dora: um exemplo claro da influência do meio social no comportamento

Dora é a única menina do grupo. Ela e o irmão Fuinha perderam os pais durante uma epidemia de varíola. Ao saber que eram filhos de bexiguentos o povo fechava-lhes a porta na cara por conta do medo e do preconceito que a doença gerou na sociedade. Depois de procurar emprego em diversas casas e não encontrando lugar para ficarem, os dois acabam no trapiche, levados por João Grande e o Professor. No entanto, a presença de Dora causou grande confusão a qual foi contornada por Pedro Bala. Os meninos, então, a aceitaram no grupo e, depois de algum tempo, vestida como um deles participava de todas as atividades do grupo, fato este que nos leva a crer que realmente, tanto o ambiente quanto um reforço, no caso, negativo, representado pela rejeição da sociedade, influem no comportamento das pessoas.

No entanto, o que mais nos chama a atenção em Dora é o efeito que sua presença provoca nas demais crianças e, nesse sentido ela os influencia, de forma positiva, pois com seus carinhos, cuidados e atenção ela atenua um pouco a vida de abandono que eles vivem, torna-se quase um bálsamo, porque de repente, ela passa a representar para muitos uma irmã querida, para outros uma mãe amorosa, e para Pedro Bala, fatos estes que são comprovados no fragmento abaixo que representa uma reflexão de Pedro:

> Irmão... É uma palavra boa e amiga. Se acostumaram a chamá-la de irmã. Ela também os trata de mano, de irmão. Para os menores é como uma mãezinha, igual a uma mãezinha. Cuida deles. Para os mais velhos é como uma irmã que diz palavras boas e brinca inocentemente com eles e com eles passa os perigos da vida aventurosa que levam. Mas nenhum sabe que para Pedro Bala ela é a noiva. Nem mesmo o Professor sabe. E dentro do seu coração Professor também a chama de noiva. (AMADO, 2008, p. 193-194).

Dora permaneceu pouco tempo com os Capitães da Areia, pois um mês no orfanato foi suficiente para matar a alegria de viver dela e sua saúde. Logo após ser resgatada pelos meninos ela morre. Porém sua presença marcou para sempre a vida daquelas crianças.Vamos concluir essa análise com um trecho do livro que resume toda essa discussão acerca do comportamento dos personagens de Capitães da Areia que, na maioria das vezes, todos queriam tratá-los ou como crianças criminosas ou como crianças iguais àquelas que foram criadas com um lar e uma família, sendo que nenhum desses dois perfis se encaixam nesse caso.

> [...] Eles furtavam, brigavam nas ruas, xingavam nomes, derrubavam negrinhas no areal, por vezes feriam com navalhas ou punhal homens e polícias. Mas, no entanto, eram bons, uns eram amigos dos outros. Se faziam tudo aquilo é que não tinham casa, nem pai, nem mãe, a vida deles era vida sem ter comida certa e dormindo num casarão quase sem teto. Se não fizessem tudo aquilo morreriam de fome, porque eram raras as casas que davam o que comer a um, de vestir a outro. E nem toda a cidade poderia dar a todos. (AMADO, 2008, p. 110-111).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho pudemos chegar a algumas conclusões. A primeira é de que o ser humano é muito complexo e fragmentário, pois podemos ser muitos em um só ser, ou seja, temos várias identidades. Esta constatação nos leva a entender que não somos capazes de abranger toda a personalidade de uma pessoa. Como as personagens refletem um pouco o próprio ser humano, elas também terminam sendo igualmente complexas, fato este que nos impede de fazer uma análise mais profunda dos mesmos.

A segunda é que, o escritor, ao criar personagens tão complexos traz muito da realidade para dar-lhes veracidade. Prova disto é que, numa nota ao fim do livro, na edição analisada, Zélia Gattai Amado, esposa de Jorge Amado, escreveu: “A temática das crianças que vivem nas ruas continua bastante atual. Para escrever Capitães da Areia, Jorge Amado foi dormir no trapiche com os meninos. Isto ajuda a explicar a riqueza de detalhes, o olhar de dentro e a empatia que estão presentes na história.” Ou seja, o autor queria imprimir nos personagens, e não só neles, mas também na construção da narrativa e no leitor, que juntamente com o autor cria a obra literária, o máximo de realidade, que como vimos, há vários estudos em torno deste fenômeno.

Podemos concluir, ainda, que a Teoria do Comportamento nos serviu perfeitamente para analisar a personalidade e o comportamento de nossos personagens, principalmente no que concerne aos mecanismos de controle exercido pela sociedade sobre aqueles que estão submetidos às suas leis e regras. Também podemos concluir que o reforço, tanto o positivo

quanto o negativo, concorrem bastante para o aprendizado de um novo comportamento, e por fim, concluímos que além dos fatores genéticos, os fatores sociais influenciam de maneira determinante, na constituição da personalidade e consequentemente, no comportamento dos indivíduos.

Diante disso, podemos afirmar que o presente trabalho alcançou o objetivo proposto e que ele poderá contribuir, de alguma forma, para estudos em literatura, para a compreensão da sociedade, para academia e os leitores de Jorge Amado.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**; Romance. São Paulo: Companhia das Letras 2008.

ATAÍDE, Vicente. Amor & Ideologia em Jorge Amado. **Leitura:** Literatura e Sociedade. Revista do Programa de Pós - graduação em Letras e Linguística. LCV – CHLA – UFAL. Maceió, 1999.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias**: Uma introdução ao estudo da psicologia. São Paulo: Saraiva, 2002.

BRAIT, Beth. **A Personagem**. São Paulo: Ática, 2002.

CANDIDO, Antonio. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____. **Literatura e Sociedade:** Estudos de teorias e história literária. São Paulo: Ed. Nacional, 1980

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

LUNDIN, Robert Willian. **Personalidade:** Uma análise do comportamento. São Paulo: EPU, 1977

SKINNER , B. F. **Sobre o Behaviorismo.** São Paulo: Cultrix. 2006.

RELAÇÕES IDENTITÁTRIAS: O VÍNCULO AVÓ-NETA NA LITERATURA LUFTIANA

Luiz Carlos Santos Prado[20]
Susan Manuela S. M. Cruz[21]

RESUMO

A literatura pós-moderna é prodigiosa em trazer à baila jornadas de personagens que vivenciam de forma angustiante buscas identitárias, principalmente no que concerne às identidades de gênero, elucidando-se, inclusive, os lugares do masculino e feminino no seio social. À luz dos estudos culturais, este texto busca analisar a relação avó-neta e a influência desse vínculo no percurso da protagonista da narrativa *A asa esquerda do anjo* (1981), da gaúcha Lya Luft, destacando a construção do papel da mulher, a partir da educação doméstica. Para tanto, a pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico tornou-se caminho metodológico adequado, utilizando-se de fontes/obras literárias, bibliografias condizentes com o tema e documentos variados. Assim, interpretamos os enunciados, apresentados ao interlocutor pelos fios das lembranças da narradora protagonista, sob à ótica de teorias concernentes a gênero e geração, identidade e educação doméstica. A partir das análises desenvolvidas, foi-nos possível inferir que, nas relações familiares do enredo luftiano estudado, a avó desempenhava sua autoridade por meio do comando/domínio do "mundo da casa", exercendo o poder para a formação/educação das netas, o que destaca uma teia de relações, tensão, conflitos geracionais e choques culturais que deságuam no transitar e nas construções identitárias dos "gerenciados" pela matriarca.

PALAVRA-CHAVE: Educação doméstica. Gênero. Identidade. Literatura feminina. Vínculos geracionais.

RESUMEN

La literatura postmoderna es prodigiosa en traer a la vista jornadas de personajes que vivencian de manera angustiante buscas identitarias, principalmente em el que concierne a las identidades de género, se elucidando, incluso, los lugares del masculino y feminino em el seno social. A la luz de los estúdios culturales, este texto busca hacer um análisis de la relación abuela-nieta y la influencia de esse vínculo em el percurso de la protagonista de la narrativa A asa esquerda do ano (1981), de la gaúcha Lya Luft, que destaca la construcción del rol de la mujer, a partir de la educación doméstica. Para tal, la investigación qualitativa de carácter bibliográfico se há vuelto caminho metodológico adecuado, donde se utiliza fuentes/obras literárias, bibliográficas que condicen con el tema y documentos variables, De esa manera, interpretamos los enunciados, presentadas al interlocutor por los hilos de los recuerdos de la narradora protagonista, bajo la óptica de las teorias que conciernen a género y generación, identidade y educación doméstica. A partir de los análisis desarrolladas, fue posible inferir que las relaciones familiares , del enredo luftiano, estudiado, la abuela desempeñaba su autoridade por médio del comando/domínio del "mundo de la casa", exercendo el poder para la formación/educación de las nietas, lo que destaca un enlace de relaciones, tensión, conflictos geracionales y choques culturales que dasaguan en lo transitar y las construcciones identitarias de los "gerenciados" por la matriarca.

PALABRA CLAVE: Educación doméstica. Género. Identidad. Literatura feminina. Vínculos geracionales.

INTRODUÇÃO

A partir da segunda metade do século XX, as hoje chamadas literaturas de minorias começam a ganhar espaço nos "palcos" que estiveram sempre sob o poder do masculino, fruto da concepção e cultura falocêntrica arraigada mundo a fora. A literatura feminina faz parte

[20]Mestre em Educação e licenciado em Letras pela U.F.S., professor do ensino superior, pesquisador de relações de gênero, identidade e cultura nas literaturas brasileira e sergipana.
[21]Mestranda em Bioética pela Universidad del Museo Social Argentino, Esp. em Direito Previdenciário pela Univ. Sul de Santa Catarina, graduada em Direito pela UNIT, professora de ensino superior.

desse quadro. O Brasil, a partir da década de 1970, assiste a um *boom* de nomes femininos na cena literária.

Em 1980, com a publicação de *As parceiras*, dá-se a estreia de Lya Luft, como literata, no cenário artístico-cultural brasileiro. A narrativa *A asa esquerda do anjo*, publicada em 1981, é fonte de análise para o presente estudo que visa analisar a relação avó-neta e a influência da constituição identitária feminina a partir desse vínculo.

A princípio, parece ser esta trama mais uma na qual se evidencia a recorrência de temáticas trabalhadas pela autora gaúcha: família, identidade, relações de poder e gênero. Ledo engano. Porque isso também o é. Mas ao costurar, tecer esses temas à literatura, a autora lança mão agora de todo um arcabouço cultural que mostra sua preparação para o cenário das artes.

RELAÇÕES IDENTITÁRIAS: O VÍNCULO AVO-NETA

Em *A asa esquerda do anjo*, uma família que reside no Sul do Brasil, é comandada por uma mulher alemã, descrita como autoritária e viúva, esta última, uma situação que à afirmação de Alda Britto da Motta "é uma condição social peculiar: inesperada, não planejada, instantaneamente modificadora da vida das pessoas [...]" (BRITTO DA MOTTA, 2005, p.9). Mas, na narrativa aqui contemplada, não se dá muito registro do esposo de Frau. Apenas, poucas vezes, as marcas das atitudes e os posicionamentos dela, reflexos de um *habitus*, se demonstram na trajetória daquela que é a protagonista e narradora da história: Gisela[22], ou ainda em alemão Guísela, como a alemã exige que a neta aos outros se apresente e/ou seja chamada. Sobre o avô, ela afirma não tê-lo conhecido. Já em sua infância, ele era apenas um defunto a ser visitado no cemitério.

É nessa rede de relações que os transeuntes da intriga vivem acontecimentos em meio a práticas e/ou recebimento de valores culturais, vivificam as máscaras sociais, entrelaçados à educação familiar. Dentre os que são afetados por essa lava em erupção constante, está a personagem central a sofrer discriminação, quer seja esta perpetrada pelos colegas de escola, os brasileiros, quer seja praticada pela avó.

Entre medos e assombros, esta personagem principal vai remontando o mosaico da sua jornada: infância, adolescência e fase adulta. Em seis capítulos intitulados de: *O exílio*, *O anjo*,

[22]Apesar da ambivalência do nome, ao analisar a narrativa, demos crédito e vez ao nome Gisela, posto que sendo brasileira, ela ratifica no enredo que não gosta de ser chamada de Guísela. Sua vontade é aqui, nesta análise, respeitada.

As sementes, *A Rainha da Neve*, *O peixinho dourado* e *O parto,* Gisela apresenta em seu monólogo fatos que se entrecruzam.

No primeiro, soa a voz de Gisela. Está ela em algum lugar da casa recordando. Sua memória a leva aos cantos, ordens e silêncios familiares, destacando além dos já enfatizados personagens, a figura dos tios: a debilitada Helga, "sempre amendrontada pela presença da mãe a quem em vão procura agradar"(LUFT, 1981, p.14); Ernest, o "grosseiro", marido desta última com quem tivera a filha Anemarie; Marta, esposa de Stefan, este que à casa de Wolf " nem sempre aparecia, viajava muito, mas a sogra jamais reclama de sua ausência: não aprovava o segundo casamento da filha."(LUFT, 1981, p. 15), e mãe dos quatro "meninões" que tivera do primeiro casamento, os quais 'zombavam' muito de Gisela por conta do formato de suas orelhas: " [...] gostavam de me atormentar abanando as mãos ao lado da cabeça, imitando orelhas enormes".(LUFT, 1981, p.15).

Em *O anjo,* a personagem conduz a *diegese* a um plano ramificado entre o sobrado da avó e o cemitério da família: neste está "à direita da entrada o Anjo de bronze, maior do que um homem, sentado, a mão direita erguida para o céu, à esquerda pendendo cansado no regaço." (LUFT, 1981*,* p.33). Este anjo, para a narradora, também faz parte da família na qual "desasam-se" outros: a imagem constituída de Anemarie, a admirada por todos, de pele alva e cabelos dourados, mas que também deve ter lá "sua asa quebrada", e a própria Gisela que figura, neste espaço, o anjo torto. Todavia, quanto ao de bronze, é guardião dos mortos da família no cemitério, local onde ela percebe que seu clã possui prestígio: "éramos importantes, eu sentia, desde os pais de meu avô Wolf, tínhamos sido destacados naquele quadrado de granito rosa e interior de mármore, uma verdadeira mansão entre as outras sepulturas baixas e brancas." (LUFT, 1981, p. 32).

As sementes é a expressão que dá nome ao terceiro capítulo. Na abertura dele, ao vai-e-vem das memórias, a narradora antecipa ao leitor que onde era o sobrado de Frau ergueram um edifício. Neste instante, fala sobre a sua primeira menstruação e lembra o porão da casa, lugar onde se depositavam tantas coisas familiares: "móveis quebrados, garrafas empilhadas, uma cadeira de balanço de palhinha rasgada que pertencera a meu avô, botas de montaria, tachos de cobre azinhavrados" (LUFT, 1981, p.45).

No quarto capítulo, intitulado *A Rainha da Neve,* a narradora distende seu recordar à prima: "Ela era o melhor de nós, nos preservava. Desmoronada a estátua, nos dispersamos." (LUFT, 1981, p.67). Anemarie, a neta predileta de Frau, que a desaponta, pois fora embora, fugira com o esposo da tia, deixando na casa enigmas e máscaras quebradas: papéis sociais atirados ao chão. Fica no espaço também a morte: falece Maria da Graça.

É aqui ainda que Gisela se mostra em suas dúvidas sobre o namorar, casar-se e ter filhos. Destaca ela as imagens que tem de alguns homens da família e de seu primeiro namorado: Leo, a quem amou muito mais como amigo do que como amante.

O capítulo *O peixinho dourado* marca a volta de Anemarie doente à casa de Frau. Agora a menina de cabelos lisos e pele alva era uma mulher desgastada pelo câncer que estraçalha a própria família Wolf. Ela, o modelo de perfeição que já fora quebrado, retorna trazendo as cinzas, as sujeiras do porão. Sua volta elenca um acerto de contas com a família, que ainda comandada por Frau, estilhaça-se em pedaços. E a anciã sem forças, velha e decrépita, não mais pode juntar os pedaços para recompor a máscara familiar e a reputação. Apenas lhe restam os cacos e quebradiços ao redor de si e frente a um caixão em que uma morta prepara-se para o cemitério habitar.

O parto é a hora fatal para Gisela. Hora em que mortes são relembradas: Frau e Leo não mais habitam o mundo dos vivos. Mas o que ela irá parir? Enquanto pensa, o pai também sozinho está num quarto, a empregada na sala. Decide que é hora de um ajuste de contas consigo mesma. E nada melhor para isso do que seu próprio quarto, local de onde partiu a narrativa e para onde esta retorna e se enrosca, adentrando paredes, cama e lençóis a fio. E agora já não está tão sozinha. Ao remontar cenas: costura pelas lembranças retratos e fatos em que por ela passaram: a avó, seus genitores, tios, tias, a prima, meninas e meninos cingidos às marcas e cicatrizes que o tempo lhe impõe. Neste porto, que é de chegada e de saída, de onde se parte e aonde se retorna.

Para Chauí (2001), doméstico e casa vêm do latim *domus*, local onde geralmente há um pai que sobre a família tem o *dominium.* E isso caracteriza a sociedade patricarcal. Mas nem sempre o patriarcalismo é exercido por um homem. Muitas mulheres também podem exercer o poder sem prezar pela igualdade, harmonia, e tiranizam o espaço onde coabita uma família, desempenhando atitudes de domínio quase irrestrito por sobre outros que estão à sua volta.

Quanto às mulheres da narrativa, enquanto os homens trabalhavam, elas ficavam em casa, com seus afazeres e comandando as empregadas. A família não sofre privações financeiras. A matriarca é dona de um enorme sobrado, cheio de quartos e móveis. Sobrado que também guarda o enorme e valioso relógio da família, sempre “acertado” pela avó que tudo tenta controlar, inclusive o tempo de todos ao seu redor.

Desta feita, os atos da avó são fruto de um sistema de valores e da própria cultura na qual estava inserida e sob a qual foi educada. Contudo, certas atitudes delas são ao ver da narradora extremas, ainda que “naturalizadas” no cotidiano familiar dos Wolf.

As construções identitárias da personagem principal entrecortam-se na infância pela educação familiar e as imagens da vizinhança e da escola. Nesta última, a protagonista vê-se

dividida entre as exigências do diretor, que afirma para ela se esforçar enquanto aluna, já que era descendente de “gente tão respeitada” (p.18), e as violências simbólicas, que colegas praticam para com e contra ela:

> Talvez por isso eu era objeto especial das implicâncias de outras meninas que, à semelhança de minha mãe, se chamavam Maria de Lourdes. “Nomes para criadas”, dizia minha avó. Naquele momento, no pátio da escola, odie-a por me fazer passar aquela humilhação. Por que o nome ambíguo? Quem era eu: Guísela ou Gisela? (LUFT, 1981 p.20).

A avó busca, segundo seus preceitos, “civilizar” a neta: “Frau Wolf fazia recomendações que eu sabia de cor [...]”. (LUFT, 1981, p.32). Bom exemplo para a teoria da socialização primária, que é definida pela imergência da criança em um universo social em que habita, o qual é seu código referencial ao objetivar os acontecimentos.

Essa imersão se faz a partir de um conhecimento de base que serve de código para que ela consiga objetivar o mundo exterior a partir da primeira socialização, que o indivíduo pratica na infância e através dessa experiência torna-se membro da sociedade à qual pertence. (BERGER; LUCKMANN, 1995).

A pessoa que convive com a criança repassa seus valores de acordo com a realidade e a concepção de mundo, interiorizados ao longo da vida, este adulto interagindo com a criança, faz com que ela “reproduza” certos conceitos e valores: “exercite-se um pouco, depois vamos verificar seus progressos, diz minha avó em alemão, pois não admite que se fale outro idioma com ela. Eu me exercito, desanimada porque nunca acertarei uma escala do começo ao fim”. (LUFT, 1981, p.14).

Para Frau, saber piano e violoncelo, gerenciar e comandar empregadas e a família são uma forma de se distinguir de todos a seu redor e dos brasileiros que habitavam as redondezas de seu sobrado, este que a partir de seus comandos, mais parece um castelo onde ela reina feito rainha em meio a súditos.

Socializada em meio a valores germânicos e frente à suposta superioridade da avó, Gisela não sabe a que sociedade pertence: teuto-brasileira? A avó não aceitaria tal adjetivo entre seus descendentes. Brasileira? Pior ainda. Alemã? A última, ratificada no microcosmos da casa da avó como nacionalidade ideal: “minha pele não era alva, afinal minha mãe era brasileira”. (LUFT, 1981, p. 56).

Diante disso, a protagonista desenvolve, inconscientemente, dificuldade de se tornar membro de uma sociedade. Para Berger e Luckmann (1995), o fato de o indivíduo assumir o mundo, no qual os outros já vivem, não é o resultado de criações autônomas de significados

por sujeitos isolados, mas passa a haver uma contínua identificação entre ambos. Assim que realiza este grau de interiorização é que o indivíduo se torna membro da sociedade.

Quanto à socialização secundária, esta é a interiorização de “mundos” institucionais, ou seja, pautada em instituições, e, geralmente, realidades parciais em contraste com o mundo básico adquirido na socialização primária. A escola é uma dessas instituições. Segundo os autores, o indivíduo passa por processos subsequentes que o introduzem já socializado em novos setores do mundo a sua volta. Isso não quer dizer que sejam sujeitos unificados.

Para Gisela, muitas vezes defrontar-se com o “mundo lá fora”, inclusive o da instituição escolar, soava feito um suplício, pois se na casa da avó era obrigava a apreender a cultura alemã, na escola por alguns colegas era hostilizada.

Em meio a estes embates, o que a protagonista faz diante da condição herdada? Enquanto indivíduo firma-se em padrões e valores acerca da concepção de haver uma “superioridade entre raças”, como pensava a avó? Tais questionamentos se constituem enquanto “pano para muita manga”. Afinal, mesmo diante de fortes condicionantes para que Gisela reproduzisse a trajetória familiar, estes talvez não determinem “seu destino”.

Na narrativa, Gisela se indaga sobre o próprio sentido de pátria. Frau sente essa falta: desse pai’: da pátria, da Alemanha que para a protagonista é a imagem de um desconhecido, mas a ser assimilado, um imposto, por quem não desenvolve muitos sentimentos de afeição: como não desenvolvera pelo avô, por não tenho conhecido nem dele ter muitas referências.

Se para Frau, a Alemanha está no plano da nostalgia, para Gisela está no plano do estranhamento. Como de início ela não se identifica com o referido país nem consegue, por conta das imposições da avó, apegar-se à cultura brasileira, sente-se a estranha, sem identidade: “e eu? eu era o desastre da família”. (LUFT, 1981, p.41).

Assim, a neta se via em conflito: ora com “mágoa” da avó, ora admirando sua altivez e buscando atender às suas exigências. Exigência de Úrsula Wolf que seria uma, entre muitos alemães, contrários à miscigenação. Mas Gisela é o protótipo dessa miscigenação, afinal é filha de um descendente direto de alemães com uma brasileira, nordestina, Maria das Graças, cujo nome combinava mais para empregadas, consoante discurso de Frau Wolf.

Bauman (2009) diz que a forma como se impõem as identidades é também um fator poderoso de estratificação. De um lado, estão os que podem fazer uso das benesses oferecidas por um sistema, no outro pólo abarrotam-se os que são proibidos do acesso ao poder, das escolhas: são oprimidos pelo imposto por outros. Àqueles Baumam nominaliza “subclasse” ou o “espaço abaixo do fundo”. A nora, na casa de Frau, por exemplo, parece uma agregada que incomoda.

Para Maria da Graça talvez não adiantassem súplicas nem seriam aceitos protestos, ainda que pleiteasse anulação do veredito dado pela sogra: era mestiça, por isso jamais conseguiria comandar bem os empregados: Uma boa dona de casa, para saber mandar, tem de saber fazer-sentenciava minha avó. E Maria das Graças Moreira Wolf fazia que sim sacudindo a cabeça com seus cabelos pretos crespos e lustrosos que eu invejava tanto. (LUFT, 1981, p.38). Interessante percebermos que se a narradora afirma "invejar" os cabelos da mãe. De Anemarie, a prima, "inveja" os comportamentos, por conta de estes agradarem à avó. A protagonista destaca ainda que mesmo sob ordens da sogra, sua mãe às vezes se mostrava alegre quando agradando aos familiares. Isso despertava-lhe reflexões variadas.

Frau Úrsula Wolf, pois, deixa as marcas de suas práticas educativas na memória e no cotidiano da protagonista. Aos olhos desta, a avó lhe parecia tão "insensível", a ponto que ela não "conseguia pensar em Frau Wolf dividindo a cama com um homem'' (LUFT, 1981, p. 35).

Ao seu entender, a avó mostrava-se hábil só para mandar e desmandar, controlar o ambiente da casa e a família, com seu "olhar profissional da boa dona de casa que policia se tudo está limpo e no lugar certo''. (LUFT, 1981, p.35).

Gisela crescera neste ambiente em que cabia às mulheres satisfazerem seus maridos, sem relutarem: "ensinava-me que as boas donas da casa adoçam a existência dos homens, que trabalham o dia todo e têm grandes responsabilidades (LUFT, 1981, p.37). E com isto sua mãe concordava, ao menos aparentemente. Num espaço em que não podia se posicionar caberia obedecer e cumprir desígnios, mesmo quando revela à filha suas dores frente ao doméstico: Tenho nojo de mexer em carne crua, Gisela, tenho nojo de tudo isso, carne, sangue, gordura, cozinha, tudo! Depois volta-se novamente para o trabalho[...] saio da cozinha revoltada. Nunca imaginei que agradar meu pai lhe custasse tanto. (LUFT, 1981, p.58).

Para Castro e Lavinas (2000), cada sociedade elabora seu tipo ideal de mulher, pela educação dada, segundo as condições necessárias para sua própria existência diante do meio no qual está inserida. Aos olhos da narradora, isso se presentifica no sobrado da alemã e na casa de seus pais onde também:

> Ser boa dona de casa significava entrar na cozinha, mexer em coisas desagradáveis, preparar, calcular, acertar, ouvir reclamações, suportar olhares de desaprovação. Correr para agradar a um marido, a uma família. À noite, na aparente quietude do quarto, outras inquietações aguardam as mulheres. (LUFT, 1981, p. 57).

Na trajetória de Gisela, conflitos não faltaram: as imposições da avó, com seu ar de superioridade *versus* o constatar da protagonista de que a família "era apenas um nome, baile de máscaras, talvez, sobretudo, uma aflição. (LUFT, 1981, p.67); sua repulsa pelo casar-se:

consequência da rejeição pelo próprio corpo e ao mesmo tempo pela “imagem” de as mulheres serem “usadas” pelos homens, como muitas da família e da vizinhança o eram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir famílias luftianas é mergulhar num terreno fértil para a compreensão das construções identitárias de suas personagens: em tramas e trajetórias individuais. Percursos esses, muitas vezes que, por serem do íntimo, do subjetivo, perfazem-se entre casas, espaço, a avó....

A protagonista de *A asa esquerda do anjo*, mesmo que tenha passado momentos angustiantes, ao seu dizer, no sobrado da avó, fornece-nos a impressão de que lá é também reduto de partes de suas identidades.

A própria indagação da protagonista acerca de seu “suposto lugar” refere-se a suas identidades de mulher, mas também se reporta à questão do pertencimento. Este último emana como um termo que envolve um movimento ininterrupto, algo que é tomado em um determinado tempo e espaço que podem ou não serem vindouros, desde que as contingências que desencadeiam o vínculo sejam suficientemente aceitas e reafirmadas pelo indivíduo. O verbo ser é trocado pelo estar, ou mesmo utilizado numa perspectiva que considera a transformação e a negação de identidades que antes foram instituídas pelo posicionamento individual e relacional dos papéis sociais que cada um desempenha em conformidade com suas escolhas. Tudo isso desaguando na trajetória da protagonista em sua busca identitária.

Através das recordações, enfim, acerca de acontecimentos vários e dessas personagens, Gisela compõe sua história, entre porões, quartos, janelas e cozinha de uma casa que mais que casa é um mundo: mundo de vivos e mortos: onde seus habitantes silenciam; não dialogam, desaguando em sua constituição identitária feminina.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Felicidade.** Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

BERGER, Ludwig Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 12. ed. Petrópolis: Vozes. 1995.

BRITTO DA MOTTA, Alda**. Viúvas:** o mistério da ausência. Estudos Interdisciplinares sobre envelhecimento. Porto Alegre, v. 7, 2005.

CASTRO, Mary; LAVINAS, L. Do. Marxismo, feminismos e feminismo marxista – mais que um gênero em tempos neoliberais. In: **Crítica Marxista. n. 11.** São Paulo: Boitempo, 2000.

CHAUI, Marilena de Souza. **Brasil:** mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

LUFT, Lya. **A asa esquerda do anjo**. Rio de Janeiro. Editora Record, 1981.

LUFT, Lya. **As parceiras**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1980.

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS: análise das influências que interferiram no comportamento da personagem Leonardo

Roalysson Correia Silva[23]
Luciana Novais Maciel[24]

RESUMO
A presente pesquisa procura abordar uma problemática sobre o romance de Manuel Antônio de Almeida, Memórias de um sargento de milícias, em 1854. Levando em consideração o enredo e o desenrolar da trama, a trajetória e uma análise sobre o efeito causado por um desenvolvimento familiar conturbado que influenciaram no comportamento da personagem principal, Leonardo.Partindo da condição social do protagonista, verificou-se a relevância do contexto histórico para que o enredo pudesse ser desenvolvido. Observou-se vários aspectos do comportamento da sociedade brasileira do século XIX, como corrupção na milícia, o "jeitinho" malandro de se resolver os problemas no Brasil, as relações de camaradagem, dentre outros. Tendo a presente pesquisa por base a leitura de tal obra buscar uma fundamentação teórica a partir do que se revela sobre a inserção de valores comportamentais e éticos, nos quais não fogem do cunho literário, mas estão também muito presentes em uma relação psicológica, partindo do pressuposto apresentado por Candido (1965), quando relaciona o texto literário à sociedade, num diálogo entre conteúdo externo e interno, ou seja, os fatores ligados à sociedade e que interferem de maneira imediata na construção e desenvolvimento da obra literária.

PALAVRAS-CHAVE: Comportamento. Jeitinho Brasileiro. Leonardo. Milícias. Sociedade.

INTRODUÇÃO

O livro *Memórias de um Sargento de Milícias* (1854), escrito por Manuel Antônio de Almeida, aborda a vida na cidade do Rio de Janeiro, em meados do século XIX, sendo a primeira obra a desenvolver a figura do malandro na literatura brasileira.

A dada obra, com o confuso desenrolar da trama, vai abordando diversos temas que podem ser muito bem percebidos pelo leitor, temas estes nos quais fazem referências a problemas que aconteciam e acontecem ainda hoje no cenário mundial, a exemplo do adultério e da corrupção.

Segundo Candido (2006, p. 27) Sainte-Beuveapud Rene Bady (1943):

> O poeta não é uma resultante, nem mesmo um simples foco refletor; possui o seu próprio espelho, a sua mônada individual e única. Tem o seu núcleo e o seu órgão, através do qual tudo o que passa se transforma, porque ele combina e cria ao devolver à realidade.

[23] Acadêmico do curso de Letras Português/Espanhol, cursando o 2º período.
[24] Professora Orientadora, Mestre em Literatura Brasileira, leciona na Faculdade Pio Décimo

Neste sentido, através da presente obra pode-se pensar diversas problemáticas que estão em voga nasociedade, pois a literatura é vista com a função para servir como uma leitura (estética) da realidade, possibilitando uma reflexão com olhares éticos e estéticos do mundo, do outro e de nós mesmos.

Sendo assim, o objetivo do presente artigo é fazer uma análise de Leonardo – o principal personagem da trama – tendo como foco as influências que o meio em que o personagem viveu, contribuiu para a construção de sua personalidade, refletindo assim em suas ações e modo de relação consigo mesmo e com os demais personagens do livro. Com isso, buscar-se-á também refletir acerca dessa problemática, fazendo relações com a realidade, ou seja, usando o romance como uma possível forma de leitura do mundo em que se vive.

RESUMO DO DESENROLAR DE *MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS*

O principal personagem do romance (Leonardo) é um indivíduo que desde sua infância já era bastante travesso e tinha faro por atrair confusão. O mesmo nasceu do romance entre Maria das Hortaliças e Leonardo-Pataca, cuja trama diz seu nascimento ser originado de uma pisadela e um beliscão entre ambos enquanto vinham em um barco da cidade de Lisboa/Portugal, tendo como destino o Brasil.

Algum tempo depois, ocorreram confusões entre o casal, por ciúmes de Leonardo-Pataca e infidelidade de Maria das Hortaliças, levando a mesma fugir com o capitão do navio que os trouxe ao Brasil. Esses fatos causaram revolta em Pataca que passou a se relacionar com uma cigana, deixando o pequeno Leonardo meio perdido em sua vida e indo morar com seu padrinho.

Logo que fora morar com seu padrinho, Leonardo estava bastante acanhado, pois o ambiente havia mudado. Depois de um tempo acostumou-se e voltou a aprontar bastante, principalmente na barbearia, cujo dono era seu padrinho, o qual tinha um grande afeto pelo menino e em suas travessuras não achara mais do que graça, até mesmo em suas piores travessuras.

Leonardo participa das atividades da igreja juntamente ao Padre, que aparentava ser um homem santo, mas era um grande pecador, e até mesmo rouba a Cigana de Pataca. O menino aprontando uma das suas travessuras, age de má fé ao padre mentindo a ele sobre o horário que deveria estar na missa, ocasionando uma grande confusão. Pataca consegue novamente ficar com a Cigana quando desmascara o Padre, o fazendo ser preso por Major Vigidal.

O Barbeiro cria um laço de amizade com uma rica mulher, a Dona Maria, que por sua

vez tinha uma sobrinha que a pouco tempo estava morando com ela. Leonardo, já mais crescido, fica apaixonado por essa menina, a Luisinha, que a princípio era bem tímida.

Após um tempo Pataca é traído novamente pela Cigana, e passa a se envolver com a filha da Parteira; e Leonardo volta a morar com o pai, mas depois de um tempo foge após tantas brigas com a nova esposa de seu pai.

Leonardo, já mais crescido, obrigado pela polícia, passa a servir ao exército. Depois de aprontar mais uma travessura, das diversas que aprontara dentro do exército, foi preso por Vigidal e jurado de receber chibatadas. A Parteira consegue salva-lo juntamente com a ajuda da antiga amante de Vigidal. Leonardo é perdoado e ainda consegue uma promoção a sargento do exército. Após isso acontecer, Leonardo e Luisinha se reencontram e melhorestabelecido financeiramente e fisicamente se envolvem e unem suas heranças, terminando o enredo juntos.

ANÁLISE DO PERSONAGEM: reflexões acerca da personalidade de Leonardo

Verifica-se no romance ora apresentado, que o autor estabelece uma representação do que se configurava o Brasil em seu período monarca do século XIX, cujo processo de mudança do poder político que iria continuar a reger o país começava a implicar em confusão e complicação para os que aqui habitavam. Entender o que de fato seria República estava deixando a população vulnerável aos corruptos e corruptores.

Diante deste contexto político é possível observar que a criação de um personagem “malandro”, no sentido literal, o que se entende por aquele que sabe contornar seus deveres e se oportuniza dos mais fracos e bondosos. Configurando ainda o perfil muitas vezes lido pelos escritores, o do “jeitinho brasileiro” principalmente para resolver problemas relacionados à economia e à política.

É possível observar, então, o posicionamento de Candido (1965) para iluminar esta análise, levando em consideração a afirmação feita por ele, referindo-se ao contexto que envolve uma narrativa de que “o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto *interno*” (1965, p.4). Pode-se assim entender que o contexto social, a vivência que o autor tem do seu mundo, é transportado e redimensionado no texto literário, sendo moldado através da forma, através da estética no romance. A maneira como esse fato se dá é compreensível através do que Magalhães afirma sobre a expressão da Arte relacionada à História, a partir do momento em que aquela passa a “refletir o ser social sobre sua própria existência”, sendo que “não é a história porque o autor resolveu contar o seu

tempo, mas porque ele reflete sobre o seu tempo e as possibilidades de ultrapassá-lo" (MAGALHÃES, 2002, p.70).

Nesse contexto, Candido remete a organização do texto literário, principalmente do romance, ao que Aristóteles (2002) chamou de *mimeses,* ou seja, o processo de recriação da realidade a partir da imitação no texto literário com aspectos verossímeis, sem romper com o que a realidade oferece ao escritor bem como ao leitor.

Ressalta-se aqui o valor específico que a arte literária tem em si, juntamente com a interação autor-obra-público, a de transformar a realidade em ficção, de forma ilusória, através do fator estético que reformula no texto as ações e os sentimentos dos seres. Até mesmo as necessidades humanas passam a ter uma forma poética através de manifestações altamente estetizadas.

É importante observar, porém, o posicionamento do autor frente aos fatores históricos, tendo na obra o resultado das suas reflexões no que diz respeito à forma e ao conteúdo, pois já que é sabido que os estudos feitos acerca da obra literária sempre "procuravam mostrar que o valor e o significado de uma obra dependiam dela exprimir ou não certo aspecto da realidade, e que este aspecto constituía o que ele tinha de essencial" (CANDIDO, 1965, p.4). Para tanto, faz-se necessária a integração das categorias literárias com os aspectos sociais devendo o crítico estar sempre atento para o fato de que o escritor tem a sua própria visão da realidade, embora seja livre para construir uma narrativa sem explicitar a sua opinião a respeito do que está sendo escrito.

O romance, então, por esta perspectiva, é entendido como a materialização inventiva de possíveis acontecimentos que dependem de nosso conhecimento de mundo e da nossa experiência de vida para existir. Para melhor situar o romance na evolução da literatura, segundo Lukács a forma romanesca abrigará um herói mais preenchido pela sua essencialidade, ligado à realidade do dever ser da vida. Para ele, este mesmo indivíduo, que nas epopéias era figurado como ser mitológico, como semideus capaz de resolver os diversos problemas, na contemporaneidade age de forma contrária: o herói está inserido em um espaço de total degradação, classificado como problemático, sendo o símbolo dos conflitos da sociedade, do tempo, da realidade, do destino. (LUKÁCS, 1962).

Desde então a individualidade do sujeito imanente passa a ser problematizada, pois passará à representatividade do seu estado de alma e a sua interioridade, os seus ideais. Esse processo se dá na forma interior do romance, corroborando o que Lukács ao afirmar que tal processo "é a marcha para si do indivíduo problemático, o movimento progressivo que o leva a um claro conhecimento de si" (1962, p.90).

Através desta certeza, o autor, criador do romance, passará a declarar em sua escrita o essencial da alma, construindo um herói afastado do mundo dos deuses, ao contrário do que ocorre na epopeia. A aventura de descoberta da essência da vida pode ser encontrada no romance, assegurando a descoberta de si mesmo, da imanência, expressada e contida nas experiências vivenciadas pelo autor. É precisamente como Almeida construiu a personagem Leonardo, este representando o caos estabelecido na sociedade carioca do século XIX, cuja reflexão também é lida diante do contexto social em que o país se encontra na atualidade.

Sendo assim, lê-se a personagem Leonardo, filho de Leonardo-Pataca e Maria das Hortaliças, um jovem que desde sua infância esbanjava peraltices e sempre se mostrou uma criança travessa que fazia tudo o que podia para se divertir a custa de suas brincadeiras, sempre envolvendo as pessoas ao seu redor, como fora ressaltado no resumo da obra. Desde pequeno convivia em um meio familiar conturbado em desconfianças e brigas entre seus pais, brigas estas que levaram a separação do casal por conta de ciúmes e traição por parte de Maria das Hortaliças, que foge com o capitão do navio que foi o cujo local de encontro e começo de envolvimento entre os pais do menino Leonardo. A criança logo fora morar com seu padrinho, que o mimava e lhe dava liberdade de aplicar suas travessuras sem receber nenhum tipo de punição.

Pode-se, assim, fazer uma análise da personagem através de sua dada história de desenvolvimento dentro dos meios em que conviveu. Mesmo que a obra de Manuel de Antônio de Almeida não deixe claro que o crescimento mental do protagonista foi abalado durante o período de seu crescimento, pelas brigas e pela separação de seu pai, pode-se notar, por uma análise à grande necessidade que Leonardo sentia em agir com travessuras pode-se dizer que o mesmo sentia essa necessidade por conta da lacuna deixada por seus pais, pelo carinho e atenção que não teve das pessoas mais importantes para uma criança que ainda está descobrindo as maravilhas vida, os seus pais.

Levando em conta o pensamento de Aristóteles sobre mimeses, no qual pode-se fazer uma grande referência ao que a personagem tentava expressar em suas travessuras, Aristóteles ao informar sobre a possibilidade que os homens olham para as imagens e reconhecem nelas uma representação da realidade(ARISTÓTELES, 2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o objetivo do presente artigo foi relacionar a vida da Personagem Leonardo com os problemas mundanos e sociais nas quais foi exposto desde sua infância, o

levando a seguir uma vida regrada de problemas que o mesmo causava a si; mimeticamente pode-se relacionar Leonardo como um aproveitador de oportunidades, uma delas foi a que lhe tornou um Sargento Militar, fazendo assim uma referência a realidade da sociedade do século XIX, a parte da realidade corrupta, que visava seus bens particulares, não se diferenciando muito nesse aspecto aos tempos atuais, no qual há questões praticamente idênticas, porém de uma visão de discussão mais e de enfoque mais amplo, colocando mais a tona toda a repercussão do tema corrupção dentro do meio social.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Manuel Antônio. **Memórias de um sargento de Milícias.**2.ed. São Paulo: Ática, 1996.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade:** estudos de teoria e história literária. São Paulo: Editora Nacional, 1965.

LUKÁCS, Georg. **Teoria do romance**. Trad. Alfredo Margarido. Lisboa: Presença, 1962.

MAGALHÃES, Belmira. História da representação literária: um caminho percorrido. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**. Maceió, n. 6, UFAL, 2002.

_____. Umdiálogo entre a realidade e a arte: a estética Lukácsiana e Graciliano Ramos. **Leitura, Literatura e Sociedade**. Maceió, n. 24, jul.–dez. 1999, EDUFAL, 2002, p. 39-64.

A NARRATIVA LITERÁRIA DE JOAQUIM MANUEL DE MACEDO, *A MORENINHA*

Maria Ione Santos de Jesus[25]
Luciana Novais Maciel[26]

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo uma análise literária do romance *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, publicado no ano de 1844.Teve como base de estudos bibliográficos, a História da Literatura e a Estrutura Narrativa buscando retratar a sociedade do Rio de Janeiro no século XIX, como as culturas, as crenças e as tradições que influenciaram o comportamento das mulheres nesse mesmo século em que será discutido o modo como elas eram vistas perante a sociedade de acordo com suas escolhas para o modo de vida, como o trabalho fora de casa, por exemplo, como elas reagiam ao preconceito. Também será apresentada uma breve biografia do autorquando nasceu e morreu, buscando as relações possíveis com a narrativa. Será analisada a estrutura literária do romance, o tempo em que a história acontece, o espaço ou o ambiente em que todo o romance é desenvolvido, a linguagem que era falada no século XIX, o clímax e o desfecho do romance, o tipo de narrador que conta a história, como também o foco narrativo e os personagens com suas características mais importantes. A obra é uma mistura de comédia e romance, em que há momentos de muitas travessuras entre os personagens, pequenas intrigas, com uma bela história de amor com um final feliz e vitória no amor. Por fim a identificação das características que tornam essa obra um romance.

PALAVRAS-CHAVE: Comportamento Feminino. Comportamento no século XIX.Estrutura Narrativa.

O passado é um livro imenso cheio de preciosos tesouros que não se devem desprezar; e toda a terra tem sua história mais ou menos poética, suas recordações mais ou menos interessantes, como todo coração tem suas saudades.
Joaquim Manuel de Macedo[27]

Apresentação

O presente trabalho mostra alguns aspectos literários sobre a obra de Joaquim Manuel de Macedo. É interessante entende-los, pois há uma forte ligação com a literatura brasileira, tem o intuito de aprofundar-se na obra e conhecer seus detalhes mais específicos.

A Moreninha (1844), é um dos principais romances brasileiros, escrito por Joaquim Manuel de Macedo. Escritor brasileiro que nasceu no Rio de Janeiro na cidade de Itaboraí em 1820 e morreu em 1882 aos 61 anos de idade. Era formado em medicina, na qual nunca exerceu a profissão, mas seguiu carreira como deputado provincial geral e foi professor de

[25] Graduanda do curso de Letras Português/Espanhol da Faculdade Pio Décimo
[26]Professora Mestre do Curso de Letras da Faculdade Pio Décimo
[27] MACEDO, Joaquim Manuel de. Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro. Introdução, p.27,

geografia e história, profissões, completamente, diferentes do que ele previa.(Moraes, 2004 p.88)

O livro é centrado no romance entre Augusto e Carolina, ou seja, é um dos pilares da literatura brasileira na qual retrata as crenças do Rio de Janeiro no século XIX; os estudantes de medicina, as festas e as tradições, como a festa de Sant'Ana (tradição religiosa). Tem estilo fluente e leve, que beira o desleixo, tramas fáceis, pequenas intrigas de amor, mistério e final feliz, com a vitória do amor que é, sem sombras de dúvidas, uma das características que torna essa obra como romântica e, também, a idealização do amor puro, que nasce na infância e permanece apesar do tempo.

Moraes (2004, p.89) diz que "alguns críticos consideram o romance como folhetinesco sobre os namoros e vida social da corte." De fato isso é verdade, considerando que o romance é uma mostra da realidade brasileira em que moderniza o país, para que assim não fique dependente dos costumes agregados aqui pelos portugueses.

Foi o primeiro romance brasileiro, um dos motivos para estar entre os principais. É essa obra que dá os primeiros passos para o Romantismo no Brasil. Um movimento histórico que surgiu na Europa no século XVIII. Ocorreu quando a Família Real veio ao Brasil o que deu partida, também a literatura brasileira. Nos mostra uma visão de mundo que tem como foco o individuo. No Romantismo os autores costumam retratar os dramas e as tragédias amorosas como amores impossíveis, por exemplo. Portanto, o século XIX, é marcado também pela emoção que o romance proporciona ao leitor.

O título do livro foi dado pelo próprio protagonista da história, o personagem Augusto, em homenagem a D. Carolina. Durante toda a história, evidenciam-se os traços da protagonista, principalmente a cor do rosto: pele morena. Por isso, as pessoas mais íntimas chamavam-na de Moreninha:"— Sim... todos nós gostamos de chamá-la a Moreninha." (MACEDO, 1844,p.23)

A história gira em torno de uma aposta que quatro estudantes de medicina fizeram no Rio de Janeiro no século XIX. Um deles é Augusto que ao negar entregar-se ao amor por uma única mulher, passa a ser desafiado pelos amigos, pois consideram um absurdo ser capaz de nunca querer amar uma única mulher. [...] "afirmo, meus senhores, que meu pensamento nunca se ocupou, não se ocupa, nem se há de ocupar de uma mesa moça durante quinze dias." (MACEDO, 1844, p.9)

Prosseguindo ao desafio ora lançado o estudante Filipe o convida e os outros dois amigos, Fabrício e Leopoldo, para passar um fim de semana em uma ilha a que pertence a sua

avó, D. Ana. “Estou habilitado para convidá-los a vir passar a véspera e dia de Sant’ Ana conosco na ilha de [...]” (MACEDO,1844, p. 6)

No momento da chegada à casa de praia na ilha de..., para uns Paquetá, eles encontram as primas de Filipe e sua irmã, D. Carolina, que é *A Moreninha*. Como Augusto era muito namorador e convencido, antes de irem para ilha, Filipe propõe-lhe um desafio, em que, se ele namorar com uma das meninas e se apaixonar até 15 dias, ele se comprometerá a escrever um romance sobre sua primeira história de amor duradoura. Augusto aceita ao desafio, achando que irá ganhar a aposta.

> No dia 20 de julho de 18... na sala parlamentar da casa nº; ... da rua de..., sendo testemunhas os estudantes Fabrício e Leopoldo, acordaram Filipe e Augusto, também estudantes, que, se até o dia 20 de agosto do corrente ano, o segundo acordante tiver amado a uma só mulher durante quinze dias ou mais, será obrigado a escrever um romance em que tal acontecimento confesse; e, no caso contrário, igual pena sofrerá o primeiro acordante. Sala parlamentar, 20 de julho de 18... Salva a redação. (MACEDO, 1844, p.10)

Apesar de Augusto garantir que não correrá esse risco, no final do livro ele está de casamento marcado com Carolina, que ele havia conhecido quando eram crianças em uma viagem que ele fizera com a família, no entanto, não sabia que era ela. Ele e a menina brincavam na praia, quando conheceram um homem moribundo que precisava de ajuda. Os dois ajudaram ao homem e como forma de agradecimento, o homem deu a Augusto um botão de esmeralda envolvido numa fita branca, o qual pertencia a D. Carolina e deu a menina o camafeu de Augusto envolvido numa fita verde. O objetivo do velho era que os dois breves unissem os dois para sempre, fazendo uma prece para eles.

> - Ide meus meninos; crescei e sede felizes! Vós olhastes para minha mãe, olhaste para meus filhos, olhaste para mim, pobre e miserável, e deus olhará para vós... ah! Recebi a benção de um moribundo!... recebei-a e sai para não vê-expirar [...] (MACEDO, 1844,p. 35)

Essa era a única lembrança que tinha da menina, pois não havia lhe perguntado nem o nome. Ao ver-se apaixonado no final do romance, Augusto fica confuso e preocupado, porém não percebe que estar perdendo a aposta que fez com Filipe. Até que Carolina mostra o seu camafeu, e os dois descobrem que já se conheceram no passado. Os dois ficam juntos e o romance que deveria escrever já está pronto. Nas linhas finais da obra, o próprio Augusto nos informa seu título: "A Moreninha".

A obra nos aspectos literários

O livro é dividido em 24 capítulos, na qual o romance pode ser lido de forma prazerosa, os episódios são completos, em que Joaquim Manuel de Macedo faz questão de apontar cada detalhe do romance.

O clímax acontece no momento em que Carolina mostra o camafeu a Augusto e os dois percebem que eram as crianças que tinham feito uma promessa de que iriam se casar.

> A menina, com efeito, entregou o breve ao estudante, que começou a descosê-Lo precipitadamente. Aquela relíquia, que se dizia milagrosa, era sua última esperança; e, semelhante ao náufrago que no derradeiro extremo se agarra à mais leve tábua, ele se abraçava com ela. Sé faltava a derradeira capa do breve.., ei-la que cede e se descose alta uma pedra... e Augusto, entusiasmado e como delirante, cai aos pés de d. Carolina, exclamando: — O meu camafeu!…O meu camafeu!...” (MACEDO, 1844, p.95)

Esse foi o momento em que Augusto viu o camafeu que D. Carolina o mostrara, os dois, então, perceberam que eram as crianças que tinha se conhecido a alguns anos atrás. Logo, nada mais os impediriam de ficarem juntos. Este trecho é, com certeza, o mais importante pois, é onde provoca os sentimentos do leitor no momento em que ler a obra.

O desfecho acontece no finalzinho do romance, quando Augusto e Carolina estão de casamento marcado em que ele perde a aposta para Filipe e é obrigado a escrever o romance. “— Estamos no dia 20 de agosto: um mês!” (Macedo, 1844, p.96). Neste trecho, é Filipe quem lembra a Augusto sobre a aposta feita e sobre a data que estava determinada o fim da aposta.

A linguagem é simples e objetiva, mas com várias aplicações aprimoradas. É também, uma metalinguagem, pois é um romance que fala de outro romance. Entretanto, Macedo faz um exagero no uso de adjetivos, para que assim possa manter a fidelidade com a época. “[...] Seu moral era belo e lânguido como seu rosto; um apurado observador, [...]” (MACEDO, 1844 p.22)

O narrador é observador em terceira pessoa, pois não participa da história, mas está em toda parte e em todo momento, portanto, é também um narrador onisciente. “Seriam pouco mais ou menos onze horas da manhã, quanto o batelão de Augusto abordou a ilha de...” (MACEDO, 1844p.15)

No romance, o tempo é cronológico em que toda a história acontece em mais ou menos três semanas e meia, os dias em que a aposta era válida. Há apenas uma volta ao passado que é quando Augusto e Carolina eram crianças. “Ela estava a borda do mar e seu rosto voltado para ele; aproximei-me devagarinho. Uma criança viva e espirituosa...” (MACEDO, 1844, p. 31) Esta cena ocorreu no momento em que Augusto e Carolina se Conheceram, ou seja, na infância.

Quanto ao espaço, é um ambiente físico, em uma ilha, na qual o autor não menciona o nome."A ilha de... é tão pitoresca como pequena (...)" (MACEDO, 1844, p.21). Porém, para alguns a ilha se chama Ilha de Paquetá.

Tem como foco narrativo o Augusto, que escreveu o romance depois de ter perdido a aposta, mesmo assim, narra em terceira pessoa.

> —Minha avó, exclamou Filipe, isso quer dizer que Augusto deve-me um romance.
> — Já está pronto, respondeu o noivo.
> — Como se intitula?
> — A Moreninha. (Macedo, 1844, p.96)

A importância para a obra e a repercussão no leitor é que a utilização deste tipo de narrador causa o aprofundamento psicológico das personagens, o que nãoocorreria se o narrador não fosse assim ou em 1ª pessoa.

A condição das personagens

O romance *A Moreninha* apresenta dois personagens principais planos, que são Augusto e D. Carolina.

Augusto é um jovem estudante de medicina que está sempre feliz é namorador e inteligente. Sua vida resume-se em um juramento amoroso que ele fez na infância, em que prometeu casar com uma menina, e que irá até o final da história. É um jovem decidido, faz de tudo para cumprir sua promessa até encontrar sua amada mulher.

D. Carolina, "*A Moreninha*" é muito inteligente e está sempre lutando para conseguir seus objetivos. É a encarnação da índia Ahy que está à espera do seu grande amor Aoitin. Vive um romance com Augusto. Ela quem entrega o camafeu a Augusto e os dois descobrem que já se conheciam desde a infância.

Os personagens secundários são necessários para colocar toda a história em movimento e dar informações fundamentais para a trama.

Filipe é irmão de Carolina, amigo de Augusto, neto de D. Ana e estudante de medicina. É ele quem propõe a aposta com Augusto, na qual ele deveria escrever um romance, caso perdesse.

Fabrício também é amigo de Augusto e estudante de medicina. Na trama, apaixona-se por Joaninha, porém quer desistir dela por exigir tanto dele. Pede ajuda a Augusto para livrar-se da namorada, porém o jovem estudante recusa, criando uma pequena intriga com Fabrício.

Leopoldo, amigo de Augusto, Filipe e Fabrício, também é estudante de medicina. Também viaja com os amigos para a ilha da avó de Filipe

D. Joaninha é prima de Filipe e D. Carolina é também namorada de Fabrício. Fazia muitas exigências do estudante, o que fez com que o romance deles fracassasse.

D. Quinquina, assim chamavam as suas amigas, é meiga, terna, pudibunda e mostra ser muito modesta.

D. Clementina, é muito diferente de D. Quinquina, assim como D. Carolina é travessa e tem um pouco de malicia.

D. Ana é avó de Filipe e D. Carolina, é uma senhora muito bondosa, tem sessenta anos de idade. Consagra sua vida a sua neta D. Carolina em que seu coração é um templo da amizade consagrado a sua neta. Dar uma grande ajuda para a concretização do romance ente Augusto e Carolina.

D. Violante é uma senhora amiga de D. Ana. Com sessenta anos de idade apresentava um carão capaz de desmamar a mais emperrada criança. Chegou a ser motivo de tédio para Augusto em que falou sobre toda sua vida no primeiro de visita a ilha.

Tobias é escravo, criado de D. Joana, prima de Filipe. É negro, tem dezesseis anos e fiel ao seu dono.

Paula é a ama-de-leite de Carolina na qual tinha muito por ela,

Rafael: é escravo, criado de Augusto, espécie de pajem ou moleque de recados.

No discurso aristotélico há a*mimesis*, estetermo por muito tempo foi definido como representação do real. Esse conceito de Aristóteles marcou por muito tempo as tentativas de conceituar as características e valores dos personagens. (BRAIT, 1985, p. 28-46). A autora ainda afirma que:

> Tanto o conceito de personagem quanto a sua função no discurso estão diretamente vinculados não apenas à mobilidade criativa do fazer artístico, mas especialmente à reflexão a respeito dos modos de existência e do destino desse fazer. Pensar a questão da personagem significa, necessariamente, percorrer alguns caminhos trilhados pela crítica no sentido de definir seu objeto e buscar o instrumental adequado à análise e à fundamentação dos juízos acerca desse objeto. (BRAIT, 1985, p. 28-46)

Para que isso aconteça faz-se necessário a busca de grandes teóricos para uma melhor compreensão dos personagens. Dentre esses teóricos, Aristóteles, faz uma boa definição sobre personagem.

O Comportamento da Mulheres no Século XIX

O romance de Joaquim Manuel de Macedo, *A Moreninha*, tinha como público alvo as mulheres burguesas do século XIX, que eram, obedientes e servidoras. Não podiam desrespeitar as regras e as que o faziam teriam que lutar contra o preconceito para ter sua

liberdade. Eram submissas ao homem, teriam que ser fieis e preservar o casamento, para que assim não precisasse chegar ao divórcio. (MACHADO, 2004)

O divórcio, hoje em dia, é algo muito comum. O casal tem o direito a dissolução do casamento caso não tenha dado certo. Sobre isto Fawcett, citado por Machado, dar um breve conceito do divórcio em 1857:

> Em 1857 a lei do divórcio foi aprovada e, como é bem conhecido, definiu legalmente diferentes parâmetros morais para homens e mulheres. De acordo com essa lei, um homem poderia obter a dissolução de seu casamento se ele pudesse provar um ato de infidelidade de sua esposa; porém uma mulher não poderia desfazer seu casamento a não ser que pudesse provar que seu marido fosse culpado não apenas de infidelidade, mas também de crueldade. (FACEWTT, 1911, *apud* MACHADO 2004, p.1)

Entende-se que, as mulheres dessa época não tinham os mesmos direitos dos homens. Hoje, se pararmos para perceber, no século XXI, tanto o homem quanto a mulher devem ser submissos um ao outro, porém os dois tem o direito de decidirem se querem os divórcio ou não.

Quanto a educação, poucas mulheres conseguiam estudar e essas que conseguiam teriam que ser com professores particulares contratados por seus pais parar terem aulas em casa (Santos e Oliveira, 2010). Nota-se então que, na sociedade do século XIX não era aceitável que a mulher estudasse, pelo simples fato de que ela poderia entrar para o mercado de trabalho, e com isso, abandonar seus filhos e marido. Santos e Oliveira (2010) dizem ainda que, a mulher, caso trabalhasse, era excluída da sociedade até mesmo aquelas que fossem da elite.

Neste sentido, houveram estas e muitas outras mudanças no comportamento das mulheres do século XIX até o século XXI, em que a mulher agora é vista como mãe, esposa, dona de casa e ainda tem o direito de estudar e ingressar no mercado de trabalho. Porém o índice de violência contra a mulher não tem melhorado, as mulheres sofrem mais a cada dia. Sobre este assunto, é de fundamental importância o que Heise (1994) citada por Coelho e Ferraz (2007) sugere:

> A agressão contra as mulheres é apontada como uma causa importante em casos de morbimortalidade, e na sua concepção o setor saúde deve atuar no combate à violência contra a mulher, podendo ser efetuada a partir de medidas no desenvolvimento de pesquisas, em notificações, organização de serviços de referência para as vítimas, ou mesmo atuando na busca de soluções com propostas de intervenção. (Heise 1994 *apud* Coelho e Ferraz 2007)

É interessante essa teoria de Heise (1994), pois se o setor saúde tiver uma boa ação sobre o problema e desenvolver pesquisas para resolver a tal situação, era de certo que não

iria eliminar a violência, porém se as medidas forem tomadas corretamente, de certo modo, o índice diminuiria.

Considerações Finais

Conclui-se que a obra de Joaquim Manuel de Macedo, *A Moreninha*(1844), teve uma grande repercussão na história da literatura brasileira e, sem dúvidas, no romantismo. Foi de grande sucesso, em que o autor fez questão de expor até os mínimos detalhes do romance dos personagens, desde a infância até a juventude e as representações dos costumes e crenças no Rio de Janeiro durante o século XIX. É uma obra que apresenta os esquemas dos romances iniciais, com tramas intrigas em que dar uma paginada nos romances da realidade. Com estas características em seu romance, Macedo consegue ser um dos escritores mais lidos no Brasil.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, N. C. **A Arte de Ensinar**. 2008. Disponível em <http://profnubiacavalcantedealbuquerque.blogspot.com.br/2008/06/resumo-moreninha.html> Acesso em 3 out 2015.

BRAIT, B.**A personagem.** São Paulo: ática, 1985. Série Princípios. (p. 28-46)

CANDIDO, A. **O Romantismo no Brasil**. São Paulo. Humanitas/FFLCH. 2002. 105 p.

CARDOSO, João Marcos.**Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin**. São Paulo.

MACHADO, J.L.A.**A situação das mulheres no século xix: Depoimentos e reportagens da época**. Planeta Educação. 2004. Disponível

MACEDO, J. M. **A Moreninha.** Santa Catarina. Avenida, 2012. 96 p.

MORAES, D. Z. **"A “tagarelice” de Macedo e o ensino de história do Brasil**”. História. 23.1-2 (2004): 85-107.

SANTOS, V.S, OLIVEIRA, M. P. S. **A educação da mulher no século XIX**. 2010. Disponível em<http://www.webartigos.com/artigos/a-educacao-da-mulher-no-seculo-xix/52658/> Acesso em 7 set 2015.

A POÉTICA CONTEMPORÂNEA DE MÁRIO JORGE: O REI DA REVOLIÇÃO

Pâmela Ellen dos Santos Lima[28]

RESUMO

A referente pesquisa demonstra a reflexão sobre o estudo da literatura concreta, nos apresentando uma poesia viva, transgressora e autêntica surgida por meio das influências diretas das Vanguardas Poéticas, tais como: poesia concreta, neoconcretismo, poesia práxis, poema processo, poesia social, tropicalismo e a poesia marginal. Bem como o aumento da expectativa de uma vivacidade literária fundamentado em riquezas transgressoras de criações de palavras transformadas em poesias, para fins de comunicação e de interação social. A literatura está vinculada a sociedade, sendo, relações dinâmicas entre escritor, visto que é através dela que os artistas transmitem sua obra em uma veracidade de sentimentos e ideias do mundo, levando o leitor a reflexão para até mesmo intervir na realidade, proporcionando assim, um processo de transformação social. O presente trabalho objetivou compreender a literatura concreta, o qual se buscou apreender a significação do concretismo através do poeta sergipano Mário Jorge de Menezes Vieira (1946-1973). Foi através da pesquisa bibliográfica e documental que a análise pôde ser realizada, levando-nos a concluir que ser um literário vai além de uma reunião de palavras e ideais, é uma rotulação social, é vivenciar as várias fases da vida e construir um legado ao longo do tempo.

Palavras-chave: Concretismo; Contemporaneidade; Literatura.

[28] Graduada no curso de Licenciatura em Letras Português/Espanhol da Faculdade Pio Décimo.

EIXO TEMÁTICO 2:
Ensino de Língua Espanhola

O PROJETO DE LEI Nº 1676/99 DO DEPUTADO ALDO REBELO

Maria José Santana Souza[29]
Franklin Lima Santos [30]

RESUMO
No presente trabalho apresentamos como ponto de discussão o projeto de Lei Nº 1676/99 do deputado Aldo Rebelo que proíbe o uso dos estrangeirismos na língua portuguesa do Brasil. Para isso, trouxemos discussões e teorias sobre esse projeto proposto pelo deputado Aldo Rebelo, que observa os estrangeirismos como uma ameaça à língua portuguesa, contrapondo com o posicionamento de linguistas que pensam nos estrangeirismos apenas como fator enriquecedor da nossa língua. Após confrontarmos os resultados encontrados nesses levantamentos e, ainda, com base em teóricos que tratam sobre o tema aqui em questão também explorados para ressaltar nossas assertivas, a exemplo de Mendes (2009), Bagno (2001), Faraco (2011), entre outros, constatamos que o projeto de lei não foi aprovado, pois os linguistas trouxeram argumentos precisos quanto à ideia trazida pelo então deputado de proibição do uso de estrangeirismos na Língua Portuguesa no Brasil, segundo eles não basta tão somente criar um recurso qualquer, como, no caso do projeto de Lei n° 1676/99, é fundamental que se faça uma análise para compreender o porquê das ocorrências dessas palavras estrangeiras.

Palavras-chave: Descaracterização. Estrangeirismos. Língua portuguesa.

RESUMEN
En el presente trabajo presentamos como punto de discusión el proyecto de Ley Nº 1676/99 del deputado Aldo Rebelo que prohíbe el uso de los extranjerismos en la lengua portuguesa del Brasil. Para eso, trajimos a la discusión con la finalidad de resaltar discusiones y teorías sobre el proyecto de Ley nº 1676/99 propuesto por el diputado Aldo Rebelo, que observa los extranjerismos como una amenaza a la lengua portuguesa, en contrapunto con el posicionamiento de lingüistas que piensan en los extranjerismos solo como un hecho enriquecedor de nuestro idioma. Después de confrontarnos los resultados encontrados en esos levantamientos y, también, con base en teóricos que tratan sobre el tema aquí en cuestión también explotados para resaltar nuestras afirmaciones, como Mendes (2009), Bagno (2001), Faraco (2001), entre otros, constatamos que el proyecto no fue aprobado, pues los lingüistas touxeran argumentos precisos cuanto a la idea trazida por el deputado de prohibición del uso de extranjerismos en la Lengua Portuguesa en el Brasil, segundo ellos no basta solamente criar un recurso cualquier, como, en el caso del proyecto de Ley nº 1676/99, es fundamental que se haga una análisis para comprehender el porqué de las ocurrencias de esas palabras extranjeras.

Palabras-clave: Des caracterización. Extranjerismos. Lengua portuguesa.

[29] Licenciada em Letras Português/Espanhol pela Faculdade Pio Décimo.
[30] Professor de Língua Espanhola da Faculdade Pio Décimo, Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS)

INTRODUÇÃO

O Projeto de Lei nº 1676/99 do deputado Aldo Rebelo, tem por finalidade a defesa e proteção da Língua Portuguesa por enxergar os estrangeirismos como uma ameaça, e critica o uso excessivo desses termos.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo enfatizar o projeto de Lei Nº 1676/99 que proíbe o uso dos estrangeirismos na língua portuguesa do Brasil, como também o posicionamento dos linguistas, que têm visões contrárias à do deputado e de gramáticos que têm ponto de vistas convergentes a este.

Outra questão que será discutida para entender melhor o que são os estrangeirismos são pontos de vistas de gramáticos e linguistas sobre três termos que acabam sendo confundidos por muitos falantes, quais sejam: os estrangeirismos, os empréstimos e os neologismos, motivo pelo qual apresentaremos conceitos e argumentos sobre cada um desses termos, com fundamentação em teóricos, gramáticos e linguistas.

Enfim, este trabalho tem como principal objetivo abordar os estrangeirismos sob o aspecto constituinte de ameaça à língua portuguesa no Brasil a partir do projeto de Lei nº 1676/99 promovido pelo deputado Aldo Rebelo, como também as discussões de linguistas e gramáticos em relação a esse tema.

Estrangeirismo, Empréstimo e Neologismo

Ao iniciarmos uma discussão sobre a descaracterização da Língua Portuguesa no Brasil devido ao uso exagerado de estrangeirismos, devemos entender os três termos utilizados que acabam sendo confundidos pelos falantes quando abordamos tal assunto: as questões conceituais de estrangeirismo, empréstimo e neologismo. Assim, veremos adiante algumas concepções de gramáticos e linguistas referentes a esses três termos.

De acordo com a visão do Gramático Napoleão Mendes (2009, p. 506), o "BARBARISMO ou peregrinismo ou estrangeirismo (para os latinos *bárbaro* era todo o estrangeiro) é o emprego, na língua, de palavras estranhas na *forma* ou na *ideia*, ou interessante desnecessárias ou contrárias à sua índole". Ou seja, Napoleão Mendes traz o estrangeirismo como barbarismo ou perenigrismo e, para ele, essas expressões estrangeiras são desnecessárias no uso da nossa língua.

Evanildo Bechara (2009, p. 598), por sua vez, aborda o barbarismo como erro, e estrangeirismo como palavras irrelevantes a nossa língua:

> Barbarismo é o erro no emprego de uma palavra, em oposição ao solecismo, que o é em referência à construção de palavra. Inclui erro de pronúncia (ortoepia), de prosódia, de ortografia, de reflexões, de significados, de palavras inexistentes na língua, de formação irregular de palavras. Estrangeirismo é o emprego de palavras, expressões e construções alheias ao idioma que a ele chegam por empréstimos tomados de outra língua.

Segundo ele, barbarismo é o emprego errado de palavras de acordo com a norma padrão, e estrangeirismo são palavras intrusas de outra língua ao nosso idioma. Já no entender dos linguistas Garcez e Zilles (2001, p. 15):

> Estrangeirismo é o emprego, na língua de uma comunidade, de elementos oriundos de outras línguas. No caso brasileiro, posto simplesmente, seria o uso de palavras e expressões estrangeiras no português. Trata-se de fenômeno constante no contato entre comunidade linguísticas, também chamado de empréstimo.

Assim, para eles, estrangeirismo são palavras que passaram a ser usadas corriqueiramente pelos falantes de nossa língua e que mantêm sua forma original, e alude ao tema relacionando-o a empréstimos, que são palavras também vindas de outras línguas, mas que se tornaram aportuguesadas, fazendo parte do léxico de nossa língua.

No pensar dos gramáticos Pasquale e Ulisses (2008, p. 117), temos que:

> As palavras de origem estrangeira geralmente passam por um processo de aportuguesamento fonológico e gráfico. Quando isso ocorre, muitas vezes deixamos de perceber que estamos usando um estrangeirismo. Pense em palavras como bife, futebol, beque, abajur, xampu, tão frequentes em nosso cotidiano que já as sentimos como portuguesas.

Ou seja, usamos essas palavras e nem nos damos conta que são empréstimos e foram um dia estrangeirismos. Enfim, esquecemos que essas palavras vieram de outras línguas. Como, por exemplo:

> [...] a palavra portuguesa *líder* que resulta da apropriação do termo inglês *leader*, incorporado ao português como um empréstimo. Esse termo sofreu adaptação ao português, tanto na forma falada quanto na forma escrita, isso em geral ocorre com os empréstimos que permanecem em uma determinada língua (ZILLES, 2001, p. 145).

Os linguistas Garcez e Zilles (2001, p. 18-19) também ressaltam esse fato:

> Que embora pareça fácil apontar, hoje, *home banking* e *coffee break* como exemplos claros de estrangeirismos, ninguém garante que daqui a alguns anos não estarão sumindo das bocas e mentes, como *match* do futebol e o *rouge* da moça; assim como ninguém garante que não terão sido incorporados naturalmente à língua, como o garçom e o sutiã, o esporte e o clube. Assim, uma breve reflexão sobre o que hoje é parte legítima da língua, mas não foi ontem, já indica que não é simples dizer como algo deixa de ser um estrangeirismo e passa a ser parte da língua da comunidade.

Como vimos anteriormente, sabemos que os estrangeirismos são palavras vindas de outras línguas e que mantém sua forma original, pois essas podem desaparecer do léxico de nossa língua, como nos exemplos citados acima: *match* e *rouge*, como também podem existir palavras estrangeiras que se incorporem ao nosso léxico, isto é, tornam-se aportuguesadas, que são os chamados empréstimos.

Já os empréstimos são mais fáceis de identificar, como bem afirmam Garcez e Zilles (2001, p. 19): "Sem dúvida, os empréstimos recentes podem ser mais facilmente identificáveis, por ainda não terem completado o processo de incorporação à língua pela padronização escrita". Ainda segundo os autores (2001, p. 24), "grande parte dos estrangeirismos são percebidos porque conservam sua identidade estrangeira na grafia, mesmo depois da incorporação à fonologia da língua, como no caso de software, dito sófter ou sófiter".

Os empréstimos recentes podem também ser chamados de estrangeirismos por ainda não estarem aportuguesados, enquanto que os estrangeirismos são facilmente identificáveis por manterem sua forma original, mesmo incorporado à fonologia de nossa língua, a exemplo da palavra software citada acima. Enfim, os estrangeirismos mantêm sua grafia na língua estrangeira, e os empréstimos se incorporam ao léxico perdendo sua forma original.

Por último, trazemos o conceito de neologismo, que, segundo o gramático Napoleão Mendes (2009, p. 520), constitui uma palavra nova, introduzida pela ciência ou por necessidade de melhor especificação, criada dentro do idioma ou adaptada de outros. Ou seja, neologismo é o emprego de palavras novas criadas a partir de nossa própria língua e que ainda não fazem parte do léxico de nosso idioma, mas que com o tempo podem fazer parte devido o seu uso demasiado.

A linguista Ieda Maria Alves (2007, p. 5) salienta que "ao processo de criação lexical dá-se o nome de neologia. O elemento resultante, a nova palavra, é denominado neologismo". Assim, neologia seria a criação de novas palavras, e seu emprego seria neologismo, dos quais ilustramos sofrência, printar, negativado (referindo-se àquele que não tem crédito), assim como os citados por Machado (1994, p. 9): "[...] abrilada, baleizoeiro, clientela, cavaquismo, coputadorizar, condónimo, esquerdizante, faxineira, ficheiro, gasolineiro, inverdade, listagem, multi-serviços, pisca-pisca, pizzeiro, programático, totalista, totobolista, etc".

Em síntese, esses termos e empregos, apesar de apresentarem concepções semelhantes, têm objetivos diferentes. Ou seja, cada um apresenta uma característica que os diferencia um do outro.

O Projeto de Lei nº 1676/99 de Aldo Rebelo

Como forma ilustrativa e para ressaltar nossos argumentos, exporemos abaixo, para a seguir comentarmos, alguns artigos do Projeto de Lei nº 1676/99 do então deputado Aldo Rebelo, que aborda a promoção, proteção e defesa da língua portuguesa contra o uso exagerado dos estrangeirismos, bem como alguns comentários de linguistas e estudiosos no campo das letras, que são contrários ao posicionamento do supramencionado parlamentar.

O Art. 2º proposto pelo então deputado Aldo Rebelo enfatiza que:

> ART. 2º. Ao Poder Público, com a colaboração da comunidade, no intuito de promover, proteger e defender a língua portuguesa, incumbe:
> I- Melhorar as condições de ensino e de aprendizagem da língua portuguesa em todos os graus, níveis e modalidades da educação nacional;
> II- Incentivar o estudo e a pesquisa sobre os modos normativos de expressão oral e escrita do povo brasileiro;
> III- Realizar campanhas e certames educativos sobre o uso da língua portuguesa, destinados a estudantes, professores e cidadãos em geral;
> IV- Incentivar a difusão do idioma português, dentro e fora do país;
> V- Fomentar a participação do Brasil na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa;
> VI- Atualizar, com base em parecer da Academia Brasileira de Letras, as normas do Formulário Ortográfico, com vistas ao aportuguesamento e à inclusão de vocábulos de origem estrangeira no Vocabulário da Língua Portuguesa (REBELO, 2001, p. 177-178).

De acordo com o Art. 2º, percebe-se que o autor do projeto traz a visão de que o ensino da Língua Portuguesa deve ser de ótima qualidade com vistas à aprendizagem, ou seja, um ensino voltado às novas perspectivas, sem, contudo, esquecer os preceitos históricos que envolvem o processo de formação da nossa língua; o aprimoramento da oralidade e da escrita dos falantes brasileiros; a realização de campanhas sobre a importância do bom uso da Língua Portuguesa por estudantes e professores, como também a relevância do bom uso de nosso idioma dentro e fora do país, entre outras questões que, como bem afirma Fiorin (2001, p. 124), não são revestidas de questões que abordem o como fazer:

> Esses aspectos estão expostos no projeto de lei de maneira muito genérica, sem que haja uma determinação de ações concretas para atingir os objetivos fixados nesse artigo. Por exemplo, poderiam ser estabelecidos investimentos novos para o ensino fundamental; poderiam ser criadas comissões para operacionalizar, por meio da confecção de materiais didáticos, os *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa*, de forma a renovar o ensino de língua materna no Brasil; poderiam ser criados cursos de português no rádio e na televisão por gente que entende do funcionamento da língua e não por agentes difusores do preconceito linguístico; poderia ser incentivada a criação de leitorados em universidades estrangeiras para a promoção do português; poderia ser ampliada o número de bolsas de mestrado e de doutorado para professores estrangeiros de língua portuguesa etc. Nada disso é proposto. O artigo que trata da promoção do idioma perde-se em boas intenções, em generalidades e vaguidades.

Ainda de acordo com Fiorin (2001), o projeto nunca teve como objetivo a promoção da língua portuguesa, mas sim a proteção e a defesa contra o uso excessivo dos estrangeirismos,

e nunca trouxe com clareza quais os objetivos para atingir essas ideias inovadoras. Assim, as intenções do então deputado se apresentam de maneira imprecisa e vaga.

Depreende-se do Art. 4º que Aldo Rebelo aborda que o uso de palavras estrangeiras é prejudicial à língua portuguesa, porque o uso dessas palavras descaracteriza o nosso idioma:

> Art. 4º. Todo e qualquer uso de palavra ou expressão em língua estrangeira, ressalvados os casos excepcionados nesta lei e na sua regulamentação, será considerado lesivo ao patrimônio cultural brasileiro, punível na forma da lei.
> Parágrafo único. Para efeito do que dispõe o *caput* deste artigo, considerar-se-á:
> I- Prática abusiva, se a palavra ou expressão em língua estrangeira tiver equivalente em língua portuguesa;
> II- Prática enganosa, se a palavra ou expressão em língua estrangeira puder induzir qualquer pessoa, física ou jurídica, a erro ou ilusão de qualquer espécie;
> III- Prática danosa ao patrimônio cultural, se a palavra ou expressão em língua estrangeira puder, de algum modo, descaracterizar qualquer elemento da cultura brasileira (REBELO, 2001, p. 179).

Conforme se vê, Aldo Rebelo considera prejudicial à Língua Portuguesa o uso de qualquer palavra estrangeira para substituir um termo em português, com consequências danosas ao nosso patrimônio cultural. A visão de Bagno (2001, p. 72) sobre o projeto em questão nos mostra que:

> [...] não há por que temer que a utilização de um punhado de estrangeirismos seja *"lesiva à língua como patrimônio cultural*" a ponto de provocar *"uma verdadeira descaracterização da língua portuguesa"*, como se lê no projeto do deputado Aldo Rebelo.

Bagno é tácito ao se colocar contrário à visão de que o uso exacerbado de palavras estrangeiras descaracterize a língua portuguesa.

Ainda segundo esse estudioso (2001, p. 73), tal projeto "ressuscita aquelas velhas profecias malogradas por seu idealizador, uma pessoa totalmente despreparada para lidar com a questão", ideia essa ressaltada por Faraco (2001, p. 45), ao afirmar que "é um danoso equívoco considerar a língua padrão como uma camisa de força que não admite variação, nem se altera no tempo", padrão esse defendido arduamente pelo parlamentar, embasado em posicionamentos de gramáticos tradicionalistas.

Já para Fiorin (2001, p. 113), a intenção daquele deputado "baseia-se numa concepção homogênea e estática da língua, pois pensa fundamentalmente em sua unidade". Ou seja, Fiorin enfatiza que o projeto criado por Aldo Rebelo vê o idioma de uma forma equivocada, não percebe o seu constante processo de transformação, heterogeneidade, dinâmica e variabilidade, como bem enfatiza Bagno: [...] embora a língua falada pela maioria da população seja o português, esse idioma apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade, por causa da grande extensão territorial do país e a desigualdade social (BAGNO, 2000, p. 16).

Segundo Bagno, assim como o português, qualquer outra língua apresenta variedades de acordo com a região em que é falada. Exemplo disso são os falantes da Língua Portuguesa que não falam somente o português de Portugal. Cada local onde se fala Língua Portuguesa apresenta variações, é falado de uma forma distinta. Portanto, a homogeneidade da língua não ocorre com o português nem com nenhuma outra língua.

Outro fato a se observar é que os idiomas não se configuram estanques no sentido de um limite de desenvolvimento, como enfatiza Faraco (2005, p. 14) ao expor que "as línguas humanas mudam com o passar do tempo. Em outras palavras, as línguas humanas não constituem realidades estáticas; ao contrário, sua configuração estrutural se altera continuamente no tempo".

A linguista Zilles (2001, p. 155) também reforça, sobre esse fato, que "todas as línguas, mudam (ou ainda falamos latim?). Isso não é nem bom, nem mau. As sociedades e culturas mudam; consequentemente, as línguas mudam". Se as línguas não mudassem no decorrer do tempo ainda estaríamos falando latim e isso não significa criticar a língua como boa ou ruim, como afirma a linguista.

O Art. 5º enfatiza que, quando ocorre o empréstimo de uma palavra estrangeira, essa deve tornar-se totalmente aportuguesada, ou seja, sua escrita e pronúncia devem passar à língua portuguesa, como se essa nova palavra fosse equivalente à nossa língua:

> Art. 5º. Toda e qualquer palavra ou expressão em língua estrangeira posta em uso no território nacional ou em repartição brasileira no exterior a partir da data da publicação desta lei, ressalvados os casos excepcionados nesta lei e na sua regulamentação, terá que ser substituída por palavra ou expressão equivalente em língua portuguesa no prazo de 90 (noventa) dias a contar da data de registro da ocorrência.
> Parágrafo único. Para efeito do que dispõe o *caput* deste artigo, na inexistência de palavra ou expressão equivalente em língua portuguesa, admitir-se-á o aportuguesamento da palavra ou expressão em língua estrangeira ou o neologismo próprio que venha a ser criado (REBELO, 2001, p. 179-180).

Aldo Rebelo (2001, p. 181) justifica o porquê da promoção do projeto, quando diz que:

> Estamos a assistir a uma verdadeira descaracterização da língua portuguesa, tal a invasão indiscriminada e desnecessária de estrangeirismos – como "holding", "recall", "franchise", "coffee-break", "self-service" – e de aportuguesamentos de gosto duvidoso, em geral despropositados – como "start", "printar", "bidar", "atachar", "database". E isso vem ocorrendo com voracidade e rapidez tão espantosas que não é exagero supor que estamos na iminência de comprometer, quem sabe até truncar, a comunicação oral e escrita com o nosso homem simples do campo.

Para o parlamentar, o uso corriqueiro e desnecessário dessas palavras estrangeiras está prejudicando a nossa língua, isto é, pondo em risco todo o nosso patrimônio cultural, chegando até a ocorrer uma omissão na comunicação falada e escrita para aqueles que não sabem o que significa cada uma dessas palavras. Ainda segundo Rebelo (2001, p. 182):

> Que obrigação tem um cidadão brasileiro de entender, por exemplo, que uma mercadoria "on sale" significa que esteja em liquidação? Ou que "50% off" quer dizer 50% a menos do preço? Isso não é apenas abusivo; tende a ser enganoso. E a medida que tais práticas se avolumam, tornam-se também danosas ao patrimônio cultural representado pela língua.

O autor do projeto acha totalmente desnecessário um falante brasileiro ser obrigado a entender o que significa uma palavra estrangeira como, por exemplo, as palavras citadas acima. Esses seriam prejudiciais ao patrimônio cultural de nossa língua.

O deputado propunha em seu projeto que, em todos os lugares do Brasil, se evitasse o uso de estrangeirismos, e, ainda, que estrangeiros residentes no país há mais de um ano também falassem o português sem o uso desses termos. Aldo Rebelo justificava sua intenção como forma de defesa da nossa cultura e a impregnação e descaracterização do nosso idioma em face da "invasão" desses termos na comunicação cotidiana no Brasil.

Em suma, o projeto do deputado Aldo Rebelo aborda que o uso exagerado dos estrangeirismos descaracteriza a língua portuguesa e, por isso, a sua propositura como o objetivo principal de proteger e defender a nossa língua desses termos, ou seja, proibir o uso dos estrangeirismos.

Os linguistas e suas visões ante ao projeto de Aldo Rebelo

A intenção do então Deputado Federal Aldo Rebelo, acima exposta, logo fez surgir reações contrárias advindas de linguistas, a exemplo de Garcez e Zilles (2001, p. 25):

> Defesa de quem contra quem? Defesa da pura língua portuguesa, naturalizada como nacional num território invadido e usurpado de povos falantes de outras línguas? E atacada e defendida por quem? Não são os próprios falantes que fazem os empréstimos? Por acaso, alguém toma emprestado o que não deseja?

Ou seja, a língua portuguesa não precisa ser defendida de ninguém para continuar pura. O fato é que, a nossa língua recebe influências de outros povos desde sua origem, e o surgimento dos estrangeirismos está presente no uso da Língua Portuguesa devido ao contato com as línguas diversas que adentraram ao nosso idioma. Pode-se, então, inferir que essas palavras estrangeiras não provocam, e nunca provocaram, a descaracterização da língua.

Schmitz (2001, p. 88) também se posiciona sobre essa questão e, para ele, "o português não precisa ser defendido", e o que "... realmente deve ser defendido é o salário, as condições do ensino com a possibilidade de bolsas de estudo para uma formação continuada dos professores durante a carreira". Deste modo, os políticos devem pensar em fatores para o bem da sociedade, como uma educação e saúde de ótima qualidade, salários justos, entre outras

questões que, na sua visão, são muito mais importantes do que aquelas expostas no projeto aludido no presente trabalho.

> Não obstante, seu projeto caminha pelo Congresso Nacional sem encontrar obstáculo, o que é claro sinal de que a questão linguística não é ainda uma questão da sociedade. Se o fosse, certamente o projeto não avançaria assim sem maiores percalços, porque, de alguma forma ou outra, o Congresso Nacional é (desculpado o cansado lugar-comum) uma caixa de ressonância da sociedade. (FARACO, 2001, p. 44).

Para Faraco, o projeto de Aldo Rebelo não encontrou obstáculos na sua promoção, porque as pessoas não veem a língua portuguesa como um assunto para ser discutido no cotidiano, apenas em usá-la seguindo os preceitos da gramática normativa, ou seja, usando-a de uma maneira totalmente formal. Sobre o tema, Fiorin (2001, p. 113) afirma que:

> A gramática não se encontra ameaçada por empréstimos estrangeiros, pois eles são pronunciados de acordo com o sistema fonológico do português e usados segundo a morfologia e a sintaxe de nosso idioma. Por exemplo, pronuncia-se *hot dog* como *"rótidógui"*, porque o português não tem H aspirado e porque, em nosso sistema fonológico, não há travamento silábico em Te G.

De acordo com o exemplo acima, proposto pelo linguista Fiorin, a língua portuguesa não se encontra ameaçada devido ao uso dos estrangeirismos, porque esses não alteram a fonologia, a morfologia e a sintaxe do nosso idioma, como se percebe nas palavras citadas acima. Ou seja, por mais que uma palavra estrangeira esteja presente em nossa língua, não a pronunciamos segundo o sistema fonológico do inglês.

Possenti (2001, p. 169) também enfatiza sobre essa questão que é "provavelmente um equívoco considerar o fenômeno do emprego de palavras estrangeiras como desnacionalização, por um lado, e como empobrecimento, por outro". Ou seja, o uso demasiado de estrangeirismos não desestrutura o nosso idioma, nem o empobrece, apenas há um acréscimo de vocábulos enriquecendo nossa língua, e com isso aumentando o léxico.

Enfim, Possenti ressalta que o uso de palavras estrangeiras não descaracteriza a nossa língua, como assim também salienta Bagno (2001, p. 74), ao expor que "os estrangeirismos não alteram as *estruturas* da língua, a sua *gramática"*, como podemos observar nas seguintes frases: "Meu *mouse* está com problemas, porém meu *brother* o consertou; Aquela loja está com 10% *off* nas calças *jeans*".

Observamos que o uso das palavras estrangeiras *mouse*, *brother*, *off* e *jeans* não alteraram a estrutura semântica da frase, apenas ocorreu um acréscimo de vocábulos enriquecendo o nosso léxico. Ainda reforçando sobre essa análise, Bagno (2001, p. 59) defende que:

> A falta de informação científica é evidente em todas as afirmações do purismo linguístico que, há vários séculos, vêm jurando de pé junto que a língua portuguesa está sendo assassinada, que dentro de poucos anos ela não vai existir mais, que os estrangeirismos vão destruir a estrutura do português, que o desprezo dos falantes por sua própria língua vai condená-la ao desaparecimento etc.

Assim como o projeto, os gramáticos e muitas pessoas vêm trazendo a ideia de que o uso exacerbado dos falantes em relação aos estrangeirismos acabará fazendo com que o nosso idioma desapareça. Para Bagno e os demais linguistas essa visão é totalmente absurda.

Outra questão abordada por Garcez e Zilles (2001, p. 30-31), em relação ao projeto, é a de que:

> O raciocínio é o de que o cidadão que usa estrangeirismos – ao convidar para happy hour, por exemplo – estaria excluindo quem não entende inglês, sendo que aqueles que não tiveram a oportunidade de aprender inglês, como a vastíssima maioria da população brasileira, estariam assim excluídos do convite. Expandindo o processo, por analogia, para outras tantas situações de maior consequência, o uso de estrangeirismos seria um meio linguístico de exclusão social.

Os linguistas Garcez e Zilles trazem à discussão um assunto abordado no projeto pelo deputado que é a exclusão devido ao uso dos estrangeirismos. Assim, para Aldo Rebelo, a maioria das pessoas não entendem essas palavras estrangeiras, causando uma interrupção no ato da comunicação, pois o uso desses novos termos acaba excluindo essas pessoas de diversas situações comunicativas, visão essa contrária por parte dos linguistas, que acham um equívoco essa visão do deputado. Para eles, as pessoas não precisam saber inglês para se comunicar através dessas novas palavras, porque, devido ao uso frequente, os falantes já sabem o que cada uma significa, como também associam essas palavras ao contexto em que são utilizadas.

Schmitz (2001, p. 101) também enfatiza sobre esse assunto as pessoas “que criticam a presença de estrangeirismos também condenam a Língua Portuguesa popular, regional e informal: Ex.: ‘Tô assistindo todos os capítulos da novela’”. Porque, não seguem as regras da gramática normativa.

Para Zilles, o Deputado não está defendendo a língua contra nada. Apenas está reforçando que as pessoas que têm preconceito com falantes da norma coloquial criticam também aqueles que usam palavras estrangeiras: “Algumas pessoas, imbuídas da crença de que estão defendendo a língua, a identidade e a pátria, na verdade estejam reforçando velhos preconceitos e imposições” (FARACO, 2001, p. 160).

Faraco (2001, p. 46) ainda assegura que alguns segmentos de comunicação de massa contribuem para a celeuma em questão:

> A imprensa, por seu lado, não enxerga os linguistas como contendores dessa batalha e, portanto, não busca ouvir sua voz. Nesse sentido, é interessante fazer referência aos editoriais da grande imprensa sobre o tal projeto: a maior parte faz críticas a ele, mas com base apenas num genérico bom senso. Em nenhum momento, o discurso científico mereceu espaço.

A visão de Faraco é a de que a imprensa não escuta o que os linguistas questionam sobre o projeto, pois o discurso científico não tem espaço, isto é, quem realmente tem conhecimento sobre o assunto não tem direito de modificá-lo.

Por fim, os linguistas têm como objetivo mostrar através de suas análises que o deputado Aldo Rebelo não tem conhecimento do assunto que propôs no projeto, e, para eles, o uso dos estrangeirismos não descaracteriza e nem desestrutura a língua portuguesa, porque cada língua tem seu sistema, regras, ou seja, sua estrutura própria.

Os "embates" acerca do Projeto de Lei nº 1676/99

Apresentaremos a seguir um panorama das consequências ditadas por força da sugestão contida no Projeto de Lei nº 1676/99, quais as reações contrárias e o panorama por ele repercutido.

Uma gama de linguistas propôs um requerimento ao Senado da República solicitando que o projeto de Aldo Rebelo não deveria ser aprovado, pois precisava de algumas modificações:

> Não há dúvida de que o Brasil precisa investir esforços no sentido de estabelecer diretrizes para uma política linguística nacional, reconstruindo aquela que vige entre nós há séculos. Essa nova política deverá, *entre outros aspectos*:
>
> - Reconhecer o caráter multilíngue do País e, ao mesmo tempo, a grande e rica diversidade da língua portuguesa que aqui se fala e se escreve;
> - Promover um combate sistemático a todos os preconceitos linguísticos que afetam nossas relações sociais e que constituem pesado fator de exclusão social entre nós;
> - Estimular a pesquisa científica da complexa realidade linguística nacional e favorecer a ampla divulgação de seus resultados;
> - Estimular a reformulação crítica das gramáticas e dos dicionários para que, ao registrar a norma-padrão real, o façam de forma a facilitar seu ensino e difusão;
> - Definir os direitos linguísticos do cidadão. (FARACO, 2001, p. 187).

Segundo os linguistas, o Projeto de Lei nº 1676/99, infelizmente, contribui muito pouco para atingirmos metas importantes como essas que acabamos de mencionar (FARACO, 2001).

Para os linguistas, o Projeto de Lei do Deputado Aldo Rebelo não reconhece que em nosso país existem pessoas que falam outras línguas; como também não combate os preconceitos linguísticos existentes entre as pessoas; não estimulam os falantes a fazerem pesquisas sobre a realidade linguística de nossa língua; entre outros fatores, devido a tudo

isso, eles não apoiaram a aprovação do projeto. Ou seja, segundo a visão dos linguistas, “a aprovação definitiva do referido projeto de lei traria grandes prejuízos à cultura linguística do País” (FARACO, 2001, p. 188). No entanto, o primeiro passo para tal foi dado em março de 2001.

> Tendo iniciado a sua tramitação em setembro de 1999, o PL 1676/1999 foi aprovado na casa de origem no Congresso, a Câmara dos Deputados, em 28 de março de 2001, com algumas pequenas modificações no texto apresentado originalmente (GARCEZ, 2001, p. 190).

Como se vê, o Projeto de Lei do deputado foi aprovado na Câmara dos Deputados em 2001, porém com pequenas alterações, mas sem deixar de levantar celeumas a respeito:

> Durante os anos de 1999 a 2001, enquanto o PL tramitava na Câmara, inúmeras foram as reportagens na grande imprensa brasileira que enfocaram a proposta. Durante esse período, diversos linguistas profissionais atuantes nas universidades brasileiras começaram a se manifestar nessas instâncias, instaurando-se aos poucos uma polarização, pouco organizada, de vozes contrárias à aprovação do PL 1676/1999, de início ainda dispersa e pouco distinguível do corpo de outras manifestações de cidadãos favoráveis ou contrários à matéria, já que até então poucos linguistas eram fontes das reportagens jornalísticas, que em geral buscam depoimentos de especialistas da língua entre gramáticos e escritores (GARCEZ, 2001, p. 200).

Depois de tantas polêmicas, o projeto de Aldo Rebelo foi alterado por um substitutivo apresentado pelo então Senador Amir Lando, o qual foi aprovado pela Comissão de Educação do Senado. Como bem ressalta Garcez (2001, p. 205), “O substitutivo proposto pelo Senador Amir Lando constituiu-se em significativo avanço em relação ao texto original. De fato, trata-se de uma peça legislativa nova em relação ao texto aprovado na Câmara dos Deputados”. Faraco (2001, p. 213) também enfatiza sobre essa questão:

> Depois de aprovado, em 2001, pela Câmara dos Deputados, o projeto de lei n° 1676/1999 foi encaminhado ao Senado Federal. [...] Como resultado das severas críticas que o projeto de lei recebeu da sociedade [...], o seu relator no Senado, o senador Amir Lando (PMDB-RO), apresentou um substitutivo que alterou profundamente o texto original.

Portanto, apesar do projeto do deputado Aldo Rebelo ter sido aprovado pela Câmara dos Deputados em 2001, devido às discussões dos linguistas ocorridas durante o período de sua tramitação, o projeto foi substituído pelo do Senador Amir Lando, que alterou profundamente o texto de Rebelo. “O substitutivo, embora significativamente melhor do que o projeto original, continua tendo um grave defeito: há ainda uma clara ameaça à liberdade de expressão” (FARACO, 2011, p. 214). Desta forma, independentemente do substitutivo compor uma visão totalmente diferente do projeto anterior, ainda não permite que os falantes possam usar os estrangeirismos em todas as situações que acharem conveniente.

Mesmo depois da propositura de alteração, o projeto de Lei nº 1676/99 do deputado Aldo Rebelo "[...] já aprovado de forma terminativa na Câmara dos Deputados, agora tramita no Senado" (SOARES, 2011). Em síntese, o projeto serviu para o despertar de uma calorosa discussão sobre o tema: descaracterização da Língua Portuguesa.

Considerações Finais

O presente trabalho teve como ênfase o projeto de Lei Nº1676/99 que proíbe o uso dos estrangeirismos na língua portuguesa do Brasil da língua portuguesa no Brasil devido ao uso exagerado de estrangeirismos; o contraponto entre linguistas, gramáticos e políticos sobre o tema que, em resumo, caracterizam-se (visão política) contrários em relação ao uso das palavras estrangeiras, com o argumento de que essas expressões desestruturam a nossa língua, em reflexo ao ponto de vista dos linguistas que pensam ser o uso exacerbado desses termos um fator que não desestrutura a nossa língua - apenas enriquece o nosso vocabulário.

Alçando uma abordagem do projeto do Deputado Aldo Rebelo, vimos que os estrangeirismos são postos como uma ameaça à nossa língua, posicionamento que gerou discussões calorosas contrárias e a favor do tema.

Outro ponto trabalhado para poder explicar melhor o que são estrangeirismos foi a abordagem, a partir de visões de gramáticos e linguistas, das expressões muito confundidas sobre o tema - os estrangeirismos, os empréstimos e os neologismos, no afã de clarear os conceitos e melhor expor nosso ponto de vista sobre o objeto da pesquisa.

De todo o exposto no presente trabalho chegamos ao ponto de vista de que o uso exagerado dos estrangeirismos não descaracteriza a língua portuguesa. No entanto, devemos impor limites quanto a esse uso no afã de não caracterizarmos exclusões e desentendimentos no instante da comunicação em face do desconhecimento de determinados termos.

Enfim, através desta pesquisa observamos que o deputado Aldo Rebelo promoveu um projeto de Lei nº 1676/99 com o objetivo de proibir o uso dos estrangeirismos em todos os lugares do Brasil, como também aos estrangeiros residentes no país a mais de um ano. E, devido às discussões contrárias dos linguistas, o projeto não foi considerado lei, ou seja, aprovado, pois até agora tramita no senado, pois segundo eles não basta tão somente criar um recurso qualquer, como no caso do Projeto de Lei nº 1676/99, é fundamental que se faça uma análise para compreender o porquê das ocorrências do uso dos estrangeirismos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa.** 46. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

ALVES, Ieda Maria. **Neologismo**: criação lexical. 3. ed. São Paulo: Ática, 2007.

BAGNO, Marcos. Cassandra, Fênix e outros mitos. In: FARACO, Carlos Alberto (Org.). **Estrangeirismos**: guerras em torno da língua. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2001. p. 49 - 83.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico** O que é, como se faz. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa.** 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CIPRO NETO, Pasquale; INFANTE, Ulisses. **Gramática da língua portuguesa.** 3. ed. São Paulo: Scipione, 2008.

FARACO, Carlos Alberto. Guerras em torno da língua questões de política linguística. **Estrangeirismos**: guerras em torno da língua. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2001. p. 37 - 47.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FIORIN, José Luiz. Considerações em torno do projeto de lei nº 1676/99. In: FARACO, Carlos Alberto (Org.). **Estrangeirismos**: guerras em torno da língua. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2001. p. 107 – 125.

GARCEZ, Pedro M. A proposta de Legislação Antiestrangeirismos. In: FARACO, Carlos Alberto (Org.). **Estrangeirismos**: guerras em torno da língua. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2001. p. 189 - 210.

GARCEZ, Pedro M.; ZILLES, Ana Maria S. Estrangeirismos: desejos e ameaças. In: FARACO, Carlos Alberto (Org.). **Estrangeirismos**: guerras em torno da língua. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2001. p. 15 - 36.

MACHADO, José Pedro. **Estrangeirismos na Língua Portuguesa**. 1 ed. Lisboa: Editorial Notícias, 1994.

POSSENTI, Sírio. A Questão dos Estrangeirismos. In: FARACO, Carlos Alberto (Org.). **Estrangeirismos**: guerras em torno da língua. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2001. p. 163 – 176.

REBELO, Aldo. Projeto de lei nº 1676 de 1999. In: FARACO, Carlos Alberto (Org.). **Estrangeirismos**: guerras em torno da língua. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2001. p. 177- 185.

SCHMITZ, John Robert. O projeto de lei nº 1676/99 na imprensa de São Paulo. In: FARACO, Carlos Alberto (Org.). **Estrangeirismos**: guerras em torno da língua. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2001. p. 85 - 106.

SOARES. Isabela. **Projeto que traduz estrangeirismos é aprovado na ALERS**. Disponível em: <http//vermelho.org.br./noticia/152341-113>. Acesso em: 19 abr. 2015.

ZILLES, Ana Maria Stahl. Ainda os equívocos no combate aos estrangeirismos. In: FARACO, Carlos Alberto (Org.). **Estrangeirismos**: guerras em torno da língua. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2001. p. 143 - 161.

Ensino-Aprendizagem de Espanhol como língua estrangeira: uma experiência PIBID

Maria da Conceição da Cruz[31]
Acassia dos Anjos Santos[32]

RESUMO
Este artigo tem como objetivo relatar experiências adquiridas por meio da nossa atuação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), com o fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Este programa incentiva uma formação de novos docentes de modo que possibilite novas discussões e experiências em sala de aula antes que os graduandos possuam seus títulos. Entre os objetivos do programa, pode-se destacar a valorização da formação do professor e o desenvolvimento de projetos pedagógicos voltados para a educação básica. Nessa perspectiva, ressaltaremos nossas experiências com o processo de ensino- aprendizagem de língua espanhola na educação básica. O processo descrito compreende desde a elaboração de materiais didáticos até a aplicação destes. Como embasamento teórico foi utilizado o documento: OCEM (2006); bem como os textos teóricos Paraquett (2009), Barros e Costa (2010).

PALAVRA-CHAVE: Espanhol; Experiência; PIBID.

RESUMEN
Este artículo tiene como objetivo exponer las experiencias adquiridas en la participación en el *Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência* (PIBID), con la promoción de *la Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior* (CAPES). Este programa fomenta la formación de nuevos profesores con el fin de hacer generar nuevas discusiones y experiencias en el aula antes de que los graduados sean titulados. Entre los objetivos del programa, podemos destacar la mejora de la formación del profesorado y el desarrollo de proyectos educativos dirigidos a la educación básica. Desde esta perspectiva vamos a describir nuestras experiencias con el proceso de enseñanza aprendizaje de la lengua española en la educación básica. El procedimiento va desde el desarrollo de materiales educativos hasta su aplicación. En el fundamento teórico se utilizó el documento oficial: OCEM (2006); como también textos teóricos Paraquett (2009), y Costa Barros (2010).

Palabra clave: Español; Experiencia; PIBID.

INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) tem como objetivo incentivar a formação dos futuros professores, possibilitando a sua inserção em contexto de sala de aula, confrontando a teoria e a prática docente. O PIBID iniciou 2007 com a participação das licenciaturas Física, Química, Biologia e Matemática para o ensino médio.

[31] Autora: Graduanda do curso de Letras Espanhol da Universidade Federal de Sergipe. Membro do grupo de pesquisa Diálogos interculturais e Linguísticos-Dinterlin. Bolsista de iniciação à docência- PIBID/CAPES
[32] Orientadora: Professora assistente de língua espanhola do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Federal de Sergipe. Doutoranda em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Minas Gerais. Pesquisadora do grupo de pesquisa Diálogos interculturais e Linguísticos-Dinterlin. Bolsista de Coordenação de área/ letras espanhol - PIBID/CAPES

Diante da boa aceitação, em 2009 foi ampliado para as diversas licenciaturas, incluindo comunidades quilombolas e Educação de jovens e adultos[33].

Em 2012, o PIBID chega para 25 graduandos em Letras Espanhol - licenciatura única ou dupla - da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Hoje esse número saltou para 120 graduandos, 6 professores do ensino superior coordenadores do subprojeto de área e 13 professores de escola pública (supervisores do projeto). Todos os participantes recebem uma bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que vem incentivando e proporcionando qualidade na formação dos docentes em diversas áreas do saber. Nesse cenário, apreciamos todo o processo de ensino – aprendizagem: desde a elaboração de materiais didáticos, passando pela aplicação destes, até a análise sobre a formação dos professores de línguas estrangeiras, em especial o espanhol.

Os 120 pibidianos[34] foram divididos em 6 grupos. Esse trabalho surgiu do grupo da professora Msc Acassia dos Anjos Santos. Iniciamos no projeto em março de 2014, nesse período participamos de reuniões periódicas para análise e discussão dos textos que foram abordados, dentre eles: Paraquett (2009), Barros e Costa (2010) e OCEM (2006), que foram de grande relevância para o confronto da teoria e prática. Além disso, fizemos observações de aulas, elaboração e aplicação de oficinas, provas e atividades pedagógicas, tudo com supervisão da professora supervisora da escola e da coordenadora de área.

A partir dessa experiência, esse artigo tem como intenção, relatar uma atividade elaborada e aplicada no colégio estadual Leandro Maciel. Destacaremos como a elaboração e utilização dos materiais didáticos influencia na formação de professores, como também no processo de ensino-aprendizagem de língua espanhola. Os dados das observações e informações coletadas pelos graduandos, serão precisos e imprescindíveis, visto que poderão ajudar em pesquisas posteriores de diferentes campos do saber, relacionados as escolas conveniadas.

Com base na pesquisa do projeto que está em andamento PIBID/UFS, pretendemos averiguar os possíveis benefícios do projeto e aprimoramento tanto no aspecto relacionado ao ensino-aprendizagem quanto na formação dos discentes pesquisadores, que serão futuros professores. Ponderaremos a importância dos materiais didáticos e suas influências na formação inicial e continuada do professor e a extensão dos benefícios no processo de ensino aprendizagem do espanhol como língua estrangeira.

---

[33] Dados extraídos do relatório de gestão do PIBID (2009-2013). Mais detalhes em: https://www.capes.gov.br/images/stories/download/bolsas/1892014-relatorio-PIBID.pdf acessado em 25 de setembro de 2015

[34] Neologismo utilizado para se referir aos graduandos bolsistas do PIBID

Materiais didáticos

É importante mencionar a influência dos materiais didáticos na formação do professor, antes de começarmos a ministrar aula para um grupo novo de alunos é de grande protuberância conhecer a turma. Uma forma de realizar essa tarefa inicial é aplicar um questionário diagnóstico para ponderar o conhecimento de mundo que o alunado possui, levando em conta suas expectativas e necessidades. Com os dados dos alunos, o professor/futuro professor poderá elaborar, eleger e/ou adaptar um material didático que esteja de acordo com os objetivos propostos para cada classe e que seja possível suprir as necessidades dos alunos.

Ressaltamos que o material didático não pode ser reduzido ao livro didático, mas todo material utilizado pelo professor com fins didáticos. De acordo com Barros e Costa:

> Considera–se material didático qualquer instrumento ou recurso (impresso, sonoro, visual etc.) que possa ser utilizado como meio para ensinar, aprender, praticar ou aprofundar algum conteúdo. Sendo assim, enquadram-se nessa definição [...] livros em gerais, dicionário, áudios, vídeos, jornais, revistas, textos diversos, músicas, jogos etc. (BARROS e COSTA, 2010, pág. 88).

Cabe destacar, portanto, que todo material que é utilizado com finalidade pedagógica pode ser considerado material didático. Assim, o professor utilizará o livro didático como mais um material a ser explorado e não o único. As Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCEM-2006) nos ajudam a compreender como devemos selecionar nosso material e quais temas poderemos utilizar.

Vale ressaltar que as OCEM (2006) não pretendem, no entanto, apresentar uma proposta fechada. Com sequenciamentos de conteúdo, sugestão de atividades é uma única e exclusiva linha de abordagem, nem muito menos tem a pretensão de trazer todas as soluções, para os eventuais problemas e /ou desafios, já vivenciados e por vivenciar, do ensino em questão. Vejamos qual papel a disciplina, e consequentemente o material didático, deveria adotar:

> Encontrar interdependências, convergências, de modo a que se restabeleçam as ligações de nossa realidade complexa que os olhares simplificadores tentaram desfazer, precisa, enfim, ocupar um papel diferenciado na construção do conhecimento e na formação do cidadão. (OCEM,2006, p. 131)

O documento aponta que temas geradores como política, economia educação, esporte, linguagens, podem ser explorados no material didático utilizado, conduzindo o aluno a ter uma reflexão crítica, desenvolvendo sua formação como cidadão. O professor, por sua vez, deve

estar preparado para adaptar, reformular e complementar o livro didático oferecido, levando outros materiais pertinentes.

A Atuação do Programa Institucional de bolsas de Iniciação à Docência nas Escolas Públicas

Nesse capítulo faremos uma relação entre as teorias revisitadas nesse artigo com as experiências vivenciadas no PIBID afim de ilustrarmos como é possível realizar a análise, construção e adaptação de matérias didáticos na escola pública em Aracaju - SE. Antes de mais nada, vamos conhecer melhor o PIBID: o projeto de iniciação à docência é regulado e fomentado pela capes, e regido pelos dispostos no decreto nº 7219, de 24 de junho de 2010: na portaria capes nº 96, de 18 de julho de 2013. No Art 1º encontramos:

> O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID, executado no âmbito da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, tem por finalidade fomentar a iniciação à docência, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação de docentes em nível superior e para a melhoria de qualidade da educação básica pública brasileira.

Dessa forma, o PIBID tem como perspectiva o desenvolvimento de atividades em escolas da educação básica da rede pública. Podemos inferir que um dos objetivos da iniciação à docência é contribuir de forma relevante para que profundas e imprescindíveis transformações ocorram no campo da educação, possibilitando a qualidade no ensino aprendizagem valorizando as práticas pedagógicas, capacitação e inovação dos discentes para a nova geração.

Através das observações e nossa atuação percebemos a oscilação entre o ensino tradicional (gramática) e um ensino inovador (com utilização de slides, filmes, internet, outras tecnologias da informação e comunicação- TIC...). Essa mescla é fundamental para reforçar a criticidade do aluno. Não seria proveitoso, por exemplo, ensinar somente gramática, visto que que a atual geração de alunos não se contenta apenas em ouvir todas as regras gramáticas pacificamente, permanecendo sentados, calados, prestando atenção. São alunos proativos, que gostam de interagir e gostam de relatar os fatos que passaram no jornal, na internet entre outros meios de informação.

Muitos professores têm dificuldade de fazer conexões entre o conteúdo programático da escola e os fatos ocorridos no cotidiano desses alunos. O PIBID traz de forma significativa, a inserção das instituições de nível superior, a exemplo da Universidade Federal de Sergipe-UFS na escola, viabilizando experiências obtidas através da teoria e prática, essas experiências são de grande relevância para a formação inicial dos graduandos, que atuarão de

forma precisa em seu campo de trabalho, no sentido dos desafios e dificuldades que encontraram na prática pedagógica, como também favorece a formação continuado do professor supervisor da escola, que passa a ter o contato diário com os graduandos.

Na interação entre universidade e escola saem vários trabalhos voltados para o desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem de forma significativa, que favoreça a formação de alunos participativos partir de conteúdos inseridos no meio social. A seguir, relataremos uma experiência prática, surgida a partir da ideologia defendida nesse trabalho.

Elaboração da oficina

Durante nosso percurso no PIBID elaboramos algumas unidades didáticas, cujo objetivo era despertar o olhar dos alunos para com os estereótipos enraizados a respeito dos países que falam espanhol como língua oficial. Elaboramos uma unidade de 50 minutos na qual retratamos sobre a violência e o tráfico na Colômbia, comparando com o México e Brasil. Esse tema foi proposto pela professora supervisora da escola, já que muitos associam a Colômbia ao narcotráfico, e não compreendem que o país não pode ser reduzido a isso, visto que tal problema não ocorre apenas na Colômbia, mas também em outros países como tentamos ressaltar na oficina.

A oficina foi elaborada pelos pibidianos com auxílio da professora supervisora e coordenadora. Tal oficina foi direcionada para os alunos do 1º A e 1º B, do Colégio Estadual Leandro Maciel, essas turmas já eram conhecidas dos pibidianos, já que estes já atuavam nas turmas citadas. Objetivo da construção da oficina era quebrar os estereótipos enraizados acerca da Colômbia. No material desenvolvido, focamos na interculturalidade defendida por Paraquett (2009), que defende o aprendizado numa relação de aproximação cultural, assim nos preocupamos em fazer uma ponte entre Colômbia, México e Brasil e mostrar para os alunos, que nesses, como em outros países, existem violência e narcotráfico, mas é possível criar institutos de recuperação dos viciados, amenizando esse problema social.

No material utilizamos a biografia de três narcotraficantes, um de cada país citado, logo ressaltamos como o tráfico prejudica o desenvolvimento local e aprisiona os viciados. Em seguida, apontamos que os narcotraficantes, mais cedo ou mais tarde, acabam pagando pelos crimes que comentem.

Aplicação do material

O material selecionado foi em sua maioria em língua espanhola, fato que faz o discente ter o contato com a língua alvo. O tema chamou muito a atenção dos alunos, por ser um problema social e infelizmente muito próximo da realidade de alguns alunos.

A violência urbana causada pelos efeitos das drogas é tema de grande relevância não somente para os alunos do ensino básico, mas também para os graduandos participantes do PIBID, pois eles podem confrontar a teoria e a prática, desenvolver matérias didáticos com embasamentos teóricos e aplicar o produto construído. Dessa forma, poderá analisar os possíveis e imprevisíveis problemas do ensino, como falta de material de apoio a exemplo do data-show.

Os resultados obtidos durante e depois da aplicação do material surpreenderam nossas expectativas, pois os discentes interagiram expressando opiniões e relatando problemas parecidos com os abordados na oficina. Consideramos que temas como este conduz os alunos do ensino básico ao exercício da cidadania, refletindo sobre seus direitos e deveres em relação à violência urbana.

A oportunidade e o privilégio que o PIBID relaciona a instituição de ensino superior e a escola promove a melhoria na formação profissional dos graduandos envolvidos. Percebemos que os pibidianos passaram a ter experiências interessantes para a atuação em seu futuro campo de trabalho, no sentido dos desafios e dificuldades que encontraram na prática pedagógica. O diálogo entre os graduandos do PIBID, supervisores, coordenadores e estudantes da escola pública geram ótimos produtos e principalmente trazem excelência para o ensino.

Algumas considerações

A busca da qualidade impõe a necessidade de investimentos em diferentes frentes, a exemplo, a formação continuada de professores em diferentes áreas do saber, disponibilidade de materiais didáticos e a qualidade do livro didático. Houve diversos impactos positivos gerados pelo PIBID/UFS, em especial para os alunos de licenciatura em Letras Português/Espanhol, e de Letras Espanhol que recebem bolsa auxilio para incrementar e desenvolver a pesquisa.

Existe uma ampla diversidade de conhecimento, no entanto é imprescindível a individualidade de cada pessoa envolvida nesse projeto. Destacamos que a interação de todos os bolsistas, coordenadores de área, supervisores e os alunos da escola pública é fundamental para que possamos compartilhar as vastas experiências práticas e conhecimento teórico nos distintos campos da aprendizagem.

Os alunos das escolas participantes têm demostrado interesse no projeto, com isso, percebemos como o PIBIB é uma excelente oportunidade de crescimento, compartilhamento de opiniões, práticas, ideias e visões sobre a educação do século XXI. O projeto, portanto, cumpre seu papel ao unir teoria e prática e estimular o contato com a docência dos graduandos antes mesmo da titulação.

REFERENCIAS

BRASIL. **Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**: Linguagens, códigos e suas tecnologias: Conhecimento de Línguas Estrangeiras. Vol. 1, Brasília: MEC Secretaria da Educação Básica. 2006. p. 87-124

BARROS, Cristiano Silva de e COSTA, Elzimar Goettenauer de Marins. Elaboração de materiais didáticos para o ensino de espanhol. In: BRASIL, Ministério da Educação. **Coleção Explorando o Ensino.** V. 16. Espanhol: ensino médio. (Org.) BARROS, Cristiano Silva de e Costa, Elzimar Goettenauer de Marins. Brasília. Secretaria de Educação Básica. 2010. p. 85-118.

PARAQUETT, Marcia. **Linguística Aplicada, inclusión social y aprendizaje de español en contexto latinoamericano**. Revista Nebrija de Linguística Aplicada a la Enseñanza de Lenguas, v. 6, p. 01-23, 2009.

Decreto 7219/10 | Decreto nº 7.219, de 24 de junho de 2010. Disponível em: http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/823578/decreto-7219-10 acessado em 25 de setembro de 2015.

EIXO TEMÁTICO 3:
Gêneros Textuais, Linguagem e Ensino

HISTÓRIA EM QUADRINHOS:

GÊNERO NARRATIVO DE MÚLTIPLAS LINGUAGENS

Anaclécia Maria Santos[35]
Thauanny Santos Alves[36]

RESUMO
A HQs permaneceu em constante evolução através da linguagem gráfica pura e simples e, principalmente das ilustrações. Existe uma variedade infinita e heterogênea de gêneros e eles interagem tanto na oralidade quanto na fala. A História em Quadrinhos é um gênero textual que utiliza a linguagem não verbal, aquela que proporciona a interação humana sem o uso da palavra. Essa alternativa desperta no discente o interesse pela leitura, uma vez que ela é de linguagem clara e ilustrativa. À medida que lemos o mundo vamos ampliando nossa percepção de que os textos dialogam uns com os outros, por meio de referências, alusões ou situações. Desta forma, atividades não verbais expressam sentidos nos diversos contextos comunicativos, desde que os enunciadores compartilhem o conhecimento de mundo. O presente projeto traz a importância da utilização dessa técnica na aprendizagem e quais contribuições atividades que utilizam esta ferramenta na sala de aula podem oferecer para despertar no aluno o interesse pela leitura. A razão que justifica este trabalho é oferecer oportunidade ao sujeito de utilizar essa modalidade de ensino e suas características elementares, conforme as necessidades que envolvem o processo de ensino aprendizagem.
PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem. História em Quadrinhos. Leitura.

RESUMEN
La sede permaneció en constante evolución a través de la pura y simple lenguaje gráfico y especialmente las ilustraciones. Hay una infinita variedad y heterogéneo género e interactúan tanto en la oralidad en el discurso. El cómic es un texto que utiliza el lenguaje no verbal, que proporciona la interacción humana sin el uso de la palabra; Esta alternativa despierta el interés de los estudiantes en la lectura, ya que es ilustrativo y claro lenguaje. Como leemos el mundo nos estamos ampliando nuestra percepción de que el diálogo con los demás, por medio de referencias, alusiones o situaciones. De esta manera, actividades no verbales expresan direcciones en diferentes contextos comunicativos, desde la parte de indicadores de conocimiento de mundo. Este proyecto aporta la importancia del uso de esta técnica en el aprendizaje y lo que pueden ofrecer actividades de contribución que utilizan esta herramienta en el aula despertar en el interés de los estudiantes en la lectura. La razón que justifica este trabajo es ofrecer oportunidad de sujetos con esta modalidad de enseñanza y sus características elementales, según las necesidades que implican la enseñanza proceso de aprendizaje.
PALABRAS CLAVE: Aprendizaje. Comic Book. Lectura.

1 INTRODUÇÃO

Segundo muitos autores que discorrem sobre a aquisição da leitura e a prática da escrita, a escrita não é a simples transposição gráfica de linguagem oral, visto que a criança quando aprende a escrever liberta-se do aspecto sensorial da linguagem e substitui as

[35] Graduada em pedagogia pela UNIT, especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela FSLF, especialista em Teorias do Texto pela UFS, mestrado em Educação pela FCU – Flórida Christian University (EM ANDAMENTO), professora da rede publica municipal de Itaporanga D'Ajuda/SE e Nossa Senhora do Socorro/SE, professora universitária e tutora na Universidade Anhanguera. E-mail: anacléciamaria72@gmail.com.
[36] Graduanda do curso de Letras/Português/Inglês na UFS - Universidade Federal de Sergipe.

palavras por imagens de palavras, ela também tem que tomar consciência da estrutura sonora de cada palavra. Os alunos leem para comunicar-se com alguém, com o exterior: as famílias, a cidade, o bairro, as aldeias e tudo o que está ao seu redor.

O trabalho com textos oferta um leque de possibilidades de aprendizagem, oportunidades educativas, porém os mesmos não são meros veículos de estudos gramaticais. Com atividades dirigidas o discente deverá alcançar condições para que domine o significado das palavras ampliando o vocabulário.

Um meio importante para o incentivo à leitura é a utilização de uma ferramenta que desperte o interesse por essa prática, percebe-se que a História em Quadrinhos é uma boa alternativa. No mundo atual este instrumento de leitura é matéria de consumo de milhões de leitores. Embora tenha sido condenada por muitos anos por psicólogos e educadores em todas as partes do mundo, hoje tem sua cadeira especial na Universidade de Brasília.

O presente trabalho objetiva enfatizar a importância da utilização dessa técnica na aprendizagem e quais contribuições atividades que utilizam esta ferramenta na sala de aula podem oferecer para despertar no aluno o interesse pela leitura.

Este projeto justifica-se por oferecer oportunidade ao sujeito de utilizar essa modalidade de ensino e suas características elementares, conforme as necessidades que envolvem o processo de ensino aprendizagem.

Por utilizar a linguagem não verbal, a História em Quadrinhos, que também é um gênero textual, proporciona a interação humana sem o uso da palavra. Essa alternativa desperta no discente o interesse pela leitura, uma vez que ela é de linguagem clara e ilustrativa, despertando para novas leituras.

Destacam-se, ainda, como elementos paralingüísticos, os balões. Eles possuem significações diferenciadas para cada contexto. O balão pode representar uma conversa direta, pode indicar que a personagem está pensando, ou, esbravejando. Para cada contexto conversacional a estrutura do balão fortalece o conteúdo da mensagem.

Desta forma, atividades não verbais expressam sentidos nos diversos contextos comunicativos, desde que os enunciadores compartilhem o conhecimento de mundo. À medida que lemos o mundo vamos ampliando nossa percepção de que os textos dialogam uns com os outros, por meio de referências, alusões ou situações.

2 Interpretação criativa de textos por meio da História em Quadrinhos

2.1 Definição de quadrinhos

Como a própria denominação já diz a Histórias em Quadrinhos é uma história contada por meio de vinhetas, nas quais podem ser encontradas figuras com textos ou desenhos sem textos, tais imagens representam uma forma de comunicação expressiva, que agrega as linguagens gráfica e literária, compondo a chamada literatura gráfica, essa composição indica uma narrativa que se produz com imagens e letras.

As HQs são constituídas de no mínimo dois quadrinhos, sendo sequenciais. O conjunto de quadrinhos representa a narração de uma história ou aventura. Diferentemente do passado, hoje as HQs estão sendo reconhecidas como material educacional e uma importante ferramenta para transmitir conhecimentos aos alunos.

2.2 Origem dos Quadrinhos

As Histórias em Quadrinhos como linguagem gráfica, existem praticamente desde os primórdios da humanidade, quando os nossos ancestrais, por meio de desenhos canhestros[37], contavam graficamente, nas paredes das cavernas em que habitavam as aventuras de suas caçadas ou refletiam sobre o seu cotidiano, enfim, a construção de sua vida e seus significados.

Eram narrativas em forma de imagens, que sempre apareciam nas cavernas, como forma de comunicação. Surgiu também em outras épocas, representada em papiros egípcios em que relatavam fatos dos faraós que ocorriam no Grande Egito e em gravuras e tapeçarias medievais contando histórias cristãs.

No Brasil, a História em Quadrinho teve início em 1905, com a publicação de “O Tico-Tico”, uma revista destinada às crianças, que trazia como personagem principal “Chiquinho”, menino loiro de cabelos compridos, uma cópia adaptada de Buster Brown - um personagem norte-americano. Havia poucas páginas com quadrinhos. Em 1960, terminou sua jornada, com 55 anos de publicação ininterrupta.

Em setembro de 1929, surgiu a Gazeta Infantil que se destacou de outras publicações infantis da época por alguns motivos bem relevantes. Em 1948, A Gazetinha ganhou um novo nome - Gazeta Juvenil - e deixou de ser editada em 1950.

[37] Diz-se daquele que não tem habilidade nem destreza; desajeitado. Que tem vergonha; tímido, ressabiado. Disponível em: <http://dicionariocriativo.com.br/significado/canhestro>. Acesso em: 05/10/2015.

3 A paralinguagem - sentidos reforçados

Há consenso entre os especialistas que afirmam que boa parte da comunicação humana ocorre por meio do que denominamos linguagem não verbal, ou seja, aquela que proporciona a interação humana sem o uso da palavra. Almeida (1998) lembra que HQs "é composta, via de regra, de uma ou de uma série de superfícies, de formato quase sempre quadrado ou retangular, exploradas graficamente, às quais se dá o nome de *vinhetas* ou *quadrinhos*". Esta é uma forma interessante de atrair o leitor.

As vinhetas são delimitadas externamente por traços que dividem a página e constituídas de formas justapostas. Essa construção é que lhes confere o fator de estruturação textual e delineia o percurso do fluxo narrativo. No Brasil, a passagem de uma vinheta para a outra, de forma geral, segue no sentido horizontal, da esquerda para a direita.

A Paralinguagem se caracteriza justamente por acompanhar a linguagem verbal numa conversa. Ela remete a uma série de ocorrências na linguagem. Esses elementos não verbais de comunicação incluem o volume de voz, o tom de voz, o ritmo e as pausas utilizadas. Dentre os efeitos paralinguísticos os elementos são: reforçar, ampliar e esclarecer.

3.1 Múltiplas linguagens

Os quadrinhos têm um suporte de comunicação de massa extremamente visual, no qual as imagens surgem estáticas no papel e foi um dos primeiros meios de comunicação de massa a se globalizar antes mesmo do cinema.

Dentre tantas características, podemos citar alguns componentes que modificam o sentido e transmite emoção na leitura dos quadrinhos, essas múltiplas linguagens que os quadrinhos oferecem despertam nas crianças o interesse por esse tipo de leitura. São eles: pausas – tanto as não preenchidas (silêncio), como as preenchidas (hum); Velocidade da fala; Variação de altura da fala; variação de intensidade; hesitações; o tom de voz; a maneira de falar; os sons que não fazem parte da língua, como o riso, o suspiro.

As onomatopeias constituem outra categoria do gênero HQ. Estão presentes para enfatizar a narrativa, fortalecendo as imagens auditivas que o autor deseja reforçar. Elas acompanham as HQs desde os primórdios e até hoje são recursos muito utilizados.

Nota-se, entretanto, que com o desenvolvimento da escrita, muitas formas de representações foram mantidas ou criadas para acompanhar a "palavra" e muitas das questões

que acompanham a cadeia de signos linguísticos passaram a ser responsáveis pela indicação de determinados sentidos.

4 História em Quadrinhos – um gênero textual interessante e atrativo

O leitor interpreta um texto repensado e reconstrói partes daquele texto, ou seja, o intérprete trabalha com a percepção e a imaginação, pois o que ele tem em mente é capaz de provocar novas conotações. Por isso, interpretar é criar, é trabalhar com algo já construído, é repensar a imaginação.

A experiência nos mostra que a habilidade em leitura está vinculada ao conteúdo com texto e que requer mais do que vivência: experiência em leitura. Quanto mais lemos, mais adquirimos habilidades leitoras, nosso vocabulário é enriquecido, e, consequentemente, escrevemos melhor e desenvolvemos com maior eficácia a oralidade.

Portanto, ao escolher um texto, o educador deve levar em consideração o grau de treinamento em leitura e não apenas a idade do educando. É preciso observar os trechos ou livros adequados à turma e estabelecer critérios baseados na opção feita pelo professor. Assim, as crianças terão mais disposição e mais interesse no momento da leitura, características elementais no processo em que o leitor interage com o autor.

A História em Quadrinhos permaneceu em constante evolução através da linguagem clássica, pura e simples, das pinturas, às ilustrações etc. Tudo atrai à criança e desperta o interesse literário, principalmente quando há ilustrações, a partir daí, ela vai criando um hábito inesperado pela leitura. No entanto, nossos alunos, em geral, leem quadrinhos, pois a figura está mais próxima do objeto do que as palavras.

Miranda (1972) nos afirma:

> A palavra é limitada, a visão é especial porque se desenvolve em todas as direções. Por isso os quadrinhos reproduzem, em miniatura, objetos, paisagens e pessoas semelhantes aos da realidade. Têm mais forças do que as palavras são mais concisas e definidas, isto justifica o grande interesse das crianças pela história em quadrinhos. (MIRANDA, 1972, p.126).

Toda criança necessita de crescimento físico e mental, um dos recursos para o seu desenvolvimento é a história, pois entre o texto e as ilustrações ela prefere a gravura à fala, e a fala à letra.

Segundo os parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1997), existem outros textos adequados que ajudam o aluno a refletir e a aprender que são as quadrinhas, parlendas e canções que, em geral se sabe de cor e as embalagens comerciais, os anúncios,

os folhetos de propaganda e demais portadores de textos que possibilitem suposições de sentido e a partir do conteúdo, da imagem ou foto, do conhecimento da marca ou do logotipo, isto é, de qualquer elemento do texto ou do seu entorno que permita ao aluno imaginar o que poderia estar aí escrito.

Quanto mais o aluno lê, mais ele aprende a produzir, a construir o seu conhecimento, e o que facilita essa construção é a prática do educador nas salas de aula. Portanto, é preciso uma mudança de atitude do mediador desse processo, o repensar as atividades pedagógicas trarão alternativas de ensinagem que visam desenvolver no aluno a capacidade de atribuir significado ao que ele aprendeu em sala de aula e dar ao processo de aprendizagem um novo sentido.

Existe uma variedade infinita e heterogênea de gêneros e a História em Quadrinhos é um gênero textual de múltiplas linguagens. É uma ferramenta de interação bem aceita no mundo infantil. Pois as crianças interagem tanto na oralidade quanto na fala, pois facilita a compreensão por causa da linguagem não verbal.

Além dessa peculiaridade, outras formas, nos mais diversos canais de comunicação escrita, uma vez que ampliam a compreensão do enunciado no processo de comunicação. Entre elas destacam-se: imagens, cores, tipologia das letras e, nas HQs, várias dessas formas que, aliadas aos conteúdos verbais, possibilitam uma série de leituras.

Chamamos essas formas não verbais que acompanham os conteúdos verbais nas HQs de efeitos paralingüísticos, pois eles estão presentes nos enunciados escritos. As onomatopeias constituem outra categoria do gênero HQ. Estão presentes para enfatizar a narrativa, fortalecendo as imagens auditivas que o autor deseja reforçar. Elas acompanham as HQs desde os primórdios e até hoje são recursos muito utilizados.

A associação entre letras e figuras é de imprescindível importância à compreensão da criança, pois sua percepção se desenvolve através do contato direto entre o ser e as coisas e desta forma, os quadrinhos proporcionam ao aluno o estímulo e a motivação à leitura, uma vez que os quadrinhos incentivam o processo mental e fazem com que a realidade infantil evolua através da representação visual para o mundo alfabético.

Para Bakhtin (2000) “a língua se efetiva em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos”. Já Marcuschi (2002) adota uma perspectiva mais verbal para o gênero, formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e domínios discursivos específicos.

Muitos tinham uma ideia equivocada a respeito das Histórias em Quadrinhos, hoje, mais do nunca, é uma ferramenta indispensável na aprendizagem, pois muitas crianças aprendem a

ler com os gibis, pois desperta facilmente sua atenção, uma vez que pode ser facilmente adquirida por ser de baixo custo.

Considerações finais

Aprender a ler implica o desenvolvimento de estratégias para obter sentido do texto. A leitura exige habilidade de aprender, mas qualquer criança que entender seu mundo fora da escola tem essa habilidade.

Neste trabalho, foi apresentada uma alternativa que possibilita uma leitura mais atrativa: a utilização do gênero História em Quadrinhos. Uma linguagem mais clara e simples que desperta a atenção do leitor, por meio de sua linguagem verbal e não verbal, uma estratégia de ensinagem que favorece a aprendizagem do educando.

Entende-se que é necessário um maior esforço de investigação a fim de compreender o desenvolvimento de cada criança, o grau de dificuldades, seus medos e anseios para que se possa ajudá-las, promovendo meios pelos quais ela venha percorrer com maior tranquilidade, abrindo novos horizontes e facilitando na construção do conhecimento.

Os educadores devem aprender a entender e respeitar os aspectos do desenvolvimento da leitura para que possam auxiliar os pequenos leitores nesse processo. A leitura por meio dos quadrinhos visa à melhoria nas estratégias, necessárias para o aprimoramento de uma competência real de leitura.

Portanto, a utilização das Histórias em Quadrinhos na sala de aula leva o aluno ao prazer da descoberta, à busca do conhecimento, a interpretar a linguagem por meio dos desenhos, enfim, a compreender não verbais por meio dessa modalidade de ensino.

À quiçá de conclusão, munidas de todas essas linguagens expressivas, as HQs dão vida a uma série imensa de narrativas das mais várias áreas. As chamadas narrativas figurativas estão carregadas de paralinguagem, ou seja, recursos não verbais que fortalecem a construção global dos sentidos que o autor deseja imprimir no seu trabalho.

Fica claro, então que a HQs não é fechada em si mesma, ela apresenta uma linguagem que atua harmoniosamente com outras linguagens expressivas, trazendo contribuições fundamentais para o desenvolvimento do sentido do texto, favorecendo a aprendizagem significativa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Nunes. **Técnicas e jogos pedagógicos**. 9. Ed. São Paulo: Loyola, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso:** problemática e definição. In: **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CHARMEUX, Eveline. **Aprender a ler: vencendo o fracasso**. São Paulo: Cortez, 1997.

CHIAPPINI, LIGIA. **Aprender e ensinar com textos não escolares**. São Paulo: Cortez, 1997.

CIRNE, Moacy. **A linguagem dos quadrinhos**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1971.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Ana Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MMcCLOUD, S. **Reinventando os quadrinhos**. São Paulo: M. books do Brasil, 2006.

MIRANDA, José Fernando. **Interpretação criativa de textos**. 2. Ed. Porto Alegre: Sagra S.A., 1972.

DIONISIO, A. P. et al. (Org.). **Gêneros Textuais e Ensino**. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

PCN's – **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Língua Portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997.

DIEL, Eliane de Oliveira. **Histórias em quadrinhos - uma poderosa ferramenta pedagógica.** Disponívelem:<http://www.portaleducacao.com.br/educacao/artigos/19466/historias-em-quadrinhos-uma-poderosa-ferramenta-pedagogica#ixzz3nhgPZU2r> Acessado em 05/10/2015.

LEITURA DINÂMICA: UMA PRÁTICA NECESSÁRIA NA FORMAÇÃO DO LEITOR

Anaclécia Maria Santos[38]
Thauanny Santos Alves[39]

RESUMO
No cotidiano escolar percebe-se que a leitura é um problema para muitas crianças e que uma das principais dificuldades que enfrentam os educadores é a aparente incapacidade do aluno em produção e interpretação de texto. Desde o início da escolaridade da criança o professor deve desenvolver projetos temáticos e dinâmicos que promovam a leitura e a escrita. É necessário que as atividades se atualizem sobre objetos materiais, ao mesmo tempo específicos e diversos que promovam no discente o interesse pela busca do conhecimento e incentivem o espírito de pesquisa. Este projeto se justifica porque de há muito os professores vêm notando em suas salas de aula a desmotivação e desinteresse de muitas crianças para a prática da leitura. A falta de estímulo quanto a essa prática é notória, vê-se, entretanto, uma grande necessidade de desenvolver a capacidade de compreender textos tanto orais quanto escritos, de assumir a palavra e produzir textos. A leitura dinâmica propicia prazer nesse momento em que o leitor interage com o autor. É preciso que professores repensem sua prática e incentivem os alunos a gostarem de ler, pois eles são agentes facilitadores no processo de aprendizagem. Este trabalho objetiva alcançar a reflexão necessária para um saber dinâmico e atuante, com propostas inovadoras que estimulem o cérebro do leitor e estabeleçam previsão e inferência, estratégias que são invocadas na prática da leitura.
PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem. Estímulo. Leitura dinâmica.

RESUMEN
En la escuela diaria notó que la lectura es un problema para muchos niños y que una de las principales dificultades que enfrentan los educadores es la aparente incapacidad del estudiante en la producción e interpretación de texto. Desde el comienzo de la escolaridad del niño, el maestro debe desarrollar proyectos temáticos y dinámicos que promuevan la lectura y la escritura. Es necesario que las actividades de actualización sobre objetos materiales, al mismo tiempo y varios que promover el interés de los estudiantes en la búsqueda del conocimiento y fomentar el espíritu de investigación. Este proyecto se justifica por los profesores vienen de destacar en sus aulas a la desmotivación y el desinterés de muchos niños por la lectura. La falta de estimulación como esta práctica es notorio, para ver si, sin embargo, una gran necesidad de desarrollar la habilidad para comprender textos tanto como escrito, para asumir la palabra y producir textos orales. Lectura dinámica proporciona placer ahora mismo en el cual el lector interactúa con el autor. Los maestros necesitan repensar sus prácticas y motivar a los estudiantes a leer, porque son facilitadores en el proceso de aprendizaje de los agentes. Este trabajo tiene como objetivo alcanzar la reflexión necesaria para el conocimiento dinámico y activo, con propuestas innovadoras para estimular el cerebro del lector y para establecer la predicción y la inferencia, estrategias que se invoquen en la práctica de la lectura.

PALABRAS CLAVE: Aprendizaje. Estímulo. Lectura de la velocidad.

---

[38] Graduada em pedagogia pela UNIT, especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela FSLF, especialista em Teorias do Texto pela UFS, mestrado em Educação pela FCU – Flórida Christian University (EM ANDAMENTO), professora da rede publica municipal de Itaporanga D'Ajuda/SE e Nossa Senhora do Socorro/SE, professora universitária e tutora na Universidade Anhanguera. E-mail: anacléciamaria72@gmail.com.

[39] Graduanda do curso de Letras/Português/Inglês na UFS - Universidade Federal de Sergipe

1 INTRODUÇÃO

Embora seja necessária e indispensável, a compreensão da leitura é um dos principais problemas de aprendizagem. A leitura é um dos meios de desenvolvimento da linguagem e da personalidade, pois favorece a remoção de barreiras educacionais e promove o exercício intelectual. No entanto, estudos e pesquisas mostram que muitos estudantes, apesar dos esforços da escola, e de projetos do Governo Federal, continuam a não gostar de ler. Isso se deve às práticas escolares que continuam a restringir fortemente a oferta da leitura para a formação de leitores.

A prática da leitura não é muito constante em nossos dias, o que implica ao leitor a dificuldade de compreensão, atenção e interesse. No entanto, a estimulação cerebral através da leitura dinâmica, possibilita a preservação da memória e a capacidade cognitiva. Esse processo dinâmico incentiva a organização e expressão de ideias, estimula o aumento e fixação do vocabulário, assim como incentiva a criatividade dos alunos.

Este trabalho propõe promover o desenvolvimento uma comunidade escolar na qual os alunos desenvolvem a leitura e suas habilidades cognitivas através de instrumentos estimulantes e facilitadoras. Também permite que se instaure o diálogo e a colaboração entre professores e a comunidade escolar, ao menos em torno deste problema capital que é a aprendizagem da leitura.

A elaboração deste estudo teve como metodologia a pesquisa bibliográfica, baseada em alguns autores: Foucambert, Rangel, Teixeira, entre outros; revistas, meios midiáticos, com o intuito de aprimorar os conceitos e aprofundar no estudo do tema.

O objetivo deste trabalho é buscar alternativas que incentivem o domínio da linguagem oral como também buscar uma maior compreensão para o método de leituras, com técnicas que estimulem o discente a gostar de ler. A leitura dinâmica é uma ferramenta indispensável para a perfeita compreensão de textos, Essa modalidade de leitura também incentiva a organização de ideias sobre o texto, momento em que o leitor interage com o autor.

A pesquisa elaborada partiu do pressuposto de que o aluno, em processo de alfabetização, necessita de que o professor promova a sua aptidão para a leitura. O empenho do mestre por seus alunos ainda é o elemento mais importante nesse processo, ele precisa compreender o sujeito com seus antecedentes sociais e culturais e, acima de tudo, mostrar interesse pela leitura pessoal de cada um, animando-o a continuar por seus próprios esforços.

2 A leitura na escola no passado e no presente: breve digressão

Ensinar a leitura é colocar em funcionamento um comportamento ativo, vigilante e de construção inteligente de significado, motivado por um projeto consciente e deliberado, desde o início da escolaridade da criança, mesmo antes que elas cheguem à escola.

Estudos e pesquisas que procuram analisar o cotidiano da escola no passado e no presente mostram que, a pesar dos fatores de mudança e transformação e dos projetos do Governo Federal, as práticas escolares continuam a restringir fortemente a oferta de leitura para a formação de leitores. A aprendizagem da leitura deve ser vista, consequentemente, inseparável das atividades de expressão, observação e construção.

Até meados do século XIX, não existiam praticamente livros de leitura nas escolas públicas brasileiras. Para o ensino de leitura eram usadas as mais distintas fontes. Relatos de viajantes, autobiografias indicam que a base para a leitura era textos manuscritos, tais como documentos de cartório e cartas.

Entre as décadas de 50 e 70, ampliaram-se os meios de acesso à leitura: houve um aumento significativo do número de livrarias e de bibliotecas populares, inclusive bibliotecas ambulantes. A partir da década de 70, surgem inúmeras séries de livros e, ao contrário do que acontecia no passado, cada livro passa a ter um tempo menor de utilização na escola. (HALLEWELL, 1985).

O valor que a sociedade, através da escola, quer desenvolver no aluno, pode ser traduzido através da valorização da escrita e da leitura. Esta última suscita a necessidade de familiarizar-se com o mundo, enriquecer as próprias ideias e ter experiências intelectuais. Com tais práticas o aluno é impulsionado ao treino das aptidões intelectuais.

Neste milênio, muito do passado do ensino de leitura sobrevive ainda no presente. Nas palavras de Kleiman (1999):

> Como era de esse esperar, o profissional se sente inseguro de dar conta da nova tarefa (...) ele não consegue desenvolver a leitura crítica no aluno porque se formou dentro da visão segundo a qual a leitura e a escrita são atribuições de disciplina e não atividades de linguagem para o desenvolvimento do indivíduo em sociedades tecnológicas. (Kleiman 1999, p. 61):

O professor contemporâneo sente dificuldade em desenvolver projetos temáticos e não consegue pensar em uma maneira mais dinâmica de promover na criança a escrita e a leitura crítica. Isso se dá ao fato de que seu currículo tradicional nunca o ensinou a trabalhar nesse contexto. Desde o início é importante criar na classe um ambiente que possibilite muitas

relações e, portanto, os intercâmbios linguísticos, que irão sendo organizados progressivamente.

O Governo Federal lançou em 2012, um projeto intitulado PNAIC – Plano Nacional de Alfabetização na Idade Certa, um projeto que apresenta uma nova modalidade para o ensino de leitura com caixa de livros paradidáticos para os alunos manusearem e lerem à vontade, uma excelente iniciativa, mas que só terá validade com uma nova postura do educador, voltada para o interesse em despertar no aluno o gosto pela leitura, principalmente a partir da ”Leitura Deleite”, feita pelo professor no início da aula. É conjunto de ações da União, dos Estados e dos municípios para garantir a alfabetização dos alunos da rede pública até os oito anos até 2022 - de acordo com a Secretaria de Relações Institucionais.

O principal desafio desse plano é garantir que todas as crianças brasileiras até oito anos sejam alfabetizadas plenamente. Para isso, ele contempla a participação da União, estados, municípios e instituições de todo o país.

Para alcançar seus objetivos, o governo já gastou bilhões com essa iniciativa, a saber: um orçamento total de R$ 3,3 bilhões. Até hoje, 5.421 municípios e todos os estados brasileiros já aderiram ao Pacto, atendendo a uma totalidade de 7 milhões de estudantes dos três anos do ciclo de alfabetização, em 108 mil escolas.

A leitura tornou-se hoje uma ferramenta indispensável à vida em sociedade, privilegiada de enriquecimento pessoal. É preciso que cada criança domine todas as formas de leitura. O sucesso escolar, o sucesso profissional, a liberdade e a autonomia do cidadão que ele se tornará, tudo depende de sua capacidade de leitura.

Jamais no passado, nem mesmo por ocasião do método global, o aprendizado da leitura suscitou um debate tão importante, e, sobretudo, tão público. É que atualmente, o domínio da leitura tem uma importância completamente diversa de que tinha a cinquenta anos, ao mesmo tempo maior e muito diferente. A leitura tornou-se uma forma exemplar de aprendizagem, pois o aprimoramento da capacidade de ler resulta na capacidade de aprender como um todo.

2.1 A ergonomia da leitura

Muitas pessoas gostam de ler em qualquer lugar, outras são mais sistemáticas e preferem um ambiente mais tranquilo. Mas qual o local ideal para se estudar? Todos nós sabemos que um ambiente ventilado, mais confortável, com boa luminosidade, com poucos estímulos que possam desviar a atenção e causar dispersão favorece um estudo mais agradável, com melhores resultados.

Ergonomia é uma palavra de origem grega (*ergo* = trabalho e *nomos* = regras), traduz-se no estudo do homem e seu trabalho, equipamentos e meio ambiente, de forma que seja necessário aplicar menos esforço nas atividades diárias.

Nesse contexto duas tendências básicas merecem atenção: a ergonomia americana dos métodos e das tecnologias, que visa contínua necessidade de adaptação da máquina ao homem e a ergonomia europeia da organização do trabalho e o estudo da inter-relação do homem e do trabalho. Na leitura dinâmica se utiliza um pouco de cada tendência para que a leitura seja um ato de menor esforço físico e mental, com o melhor uso de ferramentas possível como computadores, livros, revistas entre outros. (TEIXEIRA, 2009).

3 Leitura dinâmica – uma forma de atrair os alunos

Podemos afirmar que cada educador tem um modelo que guia suas ações, por mais insignificante que pareça, quando se escolhe um texto, quando se prepara uma leitura, uma tarefa de grafismo ou trabalho escrito. Mas é preciso ter cuidado. Um modelo pedagógico que nos leva a uma organização de aula ou que se alternam atividades coletivas e individuais, implica uma prática, pois não é o professor que proporciona as informações, modela as propostas de trabalho, corrige, avalia. O educador compartilha o conjunto de ideias com o aluno para que, progressivamente ele adquira capacidade para auto avaliar sua aprendizagem.

A posse e o domínio da leitura e produção da escrita das habilidades relacionadas com a leitura e produção de textos para finalidades sociais em todas as esferas da sociedade urbana – é considerado um grande divisor social. Ler e escrever são atividades de comunicação particular: trata-se de comunicar-se com alguém que não está junto a nós.

Segundo Olson (1997), os manuais ou métodos já prontos não são muito suscetíveis de favorecem um saber real. Só podemos aprender a partir de objetos sociais, concebidos para serem lidos e não para ensinar leitura. Trata-se ao contrário, de um meio excelente de poder utilizar os “verdadeiros” objetos de leitura: os jornais, *outdoors*, histórias em quadrinhos, mapas rodoviários, poemas, romances, contos, álbuns, todos de real leitura, de real prazer.

A leitura não é um processo que possa ser explicado por meio de modelo mecânico. Ela ocorre em certas áreas definidas do cérebro. Essas áreas não são as únicas a participarem. O processo de ler, tal como o de pensar, depende da capacidade do sujeito de decifrar e fazer o uso da linguagem. A estimulação cerebral através da leitura dinâmica possibilita a preservação da memória e a capacidade cognitiva.

Charmeux (1994), afirma:

> Aprender a ler, sem dúvida, só pode, portanto se se fazer lendo, a partir dos objetos e nos feitos para isso, e analisando o que se passa, quando se lê. Eis porque um método. Por mais genial que seja não pode fazer aprender a ler, e na medida em que o método frequentemente dispensa a leitura de outra coisa, já que espera que a criança "saiba ler" para ler, ele bloqueia completamente, aliás, toda aprendizagem possível. (Charmeux, 1994, p. 68)

Em suma, o professor deve prever situações de leitura cujo objeto, sem ser abertamente funcional nem visar prazer pessoal, funcione, de fato, como uma espécie de treinamento para a abertura do espírito. Deve, também, o educador, auxiliar o sujeito a se apropriar pela reflexão de da especificidade de cada uma das situações de leitura e a perceber suas variáveis. Os alunos precisam aprender a usar pistas muitas vezes sutis para inferir como o escritor deseja que o seu texto seja interpretado.

3.1 Aspectos da leitura

Segundo Teixeira (2009, p. 13 - 22), a leitura apresenta alguns aspectos que devem ser considerados:

A Decodificação - Reconhecer o signo gráfico e traduzi-lo para a linguagem oral ou um sistema de signos estabelecidos. (Se inicia na atividade dos olhos – a decodificação exigirá que o indivíduo tenha seu sistema sensorial envolvido neste ato).

A Compreensão - A compreensão vai acontecer de forma suscetível aos fenômenos que formam o indivíduo. A Leitura envolve as seguintes atividades: captamos o estímulo pela visão, percebemos o estímulo e interpretamos esse dado sensorial, assimilamos o conteúdo e o integramos ao nosso arquivo mental.

A Percepção - É uma atividade muito complexa. É a partir dela que o indivíduo toma conhecimento do real, resultado da organização das sensações que nada mais são do que a própria impressão causada pelo estímulo.

O Estímulo - É percebido de forma variada de pessoa para pessoa. Cada um nota o que está ao redor a sua maneira. As inúmeras combinações possíveis entre as variáveis pessoais e do estímulo serão as responsáveis pelas diferentes interpretações, gestos, traduções e preferências das pessoas.

O ser humano aprende continuamente explorando, experimentando, indagando, tateando, relacionando-se com os outros e com o meio ambiente e aprendendo de outros e com os outros. A aprendizagem é um processo cotidiano e natural ao ser humano. A partir

desse pressuposto, entende-se que o educador desempenha papel fundamental de mediador ente os outros e a cultura, ajudando, guiando, orientando, dinamizando, apoiando e facilitando a conquista do significado da compreensão e do sentido do novo. Por isso, os aspectos mencionados acima devem ser considerados pelo professor para que medeie com mais precisão nesse processo que envolve a leitura dinâmica.

A intervenção docente sempre estará dirigida a propor desafios que questionem as hipóteses e as ideias dos alunos sobre a realidade e a oferecer as ajudas e as orientações contextuais para dar significado e compreensão a tudo o que se faz e se aprende na escola.

A leitura, segundo Teixeira, (2009) tem quatro níveis que merecem consideração:

Primeiro nível – é elementar e diz respeito ao período de alfabetização. **Segundo nível –** é a pré-leitura, é a primeira impressão sobre o livro. É a leitura que comumente desenvolvemos nas livrarias.

Terceiro nível – é conhecido como analítico. Depois de vasculharmos o livro na pré-leitura, analisaremos o livro. (é capaz de resumir um livro em duas frases). **Quarto nível –** é o denominado controle. Trata-se de uma leitura rápida. A esta altura já se conhece bem o livro. É também nessa etapa que sublinharemos os tópicos importantes caso necessário.

Para que haja uma leitura dinâmica e prazerosa na sala de aula é necessário que o professor conheça e considere esses aspetos que envolvem a leitura. É importante que as técnicas sejam inseridas no cotidiano escolar, indo desde seu aspecto mais lúdico e criativo, até o desenvolvimento de uma técnica pessoal de estudo, de acordo com as necesidades individuais de cada um.

Foucambert, 1994, corrobora:

> Aprende-se a ler lendo textos que não se sabe ler, mas de cuja leitura se tem necessidade. (...) Ler – é, portanto, aprender a ler – é uma negociação entre o conhecido, que está na nossa cabeça, e o desconhecido que está no papel; entre o que está atrás e o que está diante dos olhos. (FOUCAMBERT, 1994, p. 37-38).

Com a leitura, o homem amplia seu universo de discurso, bem como a possibilidade de multiplicar suas visões e aspirações sobre o mundo. A leitura poderá também conduzir o aluno a uma disciplina pessoal levando-o a conhecer e a transformar esse mundo. Assim, os alunos conseguem soltar as amarras e extravasar seu espaço limitado para liberar a sua imaginação, suscitar novas ideias, além de um espirito crítico e investigativo. Estimulada toda essa criatividade, as consequências são imediatas: ampliação do universo individual.

Considerações finais

O problema enfrentado pelos educadores atualmente é a aparente incapacidade do aluno de construir relações significativas entre o material escrito e outras áreas do conhecimento. Parte do problema também pode ser atribuída ao objeto específico da compreensão. A interpretação da realidade externa por algum tipo de significado já existente consiste na organização cognitiva do indivíduo.

Uma abordagem de leitura deve levar o aluno ao prazer da descoberta, por isso ela deve ser encarada como um jogo, uma atividade lúdica que exige o engajamento cognitivo. É preciso, portanto confiar numa pedagogia dinâmica, rigorosa e científica, que trabalhe em equipe e ponha em comum o fruto de sua reflexão. O processo de dinâmicas de leitura leva o sujeito aluno a adentrar com prazer no universo da leitura.

A leitura dinâmica é uma forma lúdica de integrar a criança ao mundo letrado. Uma teoria profunda e uma prática atuante e lúdica de formar leitores. Tal abordagem de leitura deve levar o aluno ao prazer da descoberta, por isso ela deve ser encarada como um jogo, uma atividade lúdica que exige o engajamento cognitivo.

O desenvolvimento de interesses e hábitos permanentes de leitura é um processo constante que começa no lar, aperfeiçoa-se sistematicamente na escola e continua pela vida a fora, através de vários fatores que influenciam nesse processo. A leitura não deve se transformar em leitura mecânica, deve-se desenvolver a motivação e o interesse criando hábitos permanentes; propiciando o ensino efetivo da leitura, tornando o material de leitura adequado e convidativo, acessível a todos.

É preciso, portanto confiar numa pedagogia dinâmica, rigorosa e científica, que trabalhe em equipe e ponha em comum o fruto de sua reflexão. O processo de leituras dinâmicas leva o aluno a adentrar com prazer no “universo lúdico da leitura”.

REFERÊNCIAS

CHARMEUX, Eveline. **Aprender a ler: vencendo o fracasso.** São Paulo: Cortez, 1997.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: ArtMed, 1994.

KLEIMAN, Ângela B.; MORAIS, Silva E. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999 (Coleção ideias sobre a linguagem).

OLSON, David R. **O mundo no papel: as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita.** São Paulo: Ática, 1997(Coleção múltiplas escritas).

RANGEL, Mary. **Dinâmicas de leitura para a sala de aula**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

TEIXEIRA, Elson A. **Leitura dinâmica e memorização.** São Paulo. M. Books do Brasil Editora Ltda, 2009.

IZUMI, Ralph. **Pnaic: o desafio da alfabetização na idade certa. Disponível em:**

<http://www.plataformadoletramento.org.br/em-revista/266/pnaic-o-desafio-da-alfabetizacao-na-idade-certa.html> Acessado em 04/10/15.

ANÁLISE METAFUNCIONAL, "TEMA E REMA", EM TIRINHAS DE LIVROS DIDÁTICOS

Grace Cristina Milet Castro da Paixão[40]
Maiane Vasconcelos de Brito[41]

RESUMO
Nesse estudo pretendemos analisar tiras humorísticas utilizando como suporte as teorias funcionalistas de Halliday, destacando a metafunção textual. Isso porque acreditamos que, com os subsídios do funcionalismo poderemos discutir um dos principais problemas encontrados em sala de aula que é a falta de compreensão textual dos alunos nos diversos gêneros discursivos, e com as tirinhas não ocorre diferença, mesmo se tratando de um gênero relacionado com a diversão, o alunado encerra dificuldades interpretativas.

Palavras Chave: Funcionalismo; Metafunção Textual; Tirinhas.

RESUMEN
En este estudio se pretende analizar las tiritas humorísticas utilizando como apoyo a las teorías funcionalistas de Halliday, destacando la metafunción textual. Esto es porque creemos que con los subsidios funcionalistas puede discutir uno de los principales problemas encontrados en el salón de clases que es la falta de comprensión de lectura de los estudiantes en diferentes géneros, y con las tiritas no se produce la diferencia, incluso cuando se trata de un género relacionado la diversión, el cuerpo estudiantil se cierra dificultades interpretativas.

PALABRAS CLAVE: Funcionalismo; Metafuncion Textual; Tiritas

Introdução

Tradicionalmente os temas relativos ao ensino de língua têm sido bastante considerados pelos estudiosos filiados à linguística. Essa ciência tem, sem dúvida, proporcionado importante desenvolvimento às questões ligadas a tal problemática sem a qual as contradições que envolvem o ensino aprendizagem da língua materna seriam mais complexas. Tal afirmativa é válida porque não encontramos muitos trabalhos que incorporam o aspecto gramatical ao funcionamento efetivo da língua, tornando assim, na maioria das vezes, o ensino de língua uma prescrição gramatical. Essa angústia nos faz repensar como poderemos percorrer os aspectos gramaticais através das práticas de análise linguística. Pois essa aplicação insinua a promoção do aprendizado através de textos efetivamente reais, fazendo com que o alunado construam sentidos sobre o que estudam.

---

[40] Mestranda em Estudos linguísticos PPGL/UFS. Especialista em Tradução, Cultura e Ensino de Língua Espanhola Faculdade São Luiz.

[41] Especialista em Tradução, Cultura e Ensino de Língua Espanhola Faculdade São Luiz. Especialista em Língua Portuguesa e Diversidade Linguística Faculdade São Luiz

Em épocas em que se lastima o desempenho dos alunos, de sobremaneira, nas avaliações nacionais e escolas públicas, especialmente no que diz respeito à leitura e a escrita, entendemos ser de grande mérito uma marcha em favor da suplantação de tais dificuldades, que poderá ser feita através da cooperação de todos os estudiosos que tenham a língua como objeto de estudo, mesmo com diferentes visões.

Nesse contexto, sabemos que o livro didático é o recurso de sustentação das aulas de língua materna, assim, nossa pesquisa apresenta um estudo de análise linguística em alguma tirinhas encontradas em livros didáticos, fazendo uma analogia com o funcionalismo e a metafunção textual, pois acreditamos que esse paradigma expõe concepções que podem ajudar a superar tais angústias, trazendo a possibilidade de trabalhar em sala de aula colaborando na formação e no desenvolvimento da criticidade do aluno como condição indispensável para o exercício da cidadania.

Observamos cada vez mais esse tipo de gênero textual em sala de aula, em provas de vestibulares e até em concursos, e percebemos as dificuldades de compreensão pela falta de relevância por se tratar de um texto humorístico, porém, a anedota está carregada de múltiplos sentidos, através de poucas palavras e com o recurso semiótico não verbal, as imagens, o que ajudam muito às narrativas.

Portanto, nossa pesquisa está direcionada a análise de algumas tirinhas que encontramos em livros didáticos e gramáticas de língua português, à luz da teoria funcionalista, à Linguística Sistêmico-Funcional e a metafunção textual, tema e rema, observando o tratamento do humor que apresentam.

1 Fundamentação teórica

Por toda a extensão histórica muitas teorias procuraram explicar as línguas naturais. Com as investigações de Ferdinand de Saussure foram lançados os estudos mais exatos da linguística, concebendo-a como ciência autônoma. Segundo Benveniste, (2005, pg. 34) “a ciência da linguagem foi pouco a pouco transformada por sua causa”, em vista dessa transformação da língua, antes concebida como obra da história, ela passa a ser visualizada como autossuficiente, portanto, (BENVENISTE, 2005, pg. 49): “Ora, essa linguística renovada é em Saussure que tem a sua origem, é em Saussure que se reconhece e se reúne. Em todas as correntes que a atravessam, em todas as escolas que se divide, proclama-se o papel precursor de Saussure”.

Prosseguindo aos estudos da linguagem, temos na tendência estruturalista afirmada a partir de 1928, o linguista Chomsky com o estudo gerativo, onde analisa a língua como uma

faculdade mental natural e trabalha na perspectiva de que a gramática das línguas é um processo inato, construído num conjunto de princípios universais, ou seja, um conjunto de instruções ou um sistema gerativo, o qual nos torna capazes de adquirir e desenvolver a gramática de uma língua, assumindo assim, uma concepção formalista da linguagem, que a trata de maneira abstrata, como objeto único de investigação, ou seja, só é considerada a estrutura linguística desvinculada de qualquer interferência comunicativa.

Nesse campo estrutural surgiram outras subdivisões teóricas, ora cercando-se das premissas Saussureanas, ora se desviando, apresentando diversas discordâncias. Nesse entremeio, surgiu a corrente funcionalista que trata a linguagem como método e produto da interação humana, do fenômeno sociocultural, isto é, "nesse tipo de abordagem entendem-se os diversos usos linguísticos como contextos reveladores da pluralidade e diversidade de lugares sociais ocupados pelos membros de uma comunidade" (OLIVEIRA e WILSON, 2010, p. 238). Portanto, as correntes teóricas funcionalistas e formalistas concebem a linguagem de maneira diferente. O formalismo se refere ao estudo das formas linguísticas, porém, o funcionalismo se refere ao estudo do significado e do uso das formas linguísticas em atos comunicativos. Uma gramática vivenciada sob a perspectiva formalista trabalha com a estrutura da forma de uma língua, ou seja, estuda a língua através de suas características internas, de maneira descontextualizada. Todavia, uma gramática trabalhada na visão funcional trata da estrutura sistêmica entre as formas e a função de uma língua. Nessa linha:

> Os funcionalistas se preocupam com as relações (ou funções) entre a língua como um todo e as diversas modalidades da interação social, e não tanto com as características internas da língua; frisam assim a importância do papel do contexto, em particular do contexto social, na compreensão da natureza das línguas (NEVES, 1997, p. 41).

O funcionalismo se originou nos estudos do Círculo Linguístico de Praga, que apresentavam a noção de que a estrutura da língua é determinada pela sua função. De acordo com Angélica Furtado da Cunha: "Sua contribuição pode ser sintetizada no uso dos termos função/funcional, no estabelecimento dos fundamentos teóricos básicos do funcionalismo e nas análises que levam em conta parâmetros pragmáticos e discursivos" (MANUAL DE LINGUÌSTICA, 2009, pg. 159). Assim, não se restringe apenas ao ponto de vista formal da língua, mas ao seu uso no exercício social, ou seja, a estrutura gramatical depende do uso que se faz da língua e é motivada pela circunstância comunicativa. Encontramos aqui um aspecto muito relevante do enfoque funcionalista que é a relação entre a semântica, a pragmática e a sintaxe. Notamos, portanto, a síntese central do funcionalismo, que é o uso da linguagem,

perpassando pelos aspectos formais da língua, instituindo a ação recíproca entre sujeitos no ato comunicativo.

2 A Gramática Sistêmico-Funcional

A partir do surgimento de tais perspectivas linguísticas apareceram vários modelos funcionalistas. Dentre eles encontramos a Linguística Sistêmico Funcional- LSF, e tem como principal representante o linguista M. A. K. Halliday *Apud* Rosângela Souza, que explica porque sua gramática é funcional. Sua proposta é uma teoria sistêmico-funcional do sentido como escolha, ou seja, para Halliday os usuários da língua fazem escolhas durante sua interação diária mesmo que inconsciente e a partir daí os significados são gerados. Nesse sentido, a língua é tida como um sistema de significados, é empregada para desenvolver a interação, por isso a atenção maior da Linguística Sistêmico Funcional é entender de que maneira os falantes usam a linguagem diariamente nas diversas situações de comunicação. Assim, segundo Andrade e Taveira (2009):

> A diferença entre a perspectiva hallidayana e a análise estrutural tradicional reside no fato de Halliday focalizar a análise funcional da gramática, ou seja, sua produção de significados, e não meramente fazer um estudo estrutural. Ele afirma que nossa perspectiva tradicional deve ser substituída ou complementada por um pensamento voltado para 'sistemas', através do qual temos que buscar compreender a natureza e a dinâmica do sistema semiótico como um todo. A linguagem, para Halliday, é um recurso para produção de significados, e o significado reside nos padrões sistêmicos de escolha. Assim, quando vamos analisar textos, revelamos a organização funcional dos termos que o compõem, ou seja, sua estrutura. Revelamos as escolhas significativas que foram feitas, cada uma dentro de um contexto do que poderia ter sido escolhido e não foi.

Essa visão atribui à linguagem um caráter dinâmico, já que, através do uso da linguagem podemos interagir uns com os outros produzindo significados. Neves (1997) adiciona que para Halliday:

> Gramática funcional é essencialmente uma gramática 'natural', no sentido de que tudo nela pode ser explicado, em última instância, com referência a como a língua é usada. Seus objetivos são, realmente, os usos da língua, já que são estes que, através das gerações, têm dado forma ao sistema. (pg.62)

Com isso, observamos que a vertente funcionalista tem como pensamento central o uso da língua para satisfação das necessidades comunicativas, por isso, as estruturas gramaticais devem ser escolhidas no uso real, dentro de situações consistentes de comunicação. Assim, a importância da designação funcional está na relação que se organiza com as demais funções com as quais essa função se constitui. Nesse ambiente, o significado é realizado através da configuração total das funções, portanto, segundo Halliday, a oração é

uma estrutura de três dimensões, com significados diferentes e que são semanticamente denominadas de metafunções. O linguista Haliday é o responsável por essa inovadora abordagem do contexto conversacional, as metafunções. São elas: metafunção textual, metafunção interpessoal e metafunção ideacional.

A metafunção ideacional é estruturada a partir da reprodução da nossa impressão do mundo exterior, ou seja, a percepção que o indivíduo tem com o mundo concreto, real, através de processos materiais, mentais ou relacionais. A metafunção interpessoal está relacionada com a representação das relações entre falantes e ouvintes, inserindo todas as formas de interlocução e interação. Já a metafunção textual, com a qual iremos trabalhar, está relacionada à faculdade que o falante tem de originar textos, e o leitor/ouvinte de caracterizar um texto de um conjunto incerto de frases.

A metafunção textual é aquela que dá coerência para a sequência do contexto que se quer formar, ou seja, "é um sentido ligado ao contexto de produção de texto, e a organização de texto varia de acordo com a função que a linguagem exerce naquele contexto, seja na linguagem oral e escrita" (TAVEIRA e AZEVEDO, pg.56). Assim, essa metafunção organiza as ideias do locutor e a compreensão do interlocutor. Essa estrutura se dá através do conhecimento dado e partilhado, formando o que é previsto pelo contexto, e da informação nova, ou seja, o que ainda não é conhecido pelo leitor/ouvinte a partir do discurso que precede. Nessa estrutura, Halliday propõe a divisão da sentença em Tema e Rema. Para o autor, "Tema é o elemento que serve como ponto de partida da mensagem, é o elemento que localiza e orienta a sentença dentro de um contexto. A parte da sentença onde o tema é desenvolvido é o Rema" (TAVEIRA e AZEVADO, pg. 57).

Dentro dessa estrutura existem três tipos de Tema, Tema Tópico ou experiencial, que é o ponto de partida que cria efeito (participante, processo ou circunstância), Tema Textual, que tem a função de conectar ou relacionar orações tornando o texto mais coesivo (conjunções, pronomes), e o Tema interpessoal que é representado por o início da sentença ter um significado interpessoal indicando o tipo ou a posição que cada um ocupa na interação (vocativo, adjunto modal, metáforas gramaticais, palavras interrogativas).

Assim, entre as estruturas de informação e a estrutura temática, observa-se uma relação semântica, tratando o tema como elemento dado e o rema como correspondente ao novo, ao que é revelado na sentença oracional.

Portanto, nos concentraremos na metafunção textual, encontrada nas tirinhas, que é articulado em dois elementos: o tema e o rema. Acreditamos que o componente central humorístico está na informação nova, ou seja, no rema, formadora de sentido e provocando o riso.

3 Análise das tirinhas

Analisar qualquer texto, verbal ou não verbal, implica a necessidade de significação das coisas, uma prévia leitura de mundo, ou seja, o leitor precisa desdobrar um conhecimento de mundo nele inscrito.

Tomando como parâmetro de análise a teoria funcionalista e a gramática sistêmico-funcional, observaremos na estrutura temática da oração a comicidade (ou efeito humorístico) presente, que dá sentido à 'piada', no caso, a informação nova – rema.

Tirinha 01

http://tenhaumatoalha.blogspot.com.br/2012/08/mafalda-de-quino-50-anos-da-primeira.html

Observando a tirinha acima, com a noção de que se trata de um tipo de texto abreviado, notamos o tema bastante limitado, além da mensagem verbal "*não funciona",* vemos no campo semiótico a presença da linguagem não verbal que acompanha os gestos e expressões faciais da personagem Mafalda, que em primeiro momento demonstra curiosidade ao observar o homem que cola cartazes, e em segundo momento mostra-se pensativa questionando-se acerca da humanidade. Na progressão dos quadrinhos observamos a associação, por parte da personagem, da frase que está no cartaz com os problemas existentes na sociedade, e a esperança que ela tem enquanto acompanha o rapaz que segura a placa, chegando ao ápice do humor com seu desapontamento explicitado pelas palavras "*achei que ele ia pendurar a placa na humanidade*" e pela sua expressão facial de tristeza e decepção.

No quadro vemos como segue a construção da oração:

Tema	Rema
1- Não funciona	-
2- (eu) achei	Que ele ia
3- Pendurar a placa	Na humanidade

No decorrer do texto o tema *não funciona* refere-se ao objeto (telefone público), que não está mais funcionando. Em seguida, o rema constrói a informação irônica (efeito humorístico) de que a humanidade precisa de conserto quando a personagem Mafalda associa a frase à mesma. Observamos, portanto, que o rema fecha o texto com a nova informação, encerrando o contexto humorístico por demonstrar um conhecimento de mundo partilhado pelos leitores, através do desapontamento da personagem Mafalda.

Tirinha02

https://wordsofleisure.files.wordpress.com/2012/11/544702_446146368766739_1536824744_n.jpg

Seguindo o mesmo procedimento de análise feito na primeira tirinha, temos a história acima, com mais uma demonstração de informação construída pelo rema. Dessa vez, o enredo circunda na primeira informação da oração, que é lançada pela professora, neste caso, o tema. O personagem Chico Bento provoca o efeito de humor ao completar a oração com uma informação nova, no caso, a resposta dada à pergunta da professora, que deveria corresponder a uma das sete maravilhas do mundo.

Quadro:

Tema	Rema
1- Chico, cite umas	Das sete maravilhas do mundo
2- -	Tirá férias

Constrói-se o efeito humorístico a partir da interpretação feita pelo personagem interlocutor (Chico Bento), da ideia central do personagem locutor na oração (a professora). O caso claro do tema da oração I *Chico, cite umas* como a apresentação do enunciado, e o último rema como a informação nova, que de maneira imprevisível, com quebra de obviedade, pode

dar um sentido cômico por não corresponder ao que de fato o que o locutor pretendia ou esperava ouvir, demonstrado também pela expressão facial da professora.

Tirinha 03

https://www.google.com.br/search?q=tirinhas+do+garfield&sa

Já na tirinha do personagem Garfield, a história se desenrola quando o seu dono Jon passa a imagem de segurança ao manejar um produto de limpeza. Convicto de que sabe usar o produto, ele ironiza a dificuldade de sua ação, e, no entanto, nada sai conforme a maneira idealizada. Em uma análise semiótica, onde dispõe de recursos visuais como: *spray*, pano, fumaça e lista telefônica, o leitor provido de conhecimento do que seja cada um desses símbolos e do gesto que indica o seu uso, entende de imediato a mensagem que se encontra em texto não verbal.

Quadro:

Tema	Rema
1- É melhor	Começar tirando o pó
1- Isso pode ser	Quão difícil
2- (implícito)	F... Fa... Faxineira

Partindo para a análise da primeira oração "*é melhor*", vê-se a intenção de praticar uma ação – tema, que é completada pela nova informação "*começar tirando o pó*", no caso, rema. Na segunda oração, o segundo rema aparece quando o personagem Jon tenta ironizar sua ação ao dizer "*Quão difícil*", e traz, construindo a oração com a nova informação "*isso pode ser*". Na terceira oração, o tema aparece de forma implícita ou, dá continuidade ao rema da oração anterior. O símbolo da fumaça cobrindo o rosto do personagem indica que sua ação não foi bem sucedida, e para finalizar, Garfield completa com o rema "*F...Fa...Faxineira",* com sua expressão facial de desprezo e imagem procurando na lista telefônica uma faxineira

demonstra o quão seu dono é inútil nos serviços domésticos, contrariando a informação passada por ele, onde de início se fazia entender que era um ótimo dono de casa arrematando a construção irônica com uma informação nova.

Conclusões

Após um passeio pelos conhecimentos teóricos do funcionalismo, pode-se concluir que, a gramática sistêmico funcional é uma abordagem teórica que se preocupa como sentido e a função do texto.

Ao analisarmos as tirinhas, destacamos mais uma opção dentre os inúmeros gêneros textuais que os alunos devem saber manusear. Levamos em conta sua relevância quanto às informações que constituem uma oração, seguindo os preceitos da gramática sistêmico-funcional, onde percebemos que o efeito humorístico vindo à tona ao final de cada historinha, trazia na verdade uma exemplificação da metafunção textual. E nessa mesma metafunção, buscou-se entender o uso e o funcionamento da subdivisão tema e rema, sistema interdependente e gerador de sentido em uma oração. Desse modo, observamos a importância do aporte teórico evidenciando os conceitos desenvolvidos por Halliday para a compreensão desse gênero textual.

Portanto, elucidamos o uso contextualizado de um gênero textual acessível, onde a compreensão do tema torna-se indispensável para a interpretação do interlocutor, e o rema é exemplificado como a escolha lexical feita pelo mesmo, ou seja, o tema é o ponto de contextualização para interpretar a oração seguinte e o rema, que é a informação nova, traz em seu contexto a aplicação de inferências por parte do leitor, já que não é compartilhado pelas personagens. Isso reforça o que nos oferece a teoria funcionalista sobre a língua como instrumento a serviço de seus usuários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, L. A. C. e TAVEIRA, V. de R. In**: Incursões Semióticas**: Teoria e Prática de Gramática Sistêmico Funcional, Multimodalidade, Semiótica Social e Análise Crítica do Discurso. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2009.

BENVENISTE, Èmile. **Problemas de Linguística geral I**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

CUNHA, Angélica Furtado da. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2009.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. Baltimore: Edward Arnold, 1985.

NEVES, M. H. de M. **A gramática funcional.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

OLIVEIRA, Mariângela Rios de. WILSON, Victoria. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de linguística.** São Paulo: Contexto, 2010.

SONS E GESTOS QUE ALFABETIZAM: UMA ESTRATÉGIA PARA O DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN E AUTISMO EM ARACAJU

Maiane Vasconcelos de Brito[42]
Grace Cristina Milet Castro da Paixão[43]

RESUMO
Este artigo tem a intenção de discutir a funcionalidade e a eficácia da estratégia Sons e Gestos que Alfabetizam objetivando investigar se crianças com autismo e síndrome de down são capazes de desenvolver a consciência fonológica com o uso da estratégia mencionada, e se facilita o processo de alfabetização. Faz-se necessário não, apenas, verificar a eficácia, mas também, investigar como se dá o processo de aquisição da noção de fonema, quais os fonemas que apresentam maiores dificuldades (vocálicos/consonânticos) e o tempo necessário para se adquirir a consciência fonológica.Para conseguir alcançar tais objetivos, a metodologia será de cunho qualitativo com abordagem experimental, uma vez que a estratégia multissensorial será aplicada em crianças que tenham diagnóstico de autismo ou síndrome de down na faixa etária de 3 a 8 anos, em suas próprias residências, na cidade de Aracaju.

Palavras-chave: Alfabetização; Consciência fonológica; Sons e gestos que alfabetizam

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende discutir como funciona a estratégia “Sons e Gestos Que Alfabetizam” no processo de alfabetização de crianças com autismo e síndrome de down. Inicialmente faz-se necessário conceituar a consciência fonológica e esclarecer como se dá a aplicação da referida estratégia. Segundo Santamaria “A consciência fonológica pode ser definida como uma habilidade de manipular a estrutura sonora das palavras desde a substituição de um determinado som até a segmentação deste em unidades menores.”, ou seja, adquirir um conhecimento acerca da estrutura sonora da linguagem e ser capaz de segmentar de modo consciente as palavras em suas menores unidades, isto é, a frase pode ser segmentada em palavras, as palavras em sílabas e as sílabas em fonemas e que palavras são constituídas por sequências de sons e fonemas representados por grafemas.

Nessa perspectiva a estratégia "Sons e Gestos que Alfabetizam", utiliza-se de estratégias multissensoriais e multimodais para facilitar o processo de alfabetização. Tais estratégias utilizam os canais visuais e auditivos; visual (uma vez que a criança faz a associação do som a uma imagem), auditivo (modo pelo qual os órgãos fonoarticulatórios reproduzem o som e ela o percebe), tátil (presença do vozeamento/desvozeamento e ressonância nasal) e gestual (através da cinestésica associada a cada som).

---

[42] Especialista em Tradução, Cultura e Ensino de Língua Espanhola Faculdade São Luiz. Especialista em Língua Portuguesa e Diversidade Linguística Faculdade São Luiz.
[43] Mestranda em Estudos linguísticos PPGL/UFS. Especialista em Tradução, Cultura e Ensino de Língua Espanhola Faculdade São Luiz.

Diante do exposto, o presente ensaio tem como objetivo verificar se crianças com autismo e síndrome de down conseguem desenvolver a consciência fonológica, ou seja, adquirir habilidades para decompor grafemas em fonema e desenvolver a leitura de maneira eficaz a partir dos "sons e gestos que alfabetizam", verificando se a referida estratégia facilita o processo de alfabetização. Faz-se necessário não, apenas, verificar a eficácia, mas também, investigar como se dá o processo de aquisição da noção de fonema, quais os fonemas que apresentam maiores dificuldades (vocálicos/consonânticos) e o tempo necessário para se adquirir a consciência fonológica.

Para conseguir alcançar tais objetivos, a metodologia será de cunho qualitativo com abordagem experimental, uma vez que a estratégia multissensorial será aplicada em crianças que tenham diagnóstico de autismo ou síndrome de down na faixa etária de 3 a 8 anos, em suas próprias residências, na cidade de Aracaju.

1 O processo de alfabetização através da consciência fonológica

A alfabetização é de extrema relevância para o indivíduo, pois possibilita que ele seja partícipe na sociedade de maneira crítica e na construção do sujeito. Esse processo ocorre na aquisição da língua escrita que consiste na compreensão dos significados dos códigos gráficos e nas suas habilidades de codificação e decodificação, escrita e leitura respectivamente.

Callou & Leite (2005, p. 112) afirmam que a Alfabetização é um processo que pressupõe a homogeneização e normativização da língua escrita, por mais que estejamos cientes de que a língua não é homogênea.

> Se alfabetizar é fazer a transposição de sequências de sons da fala para o código escrito, sem dúvida alguma existirá uma relação estreita entre fonética e fonologia e alfabetização. Esta relação vem a se estabelecer mais diretamente no domínio da ortografia. O problema básico é conseguir com que o alfabetizando domine o sistema ortográfico de forma automática, de tal modo que ele seja capaz de identificar os símbolos gráficos para fazer a leitura e também seja capaz de representar os segmentos sonoros através de elementos gráficos na escrita. p. 112.

Sendo assim, podemos constatar que os processos se completam afim de se estabelecer o aprendizado da leitura e da escrita.

Para a aquisição da leitura e da escrita se faz necessário o envolvimento do educando em atividades concretas e motoras antes de exigir a grafia.

Desde a infância estamos acostumados a conviver e somos estimulados a interpretar linguagens verbal e não-verbal. Seja através de uma conversa informal, um pedido, uma cantiga de roda, uma placa de trânsito, uma careta, um sorriso. Nesse processo, a criança

começa a diferenciar os símbolos e desenhos das letras que são utilizadas na escrita, isto é, os significantes dos significados.

Assim, passa por quatro fases descritas por Ferreiro e Teberosky (1986) (Apud TEIXEIRA, 2012): fase pré-silábica, silábica, silábico-alfabética e a fase alfabética. Na primeira fase, não há uma correspondência entre a fala e a escrita. A criança representa a escrita em forma de traços, no entanto, ocorre avanços na qualidade do traçado e as crianças começam a organizar as letras de uma forma linear. Já na fase silábica a criança começa a perceber as sequências fonológicas que as palavras são compostas. Percebe-se que há uma preocupação maior em escrever a quantidade de letras de acordo com o número de sílabas. A terceira fase, há uma maior compreensão fonética, uma vez que a criança passa a perceber que a sílaba é composta por unidades menores (fonemas). Na quarta e última fase, há uma relação e compreensão maior entre as letras e sons através da compreensão analítica das palavras.

No caso de crianças autistas, muitas vezes a comunicação não é estabelecida pela falta de compreensão da intencionalidade da fala, pois estas apresentam dificuldades na construção de sentidos e na percepção das intenções do interlocutor. No entanto, quando se aplica uma estratégia multissensorial, utilizando-se de sons, gestos e imagens, vários canais, como já citado, são abertos.

Aplicando-se ao autismo, percebe-se que a criança será apresentada ao fonema de cada letra e irá perceber a intencionalidades da fala do interlocutor e a aprendizagem irá acontecer por algum canal, pois acontece de maneira singular.

Por isso, vale ressaltar a importância dessa estratégia pois ela não apresenta um enfoque meramente auditivo, mas multimodal que consiste em mais de um código semiótico para a formação do significado. Para Dionísio (2011) as ações sociais são fenômenos multimodais, logo os textos falados e escritos também são multimodais porque no momento da fala ou da escrita nós utilizamos mais de um código semiótico.

A fala, a leitura e a escrita são processos que não trabalham de maneira isolada, mas são processos que dependem um do outro para a funcionalidade da linguagem.

Segundo José & Coelho (2001), o ser humano apresenta três sistemas verbais, o auditivo, o visual e o escrito, sendo o primeiro menos complexo, pois é a palavra falada e sendo assim exige menos maturidade psiconeurológica.

Dessa maneira podemos explicar que a criança antes de falar ela precisa adquirir o significado da palavra, ou seja a compreensão antecede a fala, assim como a leitura antecede a escrita. Ainda segundo (JOSÉ &COELHO, 2001, p.76.

> A criança passa, portanto, da aquisição do significado (através da observação e experimentação dos objetos que a rodeiam) para a compreensão da palavra falada.

> Mesmo na ausência do objeto, será capaz de evocar a sua imagem na memória, o que caracteriza uma recepção visual e falada do objeto. A seguir, a criança passa para uma fase de expressão da palavra falada, na qual, imitando o adulto, emite sons semelhantes às palavras usadas por eles para nomear os objetos. Exemplo: o pai solicita a criança que pegue o seu chinelo. Para que ela entenda à essa solicitação, já deverá ter adquirido o significado da palavra "chinelo" através da observação e da experimentação. Já deverá ter ultrapassado a etapa da compreensão desta palavra sem a presença do objeto, expressando-a à sua maneira.

Assim funciona a estratégia utilizada, a criança fará a recepção auditiva da representação do som e visual através das figuras representativas de cada fonema, o próximo estágio é a reprodução pela imitação, posteriormente fará a compreensão do objeto sonoro sem o auxílio da imagem e do gesto e passará para a leitura dos sons formando palavras e após desses sistemas verbais contemplados (auditivos e visuais) contemplará a escrita.

2 Habilidades para o processo de leitura

As crianças observadas nesse período apresentaram mais dificuldades em pronunciar os fonemas consonânticos que por sua vez são mais complexos, visto que a corrente de ar passa por maiores obstáculos articulatórios que os vocálicos.

Durante o período de três meses de estimulação duas crianças foram capazes de fazer leituras de encontros vocálicos, inicialmente com ajuda das imagens e/ou gestos. Importante ressaltar que essas crianças já se apropriam da fala para a comunicação e uma criança que ainda não possui fala desenvolvida conseguiu gesticular e emitir o som de três vogais (A, I, U) mediante a estimulação com o material do nosso objeto.

Dentre os sons consonânticos, alguns foram unânimes em dificuldade de articulação, como: r, nh, lh.

Para as crianças que já faziam a leitura dos encontros vocálicos, experimentamos fazer a leitura com consoante-vogal e pudemos notar que a leitura com os sons fricativos eram os mais fáceis para constituir sílaba (v/f, J/X, Z/S, R) e posteriormente com sons lateral e nasal (L, M, N).

Já com os fonemas oclusivos as crianças apresentaram mais dificuldade em constituir uma sílaba, pois o som é interrompido antes de chegar no som vocálico.

Todas as crianças observadas durante esse estudo apresentaram dificuldades articulatórias em produzir o fonema vibrante.

Ao estendermos o período de estimulação com o material por mais dois meses, pudemos verificar que as crianças que utilizam linguagem verbal para a comunicação, foram capazes de fazer leituras de palavras com os sons fricativos de até duas sílabas e algumas

crianças puderam fazer leituras com palavras que apresentavam os sons laterais e nasais. Fizerem leitura de palavras como: (LUA, FUI, VOU, SUA, SOFÁ, VOVÓ, FOFA, MIA, FILA, ...)

Além da leitura, conseguiram avançar para o estágio de escrita dessas mesmas palavras por meio de ditado e usando gestos apenas em alguns momentos.

Já para a criança que não se comunica verbalmente, foi possível alcançar o resultado de ela reproduzir os sons vocálicos que eram solicitados, tanto isolados, quanto os encontros como: OI, OU, EI, EU, AI, UI, IA, etc. Essa reprodução foi possível inicialmente com o estímulo auditivo, visual e motor, porém após algumas sessões foi possível contemplar apenas com o auditivo e motor (gestos). Também foram inseridos os fonemas fricativos que em algumas circunstancias conseguia fazer leitura de palavras como: FA, FE, FI, FO, FU; e assim com o fonema da letra v, s, z. porém com muita dificuldade para falar essas sílabas. Apesar da dificuldade na linguagem, a criança foi capaz de escrever por meio de ditado palavras como: fui, foi, vai, viu, e os encontros vocálicos, além de escrever o próprio nome.

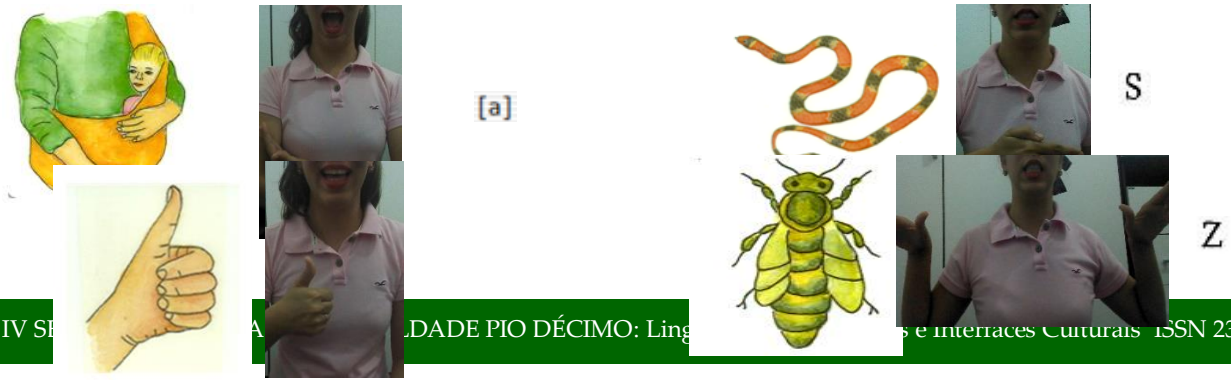
A escrita inicialmente foi realizada através de alfabetos móveis, de madeira (MDF) e E.V.A. e a partir de estimulação da coordenação motora fina que foi feita simultaneamente, puderam realizar a escrita da forma convencional, utilizando lápis e papel. É importante ressaltar que a escrita foi adquirida em letra bastão e em nenhum momento foi apresentada a letra cursiva.

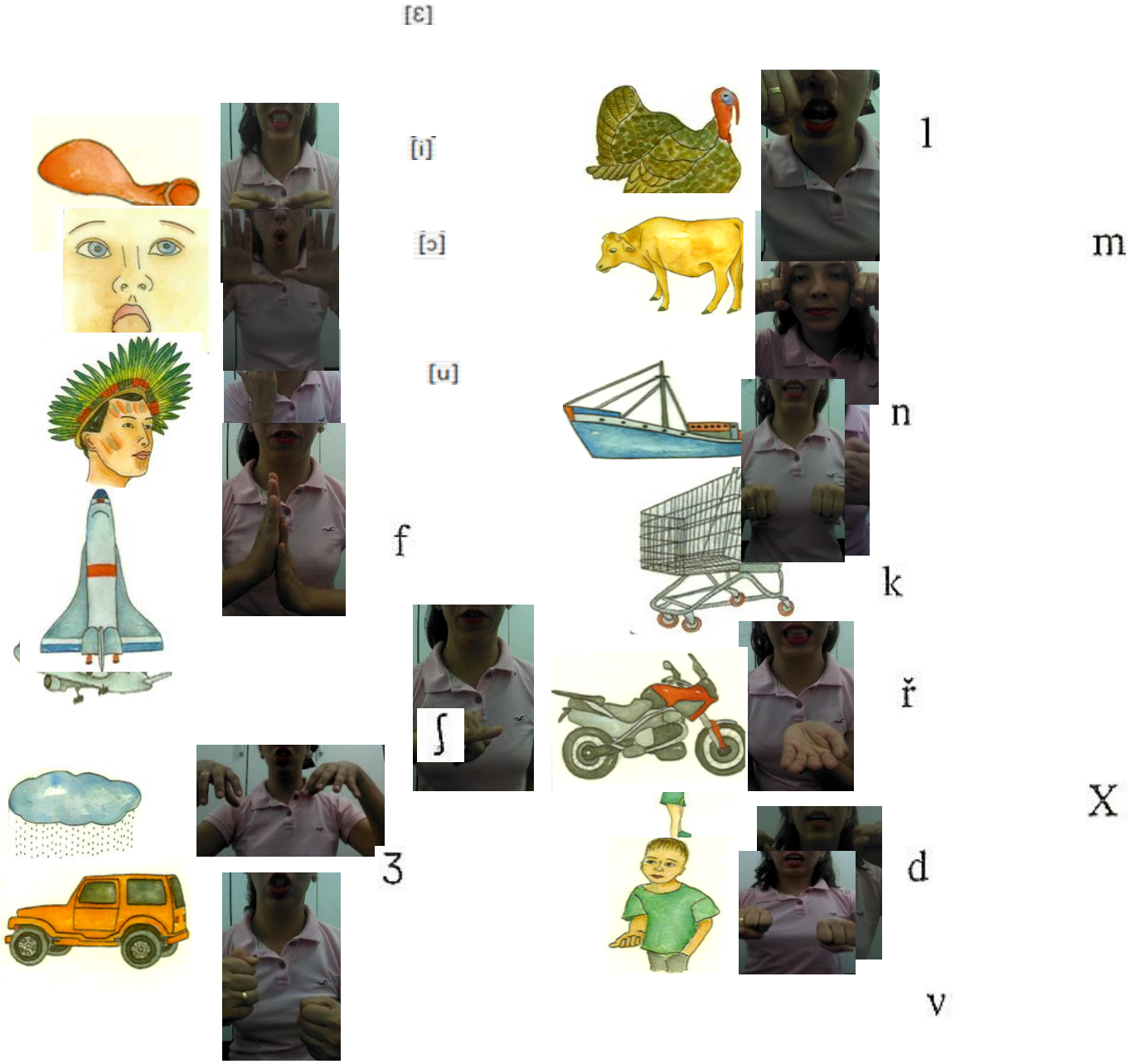
Apesar de as crianças terem apresentado dificuldades para formar sílabas com os sons oclusivos, elas reproduziam todos os sons isoladamente.

2 Material utilizado

Para melhor compreender como se dá o processo, lançamos mão do material utilizado para trabalhar a estratégia “sons e gestos que alfabetizam”, selecionamos apenas parte desse material no que diz respeito a imagens, gestos e transcrição fonética.

Como trabalhamos com a perspectiva do som da letra o material faz referência a um objeto, animal, ou ação que produza o som da letra em determinada circunstância e não com a imagem do que se inicia com aquela letra como se trabalha no método silábico, ex.: A de avião, E de Escola, O de Ovelha e assim por diante.





3 Considerações finais

Embora haja muitas estratégias que auxiliem no aprendizado da leitura, o uso do material de sons e gestos é eficaz para crianças com necessidades especializadas, pois com as crianças estimuladas em questão, pudemos notar o desenvolvimento na leitura e no repertório linguístico após serem expostas a estratégia durante o período de cinco meses.

Além disso, por meio da experiência, foi possível fazer escolhas fonéticas que viabilizassem a aquisição da leitura e da escrita de forma mais consistente.

Considerando que se trata de uma tática de alfabetização, é mister ressaltar que a estratégia do nosso objeto de estudo também pode ser utilizada para alfabetizar crianças neorotípicas.

Apesar de termos acompanhado somente a fase inicial da execução, damos razão plausível para a continuidade do uso do material, visto que consideramos um resultado significativo em um curto período.

Obviamente há muitos subsídios para que crianças com diagnósticos apresentados na pesquisa possam desenvolver o aprendizado, mas certamente acreditamos que essa é uma contribuição importante para a ampliação do delineamento desse processo.

REFERÊNCIAS

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e à fonologia** – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

DIONISIO, A. Gêneros textuais e multimodalidade. In: Acir Mário Karwoski, Beatriz Gaydeczka & Karim Siebeneicher B rito (orgs). *Gêneros Textuais: Reflexões e Ensino*. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2011.

JOSÉ, Elisabete da Assunção; COELHO, Maria Teresa, **Problemas de aprendizagem** - São Paulo: Ática, 2001.

LIMA, Bruno Carneiro. **Linguagem e ensino: realidade que se intercruzam (org.)** – São Paulo: Paulinas, 2012.

SILVA, Thaïs Cristófaro. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercício** – São Paulo: Contexto, 2014.

Sites: http://grupopucprel.blogspot.com.br/2008_10_01_archive.html

http://quiosquedasletras.blogspot.com.br/2013/03/fonlogia-e-fonetica-definicoes-basicas.html

ANEXOS

O ESTAGIÁRIO E O ENSINO FRENTE AO LIVRO DIDÁTICO: OPA! MUITA CALMA NESSA HORA...

Carlos Héric Silva Oliveira (FPD/UFS)[44]

RESUMO
O objetivo deste estudo é refletir sobre o contexto de ensino do estagiário a partir da utilização do livro didático. Nesse sentido, instiga-nos as discussões sobre o ambiente do estágio supervisionado bem como suas prescrições reguladoras do trabalho docente quando os interesses institucionais são confrontado com os interesses pessoais. Com o auxílio do método da Clínica da Atividade, Clot (2007), Clot & Faïta (2004), especificamente da entrevista em autoconfrontação simples, visualizamos pistas que nos leva a concluir que, no contexto da sala de aula de estágio supervisionado, os estagiários se sentem intimidados para utilizar o livro didático. Além disso, o saber-fazer, Leurquin (2013), pode mobilizar, no contexto da formação inicial de professores, sobre a prática docente enquanto profissão que almeja executar futuramente. Para compreender esse ciclo de desenvolvimento do agir humano, utilizaremos os pressupostos teóricos do Interacionismo Sociodiscursivo (doravante ISD), Bronckart (2006) e Dolz&Schneuwly (2004). Diante da análise dos filmes gravados, os resultados apontaram para dois sentidos: 1. Os estagiários, sob a ótica do saber-fazer por meio do livro didático, se sentem limitados ao ensino-aprendizagem; 2. As prescrições apresentadas para o trabalho docente não se assemelham ao planejamento do livro didático.

Palavras-Chave: Estágio Supervisionado. Livro Didático. Trabalho Docente.

[44] Professor no curso de Letras Português/Espanhol da Faculdade Pio Décimo e da Universidade Federal de Sergipe.

TRABALHANDO A CONSTRUÇÃO DO TEXTO EM SALA DE AULA

Jacilene Vieira Braga[45]

RESUMO

Neste artigo, apresento assuntos relacionados à construção de textos em sala de aula, como nova forma de incentivo aos educando a prática de leitura e como ferramenta para a produção de novos textos partindo do conhecimento adquirido por eles em sala de aula e dos textos lecionados pelo educador, na formação de leitores/escritores, aproximando os educando ao contexto textual que eles estarão produzindo, um recurso de ensino-aprendizagem. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) o papel do educador e da escola é formar educando críticos habituados com a leitura, partindo do incentivo a leitura diária e de um contato íntimo com todos os tipos de textos. A metodologia a ser aplicada será a realização de um projeto de intervenção com os educando na escola após a elaboração de seus textos. Esta pesquisa e análise teve como base fundamentada nos estudos realizados na formação acadêmica do curso de licenciatura em Letras Português/Espanhol, lecionadas por vários educadores que na suas aulas administradas percebem a dificuldade que os educando tem em praticar a leitura e a produção de textos partindo de seus conhecimentos e de textos base, que provavelmente na sua carreira estudantil não tiveram tanto incentivo nem contato com o mundo da leitura.

Palavras-chave: Aprendizagem. Ensino. Escola. Leitura. Produção de texto.

[45] Graduanda do 5º período do curso de Letras da Faculdade Pio Décimo

LINGUAGEM: PENSAMENTO E LÍNGUA

Luciana Virgília Amorim de Souza[46]
Isabel Maria Amorim de Souza[47]
Joana Angélica Silva Santos[48]

Resumo

O artigo propõe mostrar o conceito de língua e linguagem, em que os teóricos respaldam a teoria e a origem das palavras na Língua Portuguesa. Toda comunicação e interação social perpassam pelo pensamento e através da linguagem é expressada. A linguagem é social constituída de signo linguístico, que é a relação entre o conceito e a imagem acústica e o falante é o usuário desse sistema linguístico.

Palavras-chaves: Língua, Linguagem, Língua Portuguesa.

Resumen

El artículo se propone mostrar el concepto de lengua y el lenguaje en el que los teóricos defendieron una teoría y el origen de las palabras en portugués. Toda la comunicación y la interacción social impregnan el pensamiento y a través del lenguaje se expresa. El lenguaje se compone de signo lingüístico social, que es la relación entre el concepto y la imagen acústica y el orador es el usuario de ese sistema de la lengua**.**

Palabras-clave: Lengua, Lenguaje, Portugués.

Introdução

A mudança linguística iniciou com os neogramáticos no século XIX na universidade de Leiping, na Alemanha, questionando sobre a prática histórico-comparativa tradicional. Osthitt e Brugman criaram uma concepção língua natural, a língua teria que ser vista pelo todo individual do falante, atribuindo a esse conceito natural de que teria que ser visto pela definição subjetiva, e uma interpretação psicológica da língua, cujo objetivo principal era estudar os conceitos das

---

[46] Graduada em Serviço Social pela Faculdade Dom Luiz de Orleans e Bragança/BA, Graduada em Letras Vernáculas pela UNIT- SE; Graduada em Espanhol pela UNISEB – COC/SE; Especialista em Metodologia do Ensino de Linguagens – Eadcon/Bahia; Especialista em Metodologia da Língua Espanhola pela Face/BA . Especialista em língua inglesa- Face/BA; Especialista em Mídias da Educação/ Uesb/BA; Especialista em Linguística e Literatura pela Universidade Cândido Mendes/RJ; Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela Faculdade São Luis de França/SE; Especialista em Filosofia do Ensino Médio UFBA/BA; Especialista em Direitos da Criança e Adolescente UFS/SE. Professora do Estado da Bahia na Educação Básica. E-mail: luvirgilia@hotmail.com.

[47] Advogada, Assistente Social. Graduação em andamento em Letras Português e História na UFS/SE. Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica - Faculdade São Luis de França Aracaju- SE. E-mail: belaamorim75@hotmail.com.

[48] Graduada em Pedagogia pela Faculdade Pio Décimo-SE , Licenciada em História pela UNIT-SE, Pós graduada em Educação Inclusiva pela Faculdade Pio Décimo -SE, Especialista em Administração Escolar pela Faculdade Pio Décimo .Professora do munícipio de Aracaju na Educação Básica.E-mail:jangellyca@hotmail.com

línguas atuais e não estudar a sua origem indo-europeia. O estudo das mudanças das línguas tem que partir dos conceitos atuais e não remotos.

No século XX, com Bloomfield surgiu uma polêmica em que criticava os métodos analógicos para se chegar à linguística histórica e a origem das línguas em que conceituava como vago e sem fundamento. Isso não explicava a mudança da língua para ele. Segundo sua teoria a mudança linguística ocorre no momento de sua aquisição.

Na idade média os homens estudaram a linguagem de maneira subjetiva e abstrata, apenas questionando o conteúdo e a forma, ou seja, a essência da linguagem. Para Platão, a linguagem era reconhecida como "a forma de ler e escrever corretamente" uma ciência que dava origem a outras ciências, a chamada gramática Universal. Os professores não devem prestigiar apenas uma forma do ensino da língua, pois existe um mundo novo a nossa frente e o mesmo que todos tenham habilidades de lidar com todas as variantes do idioma. Assim:

> Ao trazer o foco da discussão para o ensino e aprendizagem de língua, o foco da reflexão deste trabalho, as ideias apresentadas trarão duas visões: a de pesquisadores e a de professores, uma vez que na área de que falo, todos somos professores, antes de serem pesquisadores. O que buscamos são procedimentos que, na prática, auxiliem, contribuam, acrescentem subsídios ao ensino e aprendizagem de língua, como modo de promover a integração do conhecimento. (FARACO, 2007, p.13).

A linguagem é um fator de suma importância para que possa acontecer o desenvolvimento intelectual e mental de um indivíduo, pois exerce uma função organizadora e planejadora do pensamento.

Além de tratar brevemente sobre as abordagens mais utilizadas no que se refere ao ensino de línguas, este artigo fala sobre a importância do ensino e a aquisição de novo idioma, bem como a conscientização que o educador deve ter ao lecionar, transmitindo seu conhecimento ao aluno da maneira mais adequada.

No conceito de aprendizagem de uma nova língua segundo o behaviorista Skinner que conceituou a teoria estímulo-resposta-reforço diz que para a aquisição de uma segunda língua seria efetuada de forma automática para qualquer pessoa. Criticar, contextualizar e brincar para aprender são recursos para se estudar utilizar a língua em diversas e variadas situações do cotidiano, não só conhecer a gramática pura e simples, mas aprender a se comunicar e a usar o idioma no dia a dia, pois:

> Saber gramática significa não somente conhecer essas normas de bem falar e escrever, mas ainda usá-las ativamente na produção dos textos. O respeito à gramática também é condição de beleza do texto. E essa é a relação fundamental entre gramática e texto. (FRANCHI, p.18).

> Professores e alunos de inglês tendem a perceber o lugar da língua estrangeira no currículo principalmente a partir das possibilidades do seu uso prático: obtenção d emprego, viagem internacional, a provação no vestibular, etc., que são justificativas

> importantes para inclusão da LE no currículo da educação básica. (LIMA, 2009, p.163).

Para se aprender é importante não só quanto às questões de aquisição de um bom emprego, como também conhecer a diversidade cultural humana e também a literatura, cinema, músicas assim, como outras formas de expressões artísticas e culturais.

Para usar um método qualificado, antes de mais nada, é preciso conhecer as competências linguísticas da língua, como regras no que se refere ao conhecimento morfológico, sintático, semântico e fonológico.

Para um método perfeito de comunicação na língua alvo ou segunda língua tem haver com variáveis do ensino, ou seja, material, currículo, recursos, avaliação, variáveis do aprendiz que se refere à atitude, inteligência, crenças e capacidade de, e a outra variáveis sociocultural que se refere à escola, sala de aula, conhecimento linguístico, valores familiares, família e amigos.

As variáveis ligadas a interdisciplinaridade se remetem a questão das teorias, psicológica, psicanalíticas, sociológicas e linguísticas. O papel do professor é de mediar, ou seja, orientar o melhor caminho para o aluno seguir, ele orienta os passos do aluno na direção de aprender algo útil e essencial à vida dele, como profissional e estudante. No caso de se aprender uma língua estrangeira, o primeiro passo é a motivação do aluno em buscar interagir com os novos conceitos advindos da prática exercitada pelo professor na sala, coletivamente.

A cultura e a língua são lados da mesma moeda, o homem é um ser cultural e para isso, utiliza-se da linguagem para unir esses dois lados, ou seja, a linguagem identifica e justifica a criação de um ser cultural. Pode-se dizer que não existe método infalível para se aprender uma segunda língua. Ler, ouvir, falar e escrever são habilidades que todos desejam alcançar. Para isso, não faltam fórmulas para aquisição de um idioma novo.

Antes de se aprender uma língua é imprescindível saber a língua materna ou primeira língua, bem como, conhecer todas as estruturas cognitivas da língua, principalmente suas regras gramaticais, para configurar uma boa argumentação e abordagem comunicativa. Somente dessa forma, é que se constroem uma boa conversação, prática e interatividade com o idioma absorvido.

Segundo Meillet, cujo professor foi Saussure, disse que as condições sociais influenciaram sobre a língua. A língua era vista como fato social e se encontrava dentro da antropologia e das ciências sociais. A língua era uma, autônoma, subjetiva e psicológica sendo uma realidade heterogênea e descontínua, não linear e estava sujeita a mudanças continuamente. Ele quem primeiro propôs a ideia que é língua é sociocultural e tinha uma realidade heterogênea.

Com os estruturalistas liderados por Saussure iniciou a separação entre o estudo sobre os estados da língua e a mudança linguística. A mudança da Língua versa sobre a diacronia e a sincronia, num estudo voltado para a dependência do sistema da língua.

> Na Europa, o esgotamento do estruturalismo também foi percebido. Ocorre que, se a linguística histórico-comparativa era estritamente diacrônica, o estruturalismo clássico era estritamente sincrônico. Nenhuma das correntes fornecia uma explicação "pancrônica", unido evolução e funcionamento da língua. (BIZZOCCHI, p. 6, Ciência Hoje, v. 28, nº164, Versão 2.1, 2001.).

Abordagem sistêmica, diacrônica foi estudada com mais detalhe em 1931 por Jakobson que analisou a mudança fonológica. Com Chomsky, em 1950, introduziu o estudo da mudança linguística com métodos teórico-dedutivos em uma gramática inatista, ou seja, gerativista, universal. Com Sapir, no século XX, classificou as famílias das línguas utilizando critérios morfológicos e sintáticos.

Quando sugiram outras línguas no mundo, os estudiosos passaram a distinguir uma noção primeira do que era fala e língua fazendo estudos comparatistas através da linguística histórica no século XIX.

Com Rask, no século XIX, começou os estudos sobre a linguagem comparativa e histórica das famílias indo-europeia, especialmente com as línguas gregas e latinas. Grimm e Bopp são considerados os fundadores da linguística histórica científica. Grimm fez os primeiros estudos comparativos das línguas germânicas, comparou também o gótico, o grego ao alemão.

Bopp fez os estudos comparativos do grego, latim, persa e o germânico, das línguas indo-europeias. Vonhumboldt foi o fundador da linguística geral no século XIX, dizendo que a linguagem dos homens é uma habilidade criativa e não apenas um produto.

Com Robins, no século XIX, começou os estudos contraditórios sobre a linguística comparativa, iniciando assim as teorias dos neogramáticos. Para ele, a linguística comparativa falha quando estuda a regularidade das mudanças sonoras, pois embasa nas significações das palavras e nas correspondências semânticas, declara que a linguística histórica é uma ciência exata. Os neogramáticos persistiram no erro por desconsiderar os estudos da fonética e da dialetologia ao comparar as línguas indo-europeias. Todo falante da língua tem por obrigação, desde que habitualmente usuário dela se abster no conteúdo do sistema e da estrutura dessa língua.

Segundo Roman Jakobson, afirma que não existe comunidade de sistema sincrônico estático e que têm muitas populações linguísticas bilíngues. Ainda continua afirmando que a diferença da linguística formal e funcional está na relação existente entre a semântica, sintaxe e a pragmática.

> O caráter sistemático da língua, segundo Saussure, aparece principalmente quando se considera uma língua ou dialeto não ao longo do tempo (“diacronia”), mas numa perspectiva que procura abranger todas as unidades e suas respectivas relações num mesmo momento (“ sincronia”). Assim, Saussure lançou o programa da linguística dita“sincronia”, que rompia com mais de um século de tradição historicista e que orientou desde então as invenções linguísticas de vanguarda.(ILARI, 2002, P. 25).

A semântica e a linguística são ciências que têm como finalidade de transformar as informações que cada pessoa recebe em linguagem, ou seja, transformar os signos em conhecimento que façam sentido para desenvolver cognição, interação social e comunicação.

O homem possui a capacidade de transformar atividades sensoriais absorvidas da interação entre as pessoas em conhecimento e informações significativas. A transformação do conhecimento que é feita através do conceito para a imagem acústica ou vice-versa é uma tarefa realizada pela semiótica ciência que estuda o signo linguístico.

> Apresento aqui uma visão geral desses esforços, por meio de uma analise de como o homem processa semioticamente o conhecimento do mundo e de si mesmo, vale dizer, como ele processa a informação percebida pelos sentidos e a transforma em modelos mentais. Dito de outro modo, como as experiências são transformadas em signos, processo que os cientistas da linguagem chamam de semiose. (BIZZOCCHI, UNIBAN, p.2).

Aristóteles foi um dos filósofos gregos que se preocupar em desvendar a funcionalidade do raciocínio humano do pensamento e da linguagem. Para ele, há semelhanças e ligações entre a linguagem e o pensamento. Nos estudos sobre a lógica ele acabou por descartar o significado do conhecimento que leva ao raciocínio e as leis universais que regem sua interpretação.

A semiótica (ciência dos signos linguísticos) e a linguística (ciência da linguagem) são ciências que estão voltadas para o estudo da palavra e do conhecimento. A linguagem se habilita em fazer o elo que liga a cultura a realidade do homem constituindo assim, o pensamento e fruto da ocorrência existente entre a diversidade cultural em que vivemos com as diferentes realidades em que estamos inseridos.

> Diante disso, o que significa “conhecer”? É evidente que não podemos o mundo tal qual ele é, por conta, primeiro, das limitações de nossos próprios órgãos dos sentidos e, em segundo lugar, da nossa própria incapacidade de aprender a realidade em si. Na verdade, o mundo real só pode ser pensado depois de ser interpretado em termos de uma cultura. Vale dizer, depois de ser traduzido em alguma linguagem humana, com seu respectivo sistema de valores. (BIZZOCCHI, UNIBAN, P.6).

A comunicação é a representação das atividades cerebrais simbolizadas por estímulos nervosos sensoriais que são transformadas em linguagem através do pensamento.

> As teorias semióticas mais modernas apontam para a existência de vários níveis ou estruturas mentais através dos quais passam as informações vindas do meio (como estímulos sensoriais), até se transformarem em pensamentos e daí em signos. Estes, transmissíveis de pessoa a pessoa, tornam possível a comunicação. (BIZZOCCHI, UNIBAN, p.6).

A compreensão dos enunciados do texto caberia somente à competência do falante que seria a competência textual que se diferencia da competência frasal ou linguística. Segundo Chomsky, todo usuário da língua consegue distinguir um aglomerado incoerente as palavras independentes de um texto falado ou escrito coerente e que faz sentido.

A significação de um texto é diferente de uma significação . a gramática textual segue um modo não linear. O ato de comunicação é um ato onde há interação social que passa pela competência comunicativa do falante. Assim, o indivíduo emprega diversas situações de comunicação nessa interação social.

O uso da língua perpassa por três dimensões que são: a sintática, a pragmática e a semântica. Uma gramática textual não é uma gramática pura e simples como estrutural, a gerativa-transformacional ou a funcional.

O conceito de texto passa pela esfera de uma dimensão oral ou escrita que tenta pelo menos dois signos linguísticos. A evolução dos estudos semânticos são procedimentos tradicionais que contém orientação estruturalista e passam por significação do gerativismo. A aprendizagem da semântica são fatos de ordem semântica e não de termos técnicos em que o domínio da metalinguagem conceitua dentro de sua nomenclatura.

O estudo da gramática se iniciou na França no século XVII ditava o uso correto da norma culta na oralidade e que as pessoas falassem como reza a norma gramatical da língua. Foi a partir disso, que existiram conflitos entre o que é certo ou errado para a linguística ou a gramática normativa. Para que houvesse interação linguística entre os comunicantes da língua era preciso uniformizar a norma culta e que fosse controlada, normatizada e regulamentada rigorosamente. Neste caso, não haveria uma evolução da língua porque a linguística passaria a defender os erros gramaticais dando como consequência uma língua envolvida e tradicional e não haveria mais variação linguística, mudança e não se transformaria, em uma língua real e sim apenas em língua estagnada.

> Sem a norma culta, não haveria intercomunicação e, consequentemente, relacionamento social entre os diversos grupos que compõem a sociedade, o que levaria a própria desintegração dessa sociedade. Portanto, para que seja possível a interação linguística entre esses grupos, é preciso que a norma culta seja uniforma, isto é, seja, a mesma para todos os grupos. Para tanto, ela precisa ser rigorosamente controlada, regulamentada, normatizada. É justamente essa a tarefa da gramática: normatizar a língua, exercer esse controlo que garante a uniformidade da norma culta. (BIZZOCCHI, Artigos de divulgação Linguística e Gramática, p. 2).

Referências

ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz; SILVA, Kleber Aparecido da (ORG). **Linguística Aplicada Múltiplos Olhares.** São Paulo: Pontes, 2007.

BIZZOCCHI, Aldo. http://www.aldobizzocchi.com.br/artigo4.asp. Linguística e Gramática. Acesso em: 29/09/2013.

BIZZOCCHI, Aldo. http://www.aldobizzocchi.com.br/artigo93.asp. Palavras sem Fronteiras. Publicado em *Língua Portuguesa*, ano 5, n.º 58, agosto de 2010. Acesso em: 29/09/2013.

ILARI, Rodolfo. **Linguística Românica**. 3ªed. São Paulo: Ática, 2002.

BAGNO, Marcos. **Linguística da Norma.** São Paulo: Loyola, 2002.

CALVET, Louis-jean. **Sociolinguística um Introdução Crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.

KRISTEVA, Julia**. História da Linguagem.** Portugal: Artes e Comunicação, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Campinas SP: Pontes. 1997.

MARTIM, Robert. **Para Entender a Linguística**. São Paulo: Parábola, 2003.

MAZIÈRE, Francine. **A Análise do Discurso História e Práticas**. São Paulo : Parábola, 2007.

POSENTI, Sírio. **Malcomportadas Línguas**. São Paulo: Parábola, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

WHITNEY , W.D. **A Vida da Linguagem**. Petrópolis RJ, Vozes, 2010.
VIEIRA, Silvia Rodrigues; Brandão, Silvia Figueredo. **Ensino de Gramática: Descrição e Uso**. São Paulo: Contexto, 2007.

A IMPORTÂNCIA, HABILIDADES E COMPETÊNCIA DO ESTUDO DA LÍNGUA ESTRANGEIRA

Luciana Virgília Amorim de Souza[49]

Isabel Maria Amorim de Souza[50]

Joana Angélica Silva Santos[51]

Resumo

O presente trabalho possui como objetivo principal, mostrar sobre formas de questionamentos e hipóteses, os principais desafios daqueles que ensinam língua Estrangeira em escolas públicas e particulares. As abordagens desenvolvidas para o ensino de língua inglesa ainda não conquistou as habilidades necessárias para criar estímulo e motivação no aprendiz, a vontade de querer dominar as competências linguísticas como ler, escrever, falar e ouvir. Dessa maneira, torna-se difícil mudar o quadro de insatisfação e falta de preparo dos alunos brasileiros sejam nas escolas públicas ou particulares.

Palavras-chaves: Língua Estrangeira, Língua Inglesa, Habilidades.

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo principal, mostrar en forma de preguntas e hipótesis, los principales retos de los que enseñan un idioma extranjero en las escuelas públicas y privadas. Los enfoques desarrollados para la enseñanza de Inglés aún no alcanzan las habilidades necesarias para crear el estímulo y la motivación en el aprendizaje, la voluntad de dominar las habilidades lingüísticas como leer, escribir, hablar y escuchar. De esta manera, se hace difícil cambiar la insatisfacción marco y la falta de preparación de los estudiantes brasileños están en escuelas públicas o privadas.

Palabras-Clave: Idioma Estranjera, Inglés, Habilidades.

Introdução

O presente trabalho possui como objetivo principal, mostrar sobre formas de questionamentos e hipóteses, os principais desafios daqueles que ensinam língua Estrangeira em escolas públicas e particulares. As abordagens desenvolvidas para o ensino de língua

[49] Graduada em Serviço Social pela Faculdade Dom Luiz de Orleans e Bragança/BA, Graduada em Letras Vernáculas pela UNIT- SE; Graduada em Espanhol pela UNISEB – COC/SE; Especialista em Metodologia do Ensino de Linguagens – Eadcon/Bahia; Especialista em Metodologia da Língua Espanhola pela Face/BA . Especialista em língua inglesa- Face/BA; Especialista em Mídias da Educação/ Uesb/BA; Especialista em Linguística e Literatura pela Universidade Cândido Mendes/RJ; Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela Faculdade São Luis de França/SE; Especialista em Filosofia do Ensino Médio UFBA/BA; Especialista em Direitos da Criança e Adolescente UFS/SE. Professora do Estado da Bahia na Educação Básica. E-mail: luvirgilia@hotmail.com.

[50] Advogada, Assistente Social. Graduação em andamento em Letras Português e História na UFS/SE. Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica - Faculdade São Luis de França Aracaju- SE. E-mail: belaamorim75@hotmail.com.

[51] Graduada em Pedagogia pela Faculdade Pio Décimo-SE , Licenciada em História pela UNIT-SE, Pós graduada em Educação Inclusiva pela Faculdade Pio Décimo -SE, Especialista em Administração Escolar pela Faculdade Pio Décimo .Professora do munícipio de Aracaju na Educação Básica.E-mail:jangellyca@hotmail.com

inglesa ainda não conquistou as habilidades necessárias para criar estímulo e motivação no aprendiz, a vontade de querer dominar as competências linguísticas como ler, escrever, falar e ouvir. Dessa maneira, torna-se difícil mudar o quadro de insatisfação e falta de preparo dos alunos brasileiros sejam nas escolas públicas ou particulares.

No século XIX, a langue de Saussure tinha como objeto social o domínio parcial. A partir da década de 50, a gramática gerativa mudou sua pesquisa para os sistemas linguísticos dos falantes individuais para a capacidade de dominar a língua natural (para Chomsky a linguagem é biológica, natural e componente da mente humana.

Para psicologia individual (ciência cognitiva) o seu objeto final é centrado na natureza humana como biológico. Nesse período, a linguagem era o reflexo da mente ligado a cognição humana.

A revolução linguística coincide com a revolução da natureza humana, pois nós demos capacidade de linguística muito maiores de dominar e compreender, expressar-se e ser compreendido de forma ilimitada pois entendemos um número infinito de expressões linguísticos no uso normal de linguagem, somos seres criativos do uso comum da linguagem.

1 Signo e Linguagem

A langue possui padrões regulares de linguagem, mas não tem um limite preciso marcado pelo coletivo, já a parole se liga ao discurso e ao indivíduo não a coletividade. Os padrões regulares são dirigidos por regras.

O conhecimento da linguagem forma um sistema formal linguístico, um complexo de riquezas extraordinárias. A aquisição da linguagem se dá de forma natural através da gramática universal que é uma trajetória da linguística é expressada pela propriedade das línguas naturais. As línguas naturais são faculdades inatas da linguagem, ou seja, biológica da espécie humana. A aquisição se dá na infância.

O objeto da linguagem são o som, o sentido dentro da faculdade da linguagem, segundo Chomsky que geram mecanismo que são chamados de gramáticas gerativas. O que difere os homens dos animais são os sistemas biológicos de produzir no caso dos homens “associações” (conceito não apropriado) para a propriedade infinita de capacidades linguísticas.

A língua interna, segundo Chomsky tecnicamente é a faculdade da linguagem de construir objetos mentais que expressam pensamentos interpretem ilimitadamente expressões linguísticas. Esses objetos mentais são os sons e sentidos.

Somos diferentes de máquinas, segundo Descartes, porque quando agimos ou pensamos somos inclinados ou incitados a fazer de modo imperceptível e não aleatórios não compelidos ou programados o que não ocorre com os não-humanos (as máquinas). Somos criativos porque temos a capacidade de responder ou expressar os pensamentos de maneira infinita para interpretar ou compreender o outro.

Segundo Descartes e o seu modelo, o entendimento humano vai muito além do pensamento "daquilo que experimentamos e percebemos que existe dentro de nós" que torna questionável compreender a nossa própria natureza humana. O que poderemos ou procuramos entender vai muito além do que esses limites. Segundo Descartes "não temos inteligência suficiente para entender o aspecto criativo do uso da linguagem assim coo as manifestações da mente".

Coisas mentais (as próprias mentes) são afloramentos não considerados irredutíveis, mas controlam as intenções entre os eventos, os órgãos como o da linguagem encontram órgãos especializados que chamamos de aprendizagem que fazem com grande facilidade os processos internos para o desenvolvimento e solucionam os problemas ou situações, excetos em casos mais difíceis que fogem do ambiente esperado.

Os fenômenos mentais são naturais e são causados pelas atividades neurofisiológicas do cérebro que são as potencialidades do próprio cérebro que surgem ideias novas.

O aspecto criativo da linguagem se caracteriza pelos novos pensamentos e ideias novas surgidas na mente humana que os seres humanos são levados ou incitados a agir de modo não aleatório.

A primeira revolução cognitiva inicia com os estudos (neurofisiologia) para dar estrutura a faculdade de pensar pelos séculos XVII e XVIII que seria a capacidade de produzir. Os nomes não dizem a essência da coisa, mas constroem o diálogo e a comunicação, eles guardam significados duplos e imitam a realidade.

A linguagem possui uma concepção platônica e todo nome tem um significado. Segundo Hermógenes o nome é uma convenção e pode ser individual ou coletivo. Para Hermógenes discípulo de Heráclito o nome é por natureza. Existe no nome uma associação entre a linguagem e o conhecimento. A teoria da significação dos nomes está atrelada à teoria da imortalidade da alma.

O nome serve para separa, distinguir ensinar a essência das coisas e tem o seu significado único e específico. O nome se relaciona às coisas imutáveis que leva a constituição da teoria da linguagem ideal.

O conhecimento das coisas é buscando no próprio conhecimento, na sua essência. Ele é obtido através da linguagem. No diálogo na comunicação descobrimos o significado dos nomes e a essência das coisas, o próprio conhecimento.

Platão afirma que a natureza da linguagem é ambígua, ou seja, ela ensina e discrimina as coisas ou significado do nome de forma dialética, ou seja, contraditória. A linguagem tem duas visões a metafísica e persuasiva e a platônica, segundo Platão.

Lógica é a ciência que é formada de argumentos que tem um caráter instrumental que avalia os próprios argumentos formando uma tese. Dentro da lógica estudada por Wittgenstein afirma que está dividida em conceitos do pensamento, linguagem e verdade.

A lógica é a essência do pensamento dentro do ato da comunicação. Na lógica temos uma escolha, ou seja, um comprometimento. Na lógica extraímos a verdade que está na essência da linguagem.

A proposição dentro de lógica é a concepção geral da linguagem estabelecida numa sentença. Numa proposição pode constar nomes e verbos, pode ser complexa ou simples, verdadeira ou falsa numa proposição quando apresenta sujeito-predicado ela extrai todo o pensamento e tem como resultado a negação e a oposição, numa afirmação oposta.

Significação e comunicação (Umberto Eco) está dentro de um sistema de significação, a significação é uma convenção social. Os sistemas ou estruturas são estudadas pela teoria da informação ou pelas teorias gerativas (conjunto infinito de regras combinatórias) que podem ser finitas ou infinitas.

A função do signo está relacionada ao conteúdo. O signo é a unidade do sistema que tens conteúdo. Também exerce a função semiótica (o signo). O signo é constituído de Plano de Expressão e Plano de Conteúdo.

Na interação comunitária o signo é organizado de código que tem regras que gera outros signos. A função do signo é a correlação entre os elementos abstratos da expressão e elementos abstratos do sistema. A função do signo significa a possibilidade de significar.

Na função existem as condições de significação e as condições da verdade que tem uma semântica intencional e extencional. Na teoria do código o que interessa é semântica intencional, pois condiz com a verdade e a teoria da referência segundo Leibniz, uma capacidade do sujeito de produzir a linguagem, graças à inteligência que existe. A linguagem seria insurgência de uma atividade do sujeito, uma insurgência da linguagem falada no silêncio da alma, quando a ideia que a linguagem se dá primeiro no espírito (na alma), como pensamento, como desenvolvimento de uma capacidade já existente em nós, pode ser o espelho do mundo, surge na filosofia ocidental.

A linguagem não diz a verdade nem a essência das coisas, pois o pensamento e a linguagem são as mesmas coisas. A relação entre pensar e ser movimenta toda a reflexão ocidental sobre o sentido.

1- A Língua Estrangeira e o seu Estudo no Brasil

Diversos motivos levam ao descontentamento do público-alvo, seja pelo só e tão somente, ensino de gramática e vocabulário ou pela falta da aplicação da conversação durante as aulas de inglês o que torna desestimulante a aquisição e absorção do idioma, como também a necessidade de um método para aquisição do idioma.

Estudar um segundo idioma, que não seja nativo é necessário saber com eficiência, é preciso conhecer a Língua portuguesa bem, para depois, aprender a Língua inglesa. Verificou-se que tantos os professores não tem métodos absolutos para ensinar a abordagem comunicativa da língua, como os alunos não se sentem motivados em quererem aprender o que está se ensinando. Críticas aos métodos atuais não faltam, mas encontrar a solução para esse problema, pois é um dilema que enfrentamos todos os dias. O objetivo central da educação no Brasil é proporcionar educação básica aqueles que, por diversas razões, foram excluídos do sistema educacional na idade adequada. Há grande preocupação quanto à elaboração de uma proposta político pedagógica e a adequação desta proposta à realidade dos alunos e professores e a melhor forma de enfrentar os diversos obstáculos de ordem socioeconômica e didático-Pedagógica. Diante da realidade deste estudante sem perspectiva, é necessário primeiro buscar a justificativa para a manutenção do ensino de Língua Estrangeira nas escolas públicas.

Para que o ensino de Línguas Estrangeiras realize a sua função, é necessário que o aluno desenvolva as habilidades de ler, escrever, além de entender o que se fala. Há três funções básicas no ensino de Língua estrangeira na escola pública: a de natureza legalista, a de natureza social e finalmente o auxílio na construção de conhecimentos.

Segundo estudiosos, O Inglês é imprescindível à comunicação nas Instituições Internacionais, pois apesar das Instituições possuírem duas Línguas Oficiais (Inglês e espanhol), hoje em dia nas escolas públicas e particulares, obrigam-nos a usar como idioma, alternativas o Inglês, devido ao fato do idioma britânico tornar-se cada vez mais hegemônico nas reuniões de trabalho da Instituição, fazem esforço de compreender que se exprimir em uma língua não materna, pode levar a imperfeição na comunicação.

Questiona-se sobre qual variante do inglês deve ser aplicado nas salas de aula, uma vez que vem surgindo várias interrogações sobre este assunto. Alguns autores afirmam que a

variante da língua não deve ser usada como normas para correção, como também definir quais os aspectos devem ser utilizados com a finalidade de não prejudicar o aprendizado dos falantes da língua.

Uma vez que a língua só pode ser considerada internacional por não pertencer a um único país, falada por um terço da população mundial. O inglês hoje é uma língua global e tem como marca registrada, o hibridismo e multicentricidade, dessa forma, diferenciam-se do latim, pois este se fragmentou ao longo dos anos, formando dialetos e posteriormente línguas autônomas o que não aconteceu com inglês em virtude do efeito da globalização que tem unido povos e estreitado relações favorecendo a vigência desta língua.

A língua sendo tão importante, o inglês tem algumas dificuldades, uma delas é a não qualificação dos professores. Com todos estes problemas o número de professores tem aumentado em virtude do grande número de alunos.

Apesar da necessidade, o inglês, dificilmente será uma língua fluente, pois grande parte das pessoas não consegue se comunicar com o inglês de forma correta. Seria mais cômodo seguir superficialmente os objetivos de ensino de inglês segundo os PCN's enfocam somente a leitura e a escrita. Todavia, esse objetivo não traz a satisfação pessoal de que o professor necessita para continuar a fazer seu trabalho. Sendo necessário trabalhar também com habilidades de ouvir e falar.

A consciência de que o aluno precisa aprender a língua inglesa e o mundo globalizado requer certa fluência, ou seja, ser capaz de ler, escrever, ouvir e falar. Para isso, na tentativa de verificar as principais dificuldades encontradas pelos alunos, observar o método de ensino utilizado pelo professor e descobrir as alternativas adotadas pelo docente que levam ao aluno a se interessar pelo aprendizado de uma segunda língua.

Todas as formas de ensino, por mais diferenciadas que sejam, servem como recursos que auxiliam o processo de aprendizagem tanto da língua materna, quanto de uma segunda língua, neste caso, a Língua Inglesa. Neste processo de ensino, o professor de Língua Estrangeira deve estar ciente de que deve reconhecer a capacidade mental do aluno e ser capaz de ativar, fazendo com que este esteja conscientizado sobre sua importância ao decorrer desta caminhada rumo à ampliação de seu conhecimento.

Quando não se usa uma segunda língua, num país estrangeiro para se comunicar no dia a dia, se utiliza do meio gestual. As trocas linguísticas são ações efetuadas entre o emissor e o receptor de forma a haver interação e comunicação da linguagem. Nas transferências e aprendizagem de uma língua estrangeira se a aprendiz que é sujeito passivo da ação aprende o idioma errado.

Para aquisição de uma língua estrangeira convencionou usar como suporte metodológico o método audiovisual, associado esquemas, mapas, desenhos, figuras, imagem oral e dessa maneira, constroem-se atividades com fins didático-metodológicos.

Estudar a LE passou a ser primordial não só para o currículo escolar como também, para o ato da competência comunicativa, conhecer a diversidade cultural do outro. Quem estuda uma LE constrói sua própria identidade. Através de cursos preparatórios de idiomas aqui no país de origem, é possível aprender um segundo idioma, as escolas estão preparadas para atender esses alunos, o intercâmbio, também, é uma outra opção para conhecer a cultura e diversidade de outro país no sentido de aquisição e conhecimento do novo.

Aprender uma língua é constituir e adquirir poder, pois essa língua adquirida ela é adotada por todos que precisam dela para se comunicar. Num segundo idioma, o poder é ideológico, pois além de formar e construir identidade da pessoa, passam a observar diversas informações como sociais, culturais, políticas, econômicas, pessoais numa relação mútua e conjunta com todos envolvidos no processo de compartilhamento cultural identitário.

A necessidade de se aprender o inglês é uma questão de sobrevivência, pois a língua está presente na internet, nas músicas, conversas informais dos jovens que usam termos ligados ao idioma, filmes, televisão e em diversos nomes de lojas, roupas, eletroeletrônicos. Para se destacar no mercado competitivo é necessário dominar a língua, quem fala bem consegue ganhar melhor se destacar nos melhores postos de empregos dentro da empresa.

As vantagens de se aprender o idioma inglês além de conhecer a diversidade cultural do outro, se tem acesso à informação, chances de entrar numa boa faculdade, conseguir ganhar melhor, além de fazer um intercâmbio cultural para conhecer melhor a língua.

Não existe hora, momento ou idade para se aprender um segundo idioma, se o indivíduo tem tempo, vontade e disposição aprender a língua é o momento apropriado. Basta ter um bom professor um bom material, tempo disponível e dedicação do idioma e enfrentar os medos e dificuldades, assim, consegue mudar de vida e adquirir conhecimento.

Configurou-se dizer que o ensino de LI no Brasil pautou-se ou limitou-se ao ensino de gramática esquecendo-se da fala como idioma vivo. Mesmo que modificando toda a estrutura da aplicação de moderníssimos recursos tecnológicos e todo aparato técnico audiovisual e educacional, para se ensinar a língua, ainda não tem atraído alunos nas escolas públicas do país.

O que se pode comentar sobre a metodologia do ensino de LI nas escolas brasileiras é que é um fracasso, pois as aulas se tornam monótonas, os alunos não aprendem o idioma e se conseguem absorver nada ou quase nada, descontextualizado da realidade vivida e do idioma transmitido. Aulas repetitivas, desconexas, desmotivadas e sem interatividade mútua com o

idioma vivo e falado. É preciso mudar a maneira como se reproduzir e ministrar aula de inglês nas escolas públicas e privadas, de forma a atrair e motivar o aluno a buscar e se envolver como o processo de aprendizagem.

A interdisciplinaridade também é um recurso bastante utilizado no ensino de línguas, pois compartilhar conhecimento com outras disciplinas e a interação e articulação proporciona o ensino-aprendizagem da língua-alvo.

O intuito de se aprender a língua estrangeira não é só comunicar no idioma**,** mas usar diversas formas de recursos dentro da abordagem comunicativa. O uso da língua como necessidade de formar a se comunicar interativamente com o idioma, como entender, ouvir, falar e ler, pois são as habilidades e propostas da abordagem que se remetem a educação sociocultural e estrutural do idioma na hora de se aprender e ensinar.

Para se aprender uma segunda língua é preciso falar bem a língua mãe para depois falar bem a língua alvo, ou seja, aprender a LP para poder aprender a LI. A importância de se estudar a LI nas escolas, além de fazer parte do currículo acadêmico, também se torna importante quanto às outras disciplinas. Além da importância curricular, o objetivo também estar em poder praticar, ou seja, usar a língua como necessidade de comunicação como praticidade do uso do idioma.

A importância de estudar a LI está também ligada às relações sociais e políticas país, no mundo globalizado e internacional, é vital usar e falar o idioma para facilitar as transações sociais, econômicas e turísticas.

Não se podem comparar as duas culturas, a nativa e a estrangeira, quando se ensina a LI é necessário fazer apenas referência geral da língua cultural internacional e mostrar nas diferenças do ensino do inglês, para uma outra cultura que não se utiliza a língua inglesa.

É preciso desenvolver o ensino de LI voltado para internacionalização, globalização e inteculturalização da língua, ensinar para o universo cultural do idioma se a minúcias da cultural local e também a diversidade universal do idioma. A Língua Inglesa perpassa por aspectos de proficiência, competência gramatical e comunicativa. Assim, é necessário ensinar a cultura universal e internacional do idioma.

O trabalho procurou questionar e criticar métodos empregados para se ensinar a LI, mostrando a insatisfação dos alunos nas escolas preparatórias para o idioma que adotam métodos falhos e desmotivantes. Todos criticam, mas não procuram soluções para tornar motivante, o ensino de uma segunda língua, é preciso vivenciar a língua, ver, ouvir e interagir com o idioma. Gerar interação social com os interlocutores.

Referências

ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz; SILVA, Kleber Aparecido da (ORG). **Linguística Aplicada Múltiplos Olhares.** São Paulo: Pontes, 2007.

BIZZOCCHI, Aldo. http://www.aldobizzocchi.com.br/artigo4.asp. Linguística e Gramática. Acesso em: 29/09/2013.
BIZZOCCHI, Aldo. http://www.aldobizzocchi.com.br/artigo93.asp. Palavras sem Fronteiras. Publicado em *Língua Portuguesa*, ano 5, n.º 58, agosto de 2010. Acesso em: 29/09/2013.
ILARI, Rodolfo. **Linguística Românica**. 3ªed. São Paulo: Ática, 2002.

BAGNO, Marcos. **Linguística da Norma.** São Paulo: Loyola, 2002.

CALVET, Louis-jean. **Sociolinguística um Introdução Crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.

KRISTEVA, Julia**. História da Linguagem.** Portugal: Artes e Comunicação, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Campinas SP: Pontes. 1997.

MARTIM, Robert. **Para Entender a Linguística**. São Paulo: Parábola, 2003.

MAZIÈRE, Francine. **A Análise do Discurso História e Práticas**. São Paulo : Parábola, 2007.

POSENTI, Sírio. **Malcomportadas Línguas**. São Paulo: Parábola, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

WHITNEY , W.D. **A Vida da Linguagem**. Petrópolis RJ, Vozes, 2010.
VIEIRA, Silvia Rodrigues; Brandão, Silvia Figueredo. **Ensino de Gramática: Descrição e Uso**. São Paulo: Contexto, 2007.

ESTRATÉGIAS DE ENSINO DE SEGUNDA LÍNGUA: graus de proximidade com a aquisição natural da fala

Diana Liz de Bittencourt
Mariléia Reis[52]

RESUMO
Neste artigo, refletimos sobre os avanços das neurociências em relação aos fundamentos sobre a aquisição natural da linguagem verbal oral e a relação (de tais fundamentos) às metodologias de ensino e aprendizagem de uma segunda língua em escolas brasileiras, cujos falantes têm apenas o português como língua materna, como acontece, por exemplo, com o ensino do inglês e do espanhol: com este último, em regiões que não fazem fronteira com países da América Latina, ou seja, um ensino de segunda língua a falantes que não interagem oralmente com usuários de segunda língua, em contextos reais de uso. Abordamos também reflexões sobre estratégias de ensino e aprendizagem inicial da leitura em língua materna que também não priorizam sua aproximação aos fundamentos da aquisição natural da fala, pautados na oralidade (fala e escuta de uma dada língua). O ensino promissor de língua, bem como da leitura para o exercício das práticas de letramento, constituem-se estratégias de combate ao analfabetismo funcional.

RESUMEN:
En este artículo, se reflexiona sobre los avances de la neurociencia con respecto a los fundamentos de la adquisición natural del lenguaje verbal oral y la relación (las causas) los métodos de enseñanza y aprendizaje de una segunda lengua en las escuelas brasileñas, cuyos oradores tienen sólo el portugués como lengua materna, como, por ejemplo, la enseñanza de Inglés y español: con este último, en las regiones no limítrofes de los países en América Latina, es decir, una segunda lengua enseñar a los altavoces que no interactuar oralmente con usuarios segunda lengua en contextos reales de uso. También nos acercamos a reflexiones sobre estrategias de enseñanza y aprendizaje inicial de la lectura en la lengua materna que tampoco priorizar su enfoque de los fundamentos de la adquisición natural de expresión, guiados por el oral (hablar y escuchar de un idioma determinado). La lengua de enseñanza prometedor y lectura para el ejercicio de las prácticas de alfabetización, constituyen estrategias de lucha contra el analfabetismo funcional.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino. Língua materna. Segunda língua.

INTRODUÇÃO

Cada vez mais, os avanços das neurociências vêm sustentado hipóteses sobre a natureza da linguagem humana, especialmente, no que diz respeito aos principais fatores sobre os quais a motivação da aquisição natural da linguagem verbal oral opera, fatores estes que se complementam e se (entre)cruzam: os inatos, os maturacionais e os ambientais. Neste artigo, concedemos atenção especial aos de natural ambiental, dada a sua relação direta com as práticas sociais de oralidade, para, então, correlacionarmos a importância do estímulo da fala e da escuta em metodologias de ensino de segunda língua, bem como em estratégias de ensino inicial da leitura em língua materna.

---

[52] Diana Liz de Bittencourt é doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina e professora universitária da Católica de Santa de Catarina. Mariléia Reis também é doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina e professora do Departamento de Letras, do Programa de Pós-graduação em Letras e do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Sergipe.

Para Scliar-Cabral (2008):

> Embora haja muita controvérsia teórica para explicar o desenvolvimento da linguagem na criança, existe consenso sobre a importância de três fatores: os fatores inatos, os envolvidos na maturação e os ambientais – claro que diferentes correntes atribuem, a cada um deles, pesos diversos (p. 28).

Fundamentamos, inicialmente, uma reflexão sobre a relação entre a aquisição natural da linguagem verbal oral e as metodologias de aprendizagem de uma segunda língua, num contexto artificial, ou seja, num contexto não bilíngue, como é o caso do ensino do inglês, no Brasil, bem como o do espanhol de regiões que não fazem fronteira com países latino-americanos[53]. Neste sentido, ainda que não haja interação do aluno com usuário de segunda língua, entendemos que, quanto maior for a exposição em sala de aula deste aluno com a oralidade da língua que ele está aprendendo, mais promissora será a sua aprendizagem, visto que esta metodologia vai se aproximar mais da biologia natural da aquisição da linguagem humana.

Diante das considerações levantadas, vamos, então, abordar como as ciências da linguagem descrevem o modo como se processa a aquisição natural da linguagem verbal oral.

Segundo Scliar-Cabral (idem), os fatores inatos são os biopsiquicamente determinados pela espécie, em especial, a estrutura e funcionamento do sistema nervoso central que, através de suas redes, se coloca como o instrumento principal e específico de sobrevivência. Neste fator, a genética assume grande importância. Na maturação (segundo fator), entende-se que os circuitos que ligam os diversos centros do sistema nervoso central, por não nascerem prontos, precisam do processo da prolongação dos neurônicos, para que se estabeleçam as ligações de modo adequado e no momento certo. Por fim, é na interação verbal (terceiro fator) que sobressai o fator ambiental, desde os que cercam a gestante,

---

[53] O Brasil possui 15.179 km de fronteiras com países que falam o espanhol. Só não se limita com o Chile e com o Equador. São estes os países: **Guiana Francesa:** 655 km de fronteira, situada totalmente no estado do Amapá. **Suriname:** 593 km de fronteira, sendo no estado do Amapá (52 km) e no Pará (541 km). **Guiana:** 1.606 km de fronteira, sendo no estado do Pará (642 km) e Roraima (964 km). **Venezuela:** 1.492 km de fronteira, sendo em Roraima (954 km) e Amazonas (538 km). **Colômbia:** 644 km de fronteira, situada totalmente no território do estado do Amazonas. **Peru:** 2.995 km de fronteira, sendo no Amazonas (1.565 km) e Acre (1.430 km). **Bolívia:** 3.126 km de fronteira, sendo no Acre (618 km), Rondônia (1.342 km), Mato Grosso (780 km) e Mato Grosso do Sul (386 km). **Paraguai:** 1.339 km de fronteira, sendo no Mato Grosso do Sul (1.131 km) e Paraná (208 km). **Argentina:** 1.263 km de fronteira, sendo no Paraná (293 km), Santa Catarina (246 km) e Rio Grande do Sul (724 km). **Uruguai:** 1.003 km de fronteira, totalmente com o Rio Grande do Sul, conforme http://www.suapesquisa.com/geografia/fronteiras_com_brasil.htm

passando pelos primeiros meses de vida da criança e se estendem em toda a sua sociabilização: englobam os aspectos culturais, socioeconômicos e afetivos. E constituem-se, portanto, na exposição da criança à expressão oral do idioma a que ela está exposta: trata-se da fala dos que cuidam e interagem com ela, dos desenhos na tv, das músicas que ouve, enfim, de toda a gama de estímulos orais da língua.

Tal como a aprendizagem da leitura (e não da fala) em língua materna, o ensino de uma segunda língua constitui uma habilidade de natureza secundária, mas, nem por isso, deve deixar de considerar, por exemplo, que, no combate ao fracasso do ensino da leitura, uma das estratégias se apoia na necessidade de que precisamos reconhecer e buscar a unificação de pesquisas pedagógicas, psicológicas e também neurocientíficas, em especial às que buscam relação entre a aquisição de uma habilidade primária e a aprendizagem de habilidades secundárias de língua. Para Dehaene (2007, p. 18), a grandeza de avanços das neurociências na aprendizagem da leitura (em língua materna) já é uma realidade e nos permite, enfim, progredirmos numa problemática frequentemente muito ideologizada.

Entretanto, a escola tem-se limitado muito a essa ideologização, firmando-se mais no papel social de acomodação da criança na escola do que no efetivo aproveitamento do saber (neuro)científico sobre, por exemplo, o processamento de habilidades a partir de metodologias específicas, como as voltadas para o ensino e para a aprendizagem da leitura (em língua materna) e metodologia de ensino de segunda língua. Nesta última, com um agravante: nas escolas públicas, pouca ou nenhuma distinção há entre uma abordagem de ensino que priorize a conversação (manifestação oral de um segundo idioma) ou uma abordagem que prepare o aluno para a leitura deste: trata-se de duas habilidades que operam de modo diferente, com movimentos neuroniais distintos. A esse (des)comprometimento com metodologias que preveem, por exemplo, conquistas (neuro)científicas, soma-se o número de analfabetos funcionais no país, decorrente de estratégias mal sucedidas de ensino de língua materna e hoje também de ensino de segunda língua.

1. Ensino inicial da leitura em língua materna: o Brasil na contramão

No Brasil, o grau de maior aproximação da aprendizagem inicial da leitura às descobertas das neurociências é praticamente nulo. A natureza das abordagens teórico-metodológicas sobre o ensino e a aprendizagem desta habilidade hoje representa um dos maiores indicadores do insucesso no nosso sistema educacional na formação de nossas crianças no país.

Ainda neste mês de setembro, o resultado da Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA/2014) em escolas públicas aponta que, a cada cinco crianças brasileiras, uma termina o 3º ano do ensino fundamental sem saber ler e escrever ou elas apenas conseguem ler palavras com sílabas simples e isoladas. No relatório, consta que, dos mais de 370 municípios analisados, metade das crianças de até 9 anos se situa na condição de analfabeta.

Na escrita, cerca de 65% dos alunos alcançaram os dois melhores patamares da avaliação (4 e 5), o que significa que eles têm capacidade de escrever palavras com diferentes estruturas silábicas e um texto corretamente e com coerência. Na leitura, a maioria dos alunos (55%) ficou nos dois piores níveis, numa escala de 1 (um) a 4 (quatro), significando que as crianças não conseguem localizar informação explícita em textos de maior extensão e nem de identificar, por exemplo, a quem se refere um pronome pessoal. Os alunos que ainda estão no nível 1 (um) são a maior preocupação dos educadores: neste nível, eles não conseguem ler mais que uma palavra.

A questão mostra-se ainda mais preocupante: com todo esse histórico de fracasso, as crianças que conseguem chegar ao final do ensino médio melhoram sua proficiência em leitura? Ou seja: que estratégias a escola tem desenvolvido para a reversão deste quadro aos que nela permanecem? Muito pouco: os números evidenciam que, no Brasil, apenas cerca de 27% dos leitores com idade entre 15 e 64 anos dominam com plenitude as habilidades de leitura e escrita (INAF, 2007, *apud* Scliar-Cabral, 2008).

Scliar-Cabral (idem) ressalta que, se compararmos, por exemplo, os resultados de avaliações entre a série final do Ensino Fundamental menor (alunos do 5º. ano, antiga 4ª. Série), e a série final do Ensino Fundamental maior (alunos do 9º. ano, antiga 8ª. série), e estes dois resultados comparados ao desempenho de alunos do 3º. ano do Ensino Médio, fica evidenciado que o aumento da proficiência em leitura, de um para outro estágio, é bastante modesto, o que significa uma aquisição ainda muito restrita de novas habilidades e competências em Língua Portuguesa ao longo da escolaridade básica.

2. Reciclagem neuronal: a adaptação do cérebro humano para o processamento da leitura

A aprendizagem de novos sabores se dá graças à plasticidade do cérebro humano. Caso contrário, como poderíamos explicar a adaptação do cérebro humano para que pudéssemos processar a leitura? Teríamos que programar um recuo até as mudanças genéticas da evolução cerebral, tal como a que possibilitou o processamento da fala, repercutindo sobre o da escrita? É evidente que não: dada a sua plasticidade, nossos neurônios se reciclam.

Para Dehaene (2007), por vezes, concebeu-se erroneamente um mesmo e único processo tanto para a linguagem falada quanto para a linguagem escrita, como se ouvir, falar, ler e escrever correspondessem a habilidades e propriedades de natureza similar.

Ao contrário, para a linguagem falada, o neurocientista sugere uma evolução genética de cerca de duzentos mil anos, período suficientemente longo, a ponto de permitir ao cérebro humano adaptar-se à linguagem verbal oral.

Por outro lado, dada a invenção cultural da escrita relativamente recente (cerca de cinco a oito mil anos, apenas), contrariamente à linguagem oral, infere-se que não deve ter sido o nosso cérebro que evoluiu a ponto de solicitar o aparecimento da escrita, mas, sim, o sistema cultural da escrita ter sido uma evolução, de tal forma a se adaptar, progressivamente, ao cérebro.

Neste sentido, o sistema visual de todos os primatas acabou se adaptando a determinadas regularidades presentes no ambiente circundante, através de neurônios altamente especializados no seu próprio reconhecimento. Nossos antepassados, ao conceberem os diversos sistemas de escrita, fizeram-no através da simplificação paulatina dos traços, para a obtenção de formas minimalistas das respectivas letras, segundo Dehaene, muito mais ajustadas ao sistema nervoso central e de traços de menor complexidade para serem desenhados. Muito antes disso, ou seja, muito antes de detectarem e de analisarem as letras e as palavras, os neurônios foram-se especializando no reconhecimento de formas, objetos e faces, condição associada à sobrevivência humana. E a capacidade de tais reconhecimentos foi redimensionada à aprendizagem da escrita, quando esta também se fez condição também necessária ao desenvolvimento socioeconômico.

A partir da hipótese de Dehaene da reciclagem neuronal, derivam-se aplicações pedagógicas para a aprendizagem inicial da leitura: já na alfabetização, desencadeia-se no aprendiz o mecanismo de reciclagem dos neurônios da região occípito-temporal ventral esquerda para o reconhecimento das letras, especializando-os para a leitura. É o marco biológico para aprendizagem da leitura, e que se inicia a partir do desenvolvimento da fala, em contextos orais de uso da linguagem humana.

Um dos mais surpreendentes resultados do trabalho de Dehaene foi a constatação de que a percepção da palavra escrita sempre remete o leitor à mesma região de estimulação cerebral, independentemente da cultura e do sistema de escrita empregado.

3. Reflexões finais

São muitos os equívocos que a escola brasileira comete no ensino de língua: neste artigo, apontamos reflexões em três direções: na primeira, referimo-nos à aquisição natural da linguagem verbal oral, relevando a importância do terceiro fator de sua motivação, que é a exposição espacial e interacional que a criança precisa ter com a língua falada. Para esta primeira direção, vamos pensar na figura ficcional de um grande personagem das histórias de Hollywood, o Tarzan, que não desenvolveu a linguagem oral, por não ter recebido nem compartilhado a fala, por não ter trabalhado inputs auditivos de um dado sistema linguístico, ou seja, por não (con)viver numa comunidade de fala humana específica. Sem entradas linguísticos (inputs), sem escutas de falas, não haverá, também, saídas (outputs), ou seja, não há como ser verbalizada a fala[54].

Refletimos também sobre estratégias de ensino de língua materna, num segundo momento, quando trouxemos pressupostos neurocientíficos sobre estratégias de aprendizagem inicial da habilidade de leitura, especialmente quando estas não tomam como referência e reflexão usos e práticas sociais da fala, que é a metodologia de esnino da leitura que perpassa a relação entre a fala da criança e a consciência da representação dos fonemas de sua língua. Pesquisas evidenciam que, quanto mais as estratégias de ensino e aprendizagem iniciais da leitura se aproximarem da aquisição natural da linguagem, a probabilidade é a de que mais promissoras elas serão.

Como vimos, a escola brasileira se situa, via de regra, na contramão dos avanços já alcançados pelas neurociências, o que é uma pena, porque tal prática, por estar se mostrando ineficiente, vem contribuindo para o fracasso escolar e, em particular, para o aumento do número considerável de analfabetismo funcional no país.

Por fim, procuramos relacionar uma terceira questão, que diz respeito ao ensino de uma segunda língua nas escolas brasileiras: tal como o ensino e a aprendizagem iniciais da leitura, ainda que em língua materna, cujas metodologia de ensino pouco (ou nada) se aproximam dos fatores que intervêm na aquisição natural da fala, particularmente, no quesito exposição a contextos naturais de fala, o ensino de segunda língua também está muito distante do que tentamos relevar em todo o estudo aqui abordado. No tratamento de metodologias de ensino que priorizam práticas de oralidade, de fato, nas metodologias de ensino de segunda língua também há pouca orientação para práticas de oralidade, em que o aluno mantenha contato com eventos de fala da referida segunda língua em questão, mesmo que sejam eventos artificiais oralizados, como filmes e afins.

[54] A aprendizagem da leitura por deficientes auditivos não toma como referência a consciência fonológica do sistema linguístico a que estão expostos. Requer, portanto, outra orientação teórico-metodológica.

Nesses termos, propusemo-nos a uma reflexão para que avaliássemos o quão distantes estão metodologias de ensino inicial da leitura em língua materna e metodologias de ensino de segunda língua do que hoje as neurociências corroboram sobre o que já entendíamos sobre o processo de aquisição natural da linguagem oral verbal: de que todo o processamento da linguagem humana verbal oral passa pela oralidade, para que inputs possam ser internalizados sobre o sistema linguístico em questão.

Com isso, o presente estudo constitui-se em mais uma tentativa de se evidenciar a importância do papel da instrução (linguística e metalinguística) na formação inicial e continuada sobre metodologias de ensino de leitura, especificamente as orientações decorrentes das descobertas das neurociências sobre as bases neuronais da leitura, o que nos levar a justificarmos várias iniciativas de melhorias no ensino de língua, como, por exemplo, a que abordam orientações de trabalhos a partir de gêneros textuais orais, em sala de aula. Um ensino promissor de leitura é a maior das estratégias de combate ao analfabetismo funcional.

Feitas as considerações acima, acabamos por recair em questões mais alargadas do ensino, de um modo geral: uma delas trata da formação inicial e geral de professores, tão dissociada de pressupostos téorico-metodológicos que constituem os currículos nas licenciaturas. Como forma de conhecimento, a formação de professor tem limites que precisam ser (re)conhecidos e (re)visitados: por vezes, esta parte de desconhecimentos passa, inicialmente, pela condição de sujeito do educando, sócio-historicamente situado, com limitações e indagações constantes para realidade de suas práticas, também situadas num espaço sócio-histórico. Mas, que se espera que a formação docente contemple, a cada dia mais, convergências e diálogos entre teorias e práticas, para que ambas se ampliem cada vez mais numa mesma direção.

REFERÊNCIAS

DEHAENE, Stanislas. **Les neurones de la lecture**. Paris: Odile Jacob, 2007. Tradução para o português por Leonor Scliar Cabral (2008).

SCLIAR-CABRAL, Leonor. **Guia prático da alfabetização**. São Paulo: Contexto, 2003.

SCLIAR-CABRAL, L. *et al*. **Alfabetização: aprendizagem neuronal para as práticas de leitura e escrita**. 2008. [No prelo].

http://www.brasil.gov.br/educacao/2015/09/ministro-diz-que-avaliacao-vai-orientar-politicas-educacionais. Em 30 de setembro de 2015.

http://www.suapesquisa.com/geografia/fronteiras_com_brasil.htm

EIXO TEMÁTICO 4:
Linguística, Gramática e Estudos do Discurso

FILOLOGIA: A CIÊNCIA DOS TEXTOS ESCRITOS

Renata Ferreira Costa[55]

Resumo:
A Filologia deixou de ser uma disciplina presente no currículo de muitos cursos de Letras de universidades públicas e privadas, ou, em alguns casos, aparece com outros rótulos, como História da Língua Portuguesa, Linguística Histórica, Gramática Histórica ou Linguística Românica, ou ainda atrelada de forma fragmentada a essas disciplinas. Contudo, isso não significa que os estudos filológicos se extinguiram ou estagnaram, muito pelo contrário. Portanto, reconhecendo a utilidade da atividade filológica para todas as ciências do texto, garantindo-lhes textos confiáveis, e sua importância para a preservação da memória individual e coletiva, este artigo visa contribuir para o conhecimento da história, conceito, objeto, funções e problemáticas que envolvem a Filologia.

Palavras-chave: Filologia. Ecdótica. Crítica Textual. Textos Escritos.

Resumen:
La Filología ya no es una asignatura presente en el plan de estudios de muchos cursos de Letras de universidades públicas y privadas, o en algunos casos, aparece con otras etiquetas, como Historia de la Lengua Portuguesa, Lingüística Histórica, Gramática Histórica o Lingüística Románica, o aún vinculada fragmentariamente a esas asignaturas. Sin embargo, esto no significa que los estudios filológicos han extinguido o se han estancado, sino todo lo contrario. Por lo tanto, reconociendo la utilidad de la actividad filológica para todas las ciencias del texto, garantizándoles textos confiables, y su importancia para la preservación de la memoria individual y colectiva, este artículo tiene como objetivo contribuir al conocimiento de la historia, concepto, objeto, funciones y cuestiones relacionadas con la Filología.

Palabras clave: Filología. Ecdótica. Crítica Textual. Textos Escritos.

1. INTRODUÇÃO

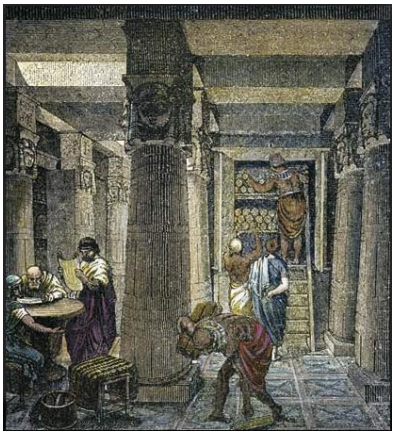
Por trás de cada texto, antigo ou moderno, há sempre um autor
a esconder a sua intimidade, e na frente de cada um deles
há sempre um filólogo a tentar desvendar-lha;
o que varia é a dimensão da temporalidade.
(DUARTE, 1992, p. 159-160)

Durante o império de Alexandre Magno, rei da Macedônia, inaugura-se o período helenístico, caracterizado pela difusão da cultura e do idioma grego e pela ascensão da ciência e do conhecimento. Em Alexandria, cidade egípcia que se tornou o grande centro da cultura

[55] Professora Doutora no Centro de Educação e Ciências Humanas - Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Sergipe. Mestre e Doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Líder do Projeto para a História do Português Brasileiro de Sergipe – PHPB/SE e do Grupo de Estudos Filológicos do Estado de Sergipe – GEFES.

helenística, construiu-se a famosa Biblioteca de Alexandria, uma das maiores bibliotecas do mundo antigo. Com o lema de “adquirir um exemplar de cada manuscrito existente na face da Terra”, objetivando preservar e divulgar a memória da civilização, chegou a contar com um acervo de mais de 700 mil rolos de papiros e pergaminhos.

Figura 1 - Uma sala da antiga Biblioteca de Alexandria



Fonte: http://urci.org.br/a-biblioteca-de-alexandria

Entre os séculos III e I a.C., diversos eruditos transitaram e sucederam-se na Biblioteca de Alexandria, trabalhando ativamente na confecção dos suportes de escrita, na recolha, catalogação e organização dos volumes e, inclusive, em cópias, traduções, interpretações e comentários de textos. Assim, como destaca Spina (1994, p. 67):

> Voltados para a restauração, intelecção e explicação dos textos, o labor desses eruditos consistiu em catalogar as obras, revê-las, emendá-las, comentá-las, provê-las de sumários e de apostilas ou anotações (*escólios*), de índices e glossários (indicações marginais sobre as variantes das palavras), de tábuas explicativas, tudo isso complementado com excursos biográficos, questões gramaticais e até juízos de valor de natureza estética.

É nesse contexto que nasce a Filologia, inicialmente apenas como comentário de textos e depois também como sua preparação, apuração e publicação. Os primeiros filólogos surgiram, então, em Alexandria, dando início a uma prática de estudo do texto, de modo que, segundo Spaggiari e Perugi (2004, p. 25), “os filólogos alexandrinos têm que ser citados como iniciadores da crítica textual, mesmo se o seu método de trabalho, no que diz respeito à reconstituição do texto, fosse ainda muito rudimentar”.

Os métodos científicos do trabalho filológico só foram estabelecidos no século XIX, graças ao filólogo alemão Karl Lachmann (1793-1851), que reformulou o sistema primitivo de publicação de textos e formulou a terminologia latina da Crítica Textual.

2. Filologia: conceito polissêmico

O primeiro registro do termo “filólogo”, que precede “filologia”, encontra-se em Platão e em Aristóteles, significando etimologicamente “amigo da palavra” ou ainda “amante do conhecimento”. A origem do termo denota assim um sábido, um erudito, alguém com “amplos conhecimentos gerais ou específicos, de cultura em geral e de domínio da linguagem em particular” (BASSETTO, 2005, p. 23).

“Filologia”, por seu turno, é palavra de origem grega (*philología, as*), com mais de vinte e quatro séculos de existência documentada, que passou ao latim (*philologia, ae*) com o sentido de “amor pelo conhecimento; gosto pelas letras; estima pela erudição; culto da sabedoria”, sendo empregada, conforme Silva (2002, p. 54), “para indicar toda a sorte de indagações sobre os textos de qualquer natureza – históricos, religiosos, filosóficos, literários e científicos – com a finalidade de preservá-los e de interpretá-los corretamente”.

Ora, além da Filologia, outras ciências têm como objeto de estudo o texto, manuscrito ou impresso, como é o caso, por exemplo, da História e da Literatura. No entanto, enquanto a História se vale de textos de gêneros diversificados e de outros documentos (fontes orais, imagens e os “restos”) e a Literatura tem como único objeto o texto literário, a Filologia “tem como *corpus* fundamental o texto literário, e como *corpus* secundário os textos históricos, jurídicos, religiosos e filosóficos” (SPINA, 1994, p. 81). Além disso, é importante ressaltar que, ainda que essas três ciências se identifiquem quanto ao seu objeto e também quanto ao seu método – o método crítico, elas possuem finalidades e metodologias bem diversas.

Definir o conceito e o âmbito da Filologia não tem sido uma tarefa fácil, uma vez que há divergência entre autores de diferentes épocas e lugares. Desta forma, como salienta Silva (2002, p. 69), entre as ciências do texto, a filologia está definitivamente marcada pelos problemas da polissemia.

O Dicionário Houaiss (2001) traz quatro definições para o termo “filologia”:

> 1. Estudo das sociedades e civilizações antigas através de documentos e textos legados por elas, privilegiando a língua escrita e literária como fonte de estudos;
> 2. Estudo rigoroso dos documentos escritos antigos e de sua transmissão, para estabelecer, interpretar e editar esses textos;
> 3. O estudo científico do desenvolvimento de uma língua ou de famílias de línguas, em especial a pesquisa de sua história morfológica e fonológica baseada em documentos escritos e na crítica dos textos redigidos nessas línguas (p. ex., filologia latina, filologia germânica etc.); gramática histórica;
> 4. Estudo científico de textos (não obrigatoriamente antigos) e estabelecimento de sua autenticidade através da comparação de manuscritos e edições, utilizando-se de técnicas auxiliares (paleografia, estatística da datação, história literária, econômica etc.), esp. para a edição de textos.

Os linguistas e filólogos portugueses Leite de Vasconcelos e Carolina Michaëlis empregaram a expressão “filologia portuguesa” para definir:

> (...) o estudo da língua em toda a sua amplitude, no tempo e no espaço, e acessoriamente o da literatura, olhada sobretudo como documento formal da mesma língua. (LEITE DE VASCONCELOS, 1926, p. 9 apud SILVA, 2002, p. 59)
>
> (...) o estudo científico, histórico e comparado da língua nacional em toda a sua amplitude, não só quanto à gramática (fonética, morfologia, sintaxe) e quanto à etimologia, (...) mas também como órgão da literatura e como manifestação do espírito nacional. (CAROLINA MICHAËLIS, 1946, p. 152 apud SILVA, 2002, p. 59)

A definição desses estudiosos aproxima a Filologia do conceito de Linguística. No entanto, para o linguista Ferdinand de Saussure, há uma distinção nítida entre essas duas ciências, apesar dos pontos de contato entre elas e os serviços que uma presta a outra:

> A língua não é o único objeto da filologia, que pretende, antes de tudo, fixar, interpretar e comentar os textos; esse primeiro estudo faz com que se ocupe também com a história literária, costumes, instituições etc.; em toda parte ela usa seu método próprio, que é a crítica. Se aborda as questões linguísticas, é especialmente para comparar textos de épocas diferentes, determinar a língua particular de cada autor, decifrar e explicar inscrições numa língua arcaica e obscura. (SAUSSURE, 1972, p. 13-14 apud BASSETTO, 2005, p. 35)

Desta forma, para Saussure, a tarefa fundamental da Filologia não é a de fazer a descrição e a história das línguas (função da Linguística), mas estudar os textos e tudo o que for necessário para torná-los acessíveis, o que implica o conhecimento da língua utilizada e todo o universo cultural que essa língua representa. Pode-se afirmar, portanto, que os linguistas são os estudiosos das línguas, enquanto os filólogos são os estudiosos dos textos.

A partir daí, é possível considerar o conceito de Filologia em duas perspectivas ou direções, como expressa o linguista Coseriu (1986, p. 11-19 apud SILVA, 2002, p. 62):

> En sentido estricto por filología se entiende hoy comúmente la crítica de los textos y, en sentido más amplio, la ciencia de todas las informaciones que se deducen de los textos, especialmente antiguos, sobre la vida, la cultura, las relaciones sociales y familiares, económicas, políticas y religiosas, etc., del ambiente en que los textos mismos se escribieron o a que se refieren.

Em outras palavras, há que se considerar dois sentidos para a Filologia:

- Em sentido amplo (*lato sensu*), a filologia se dedica ao estudo da língua no tempo e no espaço, tendo como objeto o texto escrito, literário e não literário, explorando-o exaustivamente em seus aspectos linguístico, literário, crítico-textual, sócio-histórico, etc.

- Em sentido estrito (*stricto sensu*), a filologia se concentra no texto escrito, primordialmente literário, para estabelecê-lo, explicá-lo, restituí-lo à sua genuinidade e prepará-lo para a publicação.

Nas definições apresentadas, verifica-se que há pelo menos três acepções para a palavra "filologia", o que comprova o seu caráter polissêmico:

- Etimológica – "culto da erudição ou da sabedoria";
- Equivante à Linguística;
- Equivalente à Crítica Textual.

A polissemia do conceito se explica pelo fato de a Filologia possuir um caráter transcendente, uma vez que, sendo uma "ciência eminentemente histórica", como afirma Spina (1994, p. 17), não pode desvincular-se de todos os aspectos intrínsecos e extrínsecos dos textos que se propõe estudar, contando, para isso, com o auxílio de outras ciências, como a Linguística, a Literatura, a História, a Filosofia, a Paleografia, a Codicologia, a Diplomática, etc. Desta forma, como assinala Martins (2015), "os filólogos trabalham num campo interdisciplinar em que é preciso buscar, reunir, integrar informações advindas de várias fontes e ciências".

3.Objeto e Funções da Filologia

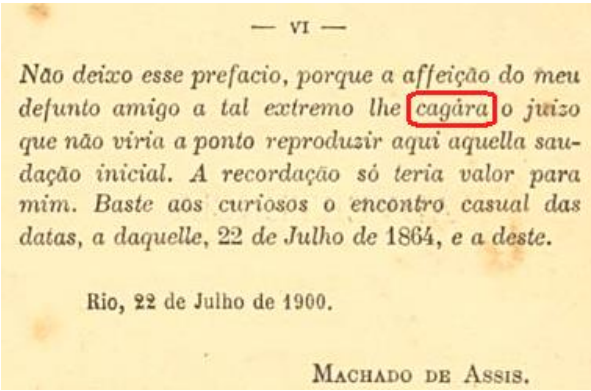
Como explanado anteriormente, o objeto fundamental da Filologia é o texto escrito, manuscrito ou impresso, literário ou não literário, do qual emerge uma série de preocupações, como as técnicas e os materiais que serviram à sua produção; se é autógrafo (escrito pelo próprio autor) ou apógrafo (cópia), no caso de manuscritos; a quantidade e qualidade de cópias ou edições desse texto; o panorama histórico (social, econômico, cultural, biográfico) de sua produção ou, conforme Castro (1995a, p. 604), "seus itinerários e lugares de pouso (coleções particulares, arquivos, bibliotecas); (...) sua conservação, mutilações e restauros".

Essas questões têm a ver com os aspectos materiais do texto, mas o trabalho dos filólogos vai além, preocupando-se com a análise ortográfica, gramatical, lexical e discursiva do texto e também com questões literárias, históricas, de autoria e de procedência, de modo a reunir todas as informações necessárias para o conhecimento da gênese e da transmissão do texto e que, assim, contribuam para a finalidade precípua da Filologia, que é a edição textual.

A importância de editar textos manuscritos ou reeditar textos impressos encontra-se no fato de que os textos, seja qual for a sua natureza, apresentam, em menor ou maior grau, alterações incorporadas pela intervenção de copistas (dadas as sucessivas cópias manuscritas que se poderia fazer de um mesmo texto), revisores, tipógrafos ou editores, de modo que já não se reconhece a última intenção de seu autor.

Dentre os vários exemplos de intervenções que alteraram a genuinidade de textos de autores consagrados, é possível citar o caso célebre da segunda edição de *Poesias Completas* (1902), de Machado de Assis, que foi publicada pela livraria Garnier com um desastroso erro ortográfico do tipógrafo: o verbo "cegar", no pretérito mais-que-perfeito do indicativo, foi impresso com a letra a no lugar de e (PEREIRA JÚNIOR, 2006, p. 20), como pode ser observado a seguir:

Figura 2 – Prefácio da 2ª edição de *Poesias Completas*, de Machado de Assis



— VI —

Não deixo esse prefacio, porque a affeição do meu defunto amigo a tal extremo lhe cagára o juizo que não viria a ponto reproduzir aqui aquella saudação inicial. A recordação só teria valor para mim. Baste aos curiosos o encontro casual das datas, a daquelle, 22 de Julho de 1864, e a deste.

Rio, 22 de Julho de 1900.

MACHADO DE ASSIS.

Fonte: http://tertuliabibliofila.blogspot.com.br/2010/10/poesias-completas-de-machado-de-assis.html

O caso relatado acima serve como um alerta para quem trabalha com textos escritos, como historiadores, filósofos, literatos, professores, entre outros, ou mesmo para os leitores em geral, contra as armadilhas de se escolher uma edição qualquer de uma obra, ou melhor, como destaca Castro (1995b, p.511), contentarem-se "com a primeira edição que lhes cai na mão, quando não escolhem especificamente a mais portátil e barata". É necessário o conhecimento da importância de edições que contêm textos apurados, ou seja, textos criticamente estabelecidos de acordo com sua origem autoral.

Daí a importância do labor filológico para dar a conhecer ao público-leitor textos fidedignos, livres das alterações realizadas por terceiros através de sucessivas cópias manuscritas ou edições impressas, enfim, textos que podem ser lidos e analisados com confiança, porque foram estabelecidos com rigor filológico. Esta é, então, a tarefa primordial da Filologia: o estabelecimento do texto,

> (...) tarefa para que convergem directa ou indirectamente todos os esforços do filólogo, consistindo em preparar para uso do leitor uma cópia de determinado texto, geralmente sob a forma de edição crítica: por um lado são eliminados os erros introduzidos no decurso da transmissão textual e, por outro, são mantidos todos os traços que, sendo coerentes entre si e coerentes com o sentido e a natureza do texto (tal como o filólogo o entende), se presume sejam de origem autoral. (...) (CASTRO, 1995b, p. 515)

Quanto às funções que pode exercer a Filologia, de acordo com a perspectiva com que o filólogo trabalha o seu objeto, ou seja, a partir do modo como se concentra no texto escrito, é possível reconhecer três, segundo Spina (1994, p. 83-84):

- *Função Substantiva:* em que se concentra no texto para explicá-lo, restituí-lo à sua genuinidade e prepará-lo tecnicamente para a publicação (= *caráter erudito*);
- *Função Adjetiva:* em que deduz, do texto, aquilo que não está nele: a sua autoria, a biografia do autor, a datação do texto, a sua posição na produção literária do autor e da época, assim como sua avaliação estética (= *etapas da investigação literária*);
- *Função Transcendente:* em que o texto passa a ser um instrumento que permite ao filólogo reconstruir a vida espiritual de um povo ou de uma comunidade em determinada época (= *vocação ensaística do filólogo, em busca da história da cultura*).

O filólogo pode escolher trabalhar apenas uma dessas funções em determinado texto, mas pode também, o que é mais comum, preparar uma edição que dê conta de todos os aspectos presentes nas três etapas da atividade filológica.

4.Filologia, Ecdótica e Crítica Textual

Quando há referência aos procedimentos de preparação dos textos para serem editados, como a busca de sua gênese, a sua transmissão através dos tempos, as técnicas de reprodução e a preparação de edições fidedignas ou críticas, comumente são usados os termos “Filologia”, “Ecdótica” (ou “Edótica”) e “Crítica Textual” como sinônimos. Contudo, para Spina (1994, p. 18), “uma coisa é *edótica*, e outra é *crítica textual*, ainda que os dois campos se conjuguem, formando dois círculos concêntricos”.

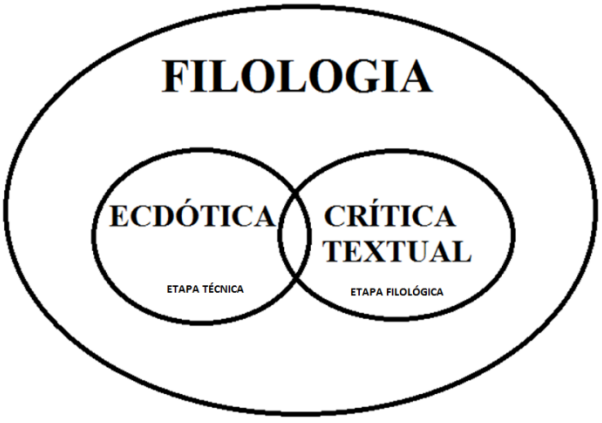
Assim, especificamente em seu sentido estrito (*stricto sensu*), quando se concentra no texto escrito para estudar sua tradição, as alterações a que esteve sujeito, os meios de

reconhecê-las e de corrigi-las, buscando sua originalidade (origem, transmissão e reprodução), a Filologia pode ser entendida como sinônimo de Crítica Textual.

A Ecdótica, a arte da publicação dos textos, é uma etapa do labor filológico, a etapa culminante da Filologia, porque, como afirma Spina (1994, p. 15), é "a etapa técnica, de preparação material do texto para ser editado", restituindo-o à sua versão original.

Para haver a etapa filológica que constituiu a chamada Crítica Textual, deve haver necessariamente a etapa técnica da Ecdótica:

Figura 3 – Relação entre Filologia, Ecdótica e Crítica Textual



Fonte: feito pela autora

Partindo da ideia de preservação e transmissão fiel dos textos, a função da Crítica Textual é, conforme Cambraia (2005, p.21), "assegurar que o crítico literário (ou o historiador) possa exercer sua função com base em um testemunho que efetivamente reproduz a forma do texto que o autor lhe deu, ou seja, sua forma genuína". Para alcançar tal objetivo, se vale, segundo Silva (2011), de um "método rigoroso de investigação histórico-cultural e genética", que exigirá do filólogo ou crítico textual toda a sua erudição e que culminará em edições críticas ou crítico-genéticas.

5. Considerações Finais

A Filologia ou Crítica Textual nasceu na Biblioteca de Alexandria, como atividade de resgate, preservação e transmissão de textos escritos, e só se configurou como ciência no século XIX, quando Karl Lachmann estabeleceu-lhe princípios científicos rigorosos.

Inicialmente, os trabalhos de edição e estudo filológico eram aplicados a textos literários antigos e medievais, mas o filólogo atual, como salienta Duarte (1992, p.153), passou a "encarar os textos modernos como objeto de trabalho", não só os literários.

O conceito de Filologia diverge muito entre épocas e autores, como foi possível observar, mas há que se considerar que seu objeto fundamental sempre foi o texto escrito, no qual se concentra para, em última instância, trazer a público o texto original do seu autor, livre de alterações e de acordo com a última intenção autoral.

É assim, pois, que se reconhece a utilidade da atividade filológica para outras ciências do texto, garantindo-lhes textos confiáveis, e sua importância para a preservação da memória individual e coletiva.

6. REFERÊNCIAS

BASSETTO, Bruno Fregni. **Elementos de Filologia Românica**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

CASTRO, Ivo. Filologia. **Biblos** – Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa 2. Lisboa: Editorial Verbo, 1995a, p. 602-609.

_____. O Retorno à Filologia. In: PEREIRA, Cilene da Cunha; PEREIRA, Paulo Roberto Dias. **Miscelânia de Estudos Linguísticos, Filológicos e Literários *in Memoriam* Celso Cunha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995b, p. 511-520.

DUARTE, Luiz Fagundes. Breve Prática sobre a Nova Filologia. **Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas**, n. 6, Universidade Nova de Lisboa, 1992, p. 153-160. Disponível em: <http://run.unl.pt/bitstream/10362/6703/1/RFCSH6_153_160.pdf>. Acesso em 30 set. 2015.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MARTINS, Ceila M. F. B. R. **Sobre o Retorno à Filologia**. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno10-16.html>. Acesso em 27 set. 2015.

PEREIRA JÚNIOR, Luiz Costa. Trapalhadas Tipográficas. **Revista Língua Portuguesa**, ano 1, n. 8, 2006, p. 18-22.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. Para que Filologia/ Crítica Textual? **Revista Acta**, Assis, v. 1, 2011, p. 1-12.

SILVA, Maximiano de Carvalho e. A Palavra Filologia e as suas Diversas Acepções: os problemas da polissemia. **Confluência** – Revista do Instituto e Língua Portuguesa, n. 23, 1º sem. 2002, Rio de Janeiro, p. 53-70.

_____. **Crítica Textual:** Conceito-Objeto-Finalidade. Disponível em: <http://maximianocsilva.pro.br/doc7.htm>. Acesso em 24 fev. 2011.

SPAGGIARI, Barbara; PERUGI, Maurizio. **Fundamentos da Crítica Textual**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

SPINA, Segismundo. **Introdução à Edótica:** Crítica Textual. 2. ed. rev. atual. São Paulo: Ars Poética/ Edusp, 1994.

A FILOLOGIA E A IMPORTÂNCIA DE SUAS CIÊNCIAS AUXILIARES

Camilla Nascimento Goes[56]

Juliane Tenório dos Santos[57]

Profª Drª Renata Ferreira Costa[58]

Resumo:
O presente artigo traz uma breve observação sobre o conceito de Filologia e como surgiu, tendo como seu maior objetivo apresentar sua relação com outras ciências que a auxiliam em seu labor investigativo, abordando o conceito e função de cada uma no trabalho filológico.
Palavras-chave: Filologia. Codicologia. Paleografia. Diplomática. História.

Resumen:
Este artículo proporciona una breve observación del concepto de Filología y cómo surgió, teniendo como principal objetivo presentar la relación con otras ciencias que la auxilian en su labor investigativo, en un abordaje del concepto y de la función de cada una en los trabajos filológicos.
Palabras clave: Filología. Codicología. Paleografía. Diplomática. Historia.

1. INTRODUÇÃO

Para dar início ao estudo filológico, é necessário o conhecimento das outras ciências que apoiam o trabalho da Filologia, sendo elas a Paleografia, a Codicologia, a Diplomática, a História e a Linguística, que, para a Filologia, são tidas como Ciências Auxiliares. Assim, partiremos do conceito de Filologia, para, a partir daí, entrarmos no conceito e nas funções dessas ciências que tanto contribuem para que o estudo filológico seja realizado.

Uma palavra de origem grega (*philología, as*) – *Filo = "amor", "apreço e estima especial"; logia = "doutrina, ciência, erudição, conhecimento",* que depois passou ao latim (*philología, ae*) com o sentido de amor pelo conhecimento; gosto pelas letras; estima pela erudição; culto da sabedoria:

> (...) o estudo científico, histórico e comparado da língua nacional em toda a sua amplitude, não só quanto à gramatica (fonética, morfologia, sintaxe) e quanto á

[56] Graduanda de Letras Português-Inglês pela Universidade Federal de Sergipe. Membro do Projeto para a História do Português Brasileiro de Sergipe – PHPB/SE e do Grupo de Estudos Filológicos do Estado de Sergipe-GEFES.
[57] Graduanda de Letras Português-Espanhol pela Universidade Federal de Sergipe. Membro do Projeto para a História do Português Brasileiro de Sergipe – PHPB/SE e do Grupo de Estudos Filológicos do Estado de Sergipe-GEFES.
[58] Professora do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Sergipe. Líder do Projeto para a História do Português Brasileiro de Sergipe – PHPB/SE e do Grupo de Estudos Filológicos do Estado de Sergipe-GEFES.

> etimologia, (...), mas também como órgão da literatura e como manifestação do espírito nacional. (CAROLINA MICHAËLIS, 1946, p. 152 apud SILVA, 2002, p.59)

Outra definição de Filologia, encontrada no dicionário Houaiss, pode ser entendida de forma mais objetiva: "estudo rigoroso dos documentos escritos antigos e de sua transmissão, para estabelecer, interpretar e editar esses textos". Partindo desse ponto, é possível perceber que o principal objeto de estudo da Filologia é o texto escrito, sendo ele manuscrito ou não, antigo ou moderno.

Para que seu trabalho tenha maior amplitude, a Filologia estabelece relações entre diversas ciências, às vezes a relação pode ser conturbada, pois algumas usam as mesmas ferramentas, porém divergem no seu uso.

Ao longo desse artigo, abordaremos como ocorrem esses atritos e enlaces, tendo como maior objetivo apresentar qual a função e finalidade de cada uma e de que modo elas podem contribuir para o trabalho filológico.

2. Aspectos Paleográficos

Antes mesmo do uso da língua, o homem já tentava comunicar-se por meio de desenhos e de pinturas, tornando possível até mesmo uma narração de fatos, como, por exemplo, registros de desenhos de animais. Eles usavam também gestos para se comunicarem. Com a evolução da espécie, descobriram a capacidade da oralidade e através dela começou a transmissão do conhecimento, de modo que o homem viu-se na necessidade de melhorar sua comunicação, surgindo, então, as primeiras escrituras, as quais eram simples e feitas em metais, mármores, pedras, osso, madeira[59].

[59] A ciência que trata desse tipo de escritura é a Epigrafia, pois elas foram feitas em matérias consideradas não brandas.

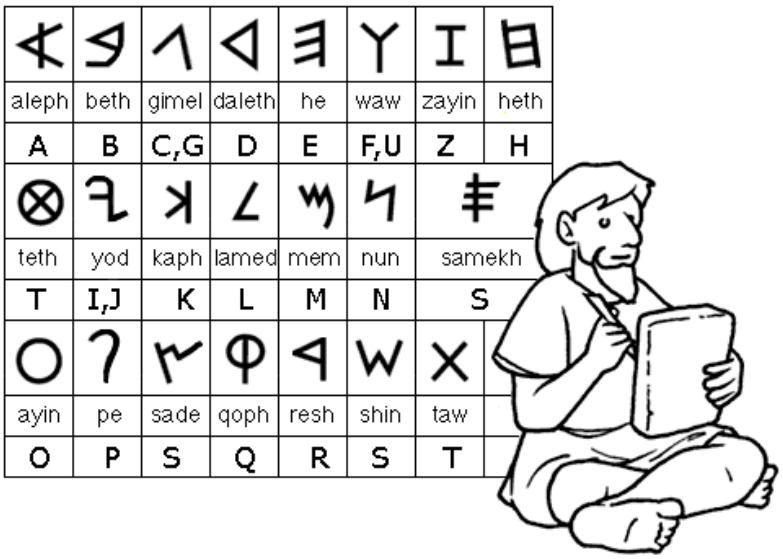


Figura 1- Alfabeto Fenício

Fonte: (http://www.naniesworld.com/2010/10/historia-da-escrita-parte-iv-o-alfabeto.html)

Em função dos diversos contatos comerciais que os fenícios mantinham com diferentes povos, sentiram necessidade de desenvolver um meio gráfico que facilitasse a comunicação, então foi aí que criaram o alfabeto. Inicialmente composto por 22 sinais, sendo, mais tarde, aperfeiçoado pelos gregos, que lhe acrescentaram outras letras. O alfabeto grego deu origem ao alfabeto latino, que é o mais utilizado atualmente.

Com o passar dos tempos, a escrita foi tomando formas mais arredondadas, desenvolvendo assim um sistema gráfico e, com isso, surgiram suportes mais maleáveis, como o papiro, o pergaminho e o papel. E esse é o objetivo da Paleografia, tratar das escrituras antigas feitas em materiais maleáveis:

> A paleografia abrange a história da escrita, a evolução das letras, bem como os instrumentos para escrever. Pode ser considerada arte ou ciência. É ciência na parte teórica. É arte na aplicação prática. Porém acima de tudo, é uma técnica. (BERWANGER; LEAL, 2008 p.16)

Para a filologia, a Paleografia é uma técnica de suma importância, pois trata do desenvolvimento e da evolução de escrituras antigas, da evolução das letras e das línguas, ajudando a decifrar manuscritos e, assim, possibilitando a sua transcrição.

A filologia depende do estudo paleográfico para desenvolver seus estudos, uma vez que essa ciência torna possível a leitura e a interpretação das formas gráficas mais antigas, determinando o tempo e o lugar onde o manuscrito foi redigido e permitindo ainda fazer anotações dos erros existentes se for o caso. É possível citar ainda como contribuições: a

comparação da evolução das línguas, a facilitação na compreensão de conteúdo dos documentos e a leitura de documentos manuscritos do passado.

3. O Papel da Codicologia no Estudo Filológico

A Codicologia tem como objetivo trabalhar com a matéria, ou seja, com a base da escrita onde o autor desenvolve seu texto.

A tradição da escrita vem desde os livros manuscritos, que também são chamados de códices. Esses manuscritos eram feitos em diversos tipos de materiais, como, por exemplo, em placas de madeira ou tabuinhas cobertas de cera, que eram reunidas em grupos de duas, três ou mais, eram articuladas por dobradiças, que lembram o formato dos livros atuais, como ilustra a imagem a baixo:

Figura 2- Tábuas Enceradas

Fonte: (http://revistaeatualizada.blogspot.com.br/2012/02/suporte-para-escrita.html)

De forma sucinta, pode-se dizer que o estudo da Codicologia abrange:

> (...) a qualidade e a preparação do pergaminho, a natureza e origem do papel, a composição das tintas e das cores utilizadas na decoração, os mínimos detalhes da encadernação (dimensão, composição dos cadernos), modos de numeração, entrelinhamento, colunas, margens, reclamos, dimensões das letras, motivos iconográficos, a própria escritura. (SPINA, 1994, p.28)

Desta forma, o estudo codicológico tem como sua maior função compreender os códices em seus aspectos estruturais, analisando seu processo de fabricação. Para a Filologia, isso tem suma importância, pois, ao trabalhar com a edição crítica de documentos, é relevante saber tudo sobre ele, saber as técnicas utilizadas na sua confecção.

4. Diplomática

Uma das principais funções da Diplomática é julgar a autenticidade dos documentos, e fazer a interpretação do conteúdo presente neles, esta é a ciência que se ocupa do estudo dos diplomas, que quer dizer dobrado em dois (latim *diplous*=duplo), pois era essa forma que os documentos tinham antigamente. Diploma porque trata de todos os documentos que sejam régios, oficias, jurídicos:

> Ocupa-se da estrutura formal dos atos escritos de origem governamental e/ou notarial. Trata, portanto, dos documentos que, emanados das autoridades supremas, delegadas ou legitimadas (como é o caso dos notários), são submetidos, para efeito de validade, à sistematização imposta pelo Direito. (BELLOTO, 2002 p.13)

A diplomática surgiu pela necessidade de garantir a veracidade de um documento, tendo como objetivo desmascarar a falsificação. Assumiu, então, a função de acompanhar as fases de elaboração e o modo de transmissão do documento, se é copia ou original, mostrando também como era feita a organização das chancelarias e tratando do estatuto dos notários[60]:

> O objeto da Diplomática é a configuração interna do documento, o estudo jurídico de suas partes e dos seus caracteres para atingir sua autenticidade, (...) é estudá-lo enquanto componente de conjuntos orgânicos, isto é, como integrante da mesma série documental, advinda da junção de documentos correspondentes à mesma atividade." (BELLOTO, 2002, p.19)

Levando em conta o conceito e a função da Diplomática, fica mais claro perceber que sua contribuição dentro do estudo filológico é garantir a autenticidade dos documentos, possibilitando sua melhor reconstituição.

5. Linguística

Cabe ressaltar que a Filologia e a Linguística têm algo em comum: o estudo da língua. A diferença entre essas duas ciências está na forma como usam esse objeto. A Linguística trabalha a partir da perspectiva sincrônica da língua, observando suas transformações, enquanto a Filologia trabalha na perspectiva diacrônica.

No entanto, isso não quer dizer que a Filologia não utilize dos estudos linguísticos, ao contrário, ela faz uso deles na hora de fazer uma transcrição de um documento, pois é

[60] Eram as pessoas que redigiam os documentos.

necessário ter o conhecimento da língua. E como a Linguística trabalha com os recortes na língua, ou seja, trabalha com fases da língua, isso ajuda os filólogos a compreenderem as mudanças e variações que ocorreram no período em que o texto foi elaborado. Assim, estabelece-se uma relação intrínseca entre elas, de modo que a própria Linguística utiliza dos meios filológicos para desenvolver seus estudos, na medida em que a Filologia a auxilia na reconstrução da perspectiva temporal da história das línguas.

6. História e Filologia

A História, assim como a Filologia, também trabalha com o texto, seja ele manuscrito ou impresso. A diferença entre as duas é que os historiadores tanto trabalham com a crítica externa, como com a interna, visto que os filólogos usam da crítica externa no seu trabalho, pois tem como objetivo a restauração do documento, buscando assim sua forma original, ou seja, sua legitimidade:

> A História é, sem dúvida, a disciplina que maiores pontos de contacto apresenta com a Filologia, pois o objeto e o método de ambas são os mesmos: o texto e método crítico. Estremar as duas disciplinas não seria de todo ocioso, viso que não só os historiadores, mas os próprios filólogos laboram em confusão quando falam nos serviços prestados à História pela Filologia e vice-versa. (SPINA, 1977 p. 74)

A Filologia se vale dos estudos históricos, porque, para fazer uma edição de um documento, é necessário conhecer sua história, tudo sobre o período histórico em que o documento foi redigido. Dentro dessa perspectiva, vale a pena lembrar que, como o discurso histórico caracteriza-se pela unidade de tempo e pluralidade de ação, a História é uma ciência que de fato anda junto dos estudos filológicos e é claramente importante.

7. Conclusão

Para desempenhar o trabalho filológico não basta apenas saber o que é Filologia, nem quais sãos os seus objetivos, é necessário conhecer o seu objeto fundamental e quais sãos as técnicas que ela utiliza para realizar seu trabalho.

Apesar de uma breve abordagem, fica clara a dependência que a Filologia tem em relação as suas ciências auxiliares. Dentre as funções e finalidades de cada uma para o trabalho filológico, garantindo assim a legitimidade de suas edições, a Paleografia possibilita o estudo da evolução da escrita e facilita o entendimento do texto, a Codicoligia apresenta as técnicas para o reconhecimento dos aspectos materiais dos manuscritos, a Diplomática fornece

os elementos para a identificação da autenticidade de um documento, a Linguística contribuiu com a história da língua e com o estrato linguístico em que foi escrito o texto, enquanto a História situa o documento no tempo.

8. REFERÊNCIAS

BELLOTO, H.L. **Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documentos de arquivo**. São Paulo: Arquivo do estado/imprensa oficial do estado, 2002.

BERWANGER, A.L.; LEAL, J.E.F. **Noções de paleografia e diplomática**. 3. ed. rev. e ampl. Santa Maria: Ed. da UFMS, 2008.

COSTA. R. F. **Edição semidiplomática de memória histórica da capitania de São Paulo, códice E11571 do arquivo do estado de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007. 558 f.

SILVA, Maximiano de Carvalho e. A Palavra Filologia e as suas Diversas Acepções: os problemas da polissemia. **Confluência** – Revista do Instituto de Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, n.23, 1°sem. 2002, p.53-70.

SPINA, Segismundo. **Introdução à Ecdótica:** Crítica Textual. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

_____. **Introdução à Edótica:** Crítica Textual. 2. ed. rev. atual. São Paulo: Ars Poética/Edusp, 1994.

OS ESTUDOS FILOLÓGICOS NO BRASIL

Beatriz de Campos[61]

José Douglas Felix de Sá[62]

ProfªDrª Renata Ferreira Costa[63]

RESUMO:
O presente trabalho tem por objetivo tratar dos estudos filológicos no Brasil nos dias de hoje, ocupando-seemtrazer conceitos gerais sobre o que é Filologia, informações sobre sua gênese, seu(s) objeto(s) de estudo e, em específico, no Brasil,quais os estudos desenvolvidos atualmente. Para tal, foram utilizados textos essenciais para estudos filológicos e pesquisas diversas para o levantamento de dados sobre os estudos relacionados a essa área.
PALAVRAS-CHAVE: Filologia Portuguesa. Panorama Histórico. Língua Portuguesa.

RESUMEN:
Este trabajo tiene como objetivo abordar los estudios filológicos en Brasil, con el cuidado de traerconceptos generales de lo que es la Filología, la información sobre su génesis, su(s) tema(s) de estudio y, en particular, de Brasil, qué estudios se desarrollan actualmente. Para ello, se utilizaron textos clave a los estudios filológicos e investigaciones diversas para la recopilación de datos sobre los estudios relacionados con esta área.

PALABRAS CLAVE: Filología Portuguesa. Reseña Histórica. Lengua Portuguesa.

INTRODUÇÃO

Passando por um contexto histórico e explicativo sobre a Filologia, este artigo visa mostrar sua propagação no Brasil. O objetivo é relatar, hoje no Brasil, onde se estuda e trabalha com a Filologia e em quais perspectivas.

Por ser uma disciplina marginalizada na grande maioria dos cursos de Letras, a maioria do alunado sequer sabe que a filologia existe. Para os que sabem, muitas vezes fica difícil encontrar espaços para se desenvolver na área. Compreendendo essa dificuldade, julgou-se importante a elaboração de um artigo que trouxesse essas informações. Para tal, foram realizadas pesquisas em materiais clássicos de introdução à Filologia, assim como pesquisas da internet.

1. A Biblioteca de Alexandria e a Filologia

---

[61]Aluna de graduação do curso de Letras Português/Inglêsda Universidade Federal de Sergipe (UFS). Membrodo Projeto para a História do Português Brasileiro de Sergipe – PHPB/SE edo Grupo de Estudos Filológicos do Estado de Sergipe – GEFES.
[62]Aluno de graduação do curso de Letras Português/Inglêsda Universidade Federal de Sergipe (UFS). Membrodo Projeto para a História do Português Brasileiro de Sergipe – PHPB/SE e do Grupo de Estudos Filológicos do Estado de Sergipe – GEFES.
[63]Professora do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Sergipe. Líder do Projeto para a História do Português Brasileiro de Sergipe – PHPB/SE e do Grupo de Estudos Filológicos do Estado de Sergipe – GEFES.

De acordo com Segismundo Spina, em *Introdução à Edótica*(1921, p. 60), após os séculos V e IV a.C., quando a Grécia passava por seu "período de esplendor", "em que a filosofia (com Sócrates, Platão, Aristóteles), o teatro (com Sófocles, Eurípedes, Aristófanes), a eloquência (com Isócrates e Demóstenes) e a historiografia (com Heródoto, Tucídides, Xenofonte) culminaram a inteligência criadora do povo helêncio", a Grécia não só passou a "repensar" seu passado, como também a "exportar as formas de sua criação para o Mediterrâneo ocidental e para a Ásia Menor". Foi nesse período, conhecido também como período *alexandrino,* que se estendeu aproximadamente do ano 322 a 146 a.C.*,* quando eruditos de todas as partes se pronunciaram como bibliotecários da Biblioteca de Alexandria[64]. Segundo Spina(1921, p. 60), "a ordenação e catalogação dessas obras levantaram problemas pertinentes à sua autenticidade, à vida dos autores e posteriormente à preparação de textos para o público e para as escolas".

Desta forma, a sucessão de bibliotecários, como Zenódoto de Éfeso, Eratóstenes de Cirene, Aristófanes de Bizâncio e Aristarco, "incumbiu-se de restaurar os textos literários antigos, tornados ininteligíveis às gerações da época, sobretudo os poemas épicos de Homero". Sendo assim:

> Foi, portanto, do amor à poesia que nasceu a ciência filológica. Voltados para a restauração, intelecção e explicação dos textos, o labor desses eruditos constitui em catalogar as obras, revê-las, emendá-las, provê-las de sumários e de apostilas ou anotações (escólios), de índices e glossários (indicações marginais sobre as variantes das palavras), de tábuas explicativas, tudo isso complementado com excursos biográficos, questões gramaticais e até juízos de valor de natureza estética (SPINA, 1921, p.61).

Dentro dessa perspectiva, entende-se por Filologia, segundo Ivo Castro(1992, p. 124 apud MEGALE; CAMBRAIA, 1999, p. 01) um dos maiores estudiosos em Filologia Portuguesa, como:

> Ciência que estuda a gênese e a escrita dos textos, a sua difusão e a transformação dos textos no decurso da sua transmissão, as características materiais e o modo de conservação dos suportes textuais, o modo de editar os textos com respeito máximo pela intenção manifesta do autor.

Historicamente, a Filologia se divideentreoutras áreas de estudo em: (i) Filologia Românica e (ii) Filologia Portuguesa. A primeira "se responsabiliza pelo estudo dos fatos históricos concernentes à formação da Romênia, em que se originaram as línguas neolatinas". A segunda, por sua vez, se debruça sobre a civilização de Portugal, já que a Filologia objetiva

[64]A Biblioteca de Alexandria foi a maior biblioteca do mundo antigo. "Biblioteca, com seus 490 mil volumes e 43 mil colocados, por falta de espaço, no museu *Serapeum* contínuo à Biblioteca, se tornou o maior centro de cultura helênica da Antiguidade" (SPINA, 1921, p. 60).

conhecer completamente, numa determinada época, a civilização de um povo, “através das suas obras de razão, de sentimento e de fantasia" (Anuário da USP, 1939/1949, v. I, p. 83 apud MORAES, 1994, p. 417).

2. A Filologia chega ao Brasil

Desde o século XIX, a Filologia está presente nos cursos de Português das universidades brasileiras. Ministrada por profissionais de diferentes áreas dentro das Letras, também tinha historiadores compondo os estudiosos da área. Contudo, no final do século XX, mais precisamente a partir da década de 60, a linguística ganha força e passa a ocupar um lugar de destaque. Com isso, a filologia perde parte de seu espaço. Outro problema foias várias definiçõesde linguística e de filologia, vindas de diferentes escolas mundiais, que contribuíam para que um conceito se confundisse com outro e, ao invés de proporcionar uma ajuda mútua, traduzia-se em limitações. É possível verificar esse acontecimento, entre outros, ao longo do artigo de Cristina Altman, *Filologia e Linguística– Outra Vez*(2004).

Voltando à Filologia, existem algumas propostas de divisão de etapas da mesma no Brasil:

> Na década de trinta, Antenor Nascentes publicou os seus *Estudos Filológicos* (1939), obraem que apresenta uma proposta de divisão dos estudos filológicos no Brasil em três períodos: 1º - Embrionário (início da cultura brasileira até 1884), 2º - Empírico (1834-1881) e 3º - Gramatical (1881-1939). (MEGALE; CAMBRAIA, 1999, p. 2)

> Com base em extenso levantamento, Elia reanalisa a história dos estudos filológicos no Brasil dividindo-a em dois grandes períodos: 1º - Vernaculista (1820-1880) e 2º - Científico (1880-1960). Este último recebe ainda subdivisões: 1ª Fase (1880-1900) e 2ª Fase (1900- 1960), sendo esta, ainda, dividida em três momentos: 1ª Geração (1900-1920), 2ª Geração (1920-1940) e 3ª Geração (1940-1960). (MEGALE; CAMBRAIA, 1999, p. 2)

> (...) Telles (1998) traçou bem as diretrizes da periodização da história dos trabalhos filológicos no Brasil, levantando quatro períodos essenciais, que são: 1) os estudos filológicos e as primeiras edições, 2) o período acadêmico, 3) a edição crítica de textos modernos e 4) a perspectiva da crítica textual nos dias atuais. (SOUZA; GOMES; ABREU, 2009, p. 236)

Dentro dessas divisões e períodos, vários nomes se destacam. Aqui serão apresentados alguns:

> Nos círculos brasileiros do final do século XIX e primeira metade do século XX, circulavam, sob o amplo guarda-chuva do termo “filologia”, figuras de interesse e orientação tão díspares do ponto de vista contemporâneo – edição de textos antigos, gramáticas históricas ou normativas; dialetologia; etimologia; estilística; crítica da literatura – quanto às de Sotero dos Reis (1800-1871), Ernesto Carneiro Ribeiro (1839-1920), Fausto Barreto (1852-1915), Manoel Pacheco da Silva Jr. (1842-1899), Mário Barreto (1879-1931), Alfredo Gomes (1859-1924), Eduardo Carlos Pereira (1855-1923), Maximino Maciel (1865-1923), João Ribeiro (1860-1934), Manuel Said Ali (1861- 1953), Amadeu Amaral (1875-1929), Otoniel Mota (1878-1951), José Oiticica (1882-1957), Sousa da Silveira (1883-1967), Antenor Nascentes (1886-1966), Augusto Magne, S. J.

> (1887-1966), Clóvis Monteiro (1898-1961) (COELHO, 1998, p. 81 e nota p. 82). (ALTMAN, 2004, p.176)
>
> Professores como Manuel Said Ali (1861-1953), Álvaro Ferdinando de Sousa da Silveira (1883-1967), Antenor Nascentes (1886-1972), Augusto Magne (1887-1966), Ernesto de Faria (1906-1962), Silvio Edmundo Elia (1913-1999), Serafim da Silva Neto (1917-1960), Gladstone Chaves de Melo (1917-2001), Theodoro Henrique Maurer Jr. (1906-1979), Isaac Nicolau Salum (1913-993), Francisco da Silveira Bueno (1898-1989), Celso Ferreira da Cunha (1917-1989), Antonio Houaiss (1915-1999), embora não fossem todos da mesma geração, nem tenham produzido exatamente sobre os mesmos assuntos, fizeram parte de uma tradição de pesquisa vista pelos seus contemporâneos como contínua, passaram para a literatura crítica posterior como "grandes filólogos". (ALTMAN, 2004, p. 179)

Dada a sua importância e especificidade, criou-se, em 26 de agosto de 1944, a Academia Brasileira de Filologia- ABRAFIL. Na seção 'História' do site da Academia[65](2015),lê-se:

> A idéia da criação de uma entidade brasileira que se consagrasse exclusivamente aos estudos filológicos não é recente. Desde muito ela despertara a atenção e o interesse dos nossos professores, que agora acabam de torná-la uma realidade. Assim é que um grupo de estudiosos dos nossos problemas lingüísticos, reunidos há dias, nesta capital, deliberou fundar a Academia Brasileira de Filologia. A nova entidade, que tem por objetivo o trato dos assuntos concernentes à Filologia, sob seus vários aspectos, se comporá de quarenta membros efetivos e vitalícios e bem assim de ilimitado número de membros correspondentes, sendo exigência fundamental para o ingresso em seu quadro ter o candidato publicado trabalho de reconhecido mérito.
> Está claro que a Academia de Filologia não circunscreverá o seu campo de ação ao significado restrito da palavra filologia. Há de tomá-la num sentido mais largo, num sentido que conglobe e case filologia e lingüística, e que admita, sob o seu manto, ciências subsidiárias e limítrofes, das quais não pode prescindir para tal rigor das suas pesquisas. Se o estudo da nossa língua lhe há de merecer especial atenção, não se lhe serão indiferentes os trabalhos de lingüística geral, de dialetologia, de geografia lingüística, de história, de mitologia, de religião, etc. Há de preocupá-la a publicação de bons textos críticos comentados, a organização de uma revista especializada, de uma biblioteca, bem como de cursos de vulgarização e extensão. Enfim, – conclui o professor – a Academia de Filologia está fundada.

Em 71 anos, a ABRAFIL obteve conquistas ímpares. Sem dúvida, a maior delas é garantir a continuação de estudos filológicos e a propagação destes através de seus eventos. É facilmente percebível, pelas leituras do seu histórico, estatuto e regimento, a seriedade e o compromisso com a produção de trabalhos que prezem mais pela qualidade e não simplesmente pela quantidade.

Entre os anos de 2002 e 2011, a ABRAFIL produziu também uma revista para tratar de assuntos filológicos. Infelizmente, sua periodicidade não foi regular, mas é possível consultar seu conteúdo no site da Academia. A revista trazia artigos, ensaios, entrevistas de diversos temas, desde literatura até gramática, passando por estudos do Português popular e mesmo sobre dicionários.

[65]Cf. http://www.filologia.com.br/

Anos antes, em 1953, surgia, sob direção do Prof. Dr. Silveira Bueno-titular de Filologia na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, o Jornal da Filologia:

> Em sua primeira aula nessa Instituição, em 1940, esclareceu a concepção e a linha de Filologia com que conduziria o curso:
> A Filologia tem como objeto principal o conhecimento completo e perfeito da civilização de um povo, numa determinada época de sua vida civil, através das suas obras de razão, de sentimento e de fantasia. (Anuário da USP, 1939/1949, v. I, p. 83. apud MORAES, 1994, p. 417)

Também com problemas de regularidade, esse jornal é publicado até o ano de 1961, totalizando 13 volumes. Inicialmente semestral, sua publicação passou a ser ora trimestral, ora bimestral e, ao final, uma vez por ano. Refletindo a quantidade de coisas que podem ser trabalhadas dentro da Filologia, o Jornal continha um impressionante número de páginas, variando entre 75 a mais ou menos 115 por volume. O Jornal também contava com vários colaboradores:

> Muitos e de várias cidades brasileiras foram os estudiosos que contribuíram com o professor Silveira Bueno e com o Jornal de Filologia, dentre eles, o Prof. Antenor Nascentes, da Universidade do Distrito Federal; o Prof. Augusto Magne, da Universidade do Brasil; o Prof. Herbert Baldus, do Museu do Ipiranga, o Prof. Isaac Salum, da Universidade de São Paulo, o Prof. Cândido Jucá Filho, do Colégio Pedro II, o Prof. Serafim da Silva Neto, da Universidade Católica, ambos do Rio de Janeiro; e o Prof. Mansur Guérios, da Universidade do Paraná. Esclarecemos que na imensa lista de colaboradores, incluída na sua última contra-capa, constava a observação de que aquela não se tratava de uma relação definitiva.

Dada sua importância e qualidade, *O Jornal* era distribuído em oito capitais das regiões Nordeste, Sul e Sudeste. Continha artigos não somente em língua portuguesa, mas também em inglês, francês e espanhol. Em sua extensão, os volumes traziam, além de artigos, seções sobre filólogos brasileiros, transcrição, outras publicações, crítica de livros, entre outras:

> Curioso, esclarecedor e iniciado no Volume II, nº 1 de janeiro a março de 1954 e presente em todos os demais volumes do Jornal, o *Dicionário do português arcaico* do Prof. José Cretella Junior não evoluiu da letra – a (FÁVERO; MOLINA, 2015).

3. A Filologia na atualidade

Além da ABRAFIL, que se reúne mensalmente e promove congressos e seminários, existem outros espaços para discussão, pesquisas e exposições detrabalhos sobre a Filologia. Além de constar como disciplina em alguns cursos de graduação de Letras e cursos/atividades complementares, a Filologia é ofertada em cursos de pós-graduação. Um exemplo é o

programa de pós-graduação de Filologia e Língua Portuguesa da USP, criado em 1971, que oferece os níveis de Mestrado e Doutorado. Em várias universidades o espaço é reservado, como, por exemplo, o departamento de Filologia e Linguística da UFRJ. Não só em universidades públicas há programas que incluem a filologia, mas também nas privadas, como a FFSD em Nova Friburgo, Rio de Janeiro.

Para aprofundar os conhecimentos e trabalhos, criam-se grupos de estudos. Sua necessidade e sua importância estão no fato de que os trabalhos desenvolvidos não se limitam a um determinado espaço de tempo, de modo que há a possibilidade de realizar trabalhos com projetos muito mais ousados e também seus integrantes, além de terem uma compreensão maior, tendem a se dedicar mais. Alguns desses grupos são: Grupo de Estudos Filológicos (USP); Grupo de Estudos Filológicos do Estado de Sergipe - GEFES (UFS); Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos - CiFEFiL (sem vínculo direto com universidades); Grupo de Pesquisa Nêmesis, certificado pela UFBA; Grupo de Morfologia Histórica do Português –GMHP, ligado à USP, entre muitos outros, que podem ser encontrados através do site da ABRAFIL[66].

Para que os resultados sejam compartilhados, existem eventos e publicações que vão com o sentido de fortalecer e ampliar a filologia e também as áreas que dela se alimentam. Os eventos em que são apresentados trabalhos e pesquisas filológicos vão desde os específicos da área (como, por exemplo, os realizados pela ABRAFIL, o Simpósio de Filologia e Cultura Latino-Americana da USP[67], o Congresso Internacional Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL)[68], entre outros) até os mais gerais de Letras.

Das publicações, encontra-se: a revista SOLETRAS, do departamento de Letras da FFP/UERL; Revista Filologia e Linguística Portuguesa, da USP; Revista Philologus, do CiFEFiL; Revista Brasileira de Filologia, entre outras.

4. Conclusões

Como demonstrado nos argumentos desenvolvidos acima, o estudo da filologia encontra-se em ascensão. A evolução teórica e prática demonstra a importância desta ciência,

[66]Retornar à 5ª nota de rodapé.
[67]Cf. http://www.eventos.usp.br/?events=simposio-de-filologia-e-cultura-latino-americana-recebe-inscricoes-de-trabalhos.

[68]Cf.http://www.alfal2014brasil.com/circular3.html.

que ultrapassa, inclusive, o âmbito acadêmico e histórico, como, por exemplo, o Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos –CiFEFiL, que foi criado em decorrência do fechamento do curso de Filologia Românica no Mestrado e Doutorado da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ora, se a filologia afirma o conceito dos produtos do passado (textos literários, documentos, etc.) como determinantes de estudos satisfatórios no futuro (estudos científicos e não-científicos através de cópias fidedignas e/ou análises de obras autênticas; contribuições para o conhecimento e enriquecimento histórico de uma determinada região, por exemplo), poderíamos questionar o seu longo período de marginalização pelo estudo da linguística. Contudo, nos detemos a dizer que, embora seu estudo tenha sido restrito, os resultados foram satisfatórios. Nas últimas duas décadas, tem-se direcionado grandes esforços à área. Entretanto, tal fato não permite acomodação, sendo necessária a potencialização dos grupos de pesquisas e estudos voltados à área como meios de crescimento dessa ciência.

5. REFERÊNCIAS

ACADEMIA Brasileira de Filologia. Disponível em: <http://www.filologia.com.br/>. Acessado em: 29 set. 2015.

ALTMAN, Cristina. Filologia e Lingüística – outra vez. **Filol. linguíst. port**. n. 6. p. 161-198. 2004. Disponível em: <http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/Altman2004.pdf>. Acesso em: 23 set. 2015.

ANUÁRIO da Universidade de São Paulo, 1939/1949, Vol. 1, p. 83.

CASTRO, Ivo. O retorno à filologia. In: PEREIRA, Celine da Cunha/ PEREIRA, Paulo Roberto Dias. **Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários *in memoriam* Celso Cunha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995, p. 511-520.

CÍRCULO Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos - CiFEFiL**.** Disponível em: <http://www.filologia.com.br/>. Acessado em: 29 set. 2015.

FÁVERO, Leonor Lopes; MOLINA, Márcia A. G. **Indexação das Revistas Brasileiras de Filologia:** o Jornal de Filologia. 2015. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/artigo/10(28)07.htm>. Acesso em: 23 set. 2015.

MEGALE, Heitor; CAMBRAIA, César Nardelli. Filologia Portuguesa no Brasil. **D.E.L.T.A**. vol. 15. n. especial. p. 1-22. 1999. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300001>. Acesso em: 22 set. 2015.

MORAES, Lygia Corrêa Dias de. Filologia e Língua Portuguesa: histórico. **Estudos Avançados**. Vol. 8. n. 22. p. 415-21. 1994. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141994000300054&script=sci_arttext>. Acesso em: 23 set. 2015.

SOUZA, H. F. C.; GOMES, Luís; ABREU, Ricardo Nascimento. Contribuições sócio-históricas e filológicas acerca da história da escolarização em língua portuguesa no Brasil: notas sobre o método lancasteriano. In: OLIVEIRA, K., CUNHA E SOUZA, H. F.; SOLEDADE, J.(Orgs). **Do português arcaico ao português brasileiro:** outras histórias [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 227-246. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/3fz/pdf/oliveira-9788523211837-12.pdf>. Acesso em: 23 set. 2015.

SPINA, Segismundo. **Introdução à Edótica: Crítica Textual**. 2.ed. rev. e atual. São Paulo: Ars Poética, Edusp, 1994.

ASPECTOS TEÓRICOS DA EDÓTICA

Taylaine de Gois Santana/ UFS/ COPES[69]

ProfªDrª Renata Ferreira Costa[70]

Resumo:
O presente trabalho tem como intuito abordar os aspectos teóricos que norteiam a ciência filológica, em especial a fase Edótica. Para tanto, será abordada a importância que essa ciência tem para a conservação da memória presente em documentos manuscritos, uma vez que a humanidade sempre possuiu a necessidade de olhar para o passado, seja para a recuperação dos conhecimentos, seja pela necessidade de buscar explicações e refletir sobre os fatos ocorridos. Desta forma, a fonte mais favorável para o alcance dessas informações é por meio do texto, ou seja, de documentos manuscritos, que, como afirma Acioli (1994), são os melhores testemunhos do passado. Além disso, muitos fenômenos da língua podem ser explicados por meio de um estudo sincrônico e também diacrônico da história da língua, assim o trabalho do filólogo é investigar as questões sócio-históricas e culturais da língua. Partindo dessa perspectiva, a ciência filologia possui um papel importante, não só devido à contribuição para a história da língua, mas também para outras ciências, como, por exemplo, a própria História, a Literatura e a Linguística. Para a realização deste trabalho, nos fundamentamos em autores como Spina (1977) e Cambraia (2005), os quais são fundamentais para o entendimento dessa ciência. Além destes, foram utilizados outros autores, como Brandão (2004), que ressalta a importância da preservação e edições de manuscritos. Metodologicamente, seguimos um método qualitativo de cunho bibliográfico. Com este trabalho, pretendemos tratar de questões teóricas da fase Edótica, ademais, relatar o desenvolvimento da pesquisa em filologia que está sendo desenvolvida com o apoio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC), na Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Palavras-chave: Filologia. Edótica. Manuscritos.

Resumen:
El presente trabajo tiene como intuito abordar los aspectos teóricos que nortean la ciencia filología, en especial la fase Edótica. Para tanto, será abordada la importancia que esa ciencia tiene para la conservación de la memoria presente en documentos manuscritos, una vez que la humanidad siempre ha poseído la necesidad de mirar para el pasado, sea para la recuperación de los conocimientos, sea la necesidad de búsqueda de explicaciones y reflexionar sobre los factos ocurridos. De esta forma, la fuente más favorable para el alcance de estas informaciones es por medio del texto, o sea, de los documentos manuscritos, que, como afirma Acioli (1994), son los mejores testimonios del pasado. Allá de eso, muchos fenómenos de la lengua pueden ser explicados por medio de los estudios sincrónico y también diacrónicos de la historia de la lengua, así los trabajos de los filólogos es investigar las cuestiones socio- histórico y culturales de la lengua. Partiendo de esa perspectiva, la ciencia filológica ha poseído un papel muy importante, no solamente debido a la contribución para la historia de la lengua, mas también para otras ciencias, como, por ejemplo, la propia Historia, la Literatura y la Lingüística. Para la realización de ese trabajo, nos fundamentamos en autores como Spina (1977) y Cambraia (2005), los cuales son fundamentales para el entendimiento de esa ciencia. Allá de esos, se utilizaron otros autores como Brandão (2004), que resalta la importancia de la preservación y edición de manuscritos. Metodológicamente seguimos un método cualitativo de cuño bibliográfico. Con ese trabajo pretendemos tratar de cuestiones teóricas de la fase Edótica, además relatar el desarrollo de la investigación de la Filología, en la cual está siendo desarrollada con el apoyo del Programa institucional de Beca de Iniciación Científica (PIBIC) en la Universidad Federal de Sergipe (UFS).

Palabras clave: Filología. Edótica. Manuscritos.

1. INTRODUÇÃO

[69]Graduanda em Letras Português/Espanhol pela Universidade Federal de Sergipe. Membro do Projeto para a História do Português Brasileiro de Sergipe – PHPB/SE e do Grupo de Estudos Filológicos do Estado de Sergipe – GEFES. Bolsista COPES de IC.

[70] Professora no Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Sergipe. Líder do Projeto para a História do Português Brasileiro de Sergipe – PHPB/SE e do Grupo de Estudos Filológicos do Estado de Sergipe – GEFES.

Desde as primeiras civilizações, o homem já sentia a necessidade de recordar o passado, tal necessidade ocorria devido a vários fatores, como a transmissão de costumes, conhecimentos, religiões, entre outras coisas. Desta forma, a memória já era utilizada consciente ou inconscientemente como um recurso didático. Hoje, as fontes mais favoráveis para a recuperação dessas memórias são os textos, os quais, antes da invenção da imprensa, eram escritos a mão, conhecidos, por isso, como manuscritos.

Como os manuscritos do passado apresentam aspectos ortográficos muito diferentes dos atuais, sem contar com as diferenças de instrumentos e suportes de escrita, técnicas de confecção, conteúdos, traços linguísticos, entre outros, todos esses elementos são importantes para o maior conhecimento do próprio texto e do contexto em que foi produzido, por isso fazem parte do labor filológico.

Diante disso, pode-se dizer que a filologia é a ciência que cuidada exploração dos textos, sejam manuscritos ou impressos, dividindo-se em duas fases: a Edótica e a Crítica Textual. A primeira cuida da reprodução do texto, preparando-o para ser editado, já na segunda, o filólogo preocupa-se em tentar alcançar o mais fielmente possível a última forma desejada pelo autor.

Este artigo pretende abordar algumas questões que norteiam o trabalho da fase Edótica, com isso, percorreremos, ao longo do texto, um levantamento teórico com as seguintes questões: O que é essa ciência? Qual a sua contribuição? Quais são os tipos de representação ou edição de manuscritos existentes? É nosso propósito tratar dessas questões, uma vez que elas se correlacionam com a definição do aparato teórico metodológico da nossa investigação.

Ademais, outro ponto ressaltado neste artigo é a importância da preservação dos manuscritos, uma vez que, no caso do Brasil, ainda essa consciência é muito carente, de modo que, devido a esse descuido, muito deles se perderam. Assim, os que chegaram até os dias de hoje se encontram na pose de museus, bibliotecas e arquivos nacionais e internacionais. No entanto, mesmo estando nas mãos de órgãos públicos ou privados, muitos deles ainda estão com problemas de conservação, entregues aos insetos e à ação do tempo.

Além disso, trataremos também dos objetivos e do desenvolvimento do projeto “Constituição de corpus textual diacrônico para a história do português brasileiro de Sergipe”, desenvolvido na Universidade Federal de Sergipe (UFS), campus de São Cristóvão, com o apoio do Programa Institucional de Iniciação Científica (PIBIC).

2. A Edótica

A Edótica surgiu logo depois da criação da Filologia, em consequência das atividades filológicas desenvolvidas no período helenístico da civilização grega. Ocupava-se dos documentos literários, porém, hoje em dia, não se impede de ser utilizada para outros tipos de documentos. De acordo com Oliveira (2011), a Edótica é definida como sendo a edição crítica de textos, que é uma das formas mais antigas, clássica e porque não dizer a mais autêntica forma de apresentação da Filologia. Desta forma, a Edótica consiste em todo processo de preparação da realização de uma edição do texto, com o propósito de publicá-lo:

> A Edóctica representa como que o ponto de chegada de todo o labor filológico, embora hoje o papel da Filologia apresente um propósito mais arrojado, mais pretensioso do que a simples canonização dos textos literários através de procedimentos que se consubstanciaram na chamada 'crítica textual' (SPINA, 1977, p. 60).

Spina (1977) ressalta que a Edótica tem um papel fundamental para o trabalho da investigação filológica, uma vez que todo o seu campo de investigação está vinculado à Edótica, ainda que, atualmente, a Filologia apresente um campo de investigação mais vasto, considerando-se que, anteriormente, era utilizada para a busca da canonização dos textos literários. Além disso, a reprodução e transcrição de um manuscrito, operações realizadas na fase Edótica, são essenciais para a preservação do conteúdo, uma vez que, se a edição não for realizada, a memória registrada no documento pode se perder, pois, como ressalta Brandão (2004, p. 1):

> Atualmente, vive-se em uma sociedade imediatista, isto é, a do tempo presente. Por isso, o envolvimento com o mundo no papel está afetado porque na era do virtual costuma-se tratar o documento quando este se refere às instâncias do passado como algo velho, insignificante, restando-lhe como destino o lixo. Esta concepção por muitos anos possibilitou e está a possibilitar a destruição documental no Brasil, seja em arquivos particulares ou públicos, museus e bibliotecas.

Aciole (1994) também trata desse problema no Brasil, afirmando que muitas instituições que têm a custódia de manuscritos desconhecem o seu valor e partem para o abandono e a incineração. Assim, como muitas vezes não é dada a importância necessária aos manuscritos antigos, é necessário não só a consciência da importância da preservação, mas também é essencial que esses textos sejam editados para que possam ser lidos tanto pelo grande público, como também ser usados em outras áreas de conhecimento. Por conta disso, a Edótica tem um papel fundamental para a conservação dessas memórias, prestando serviço a outras ciências.

3. Tipos de reprodução de manuscritos

Na filologia, editar um texto consiste em reproduzi-lo, etapa que, para Spina (1977), é a parte mais importante de sua função subjetiva. Basicamente,há cinco tipos de reprodução ou edição de manuscritos: edição mecânica ou fac-similar, edição diplomática, edição semidiplomática ou diplomática-interpretava, edição genética e edição crítica.

A edição mecânica (também chamada fac-similar ou fac-similada) consiste na reprodução dos manuscritos através de instrumentos eletrônicos, tais como a fotografia, fototipia ou xerografia. Apresenta grau zero de mediação, pois, através de instrumentos mecânicos como a fotografia, por exemplo, que é o fac-simile, reproduz o texto em seu formato mais fiel. Ou melhor, sem nenhuma interferência. Por outro lado, a reprodução por meio desse recurso pode ocasionar o surgimento de algumas desvantagens:

> Ainda que a reprodução pelos meios mecânicos possa ser das mais fies possível, nem sempre é ela a forma única desejável, pois, na reprodução de manuscrito antigo, especialmente de épocas cuja escritura exige a interpretação paleográfica, não raro o estudioso teria de enfrentar dificuldades de leitura do texto. As edições fac- similares poderiam, portanto, ser complusudasapenas por um número diminuto de especialistas. (SPINA, 1977, p.78)

Desta forma, a edição mecânica, apesar de ser uma reprodução fiel do manuscrito, pode não ser suficiente para alguns estudos específicos, devido à ortografia de alguns textos são apenas desvendados por especialistas. Além disso, não é adequada para outros estudos, como, por exemplo, a análise codicológica, que diz respeito aos aspectos materiais do texto, como tinta, papel, etc.

Outro tipo é a edição diplomática, que, como afirma Cambraia (2005, p. 93), “trata-se de um grau baixo de medição”, pois, apesar de conservar o conteúdo e aspectos linguísticos, há uma medição feita pelo crítico, ainda que bem limitada: é realizada uma transcrição tipográfica dos manuscritos, ou seja, uma perfeita copia do mesmo, na grafia, nas abreviações, nas ligaduras, em todos seus sinais e lacunas, além dos erros e das passagens estropiadas do texto original. Ao contrário da edição mecânica, a edição diplomática proporciona uma facilidade na leitura, devido a dispensar o trabalho de decifração da grafia da escrita original. No entanto, essa edição apresenta desvantagem, como assinala Cambraia (2005, p. 94): apesar da facilitação na leitura, ainda são mantidas algumas características, como as abreviaturas, cuja decifração demanda conhecimentos especializados.

Também é possível realizar a edição semidiplomática ou diplomático-interpretativa, que, apresentando grau máximo de mediação, a transcrição do texto original é realizada com uma série de melhoramentos em relação ao original, tais como a separação das palavras, desdobramentos das abreviaturas, pontuação, entre outros. Contudo, como ressalta Cambraia (2005, p.97), “é evidente que certa unificação (de pontuação, paragrafação, etc.) acaba por

fixar apenas uma das leituras possíveis do testemunho, razão pela qual esse tipo recebe justamente o nome de interpretativa".

A preparação do texto crítico consiste em uma reprodução mais correta do original, uma vez que, através dos manuscritos e das edições presentes do documento, é produzido um novo texto, que tem como finalidade chegar à última vontade do seu autor. Assim, "a realização de uma edição crítica exige do editor não só conhecimentos específicos de crítica textual ou Edótica, mas habilidades, muito estudo, e certa dose de intuição crítica"(SPINA, 1977, p. 79-80).

Vale ressaltar que, para a realização das edições fac-similar e diplomática, são necessários apenas alguns conhecimentos básicos de fotografia ou paleografia, mas, para a realização de uma edição crítica, é necessário que o estudioso tenha uma bagagem de conhecimentos específicos de algumas áreas, devido a esse tipo de edição ter o intuito de reconstruir o texto em sua forma mais genuína, ou seja, aproximá-lo o mais fielmente possível da última intenção do seu autor.

De acordo com Spina (1977, p. 80):

> Poderíamos dizer, até, que a seriedade da crítica literária se mede pelo tipo de edição de texto que utiliza. Só um texto canônico, definitivo, estabelecido pelos procedimentos técnicos e cientifico da edótica pode oferecer segurança ao crítico literário.

Como foi possível observar, a filologia é essencial para outras áreas de conhecimento, inclusive a literatura, uma vez que, para ser realizada uma crítica literária, é preciso que a obra seja genuína, pois, muitas vezes, os textos contêm adulterações inseridas consciente ou inconscientemente pelo autor ou por terceiros.

A edição genética é um tipo de edição muito semelhante à crítica, pois também é realizada a partir da comparação de mais de um documento, porém, nesse caso, segundo Cambraia (2005), uma edição genética deve apresentar a forma final de um dado texto. Geralmente, é realizada através de testemunhos autógrafos (testemunhos produzidos pelo próprio autor) e/ ou idiógrafos (testemunhos produzidos sob o controle do próprio autor), com o intuito de registrar as relações de um texto com a forma final estabelecida pelo autor.

Os tipos de reproduções existentes serão utilizados de acordo com a necessidade de cada perspectiva de estudo. Como afirma Cambraia (2005, p.90):

> A importância de se pensar no público-alvo está no fato de que dificilmente uma edição é adequada para todo tipo de público, pois deferentes são seus interesses. Assim, uma edição que reproduza particularidades gráficas de um texto quinhentistas pode interessar a um linguista, mas não seria adequado a um público juvenil interessado especialmente no conteúdo do texto, ou seja, na história ali contada.

O autor ressalta que, ao realizar uma edição, é necessário que o crítico textual tenha sensibilidade para atender às necessidades do público aque está destinada, pois cada tipo apresenta características muito específicas.

4. Entre a teoria e a prática no desenvolvimento da pesquisa filológica

A pesquisa filológica intitulada "Em busca da ancianidade do português brasileiro: estudo de fenômenos fonético-fonológicos nas zonas rurais de São Cristóvão e Laranjeiras", está em andamento na Universidade Federal de Sergipe (UFS), *campus* de São Cristóvão, e é desenvolvida com o apoio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC). Partindo desse tema central, os integrantes do grupo de pesquisa foram encaminhados para sub-projetos, dos quais trataremos aqui do que fazemos parte: "Constituição de corpus textual diacrônico para a história do português brasileiro de Sergipe".

A pesquisa, que tem como *corpus* documentos manuscritos sergipanos, de tipologia diversa, produzidos a partir do século XVII, foi dividida em etapas: a primeira é a seleção de manuscritos produzidos em Sergipe entre o século XVII e início do século XIX, a que se seguirá sua reprodução mecânica. Em seguida, os textos serão lidos e transcritos semidiplomaticamente de acordo com normas específicas de transcrição.

A partir do estabelecimento dos textos, será possível a recuperação de seus traços linguísticos e, assim, a realização de um estudo diacrônico do português brasileiro escrito e falado em Sergipe, objetivando a criação de um banco de dados. Desta maneira, consequentemente, além da recuperação de traços linguísticos, também será resgatada a memória dos fatos ocorridos nesse período em território sergipano.

A pesquisa concentrar-se, desse modo, na fase Edótica da Filologia, na qual os textos coletados passarão pelos seguintes processos: reprodução fac-similar (fotografia ou digitalização), organização, leitura, transcrição e preparação para a publicação. É a partir dessa etapa que será possível a realização de análise de outros aspectos atinentes aos textos, como os paleográficos, codicológicos, diplomáticos e os traços que apontam o seu estado de língua.

5. Considerações finais

Diante de tudo que foi dito, o presente texto objetivou tratar de questões teóricas a respeito da Edótica, disciplina de grande relevância para a Filologia, a Crítica Literária e outros campos de investigação.

Além disso, é de grande importância trazer à tona memórias que estão presentes nos documentos que estão arquivados em entidades públicas e privadas, algumas das quais em estado precário de conservação. Por conta disso, editar esses documentos torna-se uma alternativa para que a memória de um povo ou de uma nação não se perca.

Devido a isso, o trabalho de pesquisa filológica é de extrema importância, tanto para os graduandos e graduados em Letras, quanto para outras áreas de conhecimento, uma vez que os textos escritos, objeto da Filologia, são as mais fieis testemunhas de fatos ocorridos em épocas anteriores. Logo, a pesquisa em filologia proporciona não só o conhecimento da história da língua, mas também do contexto social e cultural em que esteve inserido documento estudado.

6. REFERÊNCIAS

ACIOLI, Vera Lúcia Costa. **A Escrita no Brasil Colônia:** um guia para a leitura de documentos manuscritos. Recife: UFPE, Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 1994.

BRANDÃO, Fabrício dos Santos. Editar para não morrer: uma prática lingüístico filológica em manuscritos baianos.**Revista ao Pé da Letra**. Feira de Santana: UFRB, 6.1:39 - 46, 2004. Disponível em: <http://revistaaopedaletra.net/volumes-aopedaletra/vol%206.1/Editar_para_nao_morrer-uma_pratica_linguistico-filologica_em_manuscritos_baianos.pdf>. Acessado em 28 set. 2015.

CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à Crítica Textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

OLIVEIRA, Bárbara de Fátima Alves de. A Importância de Ecdótica para a Filologia.**Revista NEFILLI**, 2011. Disponível em: <http://revistadonefilli.blogspot.com.br/2011/01/importancia-da-ecdotica-para-filologia.html>. Acessado em28 set. 2015.

SPINA, Segismundo. **Introdução à Ecdótica**. São Paulo: Edusp, Ars Poética, 1977.

A IMPORTÂNCIA DE EDITAR MANUSCRITOS

Matheus Souza Tavares[71]
Profª Drª Renata Ferreira Costa[72]

RESUMO:
O presente artigo procura levantar alguns pressupostos teóricos importantes a respeito dos estudos filológicos e pontuar as considerações fundamentais quanto à importância de editar manuscritos para a conservação da memória de um povo, uma língua, uma cultura, verificando, desta forma, como a prática de edição é diretamente proporcional à preservação da memória. Assim, buscaremos ampliar os horizontes em relação à importância dos manuscritos como fontes que detêm valor documental e histórico muito respeitável, expandindo tal conhecimento através das práticas e estudos filológicos.

Palavras-chave: Edição. Manuscritos. Memória. Valor documental.

RESUMEN:
Este artículo pretende plantear algunas suposiciones teóricas importantes sobre los estudios filológicos y apuntar las consideraciones fundamentales sobre la importancia de editar manuscritos para la conservación de la memoria de un pueblo, una lengua, una cultura, comprobando, de esta manera, como la práctica de la edición es directamente proporcional a la preservación de la memoria. Por lo tanto, vamos a tratar de ampliar los horizontes respecto a la importancia de los manuscritos como fuentes que tienen valor documental e histórico muy respetable, ampliando ese conocimiento a través de la práctica y estudios filológicos**.**

Palabras clave: Edición. Manuscritos. Memoria. Valor documental.

INTRODUÇÃO

O levantamento de texto escrito, seja ele manuscrito ou impresso, se torna um instrumento de fundamental importância para a memória de um povo, para sua cultura, política e também para estudo da língua em determinado momento histórico, enfim, funciona, sobretudo, como matéria da memória coletiva.

Dessa forma, são evidenciadas através dos manuscritos, que é o foco do nosso trabalho, várias questões muito importantes: o conceito de memória, a prática de edição e o labor filológico. Assim, lembramos que essas questões estão bastante relacionadas umas com as outras e, nessa perspectiva, ampliaremos os nossos horizontes de como esses conceitos colaboram para o trabalho da filologia.

Outro ponto relevante, antes de adentrarmos nos conceitos propriamente ditos, é justamente a distância entre a sociedade e os documentos que revelam sua história. Sobretudo

---

[71] Graduando em Letras Português pela Universidade Federal de Sergipe. Membro do Projeto para a História do Português Brasileiro de Sergipe – PHPB/SE e do Grupo de Estudos Filológicos do Estado de Sergipe – GEFES.
[72] Professora no Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Sergipe. Líder do Projeto para a História do Português Brasileiro de Sergipe – PHPB/SE e do Grupo de Estudos Filológicos do Estado de Sergipe – GEFES.

no Brasil esse problema é bastante comum, como bem afirma Brandão (2004, p. 1): “No Brasil, o acesso à informação apresenta inúmeras dificuldades, isto se deve ao fato de que no país ainda não há uma prática de Educação Patrimonial visível”. Ou seja, ainda não há uma valorização da memória nacional, sendo assim, situações como essas acentuam o afastamento entre o indivíduo integrante da sociedade e sua história.

Em consonância com esse aspecto brasileiro, verificamos que o Estado de Sergipe segue na mesma linha nacional, com uma ausência muito forte na questão da edição de manuscritos, na publicação e, consequentemente, na sua preservação, prejudicando, assim, a memória local.

Então, faz-se evidente o anseio pelo resgate dos manuscritos sergipanos como instrumento que dialoga diretamente com a sua memória, com isso, explanaremos mais adiante sobre a contribuição da filologia na edição dos manuscritos e os conceitos atrelados a ela, a fim de chegarmos à importância desses para a constituição memorial sergipana.

1. A importância da Memória

Ao tratar de um conceito tão abrangente como o de memória, devemos realizar um recorte teórico e priorizar aquilo que nos é importante, nesse caso, devemos perceber esse conceito no sentido de preservação, no sentido de memória coletiva, ou seja, a memória de um grupo, de uma sociedade, de um local. É nessa perspectiva que é tratado esse conceito por Jardim (1995, p. 1): “Diversos termos tendem a ser associados à memória: resgate, preservação, conservação, registro, seleção etc.”.

Nesse sentido, é fundamental verificarmos algumas palavras que são atreladas a esse conceito, como, por exemplo, “preservação”, “resgate”, “registro”, utilizadas na referência anteriormente citada, uma vez que é nesse sentido que a filologia, com seu labor de edição, caminha como ciência de resgate, guardadora da memória. É nesse percurso que trataremos especialmente da importância que devemos atribuir à memória, pois ela, sendo bem constituída, fornece-nos um valor enriquecedor em relação à história de um grupo social, portanto, além desse aspecto de conservação, é válido lembrar que a memória constitui-se em etapas, procedimentos: “A memória é, portanto, processo, projeto de futuro e leitura do passado no presente” (JARDIM, 1995, p. 2).

Dessa maneira, uma das formas de percebermos a preservação da memória de um grupo social é em seus textos escritos, pois eles podem nos revelar aspectos políticos, sociais, culturais e, sobretudo, linguísticos. Assim, observar a memória por meio dos manuscritos pode ser uma opção diferenciada para se estudar a história, pois, assim, não teríamos uma visão

histórica dada e pronta, mas uma história que seria construída e reconstruída a cada apuração do manuscrito, de modo que esse estudo nos possibilita caminhar por ramificações diferentes da história, executando releituras do passado e adaptando seletivamente o presente.

Portanto, o resgate do passado através dos manuscritos é relevante e, para isso, contamos com o trabalho da filologia, tema que trabalharemos logo adiante, pois esse trabalho contribui significativamente para maior entendimento do presente. Além disso, também se faz necessário para o Estado de Sergipe que trabalhos filológicos venham a ser desenvolvidos, pois esse é um campo essencial à preservação e difusão histórica e à constituição da identidade local.

2. O labor filológico

Não podemos tratar de manuscritos sem antes demarcar algumas características da filologia. A priori, cabe salientar que essa ciência, cujo objeto é o texto escrito, surgiu como uma facilitadora no processo de transcrição textual, com objetivo de manter a originalidade do texto. Assim, conforme Brandão (2004, p. 2), “desde o aparecimento da escrita e seu uso na comunicação interpessoal o homem já apontava a necessidade de constituir uma ciência para auxiliar a transcrição textual”.

Nessa perspectiva, verificamos que a importância da filologia encontra-se no resgate, na conservação e, sobretudo, na preparação do texto para o leitor, de forma a recuperar aspectos linguísticos relevantes e analisá-los, como bem explica Brandão (2004, p. 3): “O trabalho da Filologia consiste em auxiliar o leitor na decifração gráfica dos escritos, permitindo que este venha a conhecer características peculiares da língua em determinado momento de sua história.”.

Assim sendo, percebemos que a filologia dialoga e contribui veementemente com a noção de memória anteriormente explanada, pois, dentre seus objetivos, encontramos a questão do resgate e preservação. Também verificamos que é uma ciência da linguagem que tem como objeto principal o texto escrito, seja ele manuscrito ou impresso: “O texto, manuscrito ou impresso, é objeto fundamental da investigação histórica, filológica e literária” (SPINA, 1977, p. 74). Entretanto, é fundamental lembrar que a filologia labora basicamente com dois tipos de textos, dividindo-os em primários e secundários: “O corpus fundamental são os textos literários. O corpus secundário é composto pelos textos históricos, jurídicos, religioso, filosóficos, enfim, pelos textos não literários” (ALMEIDA, 2011, p. 2).

Nesse sentido, verifica-se que disciplinas como história e literatura dialogam com a filologia, no entanto, para o estabelecimento por completo de um texto, fazem-se necessárias

outras ciências que dão suporte à análise filológica, como, por exemplo, a epigrafia, a codicologia, a paleografia e a diplomática, entre outras que auxiliarão na preparação do texto para o leitor e darão o aval sobre sua veracidade. Segundo Brandão (2004, p. 2), "inicialmente, começam a se instalar noções e conceitos dentro do contexto filológico, o que posteriormente cristalizou-se com a Paleografia, a Codicologia e a Diplomática".

Contudo, o destaque que quero dar aqui é justamente para o texto manuscrito, que se constitui primoroso para a análise filológica, pois nele podemos encontrar, por exemplo, características mais específicas, como as lacunas deixadas no processo de produção dos manuscritos (ex.: erros de copia), os tipos de caligrafia, a evolução da escrita, a qual está diretamente relacionada com o processo de evolução da língua, o uso de abreviaturas, além dos instrumentos e das técnicas usados na confecção dos manuscritos. Desta maneira, podemos verificar como os estudos paleográficos e codicológicos emergem dos manuscritos. Quanto à codicologia, Spina (1977, p. 22) salienta que "é atinente exclusivamente ao conhecimento do material empregado na produção do manuscrito (*Scriptoria*) e das condições materiais em que esse trabalho se verificou".

De tal modo, é importante destacar que a interlocução por meio dos manuscritos é muito antiga e anterior à invenção da imprensa, datada do século XV, assim, apontamos que o estudo codicológico é típico do manuscrito, pois os códices eram os ancestrais dos livros que conhecemos hoje e vem como uma disciplina que se desprendeu de outras mais antigas. De acordo com Spina (1977, p. 22):

> O estudo, ou propriamente a técnica do manuscrito, que em outros tempos pertenceu ao campo da Paleografia e da Diplomática, hoje está se desligando delas e constituindo um conhecimento à parte, com a denominação de Codicologia.

Destarte, essas ciências somam-se à filologia no estudo do texto, compõem um arsenal de conhecimentos a fim de estabelecer o texto no seu tempo e espaço, pois ela o trata em termos diacrônicos e sincrônicos, sugerindo uma maior explicação dos textos.

Portanto, segundo Spina (1977, p. 75), "a Filologia concentra-se no texto, para explicá-lo, restituí-lo à sua genuinidade e prepará-lo para ser publicado". Assim, verificamos que a filologia tem esse papel de esclarecer os pontos mais ininteligíveis do texto, convidando-o para ser publicado, logo, a filologia contribui para a conservação do texto e para a divulgação de outros caminhos da história por meio do processo de edição.

3. A edição e a conservação

Verificamos nos tópicos anteriores a questão da memória social, o trabalho da filologia e como o conceito de um é resguardado pelo trabalho do outro, no entanto, é necessário destacar outra tarefa do filólogo que marca e autentica o estudo dos manuscritos: a edição.

É por meio desse processo que vemos a questão prática dos estudos filológicos, possibilitando, no caso dos manuscritos, outra forma de entender aspectos sócio-político-culturais de um povo. Nessa perspectiva, vemos que é a partir da edição que podemos compreender de outra maneira aquilo que é apenas linear, pronto e acabado em um estudo histórico ou literário. Ou seja, essa prática possibilita uma maneira mais eficaz nos estudos de ciências como a História e a Literatura, uma vez que esse processo desprende-se da metodologia comum em relação aos fatos históricos, visando uma inter-relação entre um manuscrito e suas condições históricas de produção. Assim, esse exercício vê o manuscrito como ponto de origem para o estudo da história.

Fica evidente, então, que, para a transmissão do conhecimento sobre os manuscritos no meio acadêmico, procurando mantê-lo mais próximo da sociedade, é necessário o processo de edição, pois ele será responsável por manter ativas as novas descobertas no lado científico e mais inteligível à sociedade, “pois afinal de contas só com ajuda de textos bem editados se difundem corretamente os conhecimentos científicos, em todas as áreas, e não apenas na área literária.” (SILVA, 1994, p. 3).

Nesse sentido, apontamos também outro ponto importante para o qual a edição dos manuscritos contribui: o processo de preservação, ou seja, o resgate da memória coletiva é evidenciado com trabalhos através do manuscrito, conforme destaca Brandão no tópico em que fala sobre edição (2004, p. 3): “Para a execução desta prática priorizou-se a lição conservadora, isto porque o próprio nome conservar dá a entender a necessidade de resguardar alguma coisa de qualquer dano”.

Desta maneira, observamos que a expressão “lição conservadora”, utilizada por Brandão, faz alusão ao que chamamos de cuidado com a nossa memória, assim, entendemos a edição dos manuscritos metaforicamente como uma preocupação com aquilo que é nosso patrimônio, compreendemos que editar manuscritos é como manter bem cuidadas as cartas que recebemos, os nossos álbuns de fotografias, os presentes que ganhamos, pois eles representam também a nossa memória. Da mesma forma, “lição conservadora” significa selecionar, levantar os textos que estão “estacionados” em arquivos e dar vida a eles, é fazê-los contar a sua história, fazê-los reconhecer-se no seu tempo e seu espaço e nos mostrar outros caminhos.

4. Conclusão

Verificamos neste trabalho o quão importante são os estudos e esforços filológicos para a questão do cuidado e manutenção da memória, vimos também como esses tópicos se relacionam em diversos caminhos e apontamos para o ponto ápice do trabalho da filologia, que é justamente o processo de edição, uma vez que ele é um fator crucial para manter vivos esses estudos e resguardar a identidade e a memória de um povo.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Fabrício dos Santos. Editar para não morrer: uma pratica linguístico-filológica em manuscritos baianos. **Ao pé da letra.** Feira de Santana, v.6, n.1, p. 39-46, 2004.

JARDIM, José Maria. A invenção da memória nos arquivos públicos. **Ciência da informação,** Rio de janeiro, v. 25, n.2, p. 1-13, 1995.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. Para que filologia/crítica textual?. **Acta:** Revista do Grupo de Pesquisa “A escrita no Brasil colonial e suas relações”. Assis, v.1, p. 1-12, 2011.

SILVA, Maximiano de Carvalho e. Critica textual: Conceito-Objeto-Finalidades. **Confluência:** Revista do Instituto de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, n. 7, 1º sem. 1994.

SPINA, Segismundo. **Introdução à Edótica:** Crítica Textual. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 1977.

GRAMATIZAÇÃO DO PORTUGUÊS DO BRASIL: ESTUDO HISTÓRICO-DISCURSIVO, RECORTE-2001, MODERNA GRAMÁTICA PORTUGUESA DE EVANILDO BECHARA

Edilene Oliveira Da Silva[73]
Prof.Dr. Wilton James Bernado-Santos[74]

RESUMO
O presente trabalho relata os estudos realizados no interior do projeto de pesquisa "Gramatização do Português do Brasil: um estudo sobre a história das gramáticas do entorno da Nomenclatura Gramatical Brasileira (1959), plano B: DOCUMENTANDO TEXTOS SOBRE OS INSTRUMENTOS LINGUÍSTICOS DO ENTORNO DA NGB (1959) – escritos jornalísticos". Selecionamos como *corpus*, gramáticas de Evanildo Bechara - *Moderna Gramática Portuguesa* (edições e reedições) e textos jornalísticos que circulam no entorno desse instrumento. Em um trabalho anterior utilizamos as edições e reedições dessa gramática. Neste, trabalhamos apenas com escritos, jornalísticos e midiáticos, que circulam junto a publicações desse compêndio. Nossas bases teóricas foram fundamentalmente Auroux (1992;1998), Bernado-Santos (2008), Guimarães (1996), Fávero (2001), Mattoso (2001), Pêcheux (1975), Orlandi (2012). Como metodologia aplicamos "A documentação como método de estudo pessoal" de Joaquim Severino (2000) e "O Modelo Clássico de Exposição de Estudos (MCEE) como instrumento para leitura e escrita" de Bernardo-Santos (2008). A análise foi positiva no sentido de podermos compreender relações e efeitos de sentidos diversos, ditos e 'não-ditos, nos textos selecionados.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. História das Ideias Linguística. Imprensa. Linguagem. Gramatização.

RESUMEN
El presente trabajo relata los estudios realizados en el interior del proyecto de investigación "Gramatización del Portugues de Brasil: un estudio sobre la historia de las gramaticas del entorno de la Nomenclatura gramatical Brasileña (1959), Plano B: DOCUMENTANDO TEXTOS SOBRE LOS INSTRUMENTOS LINGUISTICOS DEL ENTORNO DE LA NGB (1959) – escritos periodísticos". Seleccionamos como corpus, gramaticas de Evanildo Bechara – Moderna gramática Portuguesa (Ediciones y redacciones) y textos periodísticos que circulan en el entorno de este instrumento. En un trabajo anterior utilizamos las ediciones y redacciones de esta gramática. En este trabajamos apenas con escritos, periodísticos y médios de comunicación, que circulan junto a las publicaciones de esta compilación. Nuestras bases teoricas fueron fundamentadas en Auroux (1992;1998), Bernado-Santos (2008), Guimarães (1996), Fávero (2001), Mattoso (2001), Pêcheux (1975), Orlandi (2012). Como metodología aplicamos "La documentación como método de estudio pesonal" de Joaquim Severino (2000) y "El Modelo Clásico de Exposición de Estudos (MCEE) como instrumento para la lectura y la escrita" de Bernardo-Santos (2008). El análisis fue positivo en el sentido de realizar la comprención de relaciones y efectos de sentidos diversos, dichos y 'no-dichos, en los textos seleccionados.

---

[73] [1]Graduanda em Letras Português na Universidade Federal de Sergipe. Pesquisadora em Iniciação Científica (PIBIC) e atualmente em Iniciação à Docência (PIBID).

[74] Professor pesquisador do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Sergipe (DLEV/UFS/COPES).

PALABRAS CLAVES: Discurso. História De Las Ideas Lingüística. Lenguaje. Médios de Comunicación. Gramatización.

INTRODUÇÃO

A produção de gramáticas no Brasil e de outros instrumentos lingüísticos, como por exemplo, o dicionário inicia-se em meados do século XIX, segundo Auroux (1992). Gramatização é o nome que se dá a esse processo. Professores, advogados, médicos, botânicos, enfim, muitos passam a fazer ou tentar fazer, a partir deste momento, uma prescrição ou descrição linguística fundamentalmente brasileira (BALDINI, 1998). A escrita tem importância fundamental nesse processo, já que é somente por intermédio dela que se sistematiza um saber. Ela é, segundo Auroux (1998), uma tecnologia lingüística que instaura poder, domina e delimita espaços. É, portanto, por meio dessa tecnologia que os instrumentos (meta) linguísticos são produzidos sócio-politicamente.

Os estudos de Pêcheux (1975) acerca do discurso são de suma importância para a compreensão dos efeitos de sentidos das materialidades (textos) selecionadas e das relações entre esses sentidos, considerando os acontecimentos históricos e discursivos que os circundam. Para o autor, os discursos estão sempre em movimento e sua produção se dá por meio dos sujeitos, que são ideológicos, isto é, são discursivamente construídos por já-ditos.

Pretendemos neste trabalho compreendermos relações de sentidos, ditos e não-ditos, em textos midiáticos e jornalísticos que circundam o instrumento linguístico em destaque. Dividimo-lo em três 'regiões' (BERNADO-SANTOS, 2008) centrais. Na primeira região discorremos brevemente acerca dos pressupostos de bases teóricas; na segunda, sobre a organização metodológica e, por último, trouxemos os resultados e as discussões realizadas durante as análises dos documentos selecionados.

1- Documentando um saber linguístico: percurso histórico-discursivo

Fundamentalmente, gramatização é o nome dado ao processo de documentação da língua por meio de instrumentos linguísticos: gramáticas e dicionários principalmente, como mencionamos acima. Tal processo tenta homogeneizá-la, sistematizá-la. É, portanto, uma abordagem (meta) linguística. Um "lugar" de documentação da língua (AUROUX, 1992).

Segundo Auroux (1998), a escrita é "a primeira revolução tecnolinguística da história da humanidade" (p. 64). Logo, ela é a base, a condição para o nascimento das ciências da

linguagem, dos saberes linguísticos. Antes dela já existiam conhecimentos sobre linguagem, contudo, de forma desordenada, conhecimentos tradicionais, internalizados- perpetuado através das gerações. É somente com o advento dessa tecnologia linguística que tais conhecimentos (epilinguísticos até então) passam a ser sistematizados, registrados sócio-politicamente. Partindo desses pressupostos, compreendemos que a escrita instaura o processo de feitura de gramáticas (gramatização).

Quanto aos compêndios gramaticais produzidos, para Fávero (2001), não é tão simples estudá-lo diacronicamente. Primeiro pela dificuldade quanto ao acesso aos documentos linguísticos (desde Fernão de Oliveira aos nossos dias); segundo, devido à diversidade de ideias/ pontos de vistas sobre a materialidade, uma vez que a área (gramatização- linguística), atualmente, é múltipla.

Apesar disso, a autora faz um estudo historiográfico, assim como fizemos neste trabalho (ver Resultados e Discussões) apresentando instrumentos linguísticos gramáticas em dois períodos: vernaculista e científico. O período Vernaculista data de 1820 a 1880, nele o processo de gramatização é puramente normativo, prescritivo; já o período denominado Científico (de 1880 em diante) é caracterizado por apresentar produções gramaticais mais descritivas, é um lugar onde a diversidade linguística é marcante, justamente o oposto do período anterior (FÁVERO, 2001).

Em relação à organização conceitual deste compêndio, Mattoso (2000) classifica-a em descritiva, normativa e filosófica. A gramática descritiva, segundo o autor, é aquela em que a autoria procura descrever os fatos linguísticos em um dado momento histórico de forma objetiva, coerente, mostrando os elementos linguísticos exatamente como são concretizados nos usos. A normativa é definida como “arte de falar e escrever corretamente” (MATTOSO, 2001, p. 15). Trabalhamos exatamente com esse “tipo” de gramática como referência primeira para as análises de textos da impressa. A gramática filosófica, para o autor, é a que a autoria procura explicar analiticamente a organização e o funcionamento dos elementos lingüísticos.

No que diz respeito ao discurso, segundo Orlandi (2012), baseado em estudos de Pêcheux (1975), é língua em movimento, prática de linguagem. São efeitos de sentidos que se deslocam na e pela linguagem, através de sujeitos-autores, constituídos ideologicamente em determinadas condições de produção, com memória discursiva, dentro de formações discursivas específicas. Sujeitos são constituídos pela ideologia, como mencionamos acima. Quanto ao interdiscurso, para Possentei (2003) obtemo-lo a partir das formações discursivas. São os já-ditos presentes, ainda que implicitamente, nas formações discursivas.

Nesse sentido, textos midiáticos são analisados, considerados as especificidades estruturais e semânticas de cada um deles. Para Reboul (1975), o que caracteriza o texto

midiático propaganda, por exemplo, é o seu fazer mais do que diz. É, portanto, na produção de impacto, de surpresa, que essa materialidade é constituída. Sua linguagem é persuasiva e, normalmente cega, assedia, engana os sujeitos leitores. É a repetição de itens lexicais, na maioria das vezes, que transmite esses sentidos apelativos. Além disso, a escolha dos itens lexicais e a relação deles com o visual (a imagem, por exemplo), também corroboram para a produção desses efeitos de sentidos. Vimos esses efeitos em textos analisados neste trabalho apesar da estrutura ser outra, foi o caso da sinopse.

2- Percursos metodológicos

Considerando a leitura como princípio de documentação de saberes (SEVERINO, 2000), isto é, como base para o processo de reflexão sobre conteúdos de que se está estudando, organizamos nossos estudos. Utilizamos para tanto fichas escritas. Vejamos:

1) Fichas Temáticas: são fichas com informações importantes, idéias centrais sobre um determinado tema;
2) Fichas Bibliográficas: nela são documentados livros, capítulos de livros, artigos, etc, apresentando-os em suas especificidades (iniciando pela periferia- as partes iniciais e finais de um texto- até chegar ao que é central, mais profundo - o corpo do texto);
3) Documentação Geral: são arquivados documentos em sua forma empírica mesmo, ou seja, o objeto em si é documentado (apostilas, livros ou recortes deles, revistas, etc.).

Nesse sentido, em nossos trabalhos, fizemos este percurso:

a) Lemos textos que fazem parte das bases teóricas e documentamo-los em fichas bibliográficas;
b) Utilizamos o Quadro de Documentação da Gramatização Brasileira (QDGB) (parte integrante do projeto), em que são documentados instrumentos lingüísticos, *corpus* para trabalhos, em fichas temáticas e gerais;
c) Utilizamos o Quadro de Referências para Análise (QRA) (parte integrante do projeto), em que encontramos fichas temáticas sobre o percurso dos trabalhos a serem desenvolvidos;
d) Construímos um arquivo com textos jornalísticos sobre a gramática em estudo (de Evanildo Bechara)- documentação geral;
e) Documentamos a análise também, elaboramos um Quadro de Sistematização de Resultados (QRD) (documentação geral das análises, neste trabalho trouxemos apenas

parte das análises desenvolvidas, não trouxemos o quadro). Em fichas temáticas mostramos os pontos centrais que foram demarcados e, posteriormente, discutidos.

Utilizamos também a reflexão teórica sobre a escrita enquanto um instrumento de sistematização de saberes, de demarcação de espaços. Esses "espaços" podem ser visualizados em todo e qualquer texto a partir do Modelo Clássico de Exposição de Estudos (MCEE) (BERNARDO-SANTOS, 2008): Vejamo-lo:

Ordem Gráfica

(Modelo Clássico de Exposição de Estudos- MCEE)

┌.....Regiões de peças periféricas.....┐

↓ ┌ Regiões de peças centrais┐ ↓

A	B	C	D
Capa, apresentações, Prefácios, notas etc.	Introdução, Capítulos teóricos.	Descrições do objeto, Capítulos analíticos.	Anexos, posfácios, Índices, bibliografias.

Por meio desse modelo de estudos, o leitor circula por diferentes zonas/regiões. Essas regiões são demarcadas a partir do empírico-sensível: a zona periférica "A" tem como função levar o leitor ao texto, mostrar como ele é; a "D" sintetiza o que foi dito/feito, além de apresentar os documentos utilizados (em anexos, referências, etc.); as zonas "B" e "C" trazem o centro do texto, o contato direto com o objeto; a primeira, a reflexão teórica e a segunda, a discussão analítica. Dessa forma, pensamos o texto como um conjunto de todas essas regiões relacionadas. E lemos e escrevemos pensando nessa organização textual. Fizemos isso durante todo este trabalho.

3- Resultados e Discussões

Texto 1:*"Livro-Moderna Gramática Portuguesa"* (Lojas Americana).

- Condição de produção:

A “Moderna Gramática Portuguesa” (publicada em 2001, 37º edição) de Evanildo Bechara é um dos mais conceituados instrumentos linguísticos prescritivo da língua portuguesa no Brasil para estudiosos da área atualmente. É um compêndio normativo. Durante o período de produção e publicação, estavam sendo sistematizados também estudos linguísticos, com outras ideias acerca da língua. Pesquisas quanto à heterogeneidade linguística ganha destaque em relação a normas gramaticais, a prescrições linguísticas unívocas, baseadas em documento sócio-político (NGB). (GUIMARÃES, 1996). Um novo contexto, portanto, para a produção de gramáticas.

- **Enunciados destacados:**

(1)“Atualizada pelo Novo Acordo Ortográfico;

(2) “a mais completa gramática da língua portuguesa”;

(3) “tem como autor o maior gramático da Língua Portuguesa”;

(4) “É a gramática mais indicada para estudantes a partir do ensino médio e para quem vai prestar concursos”.

- Análise Linguístico- Discursiva. Interdiscursividade (POSSENTI, 2003):

(1)- Discurso do Novo: o moderno, o atual em ênfase. Visto que, neste momento, há uma diversidade de estudos na área linguística (GUIMARÃES, 1996). Dessa forma, conceitos, idéias desses estudos entram no compêndio, ainda que, “silenciosamente” (ORLANDI, 2012) (para os não-analistas do discurso).

-Discurso do normativo: “Acordo Ortográfico”. Percebemos nesse enunciado sentidos de normativismo, de padrão linguístico-político, de que a gramática é trabalhada a partir de regras gramaticais muito bem estabelecidas, reconhecidas, padronizadas.

(2), (3), (4) - Discurso do mérito: “A melhor, a mais completa, a mais indicada, o maior”. Discursos que evidenciam o compêndio e a autoria. Coloca-os em *lugar* de valorização. Próprio do gênero propaganda e sinopse, já que objetiva persuadir o leitor a compra (REBOUL, 1975).

Texto 2:*“O decano do Português”* (Jerônimo Teixeira).

- Condição de produção:

Idem (ver texto anterior acima).

- **Enunciados destacados:**

(1) -"A Moderna Gramática Portuguesa é o melhor que o Brasil tem em termos de gramática";
(2) "Bechara é um acadêmico tradicional que os que querem ser modernos deveriam ler";
- Análise Linguístico- Discursiva. Interdiscursividade (POSSENTI, 2003):

(1) Discurso do mérito: caracterizando o compêndio, mais uma vez, como algo 'glorioso', grandioso. Segundo Reboul (1975), é próprio desse discurso, chamar a atenção, envolver os sujeitos leitores de tal forma que eles não deixem de lê-lo e de seguir o que estiver dito. Logo, a autoria escolherá palavras específicas, que produzam esse efeito ("a melhor, a maior, a mais"... Sempre dando sentidos de maior, de melhor, de superioridade).
(2) Discursos em confrontos: o tradicional e o moderno/o linguístico. O velho e o novo.

Nos enunciados (2), (3) e (4) do primeiro texto, e no (1), no segundo texto, fica evidente tanto os sentidos da área normativa como do mérito. São significações características da propaganda. Observem que a escolha de elementos lexicais no grau superlativo relativo de superioridade (o mais, o maior) e o uso repetitivo deles remete a discursos próprios/específicos desse texto. E, como afirma Reboul (1975), a repetição leva o sujeito a ser assediado pela ideia, a ficar cego. Leva-o, portanto, a comprá-la (objetivo final da propaganda, de sinopses de livrarias).

O uso desses elementos linguísticos leva a produção de sentidos de convencimento, de favorecimento, de persuasão, a fim de que o interlocutor aceite a ideia apresentada, o produto em demonstração. Além disso, pensemos ainda que, por paráfrase (dizendo 'o mesmo' de outra forma) (ORLANDI, 2012), percebemos significados de que o objeto (de que se fala) é [O MELHOR], [O ESSENCIAL], [O COMPLETO]. São, portanto, **discursos de positividade, de mérito**, característicos desse texto, uma vez que o locutor busca convencer o interlocutor a comprar o objeto, como mencionamos acima.

4- Considerações finais

Percebemos que existe uma rede de discursos em movimento (interdiscurso) (POSSSENTI, 2003) nas materialidades. E que ao analisarmos esses discursos, extraímos múltiplos sentidos e compreendemos melhor o objeto. Dessa forma, sentidos diversos estão em movimento nesses textos e em quaisquer textos (grande, pequeno, verbal, não-verbal) (ORLANDI, 2012) e procurarmos compreender esses sentidos é fundamental para nossa formação intelectual, tornando-nos sujeitos mais proficientes em leitura e, consequentemente, em escrita. Passarmos esse conhecimento analítico (histórico-discursivo) adiante deve ser o

nosso objetivo, a fim de que crianças, adolescentes, jovens e adultos possam refletir mais sobre qualquer enunciado que encontrar e, além disso, ser autor efetivo de variados e diversos textos.

REFERÊNCIAS

AUROUX, S. *A* **Revolução tecnológica da Gramatização**. Trad. EniOrlandi. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.

AUROUX, S. **A escrita**. In: A Filosofia da Linguagem. Trad. José Horta Nunes. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1998.

BERNARDO-SANTOS, W. J. **Poética de Interfaces (I): A escrita em notas práticas para uma reflexão sobre autoria no ensino.** Disponível em: <http://led-ufs.net/gestra.php>

ORLANDI, E. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. Campinas, SP, 2012.

POSSENTI, S. **Observações sobre interdiscurso.** Revista Letras, Curitiba, nº 61, especial. Editora: UFPR, 2003.

REBOUL, O. **O slogan.** São Paulo, SP: Editora Cultrix Ltda, 1975.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 21ª ed. rev. E ampl. São Paulo, SP, 2000.

TEIXEIRA, J. **O decano do português**. Disponível em: http://veja.abril.com.br/050308/p_114.shtml .Acesso em 21 de dezembro de 2014.

Livro- **Moderna Gramática Portuguesa**. Disponível em: http://www.americanas.com.br/produto/6854479/livro-moderna-gramatica-portuguesa Acesso em 11 de janeiro de 2015.

ANEXOS

Anexo 1:

Livro - Moderna Gramática Portuguesa

A Moderna Gramática Portuguesa, agora na 37ª edição, ATUALIZADA PELO NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO, é hoje a mais completa gramática da língua portuguesa. Reconhecida no Brasil e no exterior desde a sua 1ª. edição, tem como autor o maior gramático da língua portuguesa, EVANILDO BECHARA, o único representante da Academia Brasileira de Letras no novo Acordo Ortográfico. É a gramática mais indicada para estudantes a partir do ensino médio e para quem vai prestar concursos.

Disponível em: http://www.americanas.com.br/produto/6854479/livro-moderna-gramatica-portuguesa
Acesso em 11 de janeiro de 2015

Anexo 2:

O decano do português

Evanildo Bechara, um dos maiores gramáticos do Brasil, completa 80 anos – e segue na defesa do ensino correto da língua

Jerônimo Teixeira

O adolescente Evanildo Bechara sonhava em ser engenheiro aeronáutico. Era influência do tio-avô, militar que trabalhava numa base aérea e acolhera Bechara no Rio de Janeiro quando a família do jovem, no Recife, passou por dificuldades financeiras depois da morte do pai. Com prematuros 12 anos, Bechara já dava aulas particulares. Queria ensinar matemática, mas só lhe chegavam estudantes de português e latim. Por força da necessidade, debruçou-se sobre as gramáticas – e o encanto que encontrou nesses livros fez com que esquecesse os aviões: "A língua reflete a liberdade do homem. É uma disciplina em que existem regras, mas acima delas está a intenção expressiva de cada falante e de cada escritor". É essa dupla compreensão da liberdade e das regras da língua portuguesa que faz de Bechara um gramático muito particular. Ele não cultiva preciosismos tolos*(exemplos no quadro abaixo),* mas também não referenda o vale-tudo daqueles que consideram as regras do bom português uma espécie de "ferramenta de opressão". Membro da Academia Brasileira de Letras, Bechara completou 80 anos na semana passada e está colhendo os merecidos tributos. Acaba de ver lançado ***Homenagem: 80 Anos de Evanildo Bechara*** (Nova Fronteira/Lucerna; 200 páginas; 29,90 reais), coletânea de ensaios de vários estudiosos da língua sobre sua obra. As mesmas editoras vão relançar ainda neste mês uma nova edição de sua consagrada *Moderna Gramática Portuguesa,* publicada originalmente em 1961.

"A *Moderna Gramática Portuguesa* é o melhor que o Brasil tem em termos de gramática. Bechara é um acadêmico tradicional que os que querem ser modernos deveriam ler", diz Cláudio Moreno, professor de português aposentado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e coordenador do programa de português do Colégio Leonardo da Vinci, de Porto Alegre. Bechara teve uma formação muito sólida. Na juventude, foi discípulo de Manuel Said Ali, o primeiro no país a trabalhar com os conceitos fundamentais do suíço Ferdinand de Saussure, o pai da lingüística moderna. No início dos anos 60, estudou filologia românica na Universidade de Madri. Também passou períodos lecionando nas universidades de Colônia, na Alemanha, e Coimbra, em Portugal. Sua autoridade nos assuntos da língua portuguesa deve-se a essa educação amparada tanto no estudo formal da língua – a lingüística – quanto no exame dos textos e documentos clássicos da tradição – a filologia. Bechara lamenta que a filologia ande em descrédito nas faculdades de letras. "Os lingüistas hoje têm grande deficiência no conhecimento do português, porque não conhecem seus grandes escritores", diz.

Homem de fala calma e ponderada, Bechara é ainda assim muito incisivo na crítica ao estado do ensino de português no Brasil. Por influência de certas teorias equivocadas da sociolingüística, a educação brasileira, afirma Bechara, estaria se deixando levar por uma exaltação impensada da língua espontânea ou "popular". "Os sociolingüistas acreditam que ensinar a língua-padrão é uma forma de preconceito social. É um erro. O domínio do padrão é parte essencial da competência lingüística do falante", diz Bechara. Autores vinculados a essa vertente, é claro, têm suas restrições a Bechara – mas o respeitam. Em um artigo divulgado em um congresso profissional, o lingüista Marcos Bagno, da Universidade de Brasília, autor de *Preconceito Lingüístico,* considera que a filiação de Bechara à Academia por si só já demonstraria sua vinculação a "um

ideário conservador e elitista" – mas Bagno também diz que Bechara é "o mais importante gramático brasileiro vivo". Na segunda parte, está certo.
Disponível em: http://veja.abril.com.br/050308/p_114.shtml . Acesso em 21 de dezembro de 2014.

A EDUCAÇÃO INCLUSIVA E O BILINGUISMO COMO PROPOSTA EDUCACIONAL CONTEMPORÂNEA

Everton de Jesus Conceição*

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo acentuar o conceito sobre a Educação Inclusiva e o Bilinguismo, além de promover uma breve reflexão de como tais processos podem ser benéficos ao contexto educacional nos dias atuais. O presente artigo foi embasado em estudos de alguns pesquisadores da área que sinalizam os benefícios que a Educação Inclusiva e o Bilinguismo promovem no desenvolvimento intelectual e social do indivíduo. Como também em alguns documentos oficiais que acentuam recomendações e direcionamento para que ambiente escolar tenha êxito no processo de inclusão, além de assegurarem os direitos das pessoas com necessidades especiais enquanto cidadãs como, por exemplo, ter acesso à escola de ensino regular.

Palavras chave: Benefícios, bilinguismo, educação inclusiva, desenvolvimento e direito.

1 INTRODUÇÃO

A sociedade ao longo da história tratou e ainda trata as pessoas com necessidades especiais com desprezo e indiferença. Discutir a educação de pessoas que apresentam algum tipo de limitação implica em abordar também o tema inclusão escolar e educação inclusiva, assuntos estes que promovem várias discursões e pesquisas nos dias atuais.

O presente estudo através de pesquisas e análises centraliza a temática deste artigo no processo educacional inclusivo. Visto que, a inclusão educacional é movida por características e questões diferenciadas das que estão sendo coladas em prática pelo sistema educacional na atualidade. O presente trabalho tem por objetivo acentuar o conceito sobre a Educação Inclusiva e o Bilinguismo a partir de estudos e pensamentos de alguns estudiosos, além de promover uma breve reflexão de como tais processos podem ser benéficos ao contexto educacional nos dias atuais. Para isso, o trabalho foi organizado em dois pontos centrais: o primeiro, destinado à compreensão do que venha ser Educação Inclusiva e como a mesma pode ser aplicada no contexto educacional; o segundo, evidenciando o Bilinguismo e o seus paradigmas.

2 A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A Educação Inclusiva vem sendo um dos temas mais discutidos na atualidade, tornando-se objeto de pesquisa para diversos estudiosos nas mais variadas áreas. Caracterizada

* Graduando em Letras Português/Espanhol. Faculdade Pio Décimo.
E-mail: evertton.ejc@hotmail.com

basicamente pela diversificação dos seres humanos nos mais distintos aspectos, buscando compreender e suprir as necessidades educacionais de pessoas que apresentam algum tipo de deficiência.

SASSAKI (1997) define o termo inclusão como:

> Um processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir em seus sistemas sociais gerais pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade. (...) Incluir é trocar, entender, respeitar, valorizar, lutar contra exclusão, transpor barreiras que a sociedade criou para as pessoas. É oferecer o desenvolvimento da autonomia, por meio da colaboração de pensamentos e formulação de juízo de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida. (SASSAKI, 1997. p. 41)

Com base no pensamento de SASSAKI (1997) podemos definir a Educação Inclusiva como um processo educacional que visa à integração de todos os indivíduos, sejam eles portadores de alguma necessidade especial ou não, estimulando e direcionando-os quanto ao seu desenvolvimento, bem-estar e inserção social. A fim de eliminar qualquer tipo de preconceito e discriminação no ambiente escolar.

O referido modo educacional foi assunto de grande destaque na Declaração de Salamanca, que aconteceu no período entre 07 e 10 de junho de 1994 na cidade espanhola Salamanca, onde reuniu os delegados que representaram por volta de 88 governos e 25 organizações internacionais em assembleia. Com o objetivo de reafirmar o compromisso de promover a Educação para Todos e que as crianças com necessidades educativas especiais fossem incluídas no contexto educacional regular.

> [...] reafirmamos o nosso compromisso para com a Educação para Todos, reconhecendo a necessidade e urgência do providenciamento de educação para as crianças, jovens e adultos com necessidades educacionais especiais dentro do sistema regular de ensino e re-endossamos a Estrutura de Ação em Educação Especial, em que, pelo espírito de cujas provisões e recomendações governo e organizações sejam guiados. (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994.p. 1).

De acordo com o Decreto n° 3.956/2001 que promulga a Convenção de Guatemala (1999), todas as pessoas sejam elas deficientes ou não dispõe dos mesmos direitos, classificando qualquer tipo de exclusão ou diferenciação que possa impedir o exercício dos seus direitos ou de sua liberdade como discriminação. Esse Decreto foi de suma importância no contexto da educação especial, causando repercussões as quais resultaram em mudanças positivas no contexto educacional e promovendo a eliminação das barreiras que impedem o acesso de pessoas com necessidades especiais a escolarização.

A partir da criação deste documento a educação inclusiva ganhou força e o governo passou a proporcionar novas oportunidades para garantir que as pessoas portadoras de algum tipo de limitação tivessem acesso à educação dentro da modalidade de ensino regular. Assegurando os direitos desses indivíduos enquanto cidadãos, modificando o cenário sócio-político-educacional e ao mesmo tempo evidenciando a importância da educação especial para o desenvolvimento das pessoas portadoras de alguma deficiência.

De acordo com os preceitos definidos pela Declaração de Salamanca, as escolas, sua infraestrutura e corpo docente devem se adequar as necessidades dos alunos matriculados, a fim de promoverem a inclusão dos mesmos no ambiente escolar e na sociedade. Além disso, o documento apresenta uma proposta com direcionamentos e recomendações, visando a Estrutura de Ação em Educação Especial.

> [...] O princípio que orienta esta Estrutura é o de que escolas deveriam acomodar todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, lingüísticas ou outras. Aquelas deveriam incluir crianças deficientes e super-dotadas, crianças de rua e que trabalham, crianças de origem remota ou de população nômade, crianças pertencentes a minorias lingüísticas, étnicas ou culturais, e crianças de outros grupos desavantajados ou marginalizados. Tais condições geram uma variedade de diferentes desafios aos sistemas escolares. (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994. p. 3).

Diante do contexto sobre a inclusão de pessoas com necessidades especiais ao ensino regular, vale ressaltar que um dos principais desafios para a educação está em proporcionar condições físicas e metodologias adequadas para a inserção de crianças, jovens e adultos especiais ao ambiente escolar de forma agradável, receptiva e segura. Além de dispor de profissionais qualificados para mediar o processo de ensino/aprendizagem desses indivíduos.

As pessoas portadoras de deficiência passam por vários desafios no seu dia a dia, decorrente a diversos fatores a depender do tipo e grau de sua limitação, causando consequências para estes indivíduos como: problemas emocionais, dificuldade na aprendizagem, assimilação do conteúdo, modificação no discurso dentre outros. No decorrer dos anos várias ferramentas e metodologias vem sendo estudadas e desenvolvidas a fim de embasar e melhorar as diversas formas de comunicação e métodos utilizados pelo corpo docente para melhor suprir os alunos no contexto escolar.

Com base nos Decretos, Leis e Regulamentos que norteiam a Educação Inclusiva no Brasil, propostas educacionais foram introduzidas no âmbito escolar, a fim de estruturar e promover o acesso dos alunos especiais ao ensino regular. Levando em consideração sua realidade, cultura e conhecimentos adquiridos no decorrer de sua infância a Educação

Inclusiva sinaliza o bilinguismo como uma das ferramentas essenciais para promover a inclusão, comunicação e mediar o conhecimento na escola e sociedade.

3. O BILINGUÍSMO

A educação bilíngue é definida por QUADROS &SCHMIEDT (2006) como a existência de duas línguas no contexto educacional. Ainda sobre essa modalidade de educação elas atentam para o papel da escola nesse processo:

> Ao optar-se em oferecer uma educação bilíngüe, a escola está assumindo uma política lingüística em que duas línguas passarão a co-existir no espaço escolar, além disso, também será definido qual será a primeira língua e qual será a segunda língua, bem como as funções que cada língua irá representar no ambiente escolar. Pedagogicamente, a escola vai pensar em como estas línguas estarão acessíveis às crianças, além de desenvolver as demais atividades escolares. As línguas podem estar permeando as atividades escolares ou serem objetos de estudo em horários específicos dependendo da proposta da escola. (QUADROS & SCHMIEDT, 2006, p. 18).

A criança surda, por exemplo, tem contato com a língua de sinais desde criança, a partir da interação com pais quando não ouvintes ou através de comunidades surdas. Desta forma o indivíduo surdo acaba entendendo esta como sua primeira língua, ou seja, sua língua materna. É através da comunicação espaço visual que essas pessoas se comunicam e desenvolvem nos primeiros anos de vida. Ao passar do tempo o uso da língua de sinais o possibilita a desenvolver competências para aprender a ler e escrever o português escrito que posteriormente será classificado como sua segunda língua, classificando o mesmo como bilíngue, ou seja, tornando-o apto a dominar as duas línguas permitindo que o indivíduo tenha um maior acesso à comunicação e interação com a sociedade falante na qual está inserido. O mesmo processo ocorre com as demais necessidades especiais.

Diante desse contexto é importante realizar um trabalho diferenciado no âmbito escolar para auxiliar no processo de aprendizagem e diminuir as dificuldades do aluno surdo ou com algum tipo de deficiência na aquisição de conhecimento, seja ele linguístico ou cultural. O ambiente escolar deve ainda dispor de uma sala com estrutura adequada, recursos e equipamentos tecnológicos com o objetivo de despertar o interesse desses alunos pela busca de conhecimento. Um dos grandes desafios para inclusão do ensino bilíngue em escolas regulares está em capacitar os professores e promover a integração entre os alunos, independente de suas limitações.

4 CONCLUSÃO

De acordo com as pesquisas realizadas e expostas neste artigo e levando em consideração a importância do papel da Educação Inclusiva dentro do ensino regular, podemos considerar que a referida modalidade de educação está ganhando espaço e respaldo ao decorrer dos anos dentro da nossa sociedade. Reestruturar o papel da escola e a qualificação do professor são fatores de extrema importância para transformarmos o contexto educacional, visando um ensino inclusivo com qualidade, porém esse processo requer tempo e dedicação de todos que estão envolvidos nesse processo: governo, escola, professores, família e até mesmo o próprio discente.

Por fim, cabe aos profissionais da educação se conscientizar sobre a importância da Educação Inclusiva no contexto educacional contemporâneo, buscarem qualificação para que possam colaborar no processo de desenvolvimento do ensino e promoverem o acesso de criança, jovens e adultos com necessidades especiais ao ensino regular através de uma educação bilíngue com metodologias e habilidades diferenciadas, diminuindo assim as barreiras criadas pela exclusão e preconceito.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto Nº 3.956, de 8 de outubro de 2001**. Promulga a Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência. Guatemala: 2001.

SALAMANCA, Declaração de, 7 a 10 de junho de 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em 30 set. 2015.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos.**3. ed. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

QUADROS, R. M. de; SCHMIEDT, M. L. P. **Idéias para ensinar português para alunos surdos.** Brasília: MEC, SEESP, 2006.

EIXO TEMÁTICO 5:
TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

LINGUAGENS E PARADIGMAS: DESAFIOS DOCENTES ANTE AS TECNOLOGIAS USADAS PELOS ALUNOS EM SALA DE AULA

Susan Manuela Silva Meneses Cruz[75]
Luiz Carlos Santos Prado[76]

RESUMO
Vive-se num mundo em que, inegavelmente, o acesso à tecnologia é questionado diariamente. Quem não tem esse tipo de acesso acaba ficando excluído do meio social. Na sala de aula, tal fato se repete, já que a escola é um micro inserido num macro, ou seja, faz parte de um todo. Por isso, o educador perceba o encanto que os meios de comunicação tecnológicos possam desempenhar sobre as pessoas, de modo especial nas crianças e adolescentes, adotando uma prática didática que sempre faça uso dessas tecnologias. Os desafios enfrentados pelos docentes em sala de aula, no contexto atual em que os alunos estão cada vez mais plugados em ferramentas tecnológicas, acarretam grandes necessidades de o professor estar ainda mais conectado ao mundo digital, até mesmo para que se encurtem os caminhos a serem percorridos na e pela relação ensino-aprendizagem. Percebe-se, contudo, grande resistência por parte de alguns docentes no que se refere ao uso de tecnologias em sala de aula, deixando marginalizada a possibilidade de facilitação na linguagem a ser adotada pelo professor, que poderá auxiliar a comunicação. Além disso, pode-se levar o aluno à reflexão acerca dos diversos saberes. Esse artigo pretende, a partir desses pressupostos, abordar de maneira objetiva os benefícios que podem ser trazidos através da utilização de mídias no espaço educativo.

PALAVRA-CHAVE: Aprendizagem. Comunicação. Educação. Tecnologia.

RESUMEN

Si vives en un mundo en que, innegablemente el acceso a la tecnología es cuestionado diarimente. Quien no tiene ese tipo de acceso acaba se quedando excluido en el medio social. En la clase, tal hecho se repite, ya que la escuela es um micro inserido en el macro, o sea, hace parte de un todo. Por eso, el educador perciba el encanto que los medios de cominicación tecnológicos posan desmpeñar sobre las personas, de modo especial en los niños e adolecentes, adoptando una práctica didáctica que siempre haga uso de estas tecnologías. Los desafios enfrentados por los docentes en clase, en el contexto actual en que los alumnos están cada vez más ligados en herramientas tecnológicas, ocasionan grandes necesidades del profesor estar aún más conectados a el mundo digital, hasta mismo para que se encurten los caminos a ser recorridos en la y por la relación enseñanza-aprendizaje. Se percibe, todavía, gran resistencia por parte de algunos docentes en que se rifiere al uso de tecnologías en clase, dejando marginalizada la posibilidad de facilitación en el linguaje a ser adoptada por el profesor, que podrá auxiliar la cominicación. Además, se puede llevar el alumno a la reflexión acerca de los diversos saberes. Ese artículo pretende, a partir de eses presupuestos, abordar de manera objetiva los bemeficios que pueden ser traídos a través de la utilización de midias en el espacio educativos.

Palabras- llaves: Aprendizaje. Comunicación. Educación. tecnología.

---

[75] Mestranda em Bioética pela Universidad del Museo Social Argentino, Especialista em Direito Previdenciário pela Universidade Sul de Santa Catarina, graduada em Direito pela UNIT, advogada.

[76] Mestre em Educação e licenciado em Letras pela U.F.S., professor do ensino superior, pesquisador de relações de gênero, identidade e cultura nas literaturas brasileira e sergipana.

1 INTRODUÇÃO

A formação profissional de um aluno globalizado nos tempos hodiernos é o grande desafio a ser ultrapassado pelo docente atual, tendo em vista que a tecnologia está para todos e não somente para uma classe elitizada e que tinha acesso restrito, como acontecia há pouco tempo atrás.

Com o avanço tecnológico, o uso da nanotecnologia para a criação e automação de aparelhos celulares e computadores cada vez mais modernos, com acesso ilimitado à internet, faz com que qualquer cidadão plugado consiga fazer uma pesquisa, que outrora só se conseguia em bibliotecas, em fração de segundos.

Sem contar com as redes sociais que têm tomado conta de todos, fazendo com que o aluno compartilhe, em tempo real, o seu aprendizado, motivo pelo qual é imperiosa a presença de docentes atualizados e que tenham um bom manejo com a tecnologia, fazendo-as interagir também dentro da sala de aula, até mesmo porque com tanta novidade interativa o grande desafio do docente nos tempos de hoje é conquistar a atenção do aluno globalizado ao ensinamento, em sala de aula.

Daí a necessidade de transformar o ambiente de ensino em um espaço que atraia a atenção de todos, pois com tanta interatividade, principalmente com a introdução de *wi-fi, smartphones, ipods, ipads, iphone*, aparelhos celulares com acesso à redes sociais, notebooks, netbooks com acesso à internet, necessário se faz que o professor esteja também conectado às atualizações, pois somente desta forma estará preparado para compreender e ser compreendido pelos discentes.

Desta feita, com tanta tecnologia lançada no mercado, ao se adentrar em um ambiente de ensino, nem sempre o docente encontrará alunos dispostos às atividades acadêmicas, eis porque urge a necessidade de que o facilitador do ensino esteja preparado para persuadir os alunos, convencendo-os de que a atividade acadêmica é imperiosa para as suas formações como futuros profissionais e até mesmo utilizando as ferramentas interativas para estreitamento do caminho a ser percorrido pelo aprendizado.

Na realidade, é de suma importância que o educador perceba o encanto que os meios de comunicação tecnológicos possam desempenhar sobre as pessoas, de modo especial nas crianças e adolescentes, adotando uma prática didática que sempre faça uso dessas tecnologias. É nesse contexto que esse artigo pretende abordar de maneira objetiva os benefícios que podem ser trazidos através da utilização de mídias nas aulas, suas influências e superações que podem ser realizadas nas aulas, com toda a sua riqueza pedagógica. Cabe ressaltar que os celulares podem trazer um desafio ainda maior ao professor, pois se pode perder o controle quanto ao seu uso dentro da sala de aula, em decorrência de sua

inadequação ao ambiente escolar quando este é utilizado de maneira desmedida. Sendo necessária a utilização de uma postura mais centrada nos objetivos a serem alcançados, não permitindo que os limites do bom senso sejam ultrapassados.

A tecnologia por si só não irá garantir o aprendizado do aluno é necessário que o professor venha intervir como mediador que deverá atuar através de diálogos, debates e trabalhos, sempre mantendo o foco educacional, a partir daí poderá avaliar se seus objetivos efetivamente foram alcançados.

2 Desenvolvimento

2.1 os alunos e a tecnologia enquanto facilitadora de aprendizagem

Estudos recentes realizados por psicólogos e pedagogos definem que os processos cognitivos de construção do conhecimento são contínuos. Sendo assim, o aluno torna-se protagonista no papel de sua aprendizagem, agregando valores a sua aptidão e desenvolvimento. Entendo com isso, que não é possível desenvolver um aprendizado através apenas de colagens ou repetições, memorização, pois cedo ou tarde irá desaparecer de sua estrutura de conhecimento individual (SIQUEIRA, 2005). Segundo assevera Souza (2005), fazendo um paralelo entre o ensino unicamente institucional e aquele que tem como atrativo a descoberta, os conhecimentos anterior e trabalhando de maneira potencial a capacidade de cada aluno, este último irá apresentar vantagens claras em relação ao estritamente institucional, pois através da busca, da curiosidade, o aluno será capaz de desenvolver suas habilidades motoras e cognitivas. Cita o mesmo autor:

> Através das competências e habilidades desenvolvidas pelos alunos, é importante ressaltar que aquele aluno capaz de formular um pensamento será o mesmo com maiores capacidades de aprendizagem. A partir daí é importante salientar que quando o professor estimula seus alunos a pensarem, a conhecerem e reconhecerem estruturas importantes ao seu aprendizado e fundamentalmente prepará-los a resolverem problemas (SOUZA, 2005, p. 22).

Há uma consciência social de que a escola deve auxiliar na habilidade e aquisição das competências cognitivas de cada discente. Sendo elas adquiridas pelo processo de aprendizagem, tendo como base os conteúdos curriculares. Contudo o sucesso escolar ainda não é estabelecido em sua integralidade, pois cabe à escola ensinar a pensar, a ler o mundo que o cerca a prepará-lo para a realidade social que o espera, e ela tem falhado em diversos aspectos. Vários fatores podem contribuir para uma aprendizagem bem sucedida, contudo é preciso estar atento às reais necessidades de seus alunos para que não se forme um abismo

no processo de ensino-aprendizagem. A utilização de mídias na sala de aula pode ser um fator bastante positivo nesse processo e isso fará com que o aluno se sinta incluso, mesmo que não disponha dessa ferramenta em seu âmbito social, mas haverá uma aproximação dele com outros alunos que têm acesso a tecnologia.

2.1.1 Século XXI e a demanda por tecnologia na sala de aula

A educação quando pensada no século XXI, traz consigo um emaranhado de questões que precisam ser confrontadas com a realidade social de cada individuo, nos faz reportar a alguns questionamentos determinantes conforme seu “sujeito”, se este é o professor ou aluno. Se tem conhecimento das ciências e técnicas, ou faz reflexões a cerca dos assuntos cotidianos (COSCARELLI, 2006).

Há uma necessidade primordial da escola para que deixe de ser lecionadora e torne-se essencialmente gestora de conhecimento. Defendendo a ideia de se formar cidadãos críticos e participativos socialmente. A educação do século XXI, entende que o aluno deve ser capaz de entender e estar preparado para as cobranças do mercado de trabalho. Tal modelo educacional propõe que o aluno não esteja condicionado apenas em acumular conhecimentos, mas o prepara para aproveitar as oportunidades oferecidas pela vida. Ainda de acordo com Coscarelli (2006), trazer novas tecnologias para a sala de aula facilita e muito o processo de aprendizagem, justamente porque a tecnologia é capaz de abrir novos territórios para o conhecimento. Quando se fala em recursos tecnológicos, pensa-se logo na televisão, no telefone e, principalmente, no computador. Em contrapartida, quando se fala a respeito de educação, qualquer meio de comunicação que conclui a ação do professor é um instrumento tecnológico na busca da melhora do processo de ensino-aprendizagem. Algo que precisa ser levado para a sala de aula é a internet, porque é a nova tecnologia que tem se mostrado competente na difusão de informações e na comunicação, sempre muito relevante na construção do saber. É por meio da internet que é possível fazer vários tipos de pesquisas, ter acesso a conteúdos completos de livros, revistas e também se comunicar com todo o mundo, buscando adquirir sempre muitos subsídios em tempo real.

Como bem informa Napolitano (2006), a tecnologia da informática evoluiu ligeiramente e o computador passou a integrar todas as tecnologias da escrita, de áudio e vídeo já implantadas na sociedade: máquina de escrever, imprensa, gravador de áudio e vídeo, projetor de slides, projetor de vídeo, radio, televisão, telefone e fax. A partir do momento que chegou a evolução da tecnologia, a comunicação por meio da internet passa a ser um meio bastante viável para poder suprir essa necessidade do homem moderno, de se comunicar rapidamente

sem a necessidade de estarem no mesmo local ou até no mesmo momento. As ferramentas tecnológicas, hoje em dia são ferramentas eletrônicas indispensáveis no processo de evolução prática da comunicação. Com essa nova maneira de se comunicar, o homem passa a alcançar uma enorme quantidade de informações em curto espaço de tempo não havendo possibilidade então de armazenamento, porque nosso cérebro não labora com tamanha rapidez. Para Guarecch (2005), com o domínio da informática, o homem passou a dominar inúmeras novas tecnologias, mas nem por isso é preciso abandonar as já existentes, e o que acaba acontecendo é que muitos profissionais de educação acabam jamais querendo conhecer as novidades neste setor, se prendendo apenas ao passado. Este autor cita sobre este assunto:

> Toda vez que surge uma nova tecnologia, a primeira atitude é de desconfiança e de rejeição. Aos poucos, a tecnologia começa a fazer parte das atividades sociais da linguagem e a escola acaba por incorporá-la em suas práticas pedagógicas. Após a inserção, vem o estágio da normalização, como um estado em que a tecnologia se integra de tal forma às práticas pedagógicas que deixa de ser vista como cura milagrosa ou como algo a ser temido (GUARECCH, 2005, p. 9).

2.2 Como fica o professor?

Na atual sociedade da informação, desafios é o que não faltam para que realmente se esteja preparado para o mundo moderno e a troca de experiências e o fim da resistência à tecnologia pode ser um bom caminho. Assim, neste novo panorama surge a figura deste profissional de educação que não pode desconsiderar todas essas modificações. Alguém que perceba as potencialidades das ferramentas que têm ao seu alcance e faz uso delas para mediar o conhecimento. Alguém realmente preparado para construir o saber dentro do que pede o mundo moderno. De acordo com Papert (2004),

> toda relação comunicativa pode transformar-se numa relação educativa e toda ação educativa deveria transformar-se em ação comunicativa". Essa comunicação hoje não é mais unilateral, ou pelo menos, não deveria ser. O educador precisa assumir uma postura de articulador do conhecimento e estabelecer uma relação de parcerias com seus alunos para que estes se tornem protagonistas do processo de ensino e aprendizagem (PAPERT, 2004, p 105).

A verdade é que o professor de hoje deve estar sempre buscando novos modelos que possam chegar até o aluno e despertar neles o gosto pelo aprender e de acordo com Moran (2000, p 16) "Educar numa sociedade em mudanças rápidas e profundas nos obriga a reaprender a ensinar e a aprender [...]" e a escola não pode ficar isolada da realidade que a cerca. Assim, o que se percebe realmente é que é hora da escola repensar e reconfigurar essa prática pedagógica, assim como também os currículos escolares, incorporando as Tecnologias da Informação e da Comunicação em suas rotinas. Certamente, quando esta realidade entrar no mundo da educação, pode ser que estejamos diante revolução educacional, momento este

que será capaz de despertar o interesse dos educandos e transformará a aprendizagem em algo prazeroso, significativo e, quando realizada por meio de planos colaborativos, com a companhia entre alunos e professores, será capaz de gerar uma modificação expressiva, formando cidadãos mais ligados, críticos e criativos e assim preparados para um mercado de trabalho cada vez mais exigente. O professor jamais poderá ter medo dessas mudanças todas e o quê se observa é justamente isso, que há um certo receio das instituições de ensino em se jogar realmente neste mundo, talvez o que falte realmente seja uma política institucional mais ousada, corajosa e incentivadora para as mudanças. Acredita-se que o falta realmente é o professor estar pronto para aprender a ensinar para que possa de forma convicta e sempre pedagógica inovar sempre fazendo uso da tecnologia. Segundo Soares (2015):

> as escolas, em sua maioria, estão sendo equipadas com as Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação. Aos poucos, estão sendo oferecidas formações aos professores para a utilização dessas ferramentas na sua prática pedagógica, mas isso não basta. Muito mais do que 'treinamento', é necessário que os professores desenvolvam a habilidade de beneficiarem-se da presença dos computadores e de levarem este benefício para seus alunos (SOARES, 2015, p. 23).

Com o avanço da tecnologia e ainda o advento da Internet, a informação foi democratizada e não se encontra mais restrita à esfera escolar. A linguagem das mídias, que é deveras repleta de imagens atrai sim e jamais pode ser descartada no ambiente escolar.

3 CONCLUSÃO

A leitura de material bibliográfico para a execução deste artigo mostrou que houve um grande avanço da educação em relação ao uso do vídeo e de outras ferramentas tecnológicas dentro da sala de aula. A aprendizagem com uso dessas tecnologias funciona muito melhor porque são ferramentas didáticas consideradas pela maioria dos professores, apesar da resistência ser grande, como significativa. Tudo isso só serve para comprovar que tais ferramentas auxiliam e muito ao ensino, mas é preciso que essas ferramentas sejam ofertadas de forma lenta, porque não adianta levar para a sala de aula e não fazer ideia de como utilizar, atingindo objetivos precisos e relevantes para o trabalho que está sendo realizado.

A verdade é que é de suma importância que os professores passem por um processo de reciclagem para poder trabalhar com este material e obter sucesso em suas aulas. Mas é importante que os professores saibam sempre se posicionar sobre o saber e não deixem tudo por conta da tecnologia. Claro que é preciso estar atento às novas modificações, até porque melhorar é indispensável, mas o professor deverá sempre ser um pesquisador e levar o aluno a refletir. Este trabalho também permitiu que verifiquemos que seja o vídeo ou qualquer método tecnológico , eles ocupam sim um espaço considerável na prática pedagógica dos professores

atualmente, entretanto é recomendável que os professores estejam atualizados para que possam realmente trabalhar neste sentido.

Deve-se buscar formar profissionais que sejam capazes de utilizar toda a tecnologia que está disponível para ele trabalhar, mas sempre sem perder a qualidade. Quanto aos vídeos, por exemplo, os professores devem utilizá-lo como instrumento didático pedagógico e o seu uso deve ser incentivado pelas instituições escolares sempre. É imprescindível que o professor disponha de tempo para planejar suas aulas com aporte tecnológico e ao planejar estas aulas é relevante que o professor possa proporcionar oportunidades e estratégias para que os alunos participem sempre. Em uma aula de vídeo, por exemplo, é imperioso que se privilegie o trabalho intelectual e colaborativo dos alunos, ofertando um debate que possa contribuir para o aprendizado sempre.

Recomenda-se inclusive que os professores que já se sentem preparados para utilizar as novas tecnologias possam acima de tudo ampliar as suas investigações para que os alunos possam estar usando as mesmas para ampliar o seu conhecimento, como por exemplo, a internet. Até mesmo com cuidado, ele pode usar o celular, pois se os alunos utilizam tanto para lazer, podem também aprender a usá-los como ferramenta de aprendizagem. O professor precisa sim usar tais ferramentas, mas sempre, com postura centrada nos fins, ou seja, no pra quê ele está utilizando aquelas ferramentas. A realidade é que o professor vive um fenômeno muito complicado que é o fato de saber que precisa usar a tecnologia e que a escola não vai apoiá-lo muitas vezes e assim acaba desanimando e quem perde são os alunos, porque não possuem a oportunidade de serem pessoas mais críticas. É preciso analisar a TV também, e por que não? Afinal de contas existe toda uma estrutura de complexidade nos distintos usos possíveis do conteúdo por ela veiculado, assim como também o vídeo, como foi demonstrado neste trabalho. A metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa é o método explicativo e dedutivo, através da leitura de material bibliográfico, onde será possível reproduzir o que há de mais interessante, assim como o entendimento da pesquisadora.

REFERÊNCIAS

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. Campinas (SP): Autores Associados, 2001. (Coleção polêmicas do nosso tempo)

BAPTISTA, G. C. **Adolescência e drogas**. São Paulo: Vetor, 2006.

BECKER, Fernando. **Caminho da aprendizagem em Jean Piaget e Paulo Freire**: da ação à operação. Vozes, 2013.

COSCARELLI, Carla Viana (Org.). **Novas Tecnologias, Novos Textos, Novas formas de pensar.** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica , 2006.

FERRÉS, Joan. **Televisão e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.180 p.

FERRÉS, Joan. **Vídeo e educação**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. 156 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUARESCHI, Pedrinho A**. Mídia, Educação e Cidadania: Tudo o que você quer saber sobre a mídia.** Petrópolis, (RJ): Vozes, 2005.

MORAN José Manuel**. Leituras dos Meios de Comunicação**. Editora: Pancast, 2000.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar a Televisão na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2006.

PAPERT, S. **A máquina das crianças**: Repensando a escola na era da informática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

SIQUEIRA, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias**: o novo ritmo da informação. Campinas, SP: Papirus, 2005.

SOUZA, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

MESAS REDONDAS

MESA REDONDA (I):

Hipertextos, e-books e afins: ferramentas de leitura para o ensino de Línguas

Coordenadora: Profª. Drª. Sônia de Albuquerque Melo (IFS)

O ESTAGIÁRIO NUMA SEQUÊNCIA ASSOCIATIVA: O CONTEXTO DA LEITURA PARA O ENSINO DE LP

Prof. Me. Carlos Héric Oliveira (FPD/UFS)

Resumo

Diferentemente das pesquisas realizadas como foco em minha tese de doutoramento, neste estudo, busquei apresentar uma reflexão focal sobre as perspectivas do uso da leitura para o ensino de Língua Portuguesa (doravante LP). Diante da experiência que venho vivenciando nas pesquisas que envolve o aluno na formação inicial de professores no âmbito do estágio supervisionado, tenho constatado que a (des)motivação para o ensino a partir de gêneros orais estão cada vez mais se perdendo nas entrelinhas dos discursos práticos do livro didático. O fato do estagiário observar o professor-regente ministrando suas aulas pelo “modelo x ou y” não significa que sua prática docente se torne conjectural à moda da casa, ou seja, do provável prescritivo. O Enfoque do trabalho na sala de aula deve partir do contexto de produção/leitura, Dolz&Schneuwly (2004) em que o aluno estabelece relações com seu mundo discursivo, Bronckart (1999/2012), capaz de organizar os conhecimentos por meio do agir linguageiro.

Palavras-Chave: Ensino de Língua Portuguesa. Estagiário em Formação. Sequência Associativa Leitora.

Prof. Me. Tiago Silva (IFS)

MESA REDONDA (II):

Literatura: a escrita de nós, do outro...do mundo
Coordenador: Prof. Me. Luiz Eduardo da Silva Andrade (FPD)

DE TRANSGRESSÕES, CRIMES, PECADOS E MONSTROS TAMBÉM SE FAZ LITERATURA

Prof. Me. Luiz Eduardo da Silva Andrade (FPD)

Resumo

Apresentaremos algumas leituras sobre as representações do mal na literatura. Desde as narrativas mais antigas, sobretudo nos mitos, esses seres monstruosos habitam a consciência humana, representado tudo o que é de mais horrível na experiência humana. É praticamente impossível encontrar na literatura uma narrativa que não contenha algum tipo de transgressão, dessa forma, quando se fala em mal, logo surgem discussões éticas e morais ligadas, principalmente, à ação de um indivíduo sobre outro ou sobre algum grupo. Discussão que recai nas instâncias culturais, religiosas, filosóficas, antropológicas, psicológicas, todas potencializadas pela força da literatura.

MENINA DO LAR OU MILITANTE POLÍTICA, UMA TENTATIVA DE COMPREENDER AS PERSONAGENS DE ALINA PAIM

Profª. Me. Luciana Novais Maciel (FPD)

Resumo

A escritora sergipana Alina Paim reúne em seus romances um leque de questionamentos e denúncias de uma sociedade passiva, amedrontada diante das condições de luta pela sobrevivência em detrimento as imposições do sistema político vigente. Propõe-se neste estudo uma análise das narrativas a partir do movimento dialógico das personagens numa relação de alteridade, a partir do qual apresenta a condição das diferentes mulheres, suas reações e motivações frente a sociedade patriarcal. Para esta leitura tem-se como suporte teórico Stuart Hall (1997), no que concerne a identidade cultural, Garcia Canclini (1998) e Bhabha (2001), sobre o perfil de identidade na contemporaneidade. A partir dessas leituras busca-se as marcas de Alina Paim frente a relação de alteridade nos romances Estrada da Liberdade (1944), A sombra do patriarca (1950), Sol do meio-dia (1961), A correnteza (1979).

Palavras-chave: Alteridade. Autoria feminina. Identidade.

UMA PARÓDIA SOBRE A BREVIDADE: aspectos do microconto brasileiro

Profª. Me. Danielle Santos Rodrigues (SEED/UFS)

Resumo

Apresentaremos o microconto, gênero que se configura por ser mais condensado que o conto moderno, suas características e temáticas. Discutiremos a problematização da brevidade deste tipo de narrativa por meio da paródia e da ironia, traçando um paralelo com as teorias do conto moderno (Poe, Cortázar, Hemingway), a fim de perceber os questionamentos que o microconto suscita.